

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DE LITERATURA
LITERATURA BRASILEIRA**

EDUARDO DE OLIVEIRA LANIUS

O PROFETA DESACREDITADO:

UMA LEITURA DO PROJETO FICCIONAL DE PAULO FRANCIS

**Porto Alegre
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DE LITERATURA
LITERATURA BRASILEIRA**

EDUARDO DE OLIVEIRA LANIUS

O PROFETA DESACREDITADO:

UMA LEITURA DO PROJETO FICCIONAL DE PAULO FRANCIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira

Orientador: Professor Doutor Luís Augusto Fischer

**Porto Alegre
2012**

AGRADECIMENTOS

Para minha mãe, Norma;

Para Luís Augusto Fischer, professor cuja curiosidade intelectual e gama de interesses invejo, com um reconhecimento especial por seu estímulo, confiança, dicas, intuições - e paciência;

E à memória de meu pai, Eloy.

“Exercer a crítica da nação é uma forma de otimismo.”
Wole Soyinka

“Um texto sem pretensões não existe.”
Paulo Francis

RESUMO

A ficção de Paulo Francis - um *corpus* formado por dois romances, *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*, partes de uma trilogia inconclusa, mais duas novelas, “Mimi vai à guerra” e “Clara, Clarimunda...”, publicadas sob o título geral *Filhas do segundo sexo*, e um romance póstumo, *Carne viva* - se apresenta como um experimento interessante do panorama literário brasileiro das últimas décadas. Jornalista de interesses culturais e políticos, Francis dotou suas narrativas de procedimentos usados nas crônicas publicadas ao longo de décadas na imprensa nacional, principalmente nos dois primeiros romances, cujo narrador, Hugo Mann, é extremamente digressivo, opinativo, irreverente e provocativo. É esse narrador, que filia o resultado a um tipo de subgênero que se poderia chamar de “romance de ideias”, que se quer investigar. Produto característico do século XX, Francis parece ter usado o romance de ideias para alcançar um tipo de fabulação que diagnosticasse as mazelas do Brasil, em um tipo de texto que se pretende também um painel histórico, sociológico, comportamental. Como coadjuvantes, entram os demais títulos de sua novelística.

Palavras-Chave: narrador, romance de ideias, literatura brasileira.

ABSTRACT

Paulo Francis's fiction - one *corpus* formed by two romances, *Paper Head* and *Negro Head*, which are parts of an unfinished trilogy, plus two novels, 'Mimi goes to War' and 'Clara, Clarimunda...' both published under the general title *Daughters of the Second Sex*, and the posthumous romance *Live Flesh* - appears as an interesting experiment in the Brazilian literary panorama of the last decades. A journalist with cultural and political interests, Francis produced his narrative using the same procedures he used in his chronicles published in national newspapers for decades, mainly in this two first romances, whose narrator, Hugo Mann, is extremely digressive, opinionated, irreverent and provocative. What this study aims to investigate is this narrator who links the result to a sort of subgenus that might be classified as 'romance of ideas'. As a characteristic 20th Century product, Francis seems to have used his romance of ideas with the purpose of achieving a sort of fable that would diagnose Brazil's sores. His writing also intends to be a historic, sociological and behavioural panel of the nation. His other novels enter like coadjutants.

Key words: narrator, romance of ideas, Brazilian literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 APRESENTAÇÃO DE PAULO FRANCIS.....	20
2.1. VIDA.....	20
2.2. OBRA.....	24
2.3. POR QUE PAULO FRANCIS: ATAQUE E DEFESA.....	29
3 ROMANCE DE IDEIAS, IDEIAS NO ROMANCE.....	45
4 O NARRADOR EM PAULO FRANCIS	64
4.1. CABEÇA DE PAPEL.....	65
4.1.1 O enredo.....	65
4.1.2 O narrador.....	72
4.2. CABEÇA DE NEGRO.....	79
4.2.1 O enredo.....	79
4.2.2 O narrador.....	84
4.3. FILHAS DO SEGUNDO SEXO.....	89
4.3.1 O enredo.....	89
4.3.2 O narrador.....	93
4.4. CARNE VIVA.....	100
4.4.1 O enredo.....	100
4.4.2 O narrador.....	102
4.5. O CRONISTA.....	105
5 CONCLUSÃO.....	115
REFERÊNCIAS	134

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho bem poderia levar como subtítulo “uma dissertação em dois tempos”. Aprovado como aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras em 2001, cumpri os créditos obrigatórios e... não defendi meu projeto, escrito apenas em parte. Os motivos são muitos, mas é provável que se possa resumi-los em um principal: não sabia exatamente o que fazer com um material que a mim se afigurava rico e, talvez em razão dessa complexidade, cheio de possibilidades que o tornavam quase inabarcável (para os meus olhos de então, interessado que estava em variadas aproximações a partir de um ponto de origem de tantos matizes).

Alguns anos passados, mais maduro em relação a esse objeto, volto ao mesmo *corpus* e percebo que alguma coisa mudou. Se meu olhar não sofreu modificações sensíveis, a verdade é que consigo perceber no que originalmente era um conjunto de difícil abordagem algumas brechas ou caminhos por onde posso começar a pensar sobre a obra que me dispus a estudar. Continuo, e cada vez mais, a achar o que coletei propenso a investidas por múltiplos ângulos, o que me dá convicção de que mantém força e permanência.

Na época da “primeira encarnação” do texto, não consegui equacionar alguns problemas e encontrar as devidas soluções, o que espero ter alcançado nesta “segunda encarnação”. Nem tudo se perdeu, alguma coisa se transformou e assisti, nestes dez anos entre um e outro empenhos, ao relançamento de boa parte das obras do autor em questão, Paulo Francis (1930-1997), assim como ao de um romance inédito. Tudo, é claro, serviu para avivar o eventual interesse que sua produção jornalística e literária venha a suscitar nas novas gerações, por meio de um dado igualmente digno de nota: Francis, embora tenha morrido há exatamente 15 anos, continua muito presente e bastante referido para uma parcela significativa de admiradores.

Isso se traduz de formas diversas, mas penso que, para além da reposição às livrarias dos romances *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*, das novelas contidas em *Filhas do segundo sexo*, dos semimemorialísticos *O afeto que se encerra* e *Trinta anos esta noite* e do lançamento do romance inédito *Carne viva*, na última década, a aparição de um documentário e de um perfil biográfico, em dois anos e tanto, reforçam a ideia de que seu legado não se perdeu.¹ Uma busca casual no Google, o mais popular local de pesquisas da internet, dá conta

¹ No momento em que esta dissertação era finalizada, chegava às livrarias uma coletânea de artigos de Francis, *Diário da corte*. A seleção, feita pelo seu ex-colega de trabalho Nelson de Sá, reúne 76 crônicas publicadas na *Folha de S. Paulo* entre 1976 e 1990, sobre temas como Jorge Amado, Edmund Wilson, Woody Allen, Leonel Brizola e Fernando Collor de Mello. É mais um dado a se acrescentar ao conjunto das celebrações de um espólio que parece longe de atingir o esgotamento.

de 19 milhões de referências a ele², de sites mantidos por amigos - como <http://paulofrancis.com>, em que se pode ler depoimentos de sua viúva, a jornalista e escritora Sonia Nolasco, e de Daniel Piza, autor do primeiro perfil publicado de Francis, *Paulo Francis: Brasil na cabeça* (2004), e www.paulofrancis.com.br, com trechos retirados de *O afeto que se encerra* e *Paulo Francis: Brasil na cabeça* - a vídeos, frases e até um microblog Twitter (!), imagina-se que alimentado por alguém que se alinha à visão que ele tinha do mundo (ou que o conhece o suficiente para se fazer passar pelo próprio, emular um tipo de sensibilidade crítica que se encontra em Francis). E não é incomum encontrar quem diga - quando eu próprio não me pergunto - “O que será que Paulo Francis diria disto?”, ao se saber de determinado fato que por certo o instigaria e provocaria reação.

Quanto aos rebentos recentes, o documentário *Caro Francis* (2009), de Nelson Hoineff, e o perfil *Paulo Francis: Polemista profissional* (2010), de Paulo Eduardo Nogueira, contêm participação direta de muitos amigos e leitores e se propõem a jogar luz sobre quem foi o jornalista e escritor e qual o papel que exerceu na cultura brasileira da segunda metade do século XX. Não é pouco. Alguém não familiarizado com ele poderia indagar o porquê de tal distinção, ao menos aparente, enquanto que autores até talvez mais visíveis e cruciais não recebem deferências cinematográficas e editoriais semelhantes. As respostas demandam alguma elaboração e serão esboçadas em outros momentos, mas permanece, de todo modo, a segurança de que esse movimento nada tem de gratuito ou injustificado (como se se pudesse atribuir esses esforços à legião de amigos que Francis conquistou, o que responderia de modo parcial à pergunta e soaria simplista em demasia, para não insistir no argumento de equivocado). Fiquemos, portanto, com a dúvida, ou as homenagens, para que se arrisque a respostas mais proveitosas ao correr desta dissertação.

Uma historinha para ilustrar: certa vez, o filósofo espanhol Fernando Savater³ lembrou, em artigo de jornal sobre Albert Camus, de como Jorge Luis Borges referia-se a Robert Louis Stevenson. O autor inglês, de títulos reputados como juvenis, era, como se sabe, uma das leituras prediletas do criador de *Ficções* e *O aleph*, que nunca cansou de exaltar-lhe as qualidades literárias. Borges tinha Stevenson na conta de um dos “amigos” com que a literatura lhe presenteara. Diferentemente do interesse fortuito ou da veneração irrestrita, decidiria esse laço de amizade entre leitor e determinada obra ou autor a simpatia pessoal, o que acontecia com Borges em relação ao ficcionista de *O médico e o monstro*.

² Acesso em 2 de janeiro de 2012.

³ SAVATER, Fernando. “Um inconformista perplexo”, p. 19.

De acordo com Savater, ainda que atentemos aos caprichos ou erros de nossos eleitos, os preferimos a companhias flagrantemente duradouras, embora distantes de nós. É um achado de Savater, a proximidade e a distância não ligadas necessariamente à valoração: Francis me é próximo, como, por exemplo, Cecília Meireles me é distante (o próprio Francis escreveu a respeito de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, que o achava “bonito” em termos de criação linguística, mas não o apreciava, talvez porque se visse como alguém afeito à cultura europeia, produto da tradição grega e hebraico-cristã, na síntese que estabelecia, e pouco ligado à cultura regional e interiorana de que o mundo de Rosa se alimentava - citadino e refinado, Francis não deixava de perceber as conquistas de Rosa, que, no entanto, não o seduziam).⁴

Comigo, a exemplo de qualquer leitor onívoro de ficção (e poesia, um gênero que acredito superior), é o que acontece com um punhado de heróis literários, dos quais citaria, entre os brasileiros, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade. Entre os estrangeiros, Thomas Mann, Albert Camus, William Somerset Maugham, Vladimir Nabokov, Alberto Moravia, Ernesto Sabato, Paul Auster e Michel Houellebecq. É meu cânone mínimo. E, entre os coadjuvantes (a palavra é inexata, mas vá lá) que conquistaram lugar dentro de uma hierarquia em que o valor racional é embaçado pelos fatores de identificação ou simpatia (ou empatia), incluiria Paulo Francis - um de meus deleites tão logo comecei a ler suas colunas de jornal e, a seguir, ávido para conhecê-lo em detalhe, os livros que escreveu, que procurei nos sebos e em bibliotecas. Em qualquer dos casos, me impressionaram pela liberdade, capacidade analítica da realidade, síntese, crítica, humor, cultura e fluência, atributos que consigo perceber entre as virtudes e aos quais acrescentaria hoje, à luz de releituras, uma qualidade fluida e particular: lucidez. Causa espanto constatar que é atacado por quem não o leu, e as razões à ojeriza que desencadeia serem, com frequência, dúbias e vaporosas, quando o motivo é indagado (uma resposta imediata: o comentarista eletrônico parece ter sufocado o jornalista “por escrito”, criando uma imagem quase abjeta para um público carente de referências mais substanciais, que ignorava ele ter chegado à televisão por força de seu texto).

Descoberto quando contava vinte anos, em 1991, eu mesmo tinha dele uma impressão pouco agradável, firmada a partir da participação que fazia no *Jornal da Globo*, da Rede

⁴ O comentário sobre Guimarães Rosa e *Grande sertão: veredas* consta do verbete “ROSA, João Guimarães”, contido PIZA, Daniel (org.). *Waaal - O Dicionário da corte de Paulo Francis*, p. 236. Ele já havia reclamado das “acrobacias verbais” de Rosa no *Pasquim*, que o chateavam além de dez páginas. Ver FRANCIS, Paulo. “Duas ou três coisas que eu sei de mim”, p. 211.

Globo. Minha avaliação era de espectador, ignorante do jornalista e do escritor. O jeito esquisitíssimo de falar me despertava a atenção para um quase personagem de ficção em que incomodava menos o conteúdo - sobre o qual não tenho lembrança nítida - e mais o personagem construído. Era um preconceito que muitos nutriam a respeito de Francis, como alguém caricato, defensor de posições conservadoras (pelo menos a partir de certo momento, notadamente nos últimos anos de vida) e que batia em meio mundo (posições não exatamente incorretas, embora uma convivência detida as revele superficiais e enganosas).⁵ Francis, aliás, praticava a intransigência, sendo célebre para pensá-lo uma frase que muito usava: “não li - assisti ou, ainda, qualquer outro verbo correlato - e não gostei” (de Oswald de Andrade, outro provocador, que pode ser visto como uma espécie de predecessor, com quem guardava elementos em comum, o cultivo da polêmica um deles). No caso de Francis, isso parece ser muito característico do personagem que se forjou.

Um amigo, colega do curso do jornalismo a quem respeitava como intelectual, falava de Francis com brilho nos olhos, o que me levou a buscar uma coluna, de página inteira, em *O Estado de S. Paulo*. Tinha o costume de comprar os jornais do centro do país, no sábado, para ler os suplementos dedicados às letras, entre os quais “Cultura”, de *O Estado de S. Paulo*, “Letras”, da *Folha de S. Paulo* e, um pouco mais tarde, “Ideias” do *Jornal do Brasil*. Na época, me encantava com a prosa político-filosófica de Jean-Paul Sartre, minha primeira admiração literária. Havia lido *A náusea*, *O muro* e, principalmente, *A idade da razão*, que indicava aos amigos. A companheira de Sartre, Simone de Beauvoir, também escritora e pensadora, só viria a me atrair mais tarde. Na hora, então, o que importava era que Beauvoir havia sido companheira de Sartre e, como ele, era escritora e pensadora. Pois Francis discorria a respeito da autora de *O segundo sexo* naquele artigo de jornal. Sem opinião especial sobre a escritora francesa, apreciei os comentários, que me pareceram pertinentes e instigantes. Comecei a ler com assiduidade sua crônica, que trazia observações sobre escritores ou livros, além de pinceladas culturais em geral, no meio de tópicos que podiam ir de política a economia.

⁵ Carlos Augusto Bissón, autor de uma dissertação de mestrado em comunicação que aproxima Karl Kraus e Paulo Francis, em um resumo de sua pesquisa traz um dado que nos interessa: segundo ele, em 1995, jornalistas do Rio, São Paulo e Brasília responderam a uma enquete sobre o profissional mais admirado e o mais odiado da categoria. O mais admirado foi Elio Gaspari, colunista e hoje autor de uma série de livros sobre a ditadura militar (então ainda não publicados), e o mais odiado, Paulo Francis. Na média, o votante tinha perfil petista, católico, social-democrata e de esquerda e ganhava até R\$ 3 mil por mês. Ver BISSÓN, Carlos Augusto. “Polemistas e intelectuais carmudgeons: Karl Kraus e Paulo Francis”, p. 178. Disponível também em <http://igutenberg.org/notas3.html>. Consulta em 5 de dezembro de 2011.

Sobre *Lolita*, de Vladimir Nabokov, um de meus romances prediletos, Francis me desnorteou: eu achava que a parte em que Lolita e Humbert Humbert viajavam continente norte-americano adentro, com as descrições dos motéis e da vida interiorana dos Estados Unidos, fosse maçante. Francis justamente classificava esses trechos como os melhores do romance! Anos depois, reli *Lolita* e concordei que, de fato, eram passagens superiores e confirmavam a arte sutil de Nabokov, essas radiografias do meio-oeste, enquanto a ligação amorosa de Humbert Humbert e Lolita se consumava. A respeito de *Morte em Veneza*, novela de Thomas Mann, outro dos livros que eu prezava, suas considerações voltaram a me desconcertar: Francis abordava, em uma de suas crônicas, a extrema ironia do escritor alemão e a utilização de ideias de Platão e Freud para a execução do drama de Gustav von Aschenbach. A ironia não me passara despercebida, mas Platão e Freud na base da narrativa, sim, ignorante que era das formulações de um e de outro. Depois disso, sua coluna “Diário da corte” passou a ser uma espécie de guia, a qual consultava e que tinha o poder de desestruturar parcas certezas, enquanto alimentava a minha curiosidade literária, crítica, histórica, sociológica.

A virulência não raro fazia sorrir, apesar da aparente gratuidade de muitas estocadas. Mas o humor vinha primeiro e li com o possível distanciamento. Francis emitia opiniões e como tal deviam ser entendidas, achava - e ainda acho -, opiniões fortes e destinadas a obter determinado efeito no leitor, conforme logo percebi. Chocar, por exemplo, entreter, ou fazer rir (mais de uma vez ele se pintou como um bufão, ou um “lobo hidrófobo”),⁶ sempre carregando em imagens que endossavam a vontade de destoar, de ir contra a corrente. Em “Duas ou três coisas que sei de mim”, texto publicado no *Pasquim*, ele se apresentou como um dos três *polemistas profissionais* da imprensa brasileira, ao lado de Hélio Fernandes e Carlos Lacerda.⁷ Como tal, é natural que assumisse uma *persona* (e ele foi ator! Não nos esqueçamos disso!) e fosse para o palco, destinado a chamar atenção sobre si. Com Francis penso que há essa intenção deliberada, o que, se às vezes demonstra uma intenção saudável, de conseguir fazer humor na adversidade, em outras pode ter um impulso destrutivo em que a antipatia é a contrapartida que ele conquista por parte da audiência. Como tudo, há graus e nem sempre ele acerta ao desvirtuar as coisas ou afrontar religiões, personalidades, entidades. Vejo-o, contudo, com os olhos de uma liberdade quase total, sem o policiamento ostensivo dos que revidam por ele atacar primeiro.

⁶ MORAES NETO, Geneton. “O lobo hidrófobo ataca novamente”, p. 8.

⁷ JAGUAR e AUGUSTO, Sérgio (org.). *Pasquim: Antologia - Volume 1 (1969-1971)*, p. 210. As notas autobiográficas saíram originalmente no *Pasquim* n° 102, em junho de 1971. Ainda em FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 122.

Decerto há razão em mulheres, negros, nordestinos e judeus, entre tantas supostas vítimas de sua pena, de vociferar de volta ao se sentirem atingidos. Mas, para mim, em muito, soa como o defensor de piadas politicamente corretas, como se isso fosse possível. Francis quer fazer humor e creio que efetivamente o faz, seja o humor para o leitor rir usando a cabeça, ou seja, com a inteligência, ou com a barriga, usando os instintos. Uma imagem tecida pelo economista Roberto Campos, ex-ministro da Fazenda e ele próprio de primeira hora na alça de mira, depois convertido em amigo e guru, pode ser fértil para se olhá-lo: logo após a morte de Francis, Campos o definiu como um “pugilista de ideias”, inimitável no caminho que trilhou.⁸ É uma imagem poderosa, que, com outro complemento, acredito, atinge potência para se avaliá-lo com justiça: Moacyr Scliar, que contava com a passagem do tempo para se conseguir definir o que ficou dele, também abordou a morte prematura de Francis no dia em que os jornais publicavam sua derradeira coluna. E lamentou a perda do “banquete cultural de seus textos”.⁹ É o que, na minha cabeça, vai ficar: o “pugilista de ideias” que oferecia um “banquete cultural”.

Se Francis não aparece em um panteão ao lado de Machado de Assis ou Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos ou João Guimarães Rosa, tem ressaltado papel como alguém que testemunhou seu tempo e o pensou com toda a argúcia de que foi capaz. Nessa aventura, foi *sui generis* e faz muita falta, como é capaz de declarar mesmo quem o lia com largas doses de desconfiança (e tantos o acompanhavam para discordar de suas posições). À parte exageros histriônicos, é provável que até petistas radicais tivessem vontade de saber como se posicionaria diante do Governo Lula, político a quem endereçou, durante anos sem fim, as piores condenações. Ou a Guerra do Iraque. Ou, um pouco mais para trás, os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 (ele que era tão dado a axiomas catastrofistas sobre o futuro da civilização ocidental, um dos quais na base de *Cabeça de negro*). Seja como for, isso não será verificável e só resta conjecturar sobre as reações que o milênio nascente lhe teriam estimulado.

Dos títulos que deixou, espero que seja possível lê-lo munido de mais do que interesse sociológico, o que implicaria somente um sinal de importância histórica de alcance reduzido. Tenho para mim que pelo menos seu volume de “memórias seletivas” *O afeto que se encerra*, em parte os romances *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*, as novelas de *Filhas do segundo sexo* e algumas dezenas de ensaios, comentários ou frases, nem tudo coligido em livro, têm

⁸ CAMPOS, Roberto. “Paulo Francis, o pugilista de ideias”, p. 14.

⁹ SCLIAR, Moacyr. “Virando a página”, p. 3.

lugar garantido em uma “biblioteca ideal”, formada pelo que se produziu de apreciável na historiografia literária da segunda metade do século XX no Brasil.

Francis integrava a linhagem dos jornalistas-ensaístas, no sentido que lhe atribuiu Daniel Piza. Não é meu objetivo explicitar essa genealogia, mas inclui “(...) críticos de cultura no sentido amplo, isto é, de artes e de costumes. Isso começa com William Hazlitt e vem até Robert Hughes, passando por Karl Kraus, Bernard Shaw, H.L. Mencken, Edmund Wilson e Kenneth Tynan.”¹⁰ Acrescentaria, à lista de Piza, outro nome, que se tornou mais visível depois que ele ordenou essa enumeração, o do jornalista britânico Christopher Hitchens, um praticante da polêmica que ocupou as manchetes nos últimos anos e, como Francis, precocemente falecido. Há, entre os dois, similitudes, pelas brigas que comparam. E, se quiséssemos elaborar uma pequena exposição cronológica - imperfeita, lacunar - de críticos culturais com pronunciada participação na imprensa brasileira, poder-se-ia pensar em gente como Mário de Andrade, Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux, todos de comprovada erudição. Não se trata aqui de medi-los, diferentes que eram em visada e acuidade, mas apenas de nomeá-los, e de inscrever Francis na conta, com as distinções existentes entre uns e outros.

Há uma razão adicional para que me debruce sobre Paulo Francis. Admiração confessada, é preciso dizer que, para além da dimensão intelectual, sinto nele uma proximidade que poucas vezes senti em outras companhias literárias. É, talvez, a “simpatia pessoal” de que Savater dá conta, mas mais, identificação, ou, se se quiser, uma aparentada sensação de deslocamento, de não-pertencimento, às coisas que movem a maioria das pessoas, que percebo nele também, e que aguça a impressão de tê-lo como “da minha família”. Francis escreveu, certa vez, em jornal:

Lembro quando eu tinha quinze anos. Era muito solitário. Quando Sartre disse que o inferno são os outros estava falando comigo. Como Philip Quarles [personagem de *Contraponto*, romance de Aldous Huxley que estimava] cheguei à conclusão em tão tenra idade que 99% dos assuntos em que meus semelhantes consomem suas respectivas vidas não me interessam. E até hoje é assim. Detesto esportes e música popular. Odeio política. Não me interessa por quem ‘a’ ou ‘b’ estão comendo. Cinema pouco me diz, exceto no que abre em sonhos (vejo e revejo filmes de Hitchcock porque são sonhos). Essa conversa vulgar de dinheiro - de que preciso como quase todo mundo - me dá engulhos. Não é sequer que me sinta infeliz. Me sinto por fora e fora disso tudo. Quando eu bebia ao menos conseguia sacudir minha ‘interpretação’ de um ser humano parecido com os outros. Não bebo mais nada. Álcool me dá ideias fraternas sobre os outros. É uma ilusão.¹¹

¹⁰ PIZA, Daniel, “Nada senão críticos”, p. 4.

¹¹ FRANCIS, Paulo. “Diário da corte” In Folha de S. Paulo, Ilustrada, sábado 17 de janeiro de 1987, A-36.

Não endosso tudo, mas quase tudo. Francis é, pois, da minha turma. Em outra crônica, que a coadjuvava, ele escreveu:

Não vivo muito à vontade fora do meu mundo. (...) A libertação do meu espírito por Huxley [ou seja, a leitura de *Contraponto*, em que encontrou, no personagem principal do romance, uma alma “afim”] é coisa que não esqueço, saber que havia gente igual a mim (ninguém mais solitário do que um adolescente e, no meu caso, sem conseguir aderir, a sério, a nada que interessava meus contemporâneos.¹²

Na forma de enunciação cristalina, Francis publicou 13 livros (12 em vida), quatro dos quais de ficção, os quais pretendo estudar de forma a entender seu projeto literário, que acredito peculiar e ainda não devidamente mapeado. *Cabeça de papel* (1977) e *Cabeça de negro* (1979), romances de uma projetada trilogia que permaneceu incompleta, ao lado de *Filhas do segundo sexo* (1982), título geral das novelas “Mimi vai à guerra” e “Clara, Clarimunda...”, podem ser colocados como experimentos no mínimo interessantíssimos - a despeito de deficiências que consigo enxergar - da literatura nacional das últimas décadas. Como coadjuvante, entra *Carne viva* (2008), romance póstumo que precisa ser avaliado como produto inacabado - é de se perguntar em que medida acrescenta algo à obra anterior, pois, sem uma criteriosa revisão por parte do autor, não se pode saber de suas reais intenções e em que formato viria a público (e se viria; Francis deixou-o, bem como a contos e esboços, sem se transformar em letra impressa). Nos quatro títulos, em graus diferentes, há uma dimensão de debate, preocupação que esteve sempre na atividade jornalística para Francis.

É a figura do narrador, “intrometido”, que conduz *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*, opinando sobre tudo, que quero analisar, e em menor grau o narrador de *Filhas do segundo sexo* e o de *Carne viva*, que se utilizam de procedimentos um tanto diferentes dos livros anteriores, mas, como regra geral, expressa opinião sobre tudo e todos, quase sem trégua. Para tanto é necessário estender o olhar para o romance de ideias, já que Francis descende de uma estirpe em que o escritor e o homem de opinião andavam juntos (alguns dos expoentes que volta e meia citava eram Thomas Mann e Aldous Huxley, ambos ficcionistas e ensaístas, praticantes do romance de ideias que o formou; livros como *A montanha mágica* e *Contraponto* eram constantes nas crônicas de Francis, e não nos esqueçamos que ele viveu no momento em que o intelectual, nos moldes de Jean-Paul Sartre, se pronunciava sobre quaisquer assuntos em pauta).

¹² FRANCIS, Paulo. “Diário da corte.” In Folha de S. Paulo, Ilustrada, quinta-feira 3 de setembro de 1987, A-30.

Em grau menor serão utilizados livros como *O afeto que se encerra* ou *Trinta anos esta noite*, na medida em que trazem alguma informação biográfica, cultural ou política relevante, personalíssimos que eram ao conjugar suas preocupações primordiais, e eventualmente *Opinião pessoal*, *Certezas da dúvida*, *Nixon X McGovern: As duas américas*, *Paulo Francis nu e cru*, *Uma coletânea de seus melhores textos já publicados*, *O Brasil no mundo* e *Waaal - O dicionário da corte de Paulo Francis* (este último sob organização de Daniel Piza). Tais livros, que completam sua bibliografia, têm algum auxílio a dar, juntamente com textos esparsos, publicados principalmente na *Folha de S. Paulo* (sua “casa” habitual, por 15 anos, na qual publicou tantas das crônicas mais percucientes), *O Estado de S. Paulo* e *Leia Livros*, entrevistas, depoimentos, prefácios e posfácios. O conteúdo total de Francis, colaborador de dezenas de publicações ao longo da vida, não foi estabelecido e parte substantiva está por ser reunida.¹³

A pergunta inicial que me fiz é “que sentido faz ler Francis em 2012”? Outras tantas perguntas acorreram em socorro, como “a ficção que ele faz se nutre do romance de ideias como forma de alcançar outro resultado, talvez mais complexo do que as tentativas de fabulação disponíveis no período” ou “de que maneira ele representa a sociedade carioca e brasileira”? Todas me parecem tributárias da pergunta primeva e de outra, que sempre me intrigou, desde que li *Cabeça de papel*, *Cabeça de negro* e *Filhas do segundo sexo*, “quem é esse narrador?” e seu desdobramento, “o que de fato ele faz?” É o que procurei verificar. Parece fora de questão - e esse já é um dos aspectos distintivos de livros como *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* - que o narrador dos romances de Francis se coloca em uma posição desigual, se tomamos os demais romances publicados no período (os anos 1960 e 1970) que gravitaram em torno de 1964 e do golpe militar que aconteceu naquele ano (por exemplo,

¹³ O trabalho de compilação mais exaustivo de artigos, críticas teatrais e entrevistas realizadas que levam o nome de Francis sequer começou. Há uma entrevista com Truman Capote, por exemplo, publicada em *Status* n° 23, em junho de 1976, que mereceria sair em livro. Em outra frente, George Moura dedicou às críticas teatrais uma dissertação de mestrado, lançada em volume como *Paulo Francis - O soldado fanfarrão*. Nela apontou 1236 textos de crítica teatral, saídos entre 1957 e 1963, no *Diário Carioca*. Nada até agora foi salvo da dispersão dos jornais, apesar de uma editora, a W11, ter criado um selo que deveria reeditá-lo, chamado de Francis. Foram publicados os três romances, as duas novelas, *Trinta anos esta noite* e *O afeto que se encerra*. O selo acabou por tornar-se maior do que a W11 e foi assumido como nome, até ser vendido para a Landscape, que colocou nas livrarias, em 2008, *Carne viva* (mas ainda sob o selo Francis). Em dezembro de 2009, uma nova edição de *Trinta anos esta noite* saiu como coedição Francis/Verbena. Compilações reunindo textos nunca coligidos não vieram à luz, embora esse fosse um dos objetivos iniciais da W11. Luís Augusto Fischer escreveu, em artigo, que a obra de Francis é “(...) irregular, sabidamente incompleta e *mal editada* (...)” Ver FISCHER, Luís Augusto. “Francis na tela”, p. 6. O grifo é meu. Por *mal editada* entenda-se sem ter um plano de edição, uma editora única e dar guarida e bancá-la e sem que textos essenciais tivessem saído em livro, de forma sistemática, organizada. A W11 - levada a cabo pelos sócios Wagner Carelli, amigo de Francis, e Sonia Nolasco Ferreira, sua viúva - deveria tê-lo feito, republicar e bancar novos itens, contudo quebrou sem haver avançado na tarefa.

Reflexos do baile, de Antonio Callado; *Pessach - A travessia*, de Carlos Heitor Cony; *Em câmera lenta*, de Renato Tapajós; e *Quatro-olhos*, de Renato Pompeu, alguns dos mais insígnies). É um pouco como se Francis estivesse de um lado e Callado, Cony, Tapajós e Pompeu de outro (não é uma síntese inapropriada, aliás; Hugo Mann e Paulo Hesse, os personagens de *Cabeça de papel*, não são homens de ação como os personagens dos romances de Callado, Cony, Tapajós e Pompeu, são criaturas intelectualizadas, que pensam excessivamente para o padrão do que se fazia em ficção naqueles anos - na literatura brasileira, de forma geral, e não só naqueles anos e contexto, na verdade).

Não foram espaçadas e erráticas as tentativas de se compreender sob as graças da ficção aquela sociedade que se apresentava: uma pesquisadora, Janete Gaspar Machado, aponta para um “boom” do gênero romance nos anos 1970, em um levantamento que indica 200 narrativas longas lançadas por aqueles anos.¹⁴ Havia uma decidida intenção de se entender o que acontecia no Brasil, por meio de painéis sociais, coisa que o conto, de dimensões acanhadas nesse particular, não podia dar. Assim, sem mediação, salta aos olhos que, se a década de 1960 foi caracterizada pelo apogeu do conto como gênero preferencial - Dalton Trevisan e Rubem Fonseca, para ficarmos com dois dos grandes contistas nacionais que dominaram esse cenário, estrearam ou tiveram coletâneas expressivas naquela década - , o romance teve florescimento extraordinário no decênio seguinte (poder-se-ia aventar: o conto, como miniatura de um evento ou fragmento da realidade, não se prestava às investigações torrenciais, o que o romance, de outro fôlego, tencionava atingir; a esse dado pode contribuir para o debate que muitos dos romances, de forma geral, tinham fundo político, investigavam a nova ordem constituída, um indicativo de que era imperioso voltar-se para o que acontecia no país.¹⁵ A poesia foi outro gênero de múltiplos praticantes, da Geração Mimeógrafo - Cacaso, Chacal e Ana Cristina Cesar, que distribuíam edições artesanais, vendidas em circuitos alternativos, como bares - a poetas cuja influência foi considerável nas décadas seguintes (Paulo Leminski, por exemplo, morto precocemente, em 1989, mais outros de obra de vulto, como Adélia Prado e Armando Freitas Filho, cuja progênie é possível que não seja ainda tão fácil de medir, importantes, contudo, no cenário contemporâneo, pelas obras que construíram).

¹⁴ MACHADO, Janete Gaspar. *Constantes ficcionais em romances dos anos 70*, p. 15.

¹⁵ Em texto complementar à crítica de Franklin de Oliveira a *Cabeça de negro*, assinado pelas iniciais B.M., é dito que o poeta Affonso Romano de San’Anna, integrante do júri de um prêmio literário em 1977, surpreendeu-se com a recorrência de palavras como “tortura” e “polícia” nos cerca de três mil originais que lhe foram entregues para avaliar. As questões prementes eram repressão, tortura, supressão das liberdades individuais e assemelhados, o que ajuda a dar forma à tensão que se vivia sob os anos de endurecimento do regime militar, pós-AI-5, refletidos nos textos daqueles candidatos à premiação. Ver B.M., “Repressão e tortura, os temas de hoje”, p. 60.

Metodologicamente, depois deste capítulo mais autobiográfico e que introduz o objeto de estudo, segue-se um segundo capítulo que se debruça sobre Francis, a quem apresento e a quem tentei “defender” de ataques desferidos por desafetos de toda ordem. Fernando Jorge escreveu um longo livro para golpear Francis, em que demonstra uma leitura minuciosa de seu objeto, embora, a meu ver, pouco inteligente na interpretação, repleta de ingenuidades e com distorções de alguém de má-fé (contudo, correta em muitos aspectos). Outros - Caio Túlio Costa, Bernardo Kucinski - também o fizeram, em graus que serão determinados, assim como no campo oposto dos detratores se colocaram Franklin de Oliveira e José Onofre, que elogiaram os romances iniciais. Davi Arrigucci Jr. soube, no calor da hora, apreciar ganhos e indicar as fragilidades da primeira incursão à narrativa longa, em um diálogo profícuo que contou com a participação de Carlos Vogt, Flávio Aguiar, Lúcia Teixeira Wisnik e João Luiz Lafetá. Procurei sintetizar as ideias que nortearam uma e outra argumentação, confrontando-as e buscando um equilíbrio de forças entre o que se disse sobre essa ficção - em muito nutrida de vínculos com o jornalismo, permeável - de Francis (e daquela leva de romances, escritos por jornalistas e com elementos de seu ofício, pois eram todos, ou quase todos, jornalistas). As críticas de Jorge elucidam algo comum no que diz respeito a Francis, e daí a tal “defesa” - Francis sofreu a má vontade de quem está muito exposto e assumiu posições arriscadas (José Guilherme Merquior tratou de *Cabeça de papel* sem tê-lo lido completamente, para ficar com um único caso).

No terceiro capítulo, julguei ser oportuno repassar o romance de ideias, de não muito frutífera linhagem no Brasil, mas de alguns cultores, entre os quais o Graça Aranha de *Canaã* (1902) e o Vianna Moog de *Um rio imita o Reno* (1939). Em seu romance, Graça Aranha coloca em cena dois personagens que entabulam discussões sobre raça e paisagem brasileiras, em campos opostos. Vianna Moog estabelece, na fictícia Blumenthal, entrecruzamentos acerca de arianismo e mestiçagem, em meio ao amor de Geraldo, descendente de portugueses e índios, e Lore, descendente de alemães. Nos dois romances, as ideias são inextricáveis do tecido narrativo, dando-lhe mesmo sustentação. Em Francis, as ideias são igualmente incontornáveis, tanto no jornalismo opinativo quanto em uma fabulação que se nutre delas e as explora à exaustão, oferecendo ao leitor todo tipo de juízos, digressões, uma tentativa de anatomia (muito claras em *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*, que tendem ao painel social). Thomas Mann de *A montanha mágica* é um modelo elevado desse subgênero, considerado por Francis, que era um espírito analítico e que vibrava com a torrente discursiva de Mann. Francis via-se como um herdeiro do modernismo, que ele nunca cansou de elogiar, como que partícipe de uma tradição ilustre da história do romance, ao trazer, para a literatura brasileira,

ideias que queria que fossem tema de conversa.¹⁶ Os romances e novelas foram analisados no capítulo seguinte, em que se comenta um a um. *Cabeça de papel*, o mais complexo em todos os níveis, é visto em relação a sua continuação, *Cabeça de negro*, o primeiro mais adequado na condição de “romance de ideias”, mais torrencial, o segundo com um ritmo de “thriller” (tipo de narrativa que Francis admirava, se não intelectualmente, pelo menos como leitor). Sem o aguardado fecho com *Cabeça*, as atenções se voltam para *Filhas do segundo sexo*, novelas sobre duas mulheres prototípicas (uma, “alienada” dos anos 1950, espécie de “bonequinha de luxo”, para usar a expressão do título nacional do filme de Blake Edwards, outra, liberada, dos anos 1960, culta, independente). Por fim, *Carne viva*, que não era o encerramento da trilogia e que não parece adicionar à obra ficcional, na medida em que não teve o aval de Francis e nem se sabe se foi dado como pronto (o trabalho de edição foi exaustivo, pois se compunha de grande massa de informações, em folhas que precisaram ser escaneadas e organizadas, pelo que se conta em um perfil).¹⁷ Novamente se tem o estilo de Francis e se retoma o ambiente político, desta vez o Maio de 1968 na França, por meio de um romance que tem ares de “romance leve”, pelo menos no andamento célere. Algumas considerações sobre o cronista também integram essa seção, pelo parentesco entre o jornalista e o narrador.

No quinto e último capítulo, consideraram-se singularidades de *Cabeça de papel*, *Cabeça de negro*, *Filhas do segundo sexo* e *Carne viva*, em relação ao que se produzia no Brasil por aqueles anos (e em um período mais extenso, antes e depois). De certa maneira, os

¹⁶ Há decerto características que permeiam o modernismo europeu - caso de Joyce, que Francis havia lido mas achava chato, embora citasse com certa frequência, como se lê em FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 53 - que não se aplicam ao modernismo brasileiro. Cada país com suas especificidades e funcionamento próprios, ainda que Francis tivesse na cabeça modelos superlativos, como Thomas Mann, alguém de quem apreciava a ironia, além da capacidade argumentativa. Ver PIZA, Daniel. *Waaal - O dicionário da corte de Paulo Francis*, pp.174-175, em que se demonstra sua admiração por Mann, no geral, e em FRANCIS, Paulo. “Precisamos entrar no século XX”, pp. 14-15, especificamente sobre *A montanha mágica*. Talvez se queira objetar que Mann seja esteticamente aparentado aos grandes painelistas sociais do século XIX, como Tolstói, e que só tenha se tornado um autor do século XX, ou seja, “moderno”, com o *Doutor Fausto*, em 1947. Um crítico como Carpeaux, no entanto, observou ao próprio Francis que, embora Mann fosse convencional no estilo, sem aproveitar as experiências verbais do modernismo, fazia uso da ironia, característica tipicamente modernista. Ver FRANCIS, Paulo. “Gente do meu tempo - O grande crítico: Otto Maria Carpeaux”, p. 6. A volta à planície de Hans Castorp, depois de sete anos internado em um sanatório em Davos, para se engajar nas fileiras dos combatentes da Primeira Guerra Mundial, em *A montanha mágica*, de 1924, é ironia em seu estado mais puro: ele sai da morte, o sanatório, para entrar na vida normal dos homens saudáveis, mas a “vida”, nesse caso, prevê a morte, nas trincheiras. O manejo do tempo cronológico/psicológico, igualmente em *A montanha mágica*, é outro elemento modernista. Dois ou três passos adiante, é importante não deixar de observar o papel de Francis e da turma do *Pasquim* na “reeducação” da imprensa brasileira, o que se verá em capítulo posterior. Pode-se defender que os ares modernistas finalmente fechavam o ciclo iniciado com as mudanças iniciadas década e tanto antes, com o *Diário Carioca* e o *Jornal do Brasil*, no mesmo Rio de Janeiro, ainda Capital Federal. A imprensa brasileira abandonava em definitivo a sisudez e entrava em uma fase “brasileira”.

¹⁷ NOGUEIRA, Paulo Eduardo. *Paulo Francis - Polemista profissional*, pp. 91-93.

dois primeiros foram uma tentativa de se propor um tipo de narrativa incomum - e quase inexistente - de compreensão do Brasil, um romance integral e interpretativo de país. Não me furtei a medir Francis com quem ele se media, e trazer à tona alguns dos artigos que assinou sobre literatura (por exemplo, sobre *A fogueira das vaidades*, de Tom Wolfe, a respeito do qual comentou reiteradamente em crônicas, quando do aparecimento nos Estados Unidos, tornando-se, em 1988, prefaciador da edição brasileira). Procurou-se filiar o narrador de Francis - dispersivo, opinativo, caprichoso - a uma genealogia nobre, a do narrador de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, com quem tem pontos de contato.

Ainda uma palavra, à guisa de explicação. O título “O profeta desacreditado” provém de um artigo do jornalista José Onofre, responsável por escrever sobre *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* quando ainda eram recentes e haviam deixado a muitos atônitos, sem saber o que pensar. No texto, que mereceu elogios de Francis, o protagonista Hugo Mann é visto como um “profeta desacreditado”, em uma imagem que creio possível estender ao próprio Francis (em outro momento, Onofre fala em “deus drogado”, outra imagem forte para se julgá-lo, formulação semelhante à primeira combinação, que tenta harmonizar elementos antagônicos). Como metáfora, considere que fornecesse um retrato justo de *persona* e *personagem*, de Paulo Francis e de Hugo Mann, ao qual não consegui renunciar.¹⁸

¹⁸ ONOFRE, José. “As duas cabeças dos romances de Paulo Francis”, pp. 254 e 260.

2 APRESENTAÇÃO DE PAULO FRANCIS

2.1 VIDA

Franz Paul Trannin da Matta Heilborn, rebatizado pelo diretor teatral Paschoal Carlos Magno de Paulo Francis, nasceu no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, em 2 de setembro de 1930. Neto de alemães, seu avô paterno veio para o Brasil para trabalhar, em 1889. Seu pai, Adolpho, casou-se com Irene, órfã criada por um tio, descendente de franceses. Eles tiveram, dois anos antes de Francis, em 1928, Fred. A família era de classe média alta e vivia na Zona Sul da então capital do Brasil. A “aridez emocional”¹⁹ da educação alemã seria fruto de mais de uma reflexão de Francis, criado com muito amor pela mãe, mas de forma distante pelo pai (a quem abraçaria, pela primeira vez, aos 32 anos, no enterro de Fred, morto em um acidente aéreo, segundo recorda em suas memórias).

Filho predileto de Irene na infância, ele perdeu a mãe devido a complicações decorrentes de uma gestação de risco (em que sobreveio eclâmpsia, septicemia e anemia), quando contava 14 anos e ela, 39, em 1944. Para Francis, o culpado foi o pai, que, adepto da Ciência Cristã - que propunha que os males físicos derivavam dos “maus pensamentos” e podiam ser tratados com uma atitude positiva diante dos reveses - minimizou a condição da esposa e adiou a ajuda adequada que permitiria salvá-la (a morte de Adolpho, em 1973, aos 74 anos, por um câncer de pulmão, também teria sido apressada pela crença dele, adiando cuidados necessários ao recusar os médicos que lhe poderiam ter dado sobrevida). Irene morreu três semanas após o nascimento de Paulo Gustavo.

Aos sete anos, Francis foi enviado, junto com Fred, ao Colégio de São Bento, um internato católico, primeiramente na Ilha de Paquetá, a 15km do centro do Rio, depois na Tijuca, na Zona Sul, de onde só saía nos fins de semana. Foi a primeira ruptura significativa com a família. Lá descobriu a fé, que depois perderia. Transferido para o jesuíta Colégio Santo Inácio, conheceu na fila aquele que se tornaria um de seus maiores amigos, Marcello Aguinaga, colega de bebedeiras e de experiências teatrais. A partir dos 14 anos, tornou-se leitor voraz, tendo dito, mais de uma vez, que dos 14 aos 28 anos leu, em média, seis horas diárias, sendo que boa parte de sua formação intelectual aconteceu nesse período. *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski, foi um deslumbramento, assim como na juventude seria a descoberta da vida e obra do revolucionário Leon Trotsky (Francis trabalhou na publicação brasileira da biografia do ídolo russo, em três volumes, *O profeta armado*, *O profeta banido* e

¹⁹ FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 27 e seguintes.

O profeta desarmado, por Isaac Deutscher, nos anos em que não conseguiu emprego, sob a ditadura militar).

Tímido e semigago, mas conhecedor de dramaturgia, desaguou no teatro aos 21 anos, em 1951. Ele e Aguinaga decidiram procurar Paschoal Carlos Magno, interessados em montagens de peças clássicas que o diretor pretendia fazer com o Teatro do Estudante do Brasil (TEB), uma companhia idealizada para montar de Sófocles a Gonçalves Dias. Sem teste, Francis conseguiu seis papéis coadjuvantes, em trabalhos como *Hécuba* (de Eurípides), *Romeu e Julieta* (William Shakespeare) e *Espectros* (Henrik Ibsen). De quebra, herdou o nome que carregaria depois para o jornalismo, por ser muito mais fácil de pronunciar que o “Franz Paul” ou “Heilborn”.

Em três meses, a companhia liderada por Paschoal esteve em Manaus, Belém, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Teresina, São Luís e Recife, revelando para Francis um mundo desconhecido - oriundo da classe média alta, habitante de um espaço privilegiado econômica e culturalmente, ele não conhecia a miséria e o atraso com que se deparou em capitais do Norte e do Nordeste, distantes de uma capital federal cosmopolita, sofisticada e diversificada como a que frequentava. Segundo escreveu, começou em 1952 a estudar a revolução bolchevique, como resultado direto da viagem que fez às cidades de um país cujas disparidades sociais ignorava.²⁰

Ainda que alguns insistam no fracasso que foi sua dedicação ao teatro, Francis levou o prêmio de ator revelação da crítica, aos 22 anos, em 1952. Já à frente dos palcos, como diretor, montou seis peças, entre as quais *Pedro Mico*, de Antonio Callado, seu único sucesso. A vontade de continuar na órbita do teatro o levou aos Estados Unidos, onde viveu um ano, entre 1954 e 1955, estudando literatura dramática comparada com Eric Bentley, na Universidade Columbia. De retorno ao Brasil, se iniciou no jornalismo na *Revista da Semana*, levado por Hélio Fernandes, em 1957, para escrever sobre teatro. Em seguida, foi indicado para a vaga de crítico de teatro no *Diário Carioca*, com a saída de Francisco Pereira da Silva.

A gênese do polemista teria se dado no *Diário Carioca*, onde fustigou as montagens amadoras que tinham curso naqueles anos (inclusive as do Teatro Brasileiro de Comédia, cujas peças, ainda que ruins, não costumavam ser criticadas negativamente pelos jornalistas em atuação, dentro de uma tradição de compadrio com a qual Francis rompeu). Ainda em 1959, assumiu a codireção da revista *Senhor*, responsável por publicar histórias de J.D. Salinger e Clarice Lispector, entre outros escritores, nem todos ainda muito divulgados no

²⁰ FRANCIS, Paulo. *Op. cit.*, p. 104.

país. Na *Última Hora*, de Samuel Wainer, trabalhou entre 1959 e 1964, até perder o emprego com o golpe militar - ele só conseguiu voltar à rotina de redação de jornal em 1967, quando se tornou um dos editores do “Quarto Caderno” do *Correio da Manhã*, aos 37 anos.

No tempo em que não conseguiu ocupação na imprensa, cuidou de livros na Civilização Brasileira, editora de seu amigo Ênio Silveira (a obra sobre Trotsky e um livro com material sobre teatro de seu professor dos tempos de Estados Unidos, Eric Bentley, saíram por indicação de Francis). Em 1968, a decretação do AI-5 fechou o *Correio da Manhã*, o que o levou à revista do *Diner’s Club* e a uma brevíssima passagem pelo *Jornal do Brasil*. Juntamente com outros amigos, participou então, em 1969, dos começos do semanário *Pasquim*, no qual teve papel saliente. O jornal chegou a uma tiragem de 200 mil exemplares, com um time de colaboradores que jamais foi igualado na imprensa brasileira (outros integrantes foram Ivan Lessa e Millôr Fernandes, dois dos maiores amigos de Francis durante toda a vida, Sergio Augusto, Henfil e Ziraldo).

Mas a censura não demorou a mostrar os dentes. Entre 1968 e 1970, Francis foi detido para “averiguações” quatro vezes (no total, permaneceu cerca de 12 meses preso). Objetando que não conseguia trabalhar sossegado, partiu em definitivo para Nova York em 1971, aos 41 anos, graças a uma bolsa da Fundação Ford, que o garantiu financeiramente por 15 meses. Instalado na “capital do mundo”, continuou a mandar textos para a imprensa brasileira, em especial *Pasquim*, *Tribuna da Imprensa*, *Visão* e *Status*. O ano de 1975 assinalou seu casamento com a jornalista e escritora Sonia Nolasco Ferreira, autora de *Moreno como vocês* e *Você jurou que eu ia ser feliz*, que durou até a morte de Francis. A partir desse ano, começou sua colaboração com a *Folha de S. Paulo*, que se tornou sua faceta mais conhecida de ampla faixa de leitores, até 1990 (a coluna “Diário da Corte” nasceu em 1977, nome de batismo que durou até sua última coluna, no *Estado de S. Paulo*, vinte anos depois).

Novas frentes seriam abertas nos anos 1980 e 1990: comentarista da TV Globo desde 1981, aos 51 anos, quando começou a gravar boletins para o *Jornal da Globo*, encontrou audiência revigorada na televisão, tornando seu rosto familiar de Norte e Sul. De 1993 até 1997, dividiu a bancada do programa *Manhattan Connection*, do canal pago GNT, com Lucas Mendes, Caio Blinder e Nelson Motta, mais convidados eventuais. Livre do script global, estava à vontade para comentar a realidade que vivia, os livros que lia, as peças e balés que frequentava, política e outros tópicos de conversação que surgissem ao sabor - e provocações - do momento. A partir de 1990, não sem uma polêmica pública que envolveu o jornalista Caio Túlio Costa, *ombudsman* da *Folha*, transferiu-se para *O Estado de S. Paulo*, onde escreveu até fevereiro de 1997, data de sua última colaboração (sua crônica foi também

negociada para outros jornais brasileiros, que passaram a estampá-la, caso de *O Globo*, no Rio, e *Zero Hora*, em Porto Alegre).

Foi no *Manhattan Connection* que atacou os dirigentes da Petrobras, ao sustentar que seus diretores mantinham contas secretas na Suíça, da ordem de milhões de dólares. À cobrança de Lucas Mendes para que revelasse suas fontes ou apresentasse provas, mostrou-se desdenhoso, repetindo a ofensa outras vezes (no jornal era comum bater na Petrobras, quando chegou a usar, na esteira do economista Roberto Campos, inventor do neologismo, o nome “Petrossauro”, para caracterizar a empresa estatal como obsoleta). A acusação lhe valeu a abertura de um processo na Justiça norte-americana, em outubro de 1996, lugar a princípio incomum para tal, sob a alegação de que o *Manhattan Connection* era realizado nos Estados Unidos (embora transmitido para o Brasil, onde tem seu público primordial, é possível assisti-lo nos Estados Unidos). Joel Rennó, então presidente da Petrobras, pediu uma indenização de US\$ 100 milhões, quantia elevadíssima para quaisquer padrões (se o processo fosse aberto no Brasil, seria o maior da Justiça nacional; nos Estados Unidos, foi um dos maiores).

A intenção manifesta era intimidar Francis, que precisou contratar advogado nos Estados Unidos e, portanto, arcar com honorários mais elevados do que se o processo fosse conduzido em seu país de origem. Ao que parece, o humor de Francis sofreu uma brutal transformação com as preocupações advindas do processo, que, no entanto, pelo tanto de exagero que encerrava, ele não julgava perder (o processo acabou arquivado por inadequação de foro, pois o juiz norte-americano considerou que a denúncia deveria ter sido feita em cortes brasileiras).²¹ Na mesma época, outro golpe veio na forma de um livro furibundo de Fernando Jorge, *Vida e obra do plagiário Paulo Francis - O mergulho da ignorância no poço da estupidez*. Segundo circulou, Francis não o teria lido, apenas tomado conhecimento por uma resenha. Mas Fernando Jorge contou, em depoimento ao jornalista Nirlando Beirão, que Sonia Nolasco reclamou a Luiz Fernando Emediato, editor da Geração Editorial, que o publicou, “Você viu, Emediato? Você ajudou a matar o Francis.”²²

Francis morreu às 6h30min de 4 de fevereiro de 1997, aos 66 anos, de infarto do miocárdio, em seu apartamento, localizado na Dag Hammarskjöld Plaza, na ilha de Manhattan, Nova York. Abatido pelas investidas de um lado e de outro, vinha se queixando de bursite e a tratando com um médico brasileiro radicado em Nova York, sem saber que a dor do braço esquerdo poderia ser sinal de infarto. Já não tão influente quanto nos anos 1970 e

²¹ NOGUEIRA, Paulo Eduardo. *Paulo Francis - Polemista profissional*, p. 20.

²² BEIRÃO, Nirlando. “Paulo Francis, o homem-bomba”. Revista Brasileiros n° 32, março de 2010. Disponível em <http://www.revistabrasileiros.com.br/edicoes/32/textos/899/>. Acesso em 15 de setembro de 2011.

1980, que provavelmente constituem o auge de seu estilo, ele no entanto deixou órfãos uma legião de fãs, que lhe davam um dos maiores índices de leitura do periódico (os salários que lhe pagavam *O Estado de S. Paulo* e a Rede Globo eram estimados em US\$ 20 mil cada, afora outras colaborações; era o maior salário do jornalismo brasileiro, o que serve para se cogitar o quanto trazia de leitura para o *Estado*).²³ Além dos relançamentos de livros, Daniel Piza (em 2004) e Paulo Eduardo Nogueira (2010) lhe dedicaram perfis biográficos, sem esquecer o documentário de Nelson Hoineff (2009). Todos lhe são favoráveis. Piza, amigo próximo, é o que talvez mais se esforce para dar “três dimensões”, ao dosar acertos e erros, sem exaltar em excesso a figura que lhe serviu de tutor. Nogueira e Hoineff, ao contrário, se eventualmente trazem à tona dado desabonador, é quase sempre com afetividade que o veem. O ano de 2012 marca o aparecimento de sua primeira reunião de crônicas reunidas em 25 anos, *Diário da corte*, que, somada às precedentes, redimensiona o quanto Francis, década e meia depois de falecido, rende dividendos.

2.2 OBRA

O primeiro livro publicado de Francis foi *Opinião pessoal*, em 1966. Nele, sob a rubrica “Cultura e política” (seu subtítulo, presente na folha de rosto, entre parênteses), dividem espaço textos a respeito de William Shakespeare, Anton Tchecov, Aldous Huxley, Bertold Brecht, Graham Greene, Eugene O’Neill, Nelson Rodrigues, Gianfrancesco Guarnieri, Federico Fellini e Eric Bentley, de um lado, e o governo João Goulart, o primeiro aniversário do Golpe de 1964 e a nova esquerda norte-americana, de outro. A predominância é de “Cultura”, com 24 textos, para cinco de “Política”, com uma ênfase indisfarçável para a cultura de língua inglesa (de Shakespeare, uma de suas predileções, a Huxley e Greene).

Certezas da dúvida, de 1970, inverte um pouco esses interesses. A política é dominante nos 37 textos reunidos, embora reste lugar para algumas preferências, como Shakespeare, Scott Fitzgerald, Bertrand Russell e cinema. No geral, porém, Francis aborda o massacre de My Lai, Estados Unidos X URSS, Biafra, Hitler, Herbert Marcuse e temas candentes nos tempos de Guerra Fria e Direita *versus* Esquerda. *Nixon X McGovern: As duas américas*, de 1972, confronta os dois postulantes ao governo dos Estados Unidos, em uma análise que foi considerada mais tarde, pelo próprio autor, frágil e equivocada (a posição de

²³ Afirma Nogueira que, no começo da colaboração com *O Estado de S. Paulo*, ele ajudou a elevar as vendas em 9% nas quintas-feiras, um dos dias em que escrevia. Ver NOGUEIRA, Paulo Eduardo. *Op. cit.*, p. 61.

Francis é francamente anti-Nixon, presidente que concorria à reeleição e que, dois anos após ter saído o livro, renunciou para fugir à cassação, em razão do escândalo Watergate).²⁴

A seleção seguinte, *Paulo Francis nu e cru*, de 1976, agrupa a “correspondência” (colaborações) enviada para o *Pasquim* entre 1971 e 1975, de Nova York. Do macartismo a Winston Churchill, de Marilyn Monroe ao filme *Lacombe, Lucien*, de Louis Malle, novamente o que se tem é um vasto leque de opções do cardápio cultural daqueles anos, com força na vida em Nova York, que ele “apresentava” aos brasileiros (é um dos livros mais importantes e típicos dele, juntamente com o material que compõe *Paulo Francis - Uma coletânea de seus melhores textos já publicados*, ambas reuniões compiladas a partir de uma prodigiosa produção - a mais plural e multiforme - dos anos 1970).

Cabeça de papel, de 1977, abre uma nova frente, ao revelar o Francis ficcionista, no que seria o primeiro volume de uma trilogia romanesca (o fecho do conjunto, de título provável *Cabeça*, foi um dos tantos projetos eternamente adiados). Os amigos Hugo Mann, crítico de cinema, ex-crítico cultural que caiu no ostracismo com a tomada de poder pelos militares, e Paulo Hesse, dono de jornal, ex-comunista, conversam sobre suas convicções e escolhas, o primeiro corporificando o que “não traiu”, e o segundo, o que “traiu” (seus ideais, bem dito, por extensão, a esquerda, os esquerdistas, quem “sofreu” o golpe militar).

Paulo Francis - Uma Coletânea de seus melhores textos já publicados, de 1978, enfeixa 25 artigos, 17 sobre cultura e oito sobre política. A Revolução Chinesa, a Revolução Soviética e a Revolução Americana (os 200 anos da independência dos Estados Unidos) ficam lado a lado com textos sobre Bertrand Russell, Sigmund Freud, Anita Loos, John F. Kennedy, a leitura que Norman Mailer fez do mito Marilyn Monroe, Londres, um trecho de uma das novelas de *Filhas do segundo sexo* e o romance policial - um cardápio da formação diversa de Francis, de olhos voltados para o mundo contemporâneo.

Cabeça de negro, de 1979, continua o caminho trilhado pelo romance anterior, inclusive com Hugo Mann no centro da arena. Agora convertido em ensaísta histórico, Mann convive com Maria, seu marido Maneco e o filho Pedrinho, seus vizinhos, cujo apartamento foi invadido pelo bandido “Cabeça de negro”. Dono de uma extensa ficha criminal, “Cabeça de negro” seria o “futuro da civilização”, a ameaça bárbara aos bem nascidos e socialmente bem posicionados representados por Mann - já um tanto diferente do Mann “remediado” do outro romance, agora enriquecido - e seus amigos.

²⁴ FRANCIS, Paulo. “Mídia e público”, p. A-54. As palavras com que Francis o adjetiva são “porcaria”, “droga” e “inverídico”, porque ele, Francis, seria “inocente” de Estados Unidos na ocasião. É o único dos seus livros que é “deserdado”.

O afeto que se encerra: memórias, de 1980, é o “tour de force” dessa produção, um acerto de contas com os 50 anos de vida de Francis. “Bate-bola” escrito como preparação antes de Francis enfrentar o terceiro volume da trilogia *Cabeça*, combina a informação biográfica e a formação intelectual do homem de cultura interessado nas contendas do seu tempo, em leituras, política (antes e depois de 1964), amigos, jornalismo. Tudo é costurado ao sabor da memória, em que se transita de um tópico a outro, sem a pretensão de esgotá-lo, como Francis fazia nas colunas, nos próprios romances, ao sabor das reminiscências e de uma ordem particular. Desse caldeirão de referências, do que leu, viveu, pensou, sai alguém mais reflexivo do que o homem de esquerda dos anos 1960, ou, nas próprias palavras do autor, alguém mais “moderado”.²⁵ É o livro fundamental para se compreendê-lo, uma espécie de ponto de equilíbrio entre o ensaísta da primeira fase (*Opinião pessoal, Certezas da dúvida*) e o romancista da meia-idade (*Cabeça de papel, Cabeça de negro*). As ideias que o alimentaram, os vultos que o formaram intelectualmente, politicamente - Freud e Trotsky - comparecem todos, ao lado de um Rio de Janeiro mítico, preservado na memória (o da infância e da juventude, o Rio a que Francis sempre se referia, não violento, capital do Brasil, das amizades que fez, tudo antes que os anos 1960 e as transformações com eles advindas o transformassem em definitivo).

Filhas do segundo sexo, de 1982, sem encerrar a trilogia, dá vida, em duas novelas, a duas mulheres antitéticas dos anos 1950 e 1960, respectivamente. Em “Mimi vai à guerra”, Mimi é a amante ingênua e submissa de Pedro, empresário casado com Lourdes, que não se separa da mulher porque mantém com ela negócios em comum, enquanto leva em paralelo a relação com a amante nova e bonita, “bonequinha de luxo”, para seus prazeres sexuais. “Clara, Clarimunda...” é o retrato de Clara, mulher instruída e culta que sacrificou o mestrado em Ciência Política em prol da carreira de professor do marido, Carlos, a quem acompanhou no doutorado em Paris, e ao cuidado com as filhas, mas que, depois de vê-las crescidas, quer voltar à universidade e completar sua formação. Foi o último livro de ficção publicado por Francis em vida, ele que continuou a escrever - planejou uma peça sobre a Guerra dos Farrapos, um livro de contos à Dalton Trevisan, contista que admirava, o encerramento da trilogia *Cabeça* e um romance sobre Getúlio Vargas, cujo título seria *O homem que inventou o Brasil*, todos idealizados ou, se esboçados ou escritos, inéditos (e *Carne viva*, que será abordado adiante).

²⁵ FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 167.

O Brasil no mundo - Uma análise política do autoritarismo desde as suas origens, de 1985, integrou uma coleção destinada a olhar para “os anos de autoritarismo” e ver na Nova República que se divisava no horizonte para onde o país iria (outros títulos da coleção, que exibia na capa, além de “Brasil - os anos de autoritarismo”, as palavras “análise”, “balanço” e “perspectivas”, eram *Os despossuídos: crescimento e pobreza no país do milagre*, de Sérgio Abranches, *A deformação da história em um regime autoritário*, de J.L. Werneck da Silva e *Literatura e vida literária*, de Flora Sussekind, quase todos títulos que buscavam exorcizar as últimas décadas e projetar um outro tempo). Espécie de ensaio mesclado à biografia pessoal e literária, Francis revisa 1964 e defende que o intuito dos militares era remover João Goulart do poder e não estabelecer uma ditadura. Entre outros aspectos, ele acredita que o capitalismo e a modernização foram superpostos a uma estrutura “do passado” e que a corrupção pública no Brasil é endêmica.

Trinta anos esta noite - 1964: o que vi e vivi, de 1994, investe mais fundo no trauma que foi a tomada do poder pelos militares (“morri bastante em 1964. Ou, digamos, parte da minha tessitura ficou afônica, necrosada”, escreve no “aviso aos navegantes” que serve de prefácio à empreitada)²⁶, com formulações mais complexas do que as contidas em *O Brasil no mundo*. Distante de almejar um retrato objetivo, Francis frisa que se trata de um relato pessoal dos fatos e que “todos somos de certa forma ficcionistas. É praticamente impossível não colorir com nossa personalidade o que narramos. A memória sempre nos trai”.²⁷ É neste livro também que fica patente sua guinada ideológica, ao criticar a esquerda e sustentar que “a sociedade liberal é a única potável”.²⁸ Se em seu livro mais pessoal, *O afeto que se encerra*, isso não era claramente divisível, agora passa a ser. Roberto Campos, atacado no primeiro (“Falando nisso, dizem que Roberto Campos é agente da CIA. Espero que seja. Ao menos, estaria cumprindo um dever. Se não for, o que pensar dele? É o maior torturador e assassino da nossa História, não em atos diretos, mas pelo que inspira de gabinete. Que motivos, à parte o serviço a outra nação, ou causa, poderiam inspirá-lo? Na CIA, se humanizaria.”)²⁹, é exaltado no segundo (“Um exemplo disso é Roberto Campos, que, como Getúlio Vargas, é um dos inventores do Brasil moderno, mas que é posto em uma espécie de quarentena permanente, sem que suas opiniões sejam sequer consideradas. Se faz de conta de que ele não

²⁶ FRANCIS, Paulo. *Trinta anos esta noite*, p. 8.

²⁷ FRANCIS, Paulo. *Op. cit.*, p. 11.

²⁸ FRANCIS, *Op. cit.*, p. 65.

²⁹ FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, pp. 103-104.

desmonta aos domingos no *Estado* e no *Globo* a ação nefasta do Estado brasileiro em favor exclusivo de seus apaniguados”).³⁰

Assim, sem mediação, é um pouco chocante ler um e outro trechos, sem explicação ou *mea culpa*. Nem tanto, se levarmos em conta que, em 14 anos, Francis - que disse, em uma entrevista ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, que “só não muda de opinião que não tem nenhuma” - teve abordagem diversa do papel de Campos nos anos de ditadura.

O primeiro governo de 1964, de Castello Branco, foi mais ou menos tirado dessas fontes [as reformas que teriam de ser feitas para modernizar o Brasil, tópico que Francis desenvolveu parágrafos antes, reformas vistas em uma visita aos Estados Unidos, onde Castello Branco e outros dirigentes teriam se encantado com progresso e a democracia testemunhados lá]. Roberto Campos e Gouveia de Bulhões conseguiram baixar a inflação de 80% para 40% ao ano. Criaram o BNH para valorizar e coordenar a aplicação de dinheiro em bens imobiliários. Dinamizaram o BNDE, para cofinanciar a indústria privada. Desvalorizaram o cruzeiro para torná-lo moeda real (desde Getúlio Vargas, no período de Presidência de 1950, os nacionalistas, pela Instrução 60, fixaram artificialmente o valor do dólar e criaram barreiras fortes à importação). Chamaram de todas as formas o capital estrangeiro. (...) Eu não entendia do assunto quando isso foi feito. Graças aos céus não tinha onde escrever, pois dispararia besteiras mil. Hoje, aprovo completamente essas reformas e gostaria que houvesse mais, apesar da origem do regime ser à força.³¹

Como se pode perceber, não é verdadeiro que Francis *não* tenha escrito sobre o assunto, que não tenha batido em Campos. Bateu, sim, durante longos anos, o que fica patente nos registros nem tão afastados cronologicamente, de 1980 e de 1994.

A lista de livros de Francis publicada por ele em vida terminaria por aqui, não fosse um compêndio que reúne trechos de colunas, frases e comentários sobre assuntos diversos, mas que não contou com sua participação direta (ele após aos excertos, em um que outro caso, retificações, como em “Dante”). *Waaal - O dicionário da corte*, de 1996, é uma coletânea organizada pelo jornalista (e amigo pessoal de Francis) Daniel Piza, responsável por *Paulo Francis - O Brasil na cabeça*, da série *Perfis do Rio*. Piza selecionou material de duas décadas de *Diário da corte*, a coluna que Francis assinou na *Folha de S. Paulo* e depois em *O Estado de S. Paulo*. Pensado na forma de dicionário, em centenas de verbetes, foi ressaltado o lado cultural das crônicas, com destaque para as frases lapidares (como em “Comunismo - A melhor propaganda anticomunista é deixar os comunistas falarem”, ou “NEVES, Tancredo - O problema que antevejo para Tancredo é que ele é um democrata. Acredita em vontade popular. A mim me parece que a maioria do povo quer um rei ou imperador”).³² De

³⁰ FRANCIS, Paulo. *Trinta anos esta noite*, p. 51.

³¹ FRANCIS, Paulo. *Op. cit.*, pp.78-79.

³² PIZA, Daniel. *Waaal - O dicionário da corte*, pp. 58 e 194.

casamento a Samuel Beckett, de Adolf Hitler a fofoca, de jornalismo cultural a Madonna, de Filinto Müller ao Protestantismo, tudo parece ter lugar na cabeça de Francis, com predominância para as reflexões literárias e culturais. Foi o último livro publicado que Francis viu, pois ele morreu seis meses depois. Teve vendagem de mais de 20 mil exemplares, apenas inferior a *Cabeça de papel*, que, nos dez primeiros anos, teria vendido 30 mil.³³

Carne viva, vindo à luz em 2008, é uma ficção póstuma. O romance estava redigido à época da morte de Francis, mas não pronto para ganhar o prelo, não se sabe exatamente porquê. A narrativa longa se chamaria *Jogando cantos felizes*, nome pelo qual foi anunciada mais de uma vez - do mesmo modo que o fecho da trilogia - e, eternamente adiado, não aportou nas livrarias senão uma década e tanto após o falecimento do autor. Quando da morte de Francis chegou-se a mencionar nos obituários que o editor da Companhia das Letras, Luiz Schwarcz, o havia lido, mas não se cogitou lançamento (consta que Schwarcz teria feito uma série de sugestões a Francis, ou, em outras palavras, vetado a publicação na forma como o original estava, o que Sonia Nolasco confirma em um depoimento estampado na revista *Bravo!* antes do livro sair).³⁴ Com edição de Sonia Nolasco e organização de Glória Nogueira Diogo, o livro conta a vida do economista Francisco Guerra, casado com Bebete, pai de dois filhos, um dos possíveis sucessores do tio na presidência do banco onde ambos trabalhavam. Um reencontro com Bea, mulher com quem havia transado na juventude, deflagra a história de quem ele foi mais de vinte anos antes, quando, em 1968, em Paris, assistiu à rebelião estudantil que se transformou em greve geral.

2.3 POR QUE PAULO FRANCIS: ATAQUE E DEFESA

É provável que a maioria das pessoas que o tenha conhecido da televisão - o público mais abundante - não simpatizasse com sua figura caricata (nem eu, como confessei; a leitura das crônicas de jornal e dos livros data de uma etapa posterior, em que lhe retifiquei a imagem, de um homem de ideias instigantes, de comum bem informado, sedutoramente provocador, que sacudia os clichês, ou, uma imagem que gosto, de alguém que olha o tapete pelo outro lado, o menos visível, o que, por assim dizer, não se mostra para as visitas). Reconhecível a distância, a inflexão estranhíssima não o ajudava, dando-lhe um ar propenso a

³³ NOGUEIRA, Paulo Eduardo Nogueira. *Paulo Francis - Polemista profissional*, p. 89. O número total é desconhecido.

³⁴ NOLASCO, Sonia. “Tempestade no horizonte”, p. 40.

toda sorte de imitações (da velha guarda do humorismo, com Chico Anysio, à turma do *Casseta & Planeta*).

Sem estimular adesões imediatas, o jeito sabichão e arrogante pedia, quase sempre, o auxílio do texto impresso - daí que para quem ignorasse o estrado do cronista, ensaísta e fabulador que se escondia por trás daquela *persona* televisiva talvez o julgasse indigesto em demasia. É possível que fosse apenas uma estratégia para se salientar em meio à babel de tipos e discursos, estratégia que, se verdadeira, cumpriu o objetivo de lhe dar uma cara própria, única. Difícil ignorá-lo ou confundi-lo, poder-se-ia dizer que com ele era “ame-o ou deixe-o” (odeie, no caso). Quem se dispôs a ver para além da caricatura pôde usufruir de momentos de convívio civilizado, em que se discutia de literatura e cinema à política e História, tudo envolto em um texto ágil, bem humorado e, muitas vezes, capaz de tiradas sagazes. Mas, como tudo, nem sempre Francis acertava, e a superexposição lhe podia ser negativa.

As acusações que sofreu não foram poucas e nem espaçadas, como é fácil de se imaginar em alguém tão inclinado a atirar primeiro. Se atacava, e fazia muito isso, é óbvio que tivesse de sofrer as consequências e fosse, na mesma medida, vítima de investidas de um lado e de outro. Alguns alvos preferenciais - nordestinos, a quem culpava pelo atraso brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva³⁵, políticos em geral (e José Sarney, alcunhado “Sir Ney” ou “Ribamar”, e Ulysses Guimarães, “Dr. Ulysses”, com insistência particular), a estatal Petrobras - poderiam ser rastreados em suas colunas, xingados com frequência quase obsessiva, nos anos 1980 e 1990. Essas ofensivas não raro eram grosseiras. Em momentos distintos estiveram no centro de polêmicas a atriz Tônia Carrero, o cantor Caetano Veloso, a produtora Ruth Escobar, o dramaturgo Paulo César Coutinho e o físico Rogério Cezar de Cerqueira Leite, os dois últimos responsáveis por responder com artigos a manifestações escritas de Francis. O contingente de pessoas que se sentiu incomodado com observações que ele fez é quase infindável, e certamente um bom número de anônimos cuja força não se pode medir.

No documentário *Caro Francis*, o ex-ministro da Fazenda do governo Itamar Franco, Gustavo Krause, pernambucano de nascimento, lembra as acusações que o jornalista

³⁵ Lula virou “Nimim”, referência às dificuldades de expressão “correta” que o ex-presidente tinha, nas eleições que disputou e que Francis pôde acompanhar. Elitista, ele não admitia que um ex-torneiro mecânico fosse um candidato sério à presidência da República, não vivendo para testemunhar a ascensão de Lula. Ver FRANCIS, Paulo. “Diário da Corte”, In O Estado de S. Paulo, Especial Domingo, domingo 2 de outubro de 1994, D-13. Lula foi um dos entrevistados de Fernando Jorge para o livro que este escreveu contra Francis, tendo afirmado que Francis era “símbolo vivo da arrogância, do pedantismo e do preconceito racial” e “fascista”. Ver JORGE, Fernando. *Vida e obra do plagiário Paulo Francis*, pp. 124-125.

endereçava ao Nordeste, como se de lá fosse impossível sair alguma cabeça que prestasse, em razão de um suposto “atraso mental” irremediável dos habitantes daquela região - foi a partir de episódios assim que jornais de capitais nordestinas deixaram de republicar a coluna de Francis, porque os leitores se sentiam melindrados com o que ele escrevia, segundo o relato de Krause. Ele, atingido pessoalmente, era, no entanto, um fã, sendo que, no filme de Nelson Hoineff, absolve Francis das fustigadas.

Na polêmica mais famosa que Francis protagonizou, Paulo Autran tomou as dores de sua amiga Tônia Carrero, a quem o jornalista atacou em um artigo que era, segundo suas próprias palavras,

(...) sórdido, imperdoável, uma das mais pungentes vergonhas da minha vida, porque pessoal, mesquinho, deliberadamente cruel, sem que houvesse motivo. Na zonzeira em que vivia, no *Diário [Carioca]*, aceitei, inexplicavelmente para mim, até hoje, uma interpretação suburbana de um colega de uma brincadeira que Tônia Carrero fizera comigo na coluna de Antônio Maria, em *O Globo*. Ou seja, além de cachorro, me portei como um idiota.³⁶

O caso é que Tônia Carrero teria dito, em um debate na TV Tupi sobre crítica teatral, que Francis era “sexy”, palavra cujo significado foi colocado em dúvida por Antonio Maria. Para Maria, “sexy” seria um questionamento da masculinidade de Francis, que não gostou da provocação e revidou com o artigo “Tônia sem peruca”, publicado em 17 de outubro de 1958.

Vale a pena reproduzi-lo parcialmente, porque dá um tanto da dimensão do poder de fogo do autor, que, se o renegou mais tarde, não deixou de lhe conferir, em *O afeto que se encerra*, qualidade do “ponto de vista técnico”. Ao artigo:

(...) O máximo que fiz, até hoje, foi sugerir que Tônia Carrero é uma atrizinha como existem por aí às dúzias, um fantoche manipulado por Adolfo Celi. Estou no terreno pessoal. Poderia ter acrescentado que o prestígio de Tônia Carrero se deve à publicidade que se faz em torno de sua beleza que, atualmente, vive às custas da galvanização de salões de senhoras, pois o tempo passa e com ele, qualquer mulher bonita. (...) Assim, se não me satisfaço com o histrionismo primário de Tônia Carrero, apesar da minha enfermidade [Tônia Carrero havia declarado que Francis sofria do fígado], é porque ela é ruim mesmo.

Mais diante, e na mesma verve:

Diz, então, que sou muito ‘sexy’. Ora, este termo, quando empregado para homens nos botequins de luxo do Rio, é sinônimo de homossexual. Não sei onde Tônia colheu essa informação a meu respeito. Nunca dormimos juntos, a que eu me lembre, para que ela possa manifestar-se sobre a minha virilidade. (...). Em todo

³⁶ FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 126.

caso, trata-se de um mexerico. E mexerico por mexerico, o ‘dossier’ Tônia Carrero comporta muito mais do que o meu. O que sei sobre sua vida privada caberia num romance do tamanho de *As mulheres fatais*, de Cláudio de Souza, ou qualquer outro romance barato, com pretensões a respeitabilidade. Nunca usei esse material aqui, pois não me agrada esse tipo de literatura. Tônia talvez se interesse em saber que já me foram oferecidas cópias das fotos para que ela posou em trajes menores e posições provocantes, fotos que foram publicadas numa revista pornográfica americana, *Nugget*. Recusei a oferta, pelo motivo já alegado. E há muito mais: temos a história do imposto de transmissão que ela teria pago para ingressar na Cia. Cinematográfica Vera Cruz, uma história possivelmente mal contada, mas que é do conhecimento de qualquer aspirante a vaga-lume de teatro. E quanto à maneira como ascendeu ao estrelato no TBC, os fatos já são do domínio público.³⁷

O ensandecido vitupério continua, no mesmo tom agressivo e ofensivo, mais alguns parágrafos, reproduzidos por Moura. Francis declarou na década de 1990, em um programa *Roda Viva*, da TV Cultura, que um editor que honrasse o cargo teria guardado esse artigo e lhe mostrado no dia seguinte, quando, mais sereno, e após o ter relido, sem passionalidade, e o superior perguntado se gostaria de vê-lo realmente publicado, o teria rasgado. É interessante, seja como for, pensar que Francis não voltou a atingir esse grau de ultraje por escrito, pelo menos em um texto articulado e coeso (em comentários rápidos e textos curtos, pode-se responder sim), salvo, talvez, ainda que em grau menor, na crítica a ao jornalista Roberto Marinho, fundador das Organizações Globo, ao chamá-lo de “porcaria” e “esgoto” (a razão é que Francis teria aparecido em uma lista, dada à luz em *O Globo*, de Marinho, como um dos subversivos que deveriam ser trocados pelo embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, sequestrado em 1970 pela Ação Libertadora Nacional (ALN), o que era uma inverdade e que o deixaria mais frágil e visado pelos militares).³⁸

Em 1983, Caetano Veloso também se indispôs contra ele, depois de ter participado de uma entrevista feita com Mick Jagger que mereceu reparos por parte de Francis, em razão do suposto “amadorismo” das perguntas (o cantor Taiguara já havia apontado que Caetano havia ficado “gago” diante do ídolo inglês, ou seja, a admiração o tolhera como entrevistador). Jagger teria debochado de Caetano, na avaliação de Francis, o que custou uma briga pública entre os dois. Caetano, a partir de então, não deixou de lhe dirigir alfinetadas e provocações, como afirmar que Francis “é uma bicha amarga. Essas bonecas travadas são danadinhas”.³⁹

Por sua vez, Cerqueira Leite, outro desafeto, usou seu prestígio - além de professor na Unicamp, era membro do Conselho Editorial da *Folha de S. Paulo* - para rebatê-lo em pelo menos dois textos, dados à luz no próprio jornal em que atuava como colaborador (e que

³⁷ MOURA, George. *Paulo Francis - o soldado fanfarrão*, pp.75-77.

³⁸ Parte da polêmica - que saiu em *Pasquim* n° 80, de 14 de janeiro de 1971, sob o título “Um homem chamado porcaria” - é revisada por JORGE, Fernando. *Op. cit.*, pp. 47-48.

³⁹ GONÇALVES, Marcos Augusto (org.). *Pós-Tudo - 50 Anos de cultura na Ilustrada*, pp. 142-149.

publicava Francis). “O protecionismo e a dignidade do lobo” e “Um bufão em Nova York”, publicados respectivamente em 28 de outubro e em 13 de novembro de 1986, externavam o desconforto com opiniões emitidas por Francis, sobre investimentos estrangeiros, em que lhe contestava os dados, e Coutinho, em “Viva a Bahia”, publicado no *Jornal do Brasil* em 25 de janeiro de 1987, defendia aquele estado de uma afirmação como “não existe cultura na Bahia” (a observação de Francis foi reaproveitada no que em jornalismo se chama de “olho”, em tamanho maior do que a letra normal do texto de Coutinho, logo abaixo do título, para quem eventualmente não a tivesse lido no original). Não é o intuito desta dissertação desenvolver as argumentações de uns e outros exaustivamente, mas apenas deixar registrado que o conteúdo das crônicas e dos comentários de televisão gerava reações adversas nos leitores, nem sempre dispostos a aceitar a unilateralidade das opiniões - e controversas, hostis ou que soavam como tal - do jornalista. Francis tornou-se assim ele próprio sujeito aos ímpetos de quem se considerasse ofendido ou que comprasse briga em nome de si próprio ou de algum grupo por ele desagradado, o que, em alguns casos, como o dos selecionados a seguir, merecem detalhamento mais detido.

É o caso do jornalista Fernando Jorge, autor de perfis biográficos de Olavo Bilac e Getúlio Vargas e coautor de dicionários de sinônimos e antônimos, entre duas dezenas de obras. *Vida e obra do plagiário Paulo Francis - o mergulho da ignorância no poço da estupidez*, de Jorge, chegou às livrarias em novembro de 1996, pouco mais de um mês depois de aberto o processo da Petrobras contra Francis e menos de três meses antes de sua morte. É a mais copiosa e organizada coleção de diatribes contra ele, motivo pelo qual passa à dianteira de outros nomes que o confrontaram, como Caio Túlio Costa, Bernardo Kuscinski e José Guilherme Merquior, todos cronologicamente anteriores, que se pretende abordar em seguida.

O volume de *Vida e obra do plagiário Paulo Francis - o mergulho da ignorância no poço da estupidez* impressiona: são 502 páginas, em um livro de tamanho grande (15,5 X 22,8cm; o padrão habitual no Brasil é 14 X 21cm). Segundo declarou em entrevista a Nirlando Beirão, a publicação de tal projeto de fôlego foi uma vingança pessoal.

Tenho de confessar. Meu pai era descendente de árabes e certo dia apresentou-se a mim, velhinho, lágrimas nos olhos, ofendido com um artigo do Paulo Francis: ‘Você viu o que ele escreveu sobre os árabes? Disse que o *Alcorão* era um livro de autenticidade duvidosa e punha em questão a virgindade das nossas mulheres’. ‘Ah, é?’ - respondi. ‘Ele vai sentir na pele como podemos ser, os beduínos.’⁴⁰

⁴⁰ BEIRÃO, Nirlando. “Paulo Francis, o homem-bomba.” Revista Brasileiros n° 32, março de 2010. Disponível em <http://www.revistabrasileiros.com.br/edicoes/32/textos/899/>. Acesso em 15 de setembro de 2011.

À parte as motivações de Jorge, olhada no miúdo a pesquisa padece de ingenuidade, além de ser excessiva - quando não francamente lança mão de má-fé - nas diretrizes que tomou. Se deixa a desejar, contudo, é verdade que muitas das críticas quais são verdadeiras e dignas de crédito. Jorge é meticoloso e leu centenas de páginas de Francis, anotou-o com elogiável persistência e busca combatê-lo tendo base mais real do que o ódio que o levou à arena de luta.

Tomemos alguns pontos. O equívoco mais famoso de Francis é lembrado por Jorge: ele afirmou que o almirante Isoroku Yamamoto, responsável pelos planos de ataque à baía de Pearl Harbor, durante a Segunda Guerra Mundial, havia comparecido à estreia do filme *Tora! Tora! Tora!* (1970), de Richard Fleischer e Kinji Fukasaku. Na verdade, Yamamoto havia morrido na queda do avião em que viajava, em 1943, interceptado por forças norte-americanas nas Ilhas Salomão. Informa Jorge que quem esteve presente à estreia foi o capitão-de-corveta Minoru Genda, este sim participante do ataque à Pearl Harbor. O engano - que se tornou lendário no meio jornalístico, até como gíria para designar um tropeço de grandes dimensões - saiu na edição 90 do *Pasquim*, de 25 de março de 1971, sob o título “Quem levou a tora”.⁴¹

Outros erros, como de datas trocadas, citações arrevesadas e duas peças teatrais que se transformaram em uma, são retificadas por Jorge. Na profusão de citações que Francis fazia em suas crônicas, as trocas e omissões eram abundantes, agravadas porque ele costumava citar de cabeça, portanto aproximativamente (ele já havia alegado, em uma crônica, “preguiça” em conferir se a informação que dava era como a memória a retinha). Francis, de fato, exhibe problemas às dezenas. Neste aspecto, o livro de Jorge é de extrema relevância, por detectá-los, a muitos deles, apontá-los e corrigi-los, mas, mais importante, por trazê-los à tona e abrir, assim, um debate necessário - qual o limite para o desleixo de citar de memória e, em decorrência disso, ser inexato? Qual o limite para chutar dados ou usar frases de outrem, como se fossem suas?

Quanto aos supostos plágios, é uma questão delicada. Para Jorge, plágio é qualquer citação sem aspas. Portanto,

espero Victor consumindo as colunas sociais em que todas as personagens, como as do nascimento de Cristo, estão sempre onde devem estar, e grato *a deus e ao diabo na terra do sol* que até agora ninguém me perguntou se vai tudo bem neste vilarejo, ou sucessão de vilarejos, em que vivo, em que nossos ancestrais iam às praças em retreta e nos evoluímos às praias e bares, e nos esfregamos demais, a rimos demais,

⁴¹ JORGE, Fernando. *Op. cit.*, p. 50.

reclamamos demais do trivial e do externo, impedindo o silêncio sobre nós mesmos, nossa linguagem verdadeira,

retirado de *Cabeça de papel*⁴², como quer Jorge, plagiaria, no trecho grifado, o filme *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha. Da mesma forma, seriam plágios “Matamos o tempo e o tempo nos enterra”, contido no prefácio a *Waaal*⁴³, conhecida síntese de Machado de Assis que aparece no capítulo CXIX de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. As duas, de acordo com Jorge, deveriam estar entre aspas, com o devido crédito dos autores, para que o leitor não as supusesse da lavra de Francis.

O mesmo aconteceria com o enredo de *Crime e castigo*, de Dostoiévski, que teria sido utilizado no seguinte comentário:

(...) Vou escrever um romance em que um estudante pobre resolve matar uma velha avarenta, raciocinando que o dinheiro dela poderia ser melhor aplicado nele. Aí, sabe, quando ele mata ela, tem de matar outra pessoa também, inesperadamente. Aí, sabe, começa o drama de consciência do rapaz. Bem, não vou contar o final porque senão estraga tudo.⁴⁴

Jorge, ingenuamente, vê na apropriação da história de Dostoiévski - conhecida mesmo por gente que não a leu, tamanha sua divulgação - “descaramento” e “plágio”.

Ele se apressa em explicar, quase didaticamente, que tal livro já existia, como se ao leitor hipotético que tinha em mira Francis escapasse a referência (sem falar no humor contido na passagem, óbvio a quem a lê; era um livro bastante referido por Francis, uma influência decisiva que nunca deixou de apontar, e, portanto, ele confiava nesse leitor informado que entendesse a alusão). Na mesma batida vão “Em casa, tomo um fósforo, acendo meu cigarro, o beijo, amigo, é a véspera do escarro”, nas palavras de Jorge, “plágio cínico, despuadorado” do soneto *Versos íntimos*, de Augusto dos Anjos, e “rapinagem” o uso de *Trinta anos esta noite* para servir a um dos livros de Francis, retirado do título em português do filme *Le feu follet*, de Louis Malle.⁴⁵ E por aí vai.

Nos casos em questão, são frases ou expressões bastante propagadas, publicadas por alguém que tinha em vista um leitor de razoável cultura e informação, logo, sem a premência de se explicá-las ou dar-lhes sempre a origem. Francis se dirigia a um leitor hipotético que

⁴² FRANCIS, Paulo. *Cabeça de papel*, p. 15. Como os demais romances, novelas, ensaios e memórias, utilizou-se sempre a primeira edição.

⁴³ PIZA, Daniel (org.). *Waaal - O dicionário da corte de Paulo Francis*, p. 7.

⁴⁴ JORGE, Fernando. *Op.cit.*, pp. 135-136. A citação integra um texto publicado no *Pasquim*, em 2 de fevereiro de 1972, intitulado “Vale a pena proteger o consumidor?”, recuperado e comentado por Jorge.

⁴⁵ JORGE, Fernando. *Op.cit.*, pp. 137 e 143.

compreenderia as citações, os temas, o caldo cultural no qual se criou. Era um diálogo de alusões, de subentendidos (e certamente um dos prazeres de se ler seus textos). Contudo, entre frases e expressões fáceis de se detectar e atribuir filiação, havia, por certo, outras, inseridas em seu texto, nem sempre de paternidade tão cristalina. É o caso de “Bebo para tornar as outras pessoas interessantes”. A frase foi entendida como de Francis por muitos leitores, uma vez que ele a usava com assiduidade - sem as tais aspas cobradas por Jorge. “Durante anos escrevi que bebo para tornar os outros interessantes. Foi dito pelo crítico teatral George Jean Nathan, mas a frase me é invariavelmente atribuída”, assinou Francis, em um fragmento transcrito por Jorge. A correção teria acontecido porque outra dessas sentenças modelares recebera aplausos, mas Francis os direcionava ao real criador. “Waal. Dou a fonte porque sofri alguns encabulamentos com elogios recentemente. Me cumprimentaram por escrever ‘tudo na guerra é muito simples. Mas o simples, na guerra, é muito difícil’. Agradei, mas devolvi a autoria a Clausewitz.”⁴⁶

Há, claro, vulnerabilidades na órbita do indefensável, como Ruy Castro conferir a Francis a autoria da frase “O nacionalismo é uma doença infantil. É o sarampo da humanidade”. Quem a proferiu foi o físico Albert Einstein, em *O mundo como o vejo*, como se vê no *Dicionário universal de citações*.⁴⁷ É suficiente para dar uma ideia da complexidade dos ditos “plágios”, tópico a respeito do qual Jorge se debruça em dezenas de páginas, com exemplos e correções. O tom acusatório, porém, o faz incorrer em momentos patéticos, como quando dedica poemas - ! - ao indigitado.

Mister Paul Francis Plagiarist,/ distinto membro da família Copyist,/ quando repousa as nádegas para plagiar,/ come baste alpiste/ e engole um pouco de caviar,/ enquanto seu gato Bundeca/ mija numa caneca,/ antes de tirar uma soneca, de cueca.// O vaidoso plagiador berra,/ a fim de ser ouvido até na Inglaterra:/ “Os meus plágios são a tiririca/ do nosso jornalismo!/ Eles se mostram famintos como na jaguaritica/ e feios como o estrabismo, o alcoolismo/ e o reumatismo!”// Louvemos sempre,/ mas sem estar com o dedo em riste,/ o ilustre Mister Paul Francis Plagiarist!/ Um hino à sua tiririca,/ mais forte do que uma batida de cuíca!/ Mil homenagens à sua arte de plagiar,/ que tem um riso alvar/ uma sutileza cavalariça,/ a saúde de um mulher gorda/ que sabe peidar!⁴⁸

Olavo de Carvalho, em crítica ao livro de Jorge, chama a atenção para o quanto os defeitos que o imputador percebe no imputado também lhe podem ser dirigidos. Como, por exemplo, no trecho em que Francis afirma que “não há país rico quente”. Lembra Carvalho

⁴⁶ JORGE, Fernando. *Op. cit.*, p. 131. A citação está no “Diário da corte”, publicado em *O Estado de S. Paulo* em 03/03/1991.

⁴⁷ RÓNAI, Paulo. *Dicionário universal de citações*, p. 671. Ver CASTRO, Ruy. *O poder de mau humor*, p. 119.

⁴⁸ JORGE, Fernando. *Op. cit.*, pp. 174-175. Na p. 136, Jorge o chama de “Fudegundes Merdóca Bolostreca”!

que qualquer leitor habitual de Francis entendia o que ele queria dizer com a declaração, ou seja, que por “país rico” estava subentendido um país com PIB de Primeiro Mundo e com um bom nível para a população de forma geral, o que excluiria África do Sul e Omã, os exemplos que Jorge traz à baila para desdizer Francis.

(...) Jorge mente duas vezes: ao fingir que não sabe disso e ao ocultar do público que o rico Omã tem uma população de mais de 50 por cento de analfabetos, a próspera Arábia Saudita quase 40 por cento, e o opulento Catar tem pouco mais de um por cento de sua população nas escolas superiores - indicadores mais do que suficientes para colocar esses países a léguas do Primeiro Mundo.⁴⁹

Sobre os erros, ainda: o próprio Francis não se esquivava de muitos deles, como assumiu em uma das crônicas. “Alguém está corrigindo meus erros na *Ilustrada*. Obrigado. Cometo erros praca. Mas a perfeição nem sempre é uma virtude.”⁵⁰

A pecha de traidor, esquerdista convertido em direitista e variações em torno disso são outros dos tantos “crimes” que recaem sobre Francis. Parece ponto pacífico o quanto muitas de suas opiniões se tornaram mais conservadoras, as acusações mais veementes e arbitrárias e a capacidade analítica do mundo - e em especial do Brasil, suas instituições e pessoas - embaçada, nas lonjuras de Nova York, à sombra da posição confortável que ele desfrutava. Vale, de todo modo, olhar um pouco para essas acusações, por meio de dois colegas de ofício e professores universitários, Bernardo Kucinski e Caio Túlio Costa. Kucinski, profissional que trabalhou na área econômica, também alude aos erros de português, às trocas de datas e nomes e que Francis “(...) principalmente, insistia em insultar pessoas de modo vil, tanto por escrito quanto na televisão”. Continua ele: “O que os leitores viam nesse jornalista que desprezava as regras elementares da decência? Além do sucesso de público, o que mais explica que textos de tão baixo nível estilístico e ético, tão antijornalísticos, tenham sido aquinhoados com espaços tão grandes em jornais respeitáveis, como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*?”⁵¹ A resposta quem arrisca é o próprio Kucinski, ao propor que por trás dessa aceitação haveria um “método Paulo Francis”, depois de considerar que a confiabilidade pouco interessava para o tipo de jornalismo que seu estudado praticava.

Paulo Francis inventou um método, que tinha como tática principal atacar personalidades em princípio inatacáveis - provocando tamanha surpresa entre os leitores, que se seguia animada reação em todas as rodinhas, tornando o próprio Francis assunto obrigatório, ponto de referência das rodas de conversa de

⁴⁹ CARVALHO, Olavo de. “Galo de Bigodes”, p. 478.

⁵⁰ FRANCIS, Paulo. “Diário da corte”. In *Ilustrada*, Folha de S. Paulo, quinta-feira 1º de outubro de 1987, A-50.

⁵¹ KUCINSKI, Bernardo. “O método Paulo Francis”, p. 276.

intelectuais e jornalistas. Nesse processo, também inovou sua linguagem, que já era coloquial. (...) Apesar de muitos tentarem, ninguém conseguiu superar Paulo Francis porque ninguém ousou levar tão longe sua falta de escrúpulos, na arte de injuriar, difamar e caluniar,

Hostilidade de lado, uma afirmação como a que vem a seguir é interessante para se pensar o funcionamento da cabeça de Francis: “Nos seus textos encontram-se dezenas de ataques, aos mais diferentes personagens ou ideias, no espaço de apenas uma página. O ataque é constitutivo da estrutura de pensamento de Paulo Francis. Ele não conseguia pensar sem ser na forma de um ataque.”⁵² Talvez não necessariamente na forma de um ataque, como quer Kucinski, mas sim seja útil pensar que a estrutura de pensamento do jornalista Francis - e vai se notar isso igualmente no narrador ficcional - está constituída sobre um pensar incessante sobre tudo e todos, emitindo juízos, quase não deixando o leitor respirar, em uma sucessão de julgamentos e avaliações. De volta ao “método Paulo Francis”: para Kucinski, tal método prescindiria da cuidadosa pesquisa e da checagem dos fatos. “É um jornalismo adjetivador e ideológico. No limite, por excesso de generalizações e falta de paciência para uma hierarquização adequada das ideias e dos fatos, torna-se preconceituoso”. É importante aclarar que, por “jornalismo ideologizado”, Kucinski entende um tipo de jornalismo que dispensa reportagem e que “(...) é bom para os períodos de crise política aguda, quando é preciso desqualificar as oposições, fazer guerra ideológica e, ao mesmo tempo, escamotear os fatos da crise.”⁵³

Em tempo: Francis era, no mais das vezes, um articulista, não um repórter. Espera-se, no caso de um articulista, o comentário, muito mais do que a reportagem. O comentário, conforme José Marques de Melo, é relativamente recente no Brasil (1950), sendo oriundo do jornalismo norte-americano, país onde seus cultores eram chamados de *opinion-makers*. Criados com a necessidade de se romper com a opinião expressa nos editoriais, esses jornalistas vinham em socorro do leitor desejoso a receber orientação para além da notícia “fria”. “O comentarista é geralmente um jornalista com grande experiência e tirocínio (...). Trata-se de um observador privilegiado, que tem condições para descobrir certas tramas que envolvem os acontecimentos e oferecê-los à compreensão do público.”⁵⁴ Embora o qualifique de “gênio” e “quase-gênio”, Kucinski enaltece apenas o Francis autor de 1.236 críticas do *Diário Carioca* e o colaborador do *Pasquim*.⁵⁵

⁵² KUCINSKI, Bernardo. *Op. cit.*, p. 277.

⁵³ KUCINSKI, Bernardo. *Op. cit.*, p. 278.

⁵⁴ Ver MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*, p. 105.

⁵⁵ KUCINSKI, Bernardo. *Op. cit.*, pp. 281-282.

Rumoroso foi o embate que se estabeleceu entre Francis e Caio Túlio Costa, então *ombudsman* - espécie de crítico interno do jornal - da *Folha de S. Paulo*, onde os dois trabalhavam, Francis como colaborador dos primeiros cadernos (responsáveis por matérias de economia, política, etc.) e a *Ilustrada* (o caderno de artes e espetáculos, que acolhia sua coluna fixa). Em 1989, a função de *ombudsman* era novidade no Brasil e coube a Costa, amigo de Francis, a tarefa de implementá-la no maior jornal do país. As reclamações dos leitores, em grande número, eram também motivadas por ser aquele um ano de eleições diretas para a presidência da República (na primeira eleição depois de 1960), e um dos candidatos, Luiz Inácio Lula da Silva, ser uma mira destacada para a “metralhadora giratória” de Francis.

Iniciava-se, assim, o longo processo de desgaste de Francis, que culminaria com sua saída da *Folha* e ida para o *O Estado de S. Paulo*, jornal de perfil mais conservador, em fins de 1990. “Expliquei em minha coluna de domingo existir diferença sutil entre o Francis dos primeiros cadernos e o da *Ilustrada* (...). Ali ele tinha coluna de uma página inteira, duas vezes por semana, coisa única na imprensa brasileira”, recordou Costa.⁵⁶ E relembra o artigo que escreveu na época, em que o defende:

Ele conquistou este espaço por força de suas ideias e de um texto tonitruante. Francis é talvez o único jornalista brasileiro sobre o qual todos os leitores têm uma opinião. A favor ou contra, mas uma opinião. Mesmo quem o detesta o lê. Recebi telefonemas de leitores sugerindo que a *Folha* deixe de publicá-lo, atendi delegação de negros pedindo que a *Folha* censure suas afirmações preconceituosas. Para fazer esses pedidos é necessário lê-lo. (...) Não se deve cobrar jornalismo neste tipo de artigo que o Francis faz. Ali ele é mais o Francis ficcionista, o cronista dos tempos. Diz besteira e coisas sábias. Escreve o que muitos pensam e não ousam falar em voz alta. É preconceituoso, vulgar, chuta alguns dados, é o Paulo Francis de sempre - irreverente e destemido. (...) Francis não tem compromisso com ninguém, a não ser com sua cabeça, cuja memória e capacidade de reflexão poucos brasileiros possuem igual.⁵⁷

A contenda segue por novas cenas de pugilato de lado a lado, até o basta da direção da *Folha*, que deu a um e outro espaço para um último texto, a fim de encerrar uma controvérsia que respingava no jornal e não prometia desdobramentos pacíficos. Costa aponta problemas em citações, dados, português... os velhos calcanhares-de-aquiles de Francis, para os quais outros inimigos assestariam suas baterias. Prossegue ele, em outro momento:

⁵⁶ COSTA, Caio Túlio. “O salmão e a sardinha”, p. 115.

⁵⁷ COSTA, Caio Túlio. *Op. cit.*, pp.115-116.

Suas crônicas (tudo o que ele escreve é crônica, não pode ser absorvido como análise ou notícia) valem o quanto vale um jornal nas suas poucas horas de vida. (...) Talvez daqui a cinquenta anos, cem anos, descubram algum outro valor neste amontoado de chutes misturados a opiniões quase sempre geniais. Mas, por enquanto, ele é diversão de jornal.

Alguns parágrafos adiante, Costa lança mão do “bater elogiando” em “Realmente, se ele realizasse ligeira releitura de seus artigos antes de publicá-los, se checasse dados, se verificasse a realidade para não deformá-la, seus textos seriam outra coisa. Jornalismo, quem sabe. Imbatíveis, talvez”,⁵⁸ avalia o *ombudsman*.

É em geral o jornalista que recebe críticas e, de vez em quando, sobra algum reparo ao ficcionista (Fernando Jorge, por exemplo, que diz dos romances serem fracassados, o que as vendagens desmentem). Ocasionalmente os julgamentos mencionavam algum romance, mas, sobretudo, o Francis que lhes importava era o de jornal ou, menos, o de televisão. Davi Arrigucci Jr. repassou o ficcionista estreante - de *Cabeça de papel*, pois os demais ainda não haviam sido publicados - em um bate-papo que manteve com Carlos Vogt, Flávio Aguiar, Lúcia Teixeira Wisnik e João Luiz Lafetá, todos professores universitários da área de Letras, antes da década de 1970 terminar. Ainda que alguma tentativa de interpretação tenha ficado para o capítulo a seguir, é proveitoso avançar um pouco na argumentação do grupo encabeçado por Arrigucci. Sem se apresentar como uma leitura acabada, realizada em detalhe, eles medem Francis com seus pares, com quem produzia naqueles anos e sob condições históricas e direcionamentos em algum grau aparentados - e nesse “brainstorming” que é a leitura individual dos participantes muitas ideias frutíferas e nem sempre desenvolvidas ao limite tendem a se revelar ricas.

O tema que lhes ocupava era a ficção brasileira contemporânea, ou seja, dos anos 1970, especificamente de romances surgidos nos últimos anos (além de *Cabeça de papel*, são comentados, entre outros, *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia*, de José Louzeiro, *Reflexos do baile*, de Antonio Callado, *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, *Quatro-olhos*, de Renato Pompeu e *A festa*, de Ivan Ângelo, todos que mexiam com uma matéria comum, os “anos de chumbo”, cada um dentro de coordenadas pessoais e com suas particularidades, mas sempre em torno do que o regime militar - instalado há cerca de 15 anos no país, portanto com um razoável lastro de tempo - tinha causado na vida dos brasileiros). O próprio Arrigucci, que conduz a conversa, destaca o caráter provisório das observações que faz. Já, como declaração

⁵⁸ COSTA, Caio Túlio. *Op. cit.*, p. 119.

de princípio, deixa claro: “(...) Não queria falar nem escrever sobre isso porque ainda não está bem pensado, não está pronto.”⁵⁹

Para esses professores e críticos, a literatura em foco tinha como característica primordial uma preocupação mimética, realista, e com sentido acentuado de valor documental. É o que aponta Arrigucci, que menciona *Lúcio Flávio, Reflexos do baile e Cabeça de papel* - não é dispensável informar que os três autores são jornalistas de profissão e que trazem para a ficção, em graus diversos, técnicas do jornalismo, no caso de Louzeiro o romance-reportagem e em Callado, a colagem (em outro ensaio de *Outros achados e perdidos*, sobre *Reflexos no baile*, Arrigucci elenca uma série de eventos - por exemplo, uma enchente que teria paralisado o Rio de Janeiro em 1967 e uma visita que a rainha da Inglaterra teria feito ao Brasil em 1968 - que caberiam à perfeição em um jornal, acostumado a acolher o variado, como um mosaico em que a realidade é disposta de forma fragmentária e com vistas a uma imediatez).⁶⁰

Esse diálogo com o jornalismo não é específico de jornalistas de formação ou ofício, o que foi bem detectado por outra estudiosa de 1964 na ficção brasileira, Regina Dalcastagnè. Em sua pesquisa sobre os romances vindos à luz nos anos 1970, Francis está fora do rol de eleitos, mas o que se diz sobre os demais o encamparia praticamente sem retoques:

Quase toda a literatura contemporânea está impregnada por essa influência [do jornalismo]. Aqui, onde os gêneros públicos tiveram uma importância decisiva na formação de intelectuais combativos e participantes, esse fenômeno é ainda mais marcante; podemos observá-lo na prosa de alguns dos nossos maiores escritores, seja utilizando o jornalismo como tema, seja mergulhando em sua estrutura interna, em seu linguajar próprio, sua simplicidade e clareza.⁶¹

Pois, nutrido de técnicas jornalísticas, *Cabeça de papel*, nas palavras de Arrigucci, contém elementos memorialísticos, uma pretensão proustiana, porque romance e ficção se mesclariam para formar uma espécie de “autobiografia imaginária”. Na verdade, para Arrigucci, o que há é uma “quebra” do gênero romance, na medida em que, híbrido, combina outros constituintes, a começar pela análise, pelo aspecto reflexivo, em que no “atropelo” em que foi concebido - a imagem é de Vogt - fala-se de tudo, vai-se da crítica literária ao ensaio

⁵⁹ ARRIGUCCI JR., Davi. “Jornal, realismo, alegoria: O romance brasileiro recente”, p. 77. O texto é transcrição de um diálogo, uma saída honrosa para o caráter provisório do que é ventilado. Muitas considerações, contudo, ainda hoje parecem ter validade, são úteis para se olhar para o período, os romances produzidos, a relação entre jornalismo e literatura.

⁶⁰ ARRIGUCCI JR., Davi. “O baile das trevas e das águas”, pp. 58-59.

⁶¹ DALCASTAGNÈ, Regina. *O espaço da dor*, p. 46. Esse caráter documental aparece também em SILVERMAN, Malcolm. *Protesto e o novo romance brasileiro*, p. 13.

político (“Certamente, depois da Clarice Lispector, eu acho que não apareceu nenhum tipo de pretensão de falar coisas importantes no romance como no Paulo Francis. Não é?”), indaga Arrigucci). O encerramento de *Cabeça de papel* é “frágil” para Arrigucci, avaliação, a meu ver, precisa:

(...) Paulo Hesse ser um espião da CIA, e tal, é um esquema meio puxado pelos cabelos, numa certa altura. O final do livro é extremamente abrupto, e não combina bem com a distensão que tem que ter o romance de análise, a confissão analítica. Uma das características básicas do tipo de coisa que ele pretendeu fazer é um hausto longo, analítico, que aliás está na frase dele também.⁶²

Dentre os que se ocuparam com sua novelística, Merquior seja o mais conceituado dos críticos. Polemista, seus textos - muitos dos quais publicados em jornais e revistas antes de encontrar a letra impressa do livro - dialogaram com o que se fazia na Europa e nos Estados Unidos (ele escreveu, entre outros, volumes pioneiros em língua portuguesa de interpretação da obra de Claude Lévi-Strauss, sobre a Escola de Frankfurt e o Estruturalismo, execrou ícones intelectuais como Michel Foucault e tratou de gente quase desconhecida entre os brasileiros, como Elias Canetti e Robert Musil). Merquior, depois de elogiar o lançamento de um livro como *Achados e perdidos* (na republicação, aumentada, vinte anos depois, chamou-se *Outros achados e perdidos*), de Arrigucci, desandou a lançar uma saraivada de insultos incompatível com sua classe e erudição:

(...) Canastrão do articulismo nacional (do articulismo e não do ensaísmo: ele não tem a a menor idéia do que seja ensaio), espécie de intelectual para intelectualoides, Francis vive injuriando o que ele não tem condições de compreender, e escrevinha com uma teutônica sem-gracice, que não lhe consente sequer a estética do insulto - quanto mais chegar à sola dos pés da cultura, da sensibilidade, em suma, da validade dos que ele tenta atingir [gente como Roberto Schwarz, Antonio Candido e o próprio Arrigucci, a quem Francis teria insultado ‘com ataques pessoais da maior grossura’].⁶³

Em outro artigo, mesmo sem dar por terminada a leitura de *Cabeça de papel*, ele lança um olhar avaliativo sobre a produção dos meses precedentes:

Ao mesmo tempo, há em quase todos esses textos [*Três mulheres de três ppês*, de Paulo Emílio Salles Gomes, *Quatro-olhos*, de Renato Pompeu] uma qualidade artística que não encontro, em evidência, em *Cabeça de papel*, de Paulo Francis, romance, é verdade, que ainda não terminei de ler (como, aliás, não li, não por

⁶² ARRIGUCCI JR., Davi. “Jornal, realismo, alegoria: O romance brasileiro recente”, p. 79.

⁶³ MERQUIOR, José Guilherme. “Crítico à vista”, p. 332. É curioso que Merquior faça justamente o que acusa Francis, seja grosseiro e bata no adversário com as armas que pretende refutar.

deliberação, mas por pura falta dos livros e de tempo - o *Zero*, de Loyola Brandão, o *Bar Don Juan*, de Callado, ou esse decantado *Galvez, imperador do Acre*).⁶⁴ Não consta que Merquior tenha escrito novamente sobre Francis.⁶⁵

O intuito de tal “memorabilia” foi mapear certa má vontade. Outros críticos - Alceu Amoroso Lima e Franklin de Oliveira entre os quais, da “velha guarda”, e José Onofre, da “nova guarda”, este último considerado por Francis seu exegeta de maior acuidade, ou seja, em um texto longo teria compreendido o que ele quisera fazer com *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* - o leram e elogiaram sua ficção (às vezes com reparos, é preciso apontar, e não pequenos, como o fez Wilson Martins, que viu nos dois romances ambiguidade, um narrador problemático - clarividente, pois narra episódios dos quais não participou, como se o tivesse feito - , esquematização e, em *Filhas do segundo sexo*, convencionalismo. Para Martins, Francis se alinha à turma dos moralistas, pelo menos em *Filhas do Segundo sexo*.⁶⁶ Amoroso Lima exalta a inteligência de Francis, embora entenda que não houve a “entrega” de um Jorge Amado. A carpintaria, a elaboração de *Cabeça de papel* salta-lhe à sensibilidade. “No caso do Paulo Francis, tenho a impressão de que ele não tirou os andaimes. É um romance de quem sabe demais a técnica. Sabe, mas não se entrega”, ressaltou.⁶⁷ Para Franklin de Oliveira, Francis “alargou” as fronteiras do romance brasileiro, ao “desmontar o mundo dos expropriadores”. “O seu universo é o das classes sociais cavadas na exploração humana”, percebeu. Maestria e complexidade seriam outros aspectos louváveis da ficção (dos romances *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*, embora sua resenha contemple este último), segundo o crítico, que vê uma função “pedagógica” na criação de Francis: “Pela primeira vez um romance brasileiro ensina aos oprimidos de onde vem a opressão.”⁶⁸

Onofre ganhou destaque ao escrever sobre os dois romances logo após o surgimento do segundo livro, em crítica reaproveitada quando do relançamento de *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* pela W11 (fracionada, foi usada como prefácio para os dois, procedimento

⁶⁴ MERQUIOR, José Guilherme. “Com a imaginação da liberdade”, p. 335.

⁶⁵ Paulo Eduardo Nogueira conta que a bronca que Francis tinha de Merquior nasceu de uma conversa que os dois tinham tido, quando Francis era diretor da revista *Senhor* e Merquior um jovem crítico. Merquior teria dito ao interlocutor que a poesia de Manuel Bandeira não era importante, ao que Francis teria lhe encomendado um artigo em que analisasse a produção literária do poeta pernambucano, bastante elogiada. Merquior teria se esquivado, porque frequentava a casa do poeta de *A cinza das horas* para um chá semanal e não queria ferir suscetibilidades. Desde então Francis não teria se furtado a censurar a “desonestidade” intelectual de Merquior, que podia assumir determinada opinião a um conhecido com quem não tivesse intimidade - ele, Francis - e não assumi-la em público. Ver NOGUEIRA, Paulo Eduardo. *Paulo Francis - Polemista profissional*, pp.73-74.

⁶⁶ MARTINS, Wilson. “Romance de intelectual”, p. 119, e “A biblioteca ideal”, p. 189.

⁶⁷ AMOROSO LIMA, Alceu. *Memorando dos 90*, p. 215.

⁶⁸ OLIVEIRA, Franklin de. “Cabeça de negro”, p. 60. Em outro texto, Oliveira fala em “literatura de acusação”, expressão que serviria para definir as obras dos grandes ficcionistas russos e escandinavos do século XIX, e o que Francis teria alcançado com seus romances, o jornalismo e a autobiografia. Ver OLIVEIRA, Franklin de. “O estouro da memorialística brasileira”, p. 13.

estranho e pouco usual, se pensarmos que o original datava de vinte anos passados, e carregava, quase forçosamente, envelhecimento - algo que uma nova investigação poderia resolver, sob a luz de outros tempos, avaliando os romances como matéria histórica que eram, documentos de um tempo não distante). As sugestões de leitura de Onofre são muito fecundas, a começar pelo fato de que o narrador Hugo Mann conta ou é delírio ou é verdade - e aí os delirantes seríamos nós. Há sempre uma outra realidade na ficção de Francis, nada é o que parece (por exemplo, CIA e KGB no cotidiano mais banal, em *Cabeça de negro*, ou a miséria cobrando pedágio em *Cabeça de negro*; avançando um tanto, a dominação masculina, não captada pelas mulheres, em *Filhas do segundo sexo*, e o aprendizado do afeto verdadeiro, em *Carne viva*). Depositário de uma “cultura em dissolução”, é como se a palavra de Mann - verborrágica, torrencial - resultasse inútil, porque o mundo abdicou dela (“O mundo e as pessoas se movem na direção que bem desejam, apesar dos acenos desesperados de um intelectual que percebeu o abismo. O que parece o elogio da palavra, do discurso, da argumentação, é o seu funeral”, sumariza Onofre). Resta que as ambições intelectuais do narrador são “(...) ambiciosas quase à demência, e improdutivas quase à inação.”⁶⁹

⁶⁹ ONOFRE, José. “As duas cabeças dos romances de Francis”, respectivamente pp. 254 e 261.

3 ROMANCE DE IDEIAS, IDEIAS NO ROMANCE

Já vai longe o tempo em que o número de romances publicados anualmente podia ser contado em duas mãos, como na Inglaterra de Samuel Richardson (1689-1761), autor de *Pamela* e *Clarissa*, e Henry Fielding (1707-1754), autor de *Tom Jones*. “A produção anual de obras de ficção, que entre 1700 e 1740 girava em torno de sete, subiu para uma média de cerca de vinte nas três décadas posteriores a 1740 e esse número duplicou-se no período compreendido entre 1770 e 1800”, registra Ian Watt em seu estudo sobre o gênero.⁷⁰ Se não era numeroso em títulos circulantes há três séculos, tampouco era prestigioso - naquele momento, escritores como Fielding procuraram forjar uma identidade que desse ao nascente romance uma autoridade que este precisava conquistar para adquirir certo *pedigree*, o que foi tentado por meio de uma aproximação com a epopeia, um gênero, para todos os efeitos, mais nobre.⁷¹ Consolidado através das décadas e séculos seguintes, o romance parece ter se livrado da origem “espúria” e passou à frente na preferência do público leitor, sendo, ainda hoje, um gênero que desfruta de prestígio e tem alto índice de leitura - basta ver as tiragens excelentes que alguns alcançam, coisa que gêneros como a poesia e o conto em geral não obtêm.⁷²

Discutir o ocaso do romance é tão inútil quando acreditá-lo superado, em vias de extinção - foi o que se apregooou quando do aparecimento do cinema, em relação ao rádio, ou a televisão, em relação a ambos. Estão, como se sabe, todos vivos. No tocante ao romance, a profusão de ofertas em uma livraria parece demonstrar, ao contrário, que houve um fracionamento em múltiplos subgêneros, que igualmente se ramificaram em vertentes aparentemente sem fim. É o caso, por exemplo, do romance policial, que evoluiu, *grosso modo*, da descrição de um enigma que pedia resolução, em histórias de Arthur Conan Doyle (1859-1930) e Agatha Christie (1890-1976), da escola inglesa, para narrativas em que o enigma é apenas um aspecto da construção narrativa, como em Raymond Chandler (1888-1959) e James Ellroy (1948-), da escola norte-americana ou *noir*. Nas obras destes últimos

⁷⁰ WATT, Ian. *A ascensão do romance*, p. 252.

⁷¹ WATT, Ian. *Op. cit.*, p. 224.

⁷² Ainda que os números não sejam precisos quanto à publicação de romances no mundo inteiro, a verdade é que o volume de livros - de forma geral - editados beira o astronômico. Como ilustração, segundo Gabriel Zaid, no começo do século XXI nossa grafomania produz cerca de 1 milhão de títulos ao ano. Segundo os dados que oferece em seu estudo, a bibliografia acumulada em 1550 era de 35 mil volumes, nível que em 2000 atingiu 52 milhões de volumes. Ver ZAID, Gabriel. *Livros demais!*, p. 21. No Brasil o panorama não se altera, como se pode observar na introdução ao livro de Zaid feita por Felipe Lindoso. Nela se lê que uma pesquisa levada a cabo pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) aponta para quase 400 mil títulos publicados entre 1994 e 2000. O que interessa é que parcela deste total é de ficção, em boa parte do gênero romance, cujo lugar é garantido no gosto médio do público consumidor. Ver LINDOSO, Felipe. “Livros demais no Brasil”, p. 10. Para ficar em um só ano, em 2002 foram editados cerca de 40 mil títulos, entre primeiras edições e reedições, como apontado em outro estudo. Ver LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores?*, p. 37.

pode-se entrever o processo de industrialização da sociedade norte-americana, a violência decorrente do crime organizado, um desenvolvimento, enfim, que interessa pelo todo, mais do que pela resolução de uma charada pontual.⁷³

É a complexidade do romance - suas quase infinitas imbricações - o que nos interessa, ou, para ficar com as palavras de Mario Vargas Llosa, o “conhecimento totalizador”⁷⁴ que o romance é capaz de atingir. A argumentação desenvolvida pelo escritor peruano vai na direção de que só se encontra no romance esse aspecto integral, uma vez que outras disciplinas sucumbiram à fragmentação do conhecimento e à especialização. É também o caminho que outros escritores do século passado usaram para entender a arte romanesca, seja Ernesto Sabato em um aforismo cujos significados destrinchou em entrevista posterior (“Ensaio e romance - o diurno e o noturno”, resumiu)⁷⁵ ou Milan Kundera (“É nesse sentido que compreendo e compartilho a obstinação com que Hermann Broch repetia: descobrir o que somente um romance pode descobrir é a única razão de ser de um romance”).⁷⁶ Ambos romancistas e ensaístas, é como se fizessem parte daquela estirpe de intelectuais representada prototipicamente por Jean-Paul Sartre, chamada da opinar sobre acontecimentos variados do nosso tempo, sejam eles banais ou decisivos - de uma revolta estudantil à eclosão de uma guerra, de uma declaração do presidente da República ao regime político de determinado país (como se fosse imperioso ao escritor do século XX “acumular funções”). Um herói sobretudo moderno, que sai de sua área de atuação fortalecido por uma autoridade adquirida em outra parte e parece pensar sobre tudo.⁷⁷

⁷³ CASTRO, Ruy. *Saudades do século 20*. Os capítulos sobre Dashiell Hammett e Raymond Chandler são instrutivos a esse respeito, bem como, no conjunto, MEDEIROS e ALBUQUERQUE, Paulo. *O mundo emocionante do romance policial*.

⁷⁴ VARGAS LLOSA, Mario. “É possível pensar o mundo moderno sem romance?”, p. 22.

⁷⁵ SABATO, Ernesto. *Heterodoxia*, p. 96. Em depoimento ao jornalista Carlos Catania, Sabato declarou: “Nas maiores obras de ficção, há ideias mas há também sonhos, símbolos e mitos, ali encontramos o homem na sua integralidade”. Ver SABATO, Ernesto. *Meus fantasmas*, pp. 22-23.

⁷⁶ KUNDERA, Milan. *A arte do romance*, p. 11. E dez páginas adiante: “O espírito do romance é o espírito de complexidade. Cada romance diz ao leitor: ‘as coisas são mais complicadas do que você pensa.’” Ou mais confluyente em “No mundo moderno, abandonado pela filosofia, fracionado por centenas de especializações, científicas, o romance nos resta como o último observatório do qual se pode abraçar a vida humana como um todo”. Ver KUNDERA, Milan. *A cortina*, p. 80.

⁷⁷ Sartre dedicou palestras ao tema. Afirmou que “originalmente, o conjunto dos intelectuais aparece como uma variedade de homens, que, tendo adquirido alguma notoriedade por trabalhos que dependem da inteligência (ciência exata, ciência aplicada, medicina, literatura etc.), abusam dessa notoriedade para sair de seu domínio e criticar a sociedade e os poderes estabelecidos em nome de uma concepção global e dogmática (vaga ou precisa, moralista ou marxista) do homem”. Se sua intromissão em assuntos que escapam à alçada de seu saber é em muito solicitada (ou foi, no passado, em alto grau), por certo é a sociedade que lhe cobrava também essa postura (que se pode perceber em entrevistas com escritores, nas quais são chamados a falar da situação política do mundo, da guerra ou da fome, assuntos nem sempre presentes em seu universo ficcional). Lembra Sartre que um escritor exprime algo, tem algo a dizer com palavras, ao contrário de um pintor, por exemplo - e daí evolua sua entrada em outros domínios. “Produto de sociedades despedaçadas, o intelectual é sua testemunha porque interiorizou seu despedaçamento. É, portanto, um produto histórico. Nesse sentido,

Mas é o romance que merece atenção, e romancistas como Sabato, Kundera e Vargas Llosa⁷⁸ o pensaram, se não em ensaios sistemáticos, em textos mais curtos. As ponderações são mais ou menos intercambiáveis, motivo que fará com que se use as reflexões de um ou outro quando necessário. Abordar o “conhecimento totalizador” de que fala Vargas Llosa é colocar no centro do debate a literatura das décadas finais do século XIX, com obras bastante diferentes entre si, mas que tinham um parentesco comum no que ficaria conhecido como modernismo. Uma em especial seria importante para a sensibilidade daqueles tempos: *Crime e castigo* (1866), de Fiódor Dostoiévski, a tal história que Francis “plagiaria”, no dizer de Fernando Jorge. “Pode ser considerado o primeiro romance moderno, um livro que indicou o conflito e a crise do espírito da época”, sustenta Malcolm Bradbury.⁷⁹ Cumpria-se, na prática, o *make it new* (“tornar novo”), o imperativo de Ezra Pound, poeta e crítico que, décadas depois de Dostoiévski ter morrido, proclamava o dever da literatura: ir à frente de seu tempo, transformá-lo, e ao fazê-lo, transformar a própria arte.

A história de Dostoiévski, difundida para o mundo a partir de sua tradução para o francês, tornou-se muito conhecida: Raskólnikov, um estudante pobre e angustiado, planeja o assassinato de uma velha agiota, para ele alguém desprovida de valor no mundo - como se fizesse um bem ao terminar com a vida da senhora, sem “utilidade” para a sociedade. Os planos sofrem um revés quando Raskólnikov precisa matar também a irmã da agiota, que aparece de surpresa na casa na hora do crime. É a partir dos desdobramentos psicológicos do ato de matar uma “inocente” (a irmã da agiota) que a trama se estrutura, em meio a histórias paralelas - as relações do protagonista com Sonia, filha de um funcionário público a quem ele doou dinheiro, a prisão de um suspeito dos homicídios, etc. Sobretudo, o que avulta é o arrependimento do personagem e a dificuldade de usufruir do resultado material do crime, o que roubou das economias da mulher. Ele é entregue à Polícia, em suma, por sua consciência moral.

nenhuma sociedade pode se queixar de seus intelectuais sem acusar a si mesma, pois ela só tem os que faz.” Ver SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*, pp. 15, 29 e 31

⁷⁸ Todos egressos de literaturas periféricas, o primeiro argentino, o segundo peruano e o terceiro tcheco, embora Kundera escreva há décadas em francês. Contudo, se se quisesse usar um autor central para a tradição romanesca, europeu e não periférico, Thomas Mann serviria bem ao propósito, romancista e ensaísta que foi (e, reforce-se, crucial para a feitura deste trabalho). Escreve ele: “A assombrosa florescência do romance na Europa, durante o século XIX, na Inglaterra, na França, na Rússia, na Escandinávia - esta florescência não é casual; está ligada ao democratismo atual do romance, à sua aptidão natural a servir como expressão da vida moderna, à sua paixão social e psicológica que o tornou a forma artística representativa da época e transformou o romancista de formato médio no tipo artístico literário moderno por excelência. (...) Sua relação com a epopeia é a relação do ‘consciente criativo’ com a ‘criação inconsciente’”. Ver MANN, Thomas. *Ensaio*, pp. 20-21.

⁷⁹ BRADBURY, Malcolm. *O mundo moderno*, p. 27.

Não é um rebaixamento simplicador pensar nos dois grandes mestres russos do período, Fiódor Dostoiévski (1821-1881) e Leon Tolstói (1828-1910), como, respectivamente, autores que pensaram o homem individual e o homem social. Bradbury utiliza a denominação “homem subterrâneo”, em referência ao personagem sem nome do romance *Notas do subterrâneo* (1864), de Dostoiévski, que pode ser visto como emblemático do que ele construiu em obras posteriores, mais complexas em tamanho e visada, como *Crime e castigo* e *O idiota*.⁸⁰ Esse “homem subterrâneo” é um ser duplo, dividido, uma espécie de anti-herói, ou herói moderno, plasmado em moldes diferentes do herói tradicional, em vigor anteriormente. Nas palavras de Bradbury,

O homem subterrâneo é o precursor de Raskólnikov, e ambos são homens de seu tempo. Ambos, contudo, tornaram-se precursores de algo mais: nada menos que o espírito da literatura moderna e das ideias modernas. De seu esconderijo num canto, o homem subterrâneo viria a exercer uma influência duradoura sobre a literatura do modernismo. Nesse personagem sem caráter nascia uma nova figura, e sua voz confessional e irônica, autoconsciente e desconfiada em relação a sua própria autenticidade seria ouvida muitas vezes nas páginas das obras de ficção modernas.⁸¹

Presciente, Dostoiévski teria captado a modernidade complexa e a modelado em um romance como *Crime e castigo*, que se tornaria paradigmático de nosso tempo (e um autor como Franz Kafka, sem o qual o século XX não pode ser pensado, seria “sucessor natural” de Dostoiévski, segundo Bradbury). Certamente Dostoiévski não é o único, mas se afigura um dos mais significativos representantes de uma estirpe (em campos como a filosofia e os estudos de cultura - em sentido amplo - outros nomes incontornáveis seriam Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud, cujas marcas são perceptíveis na ficção, no ensaísmo, no “caldo cultural” no qual todos nos embebemos).

O “ímpeto descobridor”, a autoconsciência, de fato, consistia novidade, em comparação com a sensibilidade com a qual se propunha um rompimento. Praticamente não há grande escritor do período posterior - ou seja, da primeira metade do século XX - que não veja em Dostoiévski um iniciador, como é o caso do italiano Alberto Moravia, considerado o primeiro escritor existencialista em termos cronológicos (seu *Os indiferentes* data de 1929, enquanto que o romance *A náusea*, o mais simbólico de Jean-Paul Sartre e uma espécie de

⁸⁰ BRADBURY, Malcolm. *Op. cit.*, p. 39.

⁸¹ BRADBURY, Malcolm. *Op. cit.*, p. 42. Sabato segue em linha semelhante, ao defender que o romance do século XX é um romance do homem em crise. “E, em consequência, ele não somente se lançou à exploração de territórios que aqueles romancistas [os do século XIX] nem suspeitavam, como também adquiriu dignidade filosófica e cognoscitiva. (...) Penso que é a atividade mais complexa do espírito de hoje, a mais integral e a mais promissora nessa tentativa de questionar e expressar o drama que nos coube viver.” Ver SABATO. *O escritor e seus fantasmas*, p. 92.

suma ficcional do Existencialismo, e do romance de ideias também, data de 1938).⁸² Se o romance existencialista é muito característico do século XX (e no Brasil poderíamos rastrear entre a linhagem de romances que têm pontos de contato com o movimento *O encontro marcado*, de 1956, de Fernando Sabino, e as narrativas de Carlos Heitor Cony, que começa a publicar a partir de 1958, mas mesmo duas décadas antes é possível vincular Graciliano Ramos a essa estirpe), outro exemplar típico é o romance de ideias, em que participam da urdidura pontos de vista que o autor pretende colocar em pauta.⁸³ Para ficar com um cultor do formato:

Thomas Mann declarou que ‘hoje em dia, um romance precisa ser mais do que um romance’; isto é, para atender à exigência do século XIX, de ser o romance um espelho do homem e da sociedade, o romance do século XX tem de ser, ao mesmo tempo, romance, ensaio, tratado científico, também obra de história e reportagem. Só assim o leitor contemporâneo chegaria a acreditar na verdade da ficção.⁸⁴

assinou o crítico Otto Maria Carpeaux.

É como se o hibridismo que aponta Sabato, ou o “conhecimento totalizador” que prega Vargas Llosa, ou o “observatório” de Kundera, tudo confluísse para um tipo de romance que avança um passo em relação ao realismo do século XIX. O caso de Thomas Mann (1875-1955) é um dos mais bem acabados, porque, em livros como *A montanha mágica* (1924) e *Doutor Fausto* (1947), o que obteve é um tipo de texto em que muitos planos parecem se encontrar, um todo arquitetônico - ou polifônico, se se quiser, uma palavra cara a Kundera, ex-mucisicista - em que é pretendida uma sùmula enciclopédica. É um tipo de romance que encontrou terreno fértil na Europa, em especial em língua alemã - nomes importantes, que não podem ser esquecidos, são Robert Musil (1880-1942), de *O homem sem qualidades* (1930-1943, inacabado) e Hermann Broch (1886-1951), de *Os sonâmbulos* (1930-1932, trilogia) e *A morte de Virgílio* (1945), ambos austríacos - , mas outras obras poderiam ser agregadas à lista inicial, como *Ulisses* (1922), do irlandês James Joyce, a Trilogia U.S.A: *Paralelo 42* (1930),

⁸² MORAVIA, Alberto e ELKMANN, Alain. *Vida de Moravia*, p. 40.

⁸³ É comum usar-se *romance de ideias* ou *romance de tese* quase como sinônimos, embora houvesse aí uma diferença apreciável entre os complementos *ideias* - mais geral - e *tese* - mais específico, mais marcado e direcionado. Para fins de padronização, optei por romance de ideias, por me parecer mais lato e que serviria aos propósitos que tive em vista perseguir, motivo pelo qual abandonei romance de tese e procuro evitá-lo. David Lodge discute os termos e também opta por ideias. Ver LODGE, David. *A arte da ficção*, p. 205. Outro de meus guias, Ernesto Sabato, fica no âmbito das ideias, ainda que estabeleça um limite entre *ideias puras* e *encarnadas*, que serão vistas a seguir. Ver SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*, p. 146. Mesmo “romance de ideias” é algo impreciso e poderia dar margem a bifurcações, como romance político - *O vermelho e o negro*, de Stendhal - ou filosófico - *Cândido ou O otimismo*, de Voltaire. *A montanha mágica* caberia na definição filosófica, se se quisesse.

⁸⁴ CARPEAUX, Otto Maria. *Tendências contemporâneas em literatura*, p. 132.

1919 (1932) e *O grande capital* (1936), do norte-americano John Dos Passos, o ciclo *Homens de boa vontade*, do francês Jules Romains (1932-1946) e *O jogo das contas de vidro* (1943), do alemão Hermann Hesse, seguindo a enumeração de Carpeaux.⁸⁵ Todas são representativas do novo “ímpeto descobridor” de que trata Bradbury, que por certo não aconteceu em poucos anos ou décadas, mas tem de ser visto em uma perspectiva maior - sessenta anos é o período em que o estudioso encerra o Modernismo, de *Crime e castigo* às outras obras que o consolidaram e ampliaram,⁸⁶ idêntico intervalo que aparece no subtítulo de uma coleção de ensaios de outro crítico norte-americano, *O castelo de Axel: Estudos sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930*, de Edmund Wilson (que se debruça sobre Proust, Joyce, T.S. Eliot e Paul Valéry).

Lodge recua o início do romance de ideias até Platão, que teria sido o iniciador dessa genealogia com seus *Diálogos*, em IV a.C.⁸⁷ De fato, na conversação estabelecida por Sócrates e seus interlocutores, é possível perceber um que outro elemento do que caracterizaria o subgênero, ainda que, de maneira peremptória, haja um tanto de excesso na defesa de tal afirmação. O romance de ideias tal como o conhecemos é um produto do século XX, “em casa” na Europa continental segundo Lodge - em língua alemã, como visto, com Mann, Broch, Musil, ou na França, com Sartre, Camus, Malraux (em que pese diferenças estruturais entre os primeiros, de uma linhagem mais enciclopédica, e os restantes, menos e menos “dialéticos”, digamos, de dimensões mais reduzidas em volume e abrangência, às vezes até mais panfletários, categoria em que Sartre se encaixaria à perfeição).⁸⁸ É ainda Lodge quem o conceitua o romance de ideias de forma produtiva (e econômica):

Claro que qualquer romance digno de algo mais que uma simples folheada encerra ideias, desperta ideias e pode ser discutido em termos de ideias. Mas ‘romance de ideias’ denota um romance em que as ideias parecem ser a fonte de energia da obra, em que as ideias originam e dão forma ao impulso narrativo - em vez, digamos, de emoções, escolhas morais, relacionamentos pessoais ou mudanças no destino humano.⁸⁹

⁸⁵ CARPEAUX, Otto Maria. *Op. cit.*, p. 132. E, claro, a que talvez seja a maior delas, *Em busca do tempo perdido*, em sete volumes, 1913-1927, do francês Marcel Proust, curiosamente não arrolada por Carpeaux.

⁸⁶ BRADBURY, Malcolm. *Op. cit.*, p. 35.

⁸⁷ LODGE, David. *Op. cit.*, p. 205.

⁸⁸ O fato de Lodge não inscrever um conterrâneo como Aldous Huxley na conta não se deve a uma omissão. Em suas análises, Huxley - bem como o D.H. Lawrence de *Mulheres apaixonadas* - comparece, em chave diferente. “Ao tratar de ideias, os romancistas ingleses têm se sentido mais à vontade na ficção cômica ou satírica (incluindo aí o romance acadêmico), ou então em variações sobre fábulas e fantasias utópicas e distópicas. Ver LODGE, David. *Op. cit.*, pp. 205-206. Huxley era um nome estimado por Francis.

⁸⁹ LODGE, David. *Op. cit.*, p. 205.

Seja ao assumir um caminho mais especulativo ou uma tese específica, em ambos se sente a força da argumentação - em um século destroçado por duas guerras mundiais e que teve líderes despóticos, imbuídos de ideologias capazes de operar a matança de milhões de pessoas em nome das abstrações, debater, ao que parece, está distante de ser ocioso.

Sem professar a opinião extrema de Maurice Blanchot, de que “não há arte literária que, direta ou indiretamente, não queira afirmar ou provar uma verdade”⁹⁰, no romance de ideias se exacerba essa vontade, se não de provar algo, pelo menos de propor esse algo como pauta. Certamente há diferenças substanciais entre *A montanha mágica* e, digamos, um romance de Graham Greene ou de qualquer outro autor importante que, no entanto, não traz na sua tessitura esse arcabouço de ideias (desde que não sejam puros passatempos *per se*, está claro, como uma Agatha Christie). Mesmo no caso dos romances de ideias, contudo, há possibilidades de execução bem divergentes, gradações. Tomemos, por exemplo, a categorização utilizada por Sabato, entre “ideias puras” e “ideias encarnadas”.⁹¹ Em romances como *Sem olhos em Gaza* e *Contraponto*, de Aldous Huxley, o que se teria são as ideias puras, ao contrário do que seriam as ideias encarnadas, que apareceriam com naturalidade em alguma narrativa. Escreve Sabato:

Em Huxley, por exemplo, costumamos ter a impressão de que o autor pensou uma quantidade de coisas sobre a música, a pintura moderna, a arte chinesa, a teoria de Einstein e os reflexos condicionados, e que depois *colocou* esses pequenos ensaios na boca de seus personagens. São ideias previsivelmente pensadas pelo autor, não surgem dos personagens como surgem na vida: irracional e imperfeitamente, amalgamadas a emoções e sentimentos, carnisais. (...) Jamais temos essa impressão em Tolstói ou Dostoiévski, nem mesmo em seus romances mais ideológicos. Seus personagens não falam de filosofia: *fazem* filosofia.⁹²

Está dada a oposição entre ideia pura e ideia encarnada, usados Huxley e Tolstói/Dostoiévski em cada território. Para Sabato, Huxley é o modelo a ser evitado, cerebral em demasia, artificial.

O Thomas Mann de *A montanha mágica* serve como parâmetro para se olhar o conjunto do romance de ideias, como um exemplar referencial. Era, também, um romance

⁹⁰ BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*, p. 201.

⁹¹ SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*, p. 146-149. Uma década antes, Sabato desenvolveu essa noção em outro de seus livros, em um texto mais curto. Ver ainda SABATO, Ernesto. *Heterodoxia*, p. 135.

⁹² SABATO, Ernesto. *Heterodoxia*, p. 135. Se se quiser um exemplo, a conversa do capítulo V de *Sem olhos em Gaza*, entre Brian e Anthony, sobre filosofia, se ajustaria sem retoques no tipo de restrição de Sabato. Ver HUXLEY, Aldous. *Sem olhos em Gaza*, p. 66 e seguintes. *Contraponto* igualmente traz discussões de vários tipos, desenvolvidas no corpo da narrativa, como, por exemplo, as contidas no capítulo X, no diálogo entre Rampion e Spandrell, sobre espírito. Ver HUXLEY, Aldous. *Contraponto*, p. 133 e seguintes.

caro a Paulo Francis, que chegou a adotar o sobrenome Mann - não se sabe a razão, se como homenagem a um escritor que admirava, o que é bem possível – para seu personagem mais forte e incisivo, de *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*.⁹³ A se deter apenas na história que conta o autor, o que se tem é o engenheiro Hans Castorp, um jovem de 23 anos, proveniente de Hamburgo, que viaja para visitar seu primo Joachim Ziemseen, internado no sanatório Barghof, em Davos, para tratamento de uma tuberculose. A estada de três semanas transforma-se em sete anos, porque os exames clínicos a que Castorp se submete nas alturas recomendam que siga tratamento semelhante ao prescrito a Joachim. É lá que acaba por tomar consciência de um outro tempo, característico do sanatório, feito de leis diferentes das leis “da planície”, conhece uma russa que o atrai, Clawdia Chauchat, trava contato com dois intelectuais antitéticos, Settembrini e Naphta, e se transforma, de um rapaz “singelo”⁹⁴ em

⁹³ Sem dispor de informação do próprio autor que autorize uma interpretação onomástica, há, ainda assim, uma curiosa similitude entre os nomes dos personagens principais de *Cabeça de papel*, Hugo Mann e Paulo Hesse, presentes em *Cabeça de negro*, Mann como condutor da narrativa, Hesse em menor grau neste volume devido à multiplicidade de personagens e subtramas que o enformam (morto no primeiro volume, mas sempre lembrado), e dois dos escritores alemães mais festejados do século XX, Thomas Mann e Hermann Hesse, ambos praticantes do romance de ideias e, o que interessa aqui em particular, amigos (em português uma seleção de cartas que trocaram pode ser conferida em MANN, Thomas e HESSE, Hermann. *Correspondência entre amigos*. Rio de Janeiro: Record, s/d, 242p). Mann foi um missivista compulsivo, cuja epistolografia remonta a pelo menos 20 mil itens. Hesse era um dos principais destinatários dessas comunicações, alguém a quem amava profundamente e a quem teria pedido, certa vez, “não morra antes de mim!” Ver ROSENFELD, Anatol. *Thomas Mann*, pp. 86 e 95. Se se quisesse avançar por essa seara especulativa - e não se quer, apenas permanece o registro no nível da surpresa, porque é difícil de acreditar que seja gratuita a adoção de tais nomes específicos -, Hugo pode designar outro romancista importante para Francis, Victor Hugo, de *Os miseráveis*. Francis era um apreciador de painéis sociais, sociológicos, e consta que pretendeu fornecer um, ao seu modo, com o ciclo *Cabeça* (se pensarmos que os dois publicados têm cerca de 250 páginas cada, e imaginar que o terceiro teria número de páginas aparentado, é lícito imaginar um volume que contivesse os três da ordem de 700 ou 800 páginas - seria, em tamanho, o seu *A montanha mágica*, o seu *Os sonâmbulos*). Como há um liame comum, pois a história contada migra de um para o outro, teríamos, a seguir no mesmo diapasão, um painel social muito elucidativo de determinado segmento social, determinada época cronológica de um Brasil que Francis viveu com volúpia, em que pese a diferença de “tom” de *Cabeça de papel* para *Cabeça de negro*. Segundo escreveu em *O afeto que se encerra*, nas primeiras páginas, “(...) os romances ajudaram bastante a me situar. São uma biografia espiritual do grupo em que me desmamei”. Ver FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 13. Há que se lembrar ainda que Mann equivale em alemão ao substantivo *Homem*, o que lhe atribui uma interessante carga simbólica - “o Homem” - e Hesse (ou Hessen) é um dos 16 estados alemães, em cujo domínio se localiza Frankfurt, um dos centros financeiros daquele país. Talvez seja bobagem querer ler tudo à luz de um sentido oculto (e é o que acho), mas fica, em todo o caso, a nota da dúvida, ou como possível homenagem a - pelo menos - Thomas Mann. Paulo Francis era também, como visto, de origem alemã.

⁹⁴ É como Mann o qualifica no “Propósito” que abre o romance. Ver MANN, Thomas. *A montanha mágica*, p. 7. Para Harold Bloom, Castorp personifica o aluno ideal da universidade, pela curiosidade incomum, pois vai da fisiologia à psicologia, além de querer entender as elucubrações de Settembrini e Naphta, os intelectuais amigos-rivais que conhece na sua permanência em Berghof. Não seria, portanto, tão singelo assim. Ver BLOOM, Harold. *Como e por que ler*, p. 184. *A montanha mágica* é um legítimo *Bildungsroman*, um romance de formação ou de aprendizagem, presente em uma lista que inclui de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, de 1795-6, a *O tambor*, de Gunter Grass, de 1959, sem esquecer outras obras canônicas em língua alemã, onde o subgênero foi mais fértil, caso de *O homem sem qualidades* e *O jogo das contas de vidro*, já citados como romances de ideias. Ver MAAS, Wilma Patricia. *O cânone mínimo*, p. 54.

alguém mais autoconsciente. Mas claro que o romance é maior do que tal sucinta descrição oferece.

Escrito entre 1912 e 1924, ano em que foi publicado, *A montanha mágica* traduz o clima sombrio da época (a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, o apanhou em meio, e fez o livro crescer e se complexificar, segundo aponta Bradbury: “(...) tornou-se um romance intelectual, um romance de ideias - particularmente as ideias que o faziam entrar em choque com o irmão [Heinrich Mann, romancista de *O anjo azul*]. E é também um romance de *crise* intelectual, pois a guerra modificou profundamente o pensamento de Mann e suas concepções de história”).⁹⁵ Foram estas transformações - e mais, pois de um projeto de novela resultaria um romance de 800 páginas, a “comédia de uma transição histórica trágica” para Bradbury - que converteram Mann em um romancista do século XX (pois que sua grande obra anterior, o também gigantesco painel *Os Buddenbrooks*, de 1901, continuava a tradição realista de Tolstói, seu modelo, ainda século XIX). Tudo já é alusão em *A montanha mágica*, as oposições (montanha/planície, Settembrini/Naphta, vida/(amor)morte), a arquitetura complexa, a comicidade das figuras intelectuais, as contradições e perplexidades de um tempo de crise, que gestava a Primeira Guerra Mundial. Não sem razão alguns o veem como “fora de moda”, intelectual ao extremo que é, reservatório dos valores de uma alta cultura que sobrevive com dificuldade, “arcaica” nos anos 2000.

Lodovico Settembrini, humanista, iluminista, liberal progressista, adquire os ares de professor de Castorp, um contraponto a Leo Naphta, judeu, jesuíta, revolucionário terrorista que acredita na vitória do operariado, um adversário ideológico que representa valores em choque. É principalmente por causa das discussões quase sem fim - e cuja síntese ou convergência são impossíveis - dos dois debatedores que *A montanha mágica* pode ser rotulado de romance de ideias, dentro de um espírito dialético raras vezes visto, pedagógico e que tem em vista educar Castorp, o aluno ideal de Bloom. Qualquer tentativa de abarcar um romance que oferece tantos lados de abordagem será um pálido reflexo, ainda mais se pensarmos que entrelaça pólos contraditórios e tem atrás de si, subjacente, um espírito cômico a guiá-lo. Porém, uma passagem - se fosse preciso escolher uma única - me parece paradigmática e resume com propriedade o quanto há de robusto para retirar de suas páginas: após as infundáveis deblaterações de Settembrini e Naphta, e sem que se consiga chegar a um ponto comum de acordo, os dois se desafiam para um duelo. Settembrini atira para o alto e Naphta suicida-se com um tiro na cabeça. É, conforme consigo ler, um tiro na racionalidade e

⁹⁵ BRADBURY, Malcolm. *O mundo moderno*, p. 101.

na capacidade argumentativa, um epitáfio doloroso de um tempo que já não abre mais espaço para o diálogo e só o duelo físico pode resolver uma contenda (nos dias de hoje, sintomaticamente, talvez se chamasse o oponente de “veado” ou sua mãe de “puta”; quando falha o argumento, entra a força embrutecedora dos músculos ou da palavra ofensiva; de certo modo, como se todo discurso anterior se anulasse).⁹⁶ Tome-se um dos tantos diálogos inseridos em suas páginas:

- O sr. Settembrini deixa de acrescentar – aparteou Naphta – que o idílio de Rousseau é uma trivialização racionalista da doutrina eclesiástica da fase primitiva em que o homem era livre do Estado e do pecado, a fase inicial da proximidade de Deus e da relação filial com Ele, que nos incumbe reencontrar. O restabelecimento da Cidade de Deus, porém, após a dissolução de todas as formas terrenas, acha-se situado no ponto em que se tocam a terra e o céu, o que é acessível aos sentidos e que os ultrapassa. A salvação é transcendental, e quanto à sua república universal capitalista, meu caro doutor, é bastante estranho ouvir o senhor falar em ‘instinto’, referindo-se a ela. A tendência instintiva toma inteiramente o partido do nacionalismo, e o próprio Deus implantou nos homens o instintno natural que induz os povos a se separarem uns dos outros, formando Estados diferentes. A guerra...
- A guerra – gritou Settembrini – até a guerra, meu caro, já teve que servir ao progresso, como o senhor não pode deixar de admitir, ao lembrar-se de certos acontecimentos da sua época preferida; falo das Cruzadas. Essas guerras civilizadoras favoreceram de modo sumamente feliz as relações entre os povos, no que diz respeito ao intercâmbio econômico e político-comercial. Reuniram a humanidade ocidental sob o signo de uma ideia.
- O senhor mostra-se bem tolerante com a ideia. Em compensação, empregarei muita cortesia numa pequena retificação: as Cruzadas, assim como a intensificação comercial que produziram, absolutamente não exerceram uma influência internacionalista. Pelo contrário, ensinaram os povos a se distinguirem entre si e estimularam fortemente o desenvolvimento da ideia do Estado nacional.
- É exato no que se refere à relação entre os povos e o clero. Sim, senhor, naqueles tempos começou a firmar-se a consciência do Estado nacional, contra a presunção hierárquica...
- E todavia, isso que o senhor chama de presunção hierárquica é apenas a ideia da união dos homens sob o signo do espírito.
- Já conhecemos esse espírito. Não precisamos dele, obrigado.
- É lógico que o senhor, com sua mania racionalista, abomine o cosmopolitismo da Igreja, que trinufa sobre o mundo. Eu gostaria apenas de saber como tenciona conciliar com isso o horror que sente com relação à guerra. O seu culto do Estado, à maneira antiga, deve fazer do senhor um paladino da concepção positiva do direito e como tal...⁹⁷

O diálogo entre Settembrini e Naphta prossegue, entrelaçando temas como direito e moralidade burguesa (e outros tantos temas, ao longo das centenas de páginas do romance). O que interessa é a temperatura do texto, as discussões envolvendo Hans Castorp, amigo de Settembrini e feito ouvinte das conversas entre seu protetor e o “rival de ideias” Naphta. Nas palavras de um e outro, os impasses da civilização, os caminhos da Europa - sem esquecer

⁹⁶ MANN, Thomas. *A montanha mágica*, p. 972.

⁹⁷ MANN, Thomas. *Op. cit.*, pp. 522-523.

que Mann recua a discussão para a Bíblia (a Igreja, ou a religião), as Cruzadas, etc, como no trecho selecionado. Virtualmente todos os grandes temas da cultura têm lugar em *A montanha mágica*. Hoje, à luz de décadas passadas, pode-se perceber o caráter histórico e o quanto de crise carrega em si, por opor correntes contrárias de pensamento (nas palavras de Bradbury: “As mudanças [de um primeiro Thomas Mann, século XIX, para outro, do século XX, mais as transformações em curso na Europa] exprimem também a transição da época do pré-guerra para o período do pós-guerra, do mundo de ordem e comércio para o mundo de desordem política e conflito, de um estado de existência para outro”).⁹⁸

No Brasil, a “tradição” do romance de ideias praticamente inexistente. Afora instantes isolados, ou pequenos excertos que pudessem ser descolados de seus textos originais, há pouco para se avaliar como tal (o que não surpreende; se pensamos que o romance policial recém começa a dar frutos, e por obra e graça de um romancista como Luiz Alfredo Garcia-Roza, que desde *O silêncio da chuva*, de 1996, e uma sequência de outros nove romances, deu estatura ao nascente subgênero no país, no empenho mais sistemático de criar ao redor de si uma tradição, antes esparsa e descontínua, sem um nome unificador, como ele passou a se constituir; se recuássemos há década e meia para tentar estabelecer uma filiação e suas ramificações, o que se teria era... quase nada; assim igualmente podemos pensar outros subgêneros).

Sendo a família do romance de ideias ampla, alguns poderiam pleitear que os esforços de catequização do Padre Antônio Vieira (1608-1698) pudessem ser propostos na conta, um pouco esquemática e forçadamente, mesmo sem ser romance o que ele fazia, ou José de Alencar (1829-1877) e sua romantização do Brasil e seus tipos. Ao Naturalismo e suas teses, importadas do cientificismo europeu e que tinham em Émile Zola (1840-1902) um prócer de linha de frente, caberia, quem sabe, uma intensificação em que se pudesse ver as ideias a se salientar, claras e evidentes. Há, nos romances originados de Zola e seus seguidores, “doutrina”, “reprodução fotográfica” da realidade, “crus” (cruza), “perversões”, “títeres” e “vícios ocultos”.⁹⁹

⁹⁸ BRADBURY, Malcolm. *O mundo moderno*, p. 101. Segundo o autor, nas falas de Settmbrini e Naphta também se poderia perceber os matizes ideológicos entre Thomas Mann e seu irmão, Heinrich, em trincheiras conflitantes naquele momento, tal um acerto de contas em família.

⁹⁹ Estas qualificações foram retiradas de um célebre texto de Machado de Assis, crítico de primeira hora do português Eça de Queirós, com suas obras - *O crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*, naquele momento - decalcadas em Zola e no que romances como *Thérèse Raquin* e *A Taberna* propunham, em termos de realismo. Mesmo hoje, decorrido um século e tanto, os substantivos e adjetivos não se modificaram a ponto de anular o que lhe aplicou o autor de *Dom Casmurro*. É mais ou menos na mesma batida que lemos o Naturalismo. Ver ASSIS, Machado de. “[Eça de Queirós: O primo Basílio]”, pp. 903-913.

E não somente: o ânimo maquinal com que se comportam os heróis dos romances naturalistas, de “tipos psicologicamente primários”¹⁰⁰ abaliza que se veja mais ainda a herança darwinista e fisiológica por trás e menos personagens autônomos, que se comportam fora de padrões pré-estabelecidos, que se movem por si próprios. O Naturalismo com frequência é confundido com o Realismo, e mesmo por gente boa.¹⁰¹ Seus cultores demonstraram grande poder de observação, o que não raro cai no panfletarismo - como se fosse possível ver nesse impulso o embrião do romance de ideias que não tardaria a aparecer, ainda difuso sob o Naturalismo.

É provavelmente em *Canã* (1902), de Graça Aranha (1868-1931), que se tem o romance de ideias mais irrefutável daqueles anos, em que as ideias que o inspiraram estão amalgamadas à estrutura do romance, de modo que o passaremos à frente em uma imperfeita exposição cronológica do que seria o romance de ideias no Brasil.¹⁰² Nesse caso específico, é conveniente alinhar algumas informações a respeito de seu autor, pelas particularidades que envolvem seu romance. José Pereira da Graça Aranha, maranhense de São Luís, estudou Direito e foi nomeado juiz em Porto do Cachoeiro, no Espírito Santo, modelo para a cidade onde se passa a ação de seu ilustre rebento. Autor de poucos livros, ganhou notoriedade antes mesmo da publicação de *Canaã*, motivo que o levou a ser indicado à Academia Brasileira de Letras. Nos manuais e histórias da literatura, *Canaã* costuma figurar como “pré-modernista”, antecipador de conquistas que seriam confirmadas pelos modernistas (a exemplo de Lima Barreto, outro expoente de vulto daqueles anos que precederam o modernismo, embora persistam consideráveis diferenças entre um e outro - ambos se debruçaram sobre os

¹⁰⁰ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, p. 190. O juízo é a propósito de *O cortiço*, romance de 1890, o título decisivo daquele período e escola, mas acredito que possa ser estendido, sem prejuízo, para outros domínios e ver assim o Naturalismo *in totum*.

¹⁰¹ A observação não é ociosa. Ele é posterior ao Realismo. No caso brasileiro, circunscreveu-se “à pintura dos usos e costumes, frequentemente usando a deformação caricatural que atendia diretamente aos fins revolucionários”. Ver COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil - Volume 4*, p. 75. Com algum grau de diferença, de deslocamento, o romance-reportagem dos anos 1960, de José Louzeiro e outros tantos, obedece a esse impulso naturalista, mimético, sem, contudo, apostar na caricatura. Ver ARRIGUCCI JR., Davi. “Jornal, realismo, alegoria: O romance brasileiro recente”, p. 78.

¹⁰² Está dito que a genealogia é imperfeita; complementando a nota anterior, a noção implícita é que sob o Naturalismo poder-se-ia rastrear já algo aparentado ao romance de ideias, com o cientificismo batendo na porta e tudo tendo uma relação de causa e efeito, a biologia como centro do comportamento humano, etc. Para tanto, ver MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*, p. 151 e seguintes, onde a questão é enunciada. A título de curiosidade: *O alienista*, de Machado de Assis, publicado em jornal a partir de 1881 e em livro um ano depois, é fecundo para se pensar como um talento superior não caiu nas garras do modismo. Produzindo em plena vigência do Naturalismo, Machado soube se manter à margem dos condicionamentos de escola, podendo se ler, além de tanto mais, em *O alienista*, uma sátira ao cientificismo. É o momento também em que ele escreve *Memórias póstumas de Brás Cubas*, saído em jornal a partir de 1880, e em livro, no ano seguinte - um período de ruptura, em que Machado se isolava dos seus contemporâneos e alçava voo.

problemas nacionais daquela transição). Alfredo Bosi considera que os dois eram “antipassadistas” e renunciaram o romance que viria a seguir, profundamente brasileiro.¹⁰³

No centro do romance de Graça Aranha estão Milkau e Lentz, cujos diálogos consistem na razão de se colocar *Canaã* na conta de romance de ideias.¹⁰⁴ Homens de origem alemã nos confins do Novo Mundo, o primeiro fora para aquela região com o intuito de arrematar um lote de terras, enquanto que o segundo procura emprego na cidade. Em meio a uma paisagem que quase adquire status de personagem, os dois - mais o narrador, a rigor de terceira pessoa, mas que interfere na condução da história - defendem noções antropológico-sociológicas, digamos, em algum sentido não distantes de um tipo de naturalismo em voga poucos anos antes.¹⁰⁵

O tom geral pode ser depreendido de uma passagem já no começo do romance, por parte do narrador. É no trecho em que Felicíssimo, um habitante local, vai junto com a dupla de alemães. Diz o narrador: “Deixando Roberto [outro personagem], saíram os três do armazém. Felicíssimo, que dizia não ter nada a fazer naquelas horas, propõe acompanhar os estrangeiros Milkau e Lentz, dando assim expansão aos instintos de sua nativa e tranquila vadiagem”.¹⁰⁶ É nesse nível que se conta a história dos dois imigrantes alemães perdidos nos confins de Porto do Cachoeiro, no Espírito Santo. Lá os europeus conversam sobre o Brasil e como o veem, a que corresponderia uma primeira parte da história. O baile na casa de Jacob Müller e o que se sucede - quando Milkau conhece a criada Maria Perutz, a quem procura ajudar quando ela cai em desgraça por supostamente ter dado o filho aos porcos - corresponderia a uma segunda parte de *Canaã*.

O discurso de Lenz é o de um renovador, de alguém a quem caberia um papel proeminente no Brasil (no Novo Mundo, para ser exato). Diz ele a Milkau: “Falando-lhe com a maior franqueza, a civilização dessa terra está na imigração de europeus; mas é preciso que cada um de nós traga a vontade de governar e dirigir.” Milkau lhe continua o pensamento: “E

¹⁰³ BOSI, Alfredo. *Op. cit.*, p. 325.

¹⁰⁴ “A obra foi revolucionária entre nós pela intenção, uma novidade, pois não havíamos tido ainda o romance de ideias”, escreve Schwarz. Ver SCHWARZ, Roberto. “A estrutura de Chanaan”, p. 34. É o caminho que também lhe aponta Carpeaux, ambos reticentes quantos às “conquistas” do romance e de sua perenidade, críticos que são do hibridismo e cientes das deficiências que *Canaã* tem. Ver CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos: 1942-1978 - Volume I*, p. 895-897.

¹⁰⁵ A passagem mais referida do romance, em que os porcos devoram o recém-nascido filho de Maria Perutz, no capítulo 9, é indistintamente naturalista, em sua crueza, e talvez sem paralelo na literatura nacional em termos de brutalidade, passagem logo a seguir à da disputa de cães e urubus por um cadáver apodrecido, igualmente pintada com tintas cruas. A “indecisão” do romance, que transita ainda do Romantismo - a paixão de Milkau por Maria - ao Simbolismo - as páginas finais - , é apontada no prefácio não assinado da edição comemorativa de 100 anos de lançamento, como também, em outras palavras, por leitores atilados como Schwarz e Carpeaux. Ver ARANHA, Graça. *Canaã*, respectivamente pp. 227, 235-236 e 19.

¹⁰⁶ ARANHA, Graça. *Op. cit.*, p. 43.

por ora nós somos apenas um dissolvente da raça desta terra. Nós penetramos na argamassa da Nação e a vamos amolecendo.”¹⁰⁷ A floresta tropical estimula novas reflexões nos alemães. Lentz: “Não é possível haver civilização neste país... A terra só por si, com esta violência, esta exuberância, é um embaraço imenso...” Mais adiante: “O homem brasileiro não é um fator do progresso: é um híbrido. E a civilização não se fará jamais nas raças inferiores.”¹⁰⁸ Por *inferiores* entenda-se a miscigenação que houve, com a entrada dos negros em cena. Milkau não aceita o argumento de Lentz sem pestanejar. À sua radicalidade, interpõe uma sensatez mais ao gosto dos prudentes. Seu ponto de vista é que as raças se civilizam pela fusão, em contraponto a Lentz, que sustenta, por exemplo, “até agora não vejo probabilidade da raça negra atingir a civilização dos brancos”. De acordo com Milkau, o “rejuvenescimento da civilização” se daria mediante o encontro de “raças adiantadas” com “raças virgens” (ou selvagens). Para Lentz, dessa combinação não poderia advir nada de produtivo, em razão do “sensualismo”, “bestialidade” e “servilismo inato” dos negros.¹⁰⁹ Para Lentz, o futuro de um país como o Brasil residiria na substituição do negro pelo europeu.

Marcam-se, com Milkau e Lentz, duas posições antagônicas. Milkau vê movimentos contraditórios nas civilizações, avanços, recuos, adiantamentos que podem reverter até a tal civilização definhando e morrer. Ele acredita no futuro, que tais derrocadas assinalariam períodos de transformação “para épocas fecundas e melhores.”¹¹⁰ Para Milkau, esses povos miscigenados poderiam até transpor a civilização que lhes deu origem, algo impensável para a mentalidade de Lentz, cujas crenças deterministas o levam a sustentar, mais tarde: “Os grandes seres absorvem os pequenos. É a lei do mundo, a lei monárquica; o mais forte atrai o mais fraco; o senhor arrasta o servo, o homem, a mulher. Tudo é subordinação e governo.”¹¹¹ Milkau, por sua vez, crê na desigualdade dos homens, mas, sobretudo, crê no amor, na harmonia, que colocaria todos em sintonia: “Diante da obra da civilização o papel de cada um é igual ao do outro: a ação dos grandes e dos pequenos confunde-se no resultado. (...) Não amaldiçoemos a civilização que nos veio no sangue antigo, mas façamos que este sangue seja cada dia mais amoroso e menos carniceiro.”¹¹²

A história dá uma guinada com o convite de Felicíssimo, para que Lentz compareça a um baile na casa de Jacob Müller. Na festa, a que vai na companhia de Milkau, os dois conhecem Maria Perutz, empregada doméstica a que irá se ligar ao destino de Milkau e que

¹⁰⁷ ARANHA, Graça. *Op. cit.*, p. 54.

¹⁰⁸ ARANHA, Graça. *Op. cit.*, p. 58.

¹⁰⁹ ARANHA, Graça. *Op. cit.*, p. 59.

¹¹⁰ ARANHA, Graça. *Op. cit.*, p. 59.

¹¹¹ ARANHA, Graça. *Op. cit.*, p. 73.

¹¹² ARANHA, Graça. *Op. cit.*, p. 74.

dará novos rumos à narrativa. Tornada amante do jovem herdeiro na família em que servira, é dispensada logo que um casamento de conveniência é arranjado para o rapaz. Sozinha, é presa e aguarda julgamento depois que seu filho é comido pelos porcos e ela é incriminada. Milkau, na contramão dos demais habitantes de Cachoeiro, é o único a se compadecer com o destino da moça (por quem se sente fisicamente atraído, conforme fica patente na festa em que se conheceram).

Mas as conversas antropológico-sociológicas continuam, desta vez entre Milkau e o juiz do caso Maria, Paulo Maciel. Os dois tornam-se amigos. Para o magistrado, o país vive uma “crise do caráter”.¹¹³ Para Maciel, somos *covardes, maus, atrasados, selvagens, viciosos*.¹¹⁴ Tanto que o desejo secreto do juiz é abandonar o Brasil e viver na Europa - onde, ele acredita, isso não se daria, mais avançado seria aquele continente. O problema, está claro, residiria na combinação de raças que se dera em solo brasileiro. “Era preciso formar-se do conflito de nossas espécies humanas um tipo de mestiço, que se conformando melhor com a natureza, com o ambiente físico, e sendo as expressões das qualidades médias de todos, fosse o vencedor e eliminasse os extremos geradores”, diz, ao comentário do amigo, concordante - antes lhe dissera Milkau:

O povo brasileiro foi por longos anos apenas uma expressão nominal de um conjunto de raças e castas separadas. E isso se manteria assim por muitos séculos se a forte e imperiosa sensualidade dos conquistadores não se encarregasse de demolir os muros da separação, e não formasse essa raça intermediária de mestiço e mulatos, que é o laço, a liga nacional, e que, aumentando cada dia, foi ganhando os pontos de defesa dos seus opressores... E quando o exército deixou de ser uma casta de brancos e passou a ser dominado pelos mestiços, a revolta não foi mais do que a desforra dos oprimidos, que fundaram desde logo instituições destinadas a permanecer algum tempo, pela sua própria força de gravidade, numa harmonia momentânea com os instintos psicológicos que os criaram... Era preciso esse choque de inconsciente para se fazer o que se buscava desde séculos por outros meios: a nacionalidade.¹¹⁵

Para o juiz, os mulatos é que representariam o país. Pergunta-se ele: “Por que não nasci mulato?...” Eles seriam os donos da terra, os legítimos...

A síntese acima resume a tônica de *Canaã* - cujo título, sintomático, sarcástico, faz referência à Terra Prometida que Deus havia previsto para os descendentes de Abraão, uma terra de fartura que se localiza onde hoje estão o território de Israel, Cisjordânia, Jordânia ocidental, sul da Síria e sul do Líbano, na *Bíblia* correspondente à passagem contida em Genesis 12. Como visto, os problemas são de naturezas variadas e certa irresolução talvez

¹¹³ ARANHA, Graça. *Op. cit*, p. 258.

¹¹⁴ ARANHA, Graça. *Op. cit*, pp. 259-260. Ele usa os adjetivos ou se refere aos substantivos respectivos.

¹¹⁵ ARANHA, Graça. *Op. cit*, p.261-262.

diminua seu alcance, a nossos olhos mais treinados, um século depois, sem, no entanto, lhe retirar importância histórica. Naquele momento, *Canaã* teria merecido elogios de Anatole France (que teria dito ser este “o romance da América”) e Paul Claudel¹¹⁶, lançado que foi na França ainda em vida do autor, em 1910.¹¹⁷

Outro capítulo do romance de ideias no Brasil tem continuidade com a publicação de *Um rio imita o Reno* (1939), romance de Clodomir Vianna Moog (1906-1988) que, curiosamente, também tem no centro de interesse o mundo alemão, por meio dos seus personagens, como *Canaã*. Sucesso à época que em apareceu¹¹⁸, com o início da Segunda Guerra Mundial, poucos meses após sair do prelo, alimentou toda sorte de discussões, dentro e fora do Estado.¹¹⁹

Um rio imita o Reno integra aquela leva de contos e romances urbanos que teve início em Dyonélio Machado (*Um pobre homem, Os ratos*) e Erico Verissimo (*Fantoches, Clarissa*), entre a segunda metade dos anos 1920 e os anos 1930, no Rio Grande do Sul. Na história, passada na fictícia Blumenthal dos anos 1930, de colonização germânica, o engenheiro Geraldo Torres, levado à cidadezinha para construir a Hidráulica, se apaixona por Lore Wolff. O problema é que Geraldo é amazonense, ou seja, não é de origem ariana, como a quase totalidade dos moradores de Blumenthal. Embora admire a filosofia alemã, o que poderia ser um passaporte para conquistar a sociedade local, a corte a Lore não é estimulada pelos parentes da moça (sua mãe, Marta, se opõe vigorosamente aos galanteios do rapaz; em momentos distintos Geraldo é visto como “índio”, “mestiço” e “negro”).¹²⁰

Ao redor da história de amor irrealizada devido aos preconceitos de cor e etnia, avulta uma sociedade cujos integrantes elogiam os esforços germânicos, em contraste aos esforços brasileiros. Vejamos: em um quiosque, à roda de uma cerveja, alguns notáveis da cidade - o prefeito, o major, o promotor, um secretário, um próspero empresário, todos alemães - e Geraldo conversam sobre essa superioridade do povo teuto. Geraldo, na verdade, silencia, e se

¹¹⁶ CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos 1942-1978 - Volume I*, p. 895 e ARANHA, Graça. *Op. cit.*, p. 21.

¹¹⁷ Wilson Martins o chama de “bom ‘mau romance’”, porque, décadas depois de publicado, ainda tem poder de fascinar. É uma síntese apropriada, me parece, em que muitos romances problemáticos poderiam ser situados. Ver MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira - Volume V*, p. 223.

¹¹⁸ Uma edição de cinco mil exemplares esgotou-se em um mês, fez-se uma versão radiofônica e se cogitou a venda dos direitos de transposição para o cinema norte-americano, tudo em tempo recorde para os padrões vigentes. A Secretaria de Educação do Estado comprou exemplares para distribuição nas escolas, atitude hoje corriqueira, mas nada habitual há sete décadas. Ver FISCHER, Luís Augusto. “Apresentação.” In MOOG, Vianna. *Um rio imita o Reno*, p. 7. O romance chegou pelo menos à terceira edição, o que se vê em MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira - Volume VII*, p. 167.

¹¹⁹ Além da apresentação de Fischer, que reconstitui a vida do autor e as circunstâncias históricas, já mencionada, um breve perfil se refere rapidamente à polêmica que *Um rio imita o Reno* provocou. Ver CESAR, Guilhermino. “Moog aos Setenta”, pp. 165-168.

¹²⁰ Ver MOOG, Viana. *Op. cit.*, respectivamente pp. 97, 104 e 106.

culpa por não ter defendidos os “seus”.¹²¹ A partir de uma observação - de que os alemães é que têm jeito para manter bares e restaurantes, pela limpeza e ordem - a conciliação parece impossível. Adolf Hitler é elogiado.¹²² Outros pontos - desmembramento do Rio Grande do Sul, ou integração de um bloco formado por estados do Sul e do Sudeste, para desgarrá-los do Norte e do Nordeste, a “negrada” que faltaria com respeito aos alemães, a Guerra do Paraguai ter sido vencida com a ajuda decisiva dos germânicos - são percorridos no diálogo.

Para o empresário Karl, a riqueza do Sul seria proveniente da industrialização, levada a cabo pelos seus conterrâneos europeus. Já o Norte (o que compreenderia o Nordeste, o Brasil dividido em metades Norte e Sul), comprador dos produtos do Sul, não seria tão empreendedor (pergunta o promotor: “E o Norte por que não se industrializa?”, indagação que permanece sem resposta clara).¹²³ O promotor arrisca uma resposta: “A prosperidade do Sul vem da raça. Somos um povo mais forte e decidido”. E assim se arrasta a discussão, Geraldo pouco à vontade para desfiar argumentos em defesa de si e do “brasileiro”. Tudo se oferece em termos de oposição, os alemães de um lado, os brasileiros - ou negros, ou índios, ou algo do tipo - de outro. A caracterização do narrador, contudo, nem sempre é elogiosa quando se trata de qualificar o alemão (por exemplo, eles teriam “horror ao sentimentalismo” - a expressão é usada na sequência de uma comparação entre a educação dada aos filhos de alemães e a educação dada aos filhos de brasileiros, na qual se conta que Lore nunca recebera um beijo da mãe -, além de os alemães terem “voz cortante” e “ênfase de comando”).¹²⁴ Não só o brasileiro é alvo de reprovação, como igualmente o judeu (Frau Marta, mãe de Lore, afirma: “Eu, se pudesse, mandava enforcar todos os judeus”).¹²⁵

¹²¹ MOOG, Viana. *Op. cit.*, p. 86 e seguintes, quando Geraldo repassa as próprias origens e lamenta ter sido covarde, e mais adiante, na p. 156, quando ele se censura mais energicamente, por ter aguentado os insultos, já assumindo os “crimes” que lhe imputaram, tentando ver na combinação de raças que o teriam originado a fonte da covardia.

¹²² MOOG, Viana. *Op. cit.*, p. 80. Lembre-se que ainda não era o Hitler de 1945, responsável pelo morticínio de milhões de judeus e condenado pelo mundo inteiro. Se suas ideias já estavam expressas em *Mein Kampf*, o livro que publicara em dois volumes entre 1925 e 1926, naquele momento o chanceler da Alemanha tinha adeptos fervorosos - como se lê no romance de Vianna Moog - e não causava espécie, como hoje, defendê-lo.

¹²³ MOOG, Vianna. *Op. cit.*, p. 83.

¹²⁴ MOOG, Vianna. *Op. cit.*, respectivamente pp. 97 e 101. Uma nota ainda sobre o narrador: embora o romance seja narrado em terceira pessoa, o narrador não raras vezes assume o pensamento do personagem que acompanha. Haveria, então, uma combinação entre o narrador heterodiegético, ausente da ficção que narra, e do narrador homodiegético, presente na ficção que narra. A pureza nem sempre se encontra, acontecendo um hibridismo entre as formas, em tantos casos, em que os planos se interpenetram. Ver REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*, p.70 e seguintes.

¹²⁵ MOOG, Vianna. *Op. cit.*, p. 120. Mais tarde, com a chegada de um primo de Marta vindo da Alemanha, ela saberá que o bisavô deles tem sangue judeu e, em decorrência, abrandará na condenação veemente a quem não é ariano. As páginas finais, quando deixa o menino Paulinho brincar com os garotos da rua, são esclarecedoras de sua nova postura. Ver p. 220.

Geraldo é expulso de Blumenthal, a Hidráulica sem terminar. Lore, depois de ficar entre a vida e a morte por conta da febre tifoide, se restabelece (aqui fica difícil não ver um julgamento sentencioso, uma defesa de um ponto de vista - que Geraldo e Lore deveriam ter ficado juntos, o que a “lição” em Marta, recém convertida em judia, corrobora). Em uma conversa entre Geraldo e o fiscal Armando Seixas, no Rio de Janeiro, o último egresso de Blumenthal e portador de notícias da cidade que o amigo havia abandonado, é dito que a “safadeza” do major e dos Wolff fora descoberta (ou seja, dar de beber à população a água do curtume, contaminada pela bactéria que causa a febre tifoide, a *Salmonella typhi*, que quase matara Lore; com as obras paralisadas da Hidráulica, a água salutar não chegava aos moradores). Diz Armando: “Sabes que és hoje um homem cotado em Blumenthal?”, mostrando o quanto o jogo virara¹²⁶. Assim, depois de fechar um ano do começo do romance - que está dividido em quatro grandes partes, *Verão, Outono, Inverno e Primavera*, por sua vez divididas em capítulos menores, numerados - o que se revela é uma Blumenthal bem diferente da que Geraldo havia conhecido. A Marta apática da cena final o confirma bem, já não mais enfática, e sim chorando.

O envelhecimento prematuro é um sempre um risco para o romance de ideias, que, à parte documentar o seu tempo e as questões que nele estão candentes, adquirindo um forte sentido histórico, flerta perigosamente com o datado e ameaça se tornar um subgênero perecível. David Lodge crê que está “sumindo depressa”, ou, em outras palavras, “(...) a maioria esta hoje devidamente esquecida. Essas ideias já não interessam mais, e o modo como foram apresentadas acabou com a vida dos personagens e da história”.¹²⁷ É possível que o interesse resida mais no aspecto histórico do que no que se discute, de fato, com as exceções de praxe (a meu ver, durabilidade se tem em *A montanha mágica*, cujos poderes de encantamento e sedução continuam inalterados, quase 90 anos de seu lançamento, à parte o ritmo arrastado da leitura). *A náusea* (1938), de Sartre - não abordado, ainda que importantíssimo, “diluidor” das ideias existencialistas e criador de uma descendência prolífica - é outro exemplar inescapável. Decerto não é o caso de *Canaã*, mais característico na moldura de romance de ideias, se ficarmos com a literatura brasileira, ou, em grau menor, *Um rio imita o Reno*, que, no entanto, são testemunhos de um tempo nem tão longínquo assim, preservado para a posteridade. Para ficar com um modelo gaúcho recente, *Cai a noite sobre Palomas* (1995), de Juremir Machado da Silva, traz elementos que permitem perfilhá-lo ao romance de ideias. Na história de Paulo, Vilma e Procópio, o debate sobre o pós-moderno tão

¹²⁶ MOOG, Vianna. *Op. cit.*, p. 201.

¹²⁷ LODGE, David. *A arte da ficção*, p. 205.

caro aos anos 1980 e 1990, em que são mencionados mais de uma centena de escritores e pensadores.

4 O NARRADOR EM PAULO FRANCIS

Por uma questão metodológica, cada um dos quatro títulos de ficção de Paulo Francis recebeu subdivisão em duas partes, a primeira das quais, “O enredo”, em que se trata das histórias que contam, dos personagens, do tempo em que se desenvolvem, do tipo de sociedade que buscam representar e mais um ou outro ponto que eventualmente possa estimular reflexão, e a segunda, “O narrador”, centra-se em quem os conduz, peculiar principalmente no caso de Hugo Mann, a voz por trás de *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*. Outras observações vêm em socorro, por vezes borrando fronteiras definidas (e outras informações já foram usadas, motivo pelo qual não serão repetidas, ou serão retomadas adiante, em outra chave).

A premissa é que *Cabeça de papel* é o mais complexo do conjunto, o romance em que se nota de maneira potente a força das ideias a se arraigar no tecido da narrativa. Tudo é muito célere na primeira das ficções de Francis, de modo que é preciso alguma ambientação para se aceitar - ou mesmo entender - o que Mann propõe. Como notou Arrigucci, *Cabeça de papel* “atropela” o leitor.¹²⁸ Não é o que acontece com *Cabeça de negro*, de outra distensão, de ação e menos digressão, menos alusões, ou *Filhas do segundo sexo*, em que Francis se revela a serviço de uma história “pura” (ou quase isso), interessado no prazer de escrever,¹²⁹ ou *Carne viva*, a rigor um objeto difícil de se avaliar (cheio de interpolações, ao modo de *Cabeça de papel*, foi editado à revelia de Francis, o que faz com que apareça na órbita da curiosidade e não como um rebento “legítimo”, a meu ver).

Cabeça de papel e *Cabeça de negro* são os livros que canalizam as atenções, pelo procedimento utilizado. É, pode-se defender, o Francis genuíno, o que um leitor de suas crônicas de jornal e dos livros de ensaios vai logo reconhecer. A frase vai de um ponto a outro, o foco pode ir de Huxley à Água Petrópolis, de João Cabral de Melo Neto à beleza feminina, do revolucionário Dzerzhinsky ao homossexualismo, no título inaugural.¹³⁰ A ênfase recai sobre o primeiro, porque, como sustentado, é o que apresenta maior quantidade de referências, explícitas ou não, sendo, de longe, a ficção mais intrincada de Francis, o que ele investiu sua bagagem, suas leituras, o “caldo cultural” no qual se embebeu - em tempos recentes, é o romance de ideias brasileiro, o protótipo a ser lembrado (sua riqueza transparece no discurso de Arrigucci: “Certamente, depois da Clarice Lispector, eu acho que não

¹²⁸ ARRIGUCCI JR., Davi. “Jornal, realismo, alegoria: O romance brasileiro recente”, p. 79. Na fórmula de Otto Lara Resende, o romance “não dá folga”. Ver RESENDE, Otto Lara. “Francis’s fun fair”, p. 121.

¹²⁹ FRANCIS, Paulo. “Porque escrevo ficção: Uma carta sobre as ‘Filhas do segundo sexo’”, p. 20.

¹³⁰ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de papel*, pp. 7-15. Corresponde ao capítulo inicial, “A manhã seguinte, 1976”.

apareceu nenhum tipo de pretensão de falar de coisas importantes no romance como no Paulo Francis”).¹³¹

4.1 CABEÇA DE PAPEL

4.1.1 O enredo

Cabeça de papel (1977) é o marco inicial (e o favorito, aos olhos do autor)¹³² dos romances de Francis. O título remete a uma antiga cantiga de roda, *Marcha, soldado*, cuja letra diz: “Marcha, soldado,/ Cabeça de papel./ Quem não marchar direito,/ vai preso pro quartel./ O quartel pegou fogo,/ A policia deu sinal./ Acode, acode, acode a bandeira nacional” (uma referência cristalina ao Golpe de 1964 e ao que trouxe para a geração de Francis, que, lembre-se, tomou o caminho dos Estados Unidos, em definitivo, por não conseguir trabalhar com liberdade no país).¹³³ Como já dito, *Cabeça de papel* deu largada à idealizada trilogia que continuou com *Cabeça de Negro* (1979), e um eternamente adiado complemento com *Cabeça*, título provável de um terceiro volume que nunca ganhou as livrarias. A viúva Sonia Nolasco Ferreira, em entrevista para a televisão ao amigo e companheiro de tribuna de Francis no *Manhattan Connection*, Lucas Mendes, objetou na época a publicação de algum livro cuja revisão não havia sido realizada pelo marido (o que não a impediu de, onze anos depois de sua morte, autorizar a saída de *Carne Viva*, em condições semelhantes, sem a derradeira leitura).¹³⁴ A alegada frouxa repercussão dos romances desestimulou a faceta de ficcionista de Francis, que depois de 1982 não teve mais narrativas no mercado.¹³⁵

¹³¹ ARRIGUCCI JR., Davi. *Op. cit.*, p. 79.

¹³² O “melhor” e o mais “autêntico”, segundo suas palavras. Ver respectivamente FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 164 e DINES, Alberto. “Paulo Francis - O tempo reencontrado”, p. 23.

¹³³ VENTURA, Zuenir. “A culpa é minha, se não gostarem”, p. 121.

¹³⁴ Sonia Nolasco defendeu a publicação de *Carne viva* - cujo nome de batismo era *Jogando cantos felizes*, sem que se saiba a explicação para a alteração de nome levada a cabo - em um texto que antecipou sua chegada às livrarias. “É possível que usem seu romance para difamá-lo novamente. Mas vou jogar o livro na arena de leões, do jeito que Paulo Francis fazia jornalismo: com toda a coragem”. Ela também assume que faltou tempo para que “mudanças cruciais” fossem feitas por Francis, que acreditava ter tempo para essa leitura criteriosa, já que o lançaria em 1998. Ver NOLASCO, Sonia. “Tempestade no horizonte”, p. 40.

¹³⁵ Na verdade, o primeiro romance mereceu algumas resenhas elogiosas e teve uma cifra generosa para qualquer mercado editorial. Como Francis almejava vender 50 mil, para ele foi uma espécie de fracasso pessoal ter vendido “apenas” 35 mil. “Parece não haver no Brasil um clima cultural que excite o debate intelectual”, disse em entrevista, anos depois. “Há na cultura brasileira - e de um modo geral - uma falta de repercussão desanimadora (...). Eu não esperava elogios. Mas esperava pelo menos uma discussão. E ninguém! É uma coisa extraordinária! É um livro intelectual da primeira à última página - e não houve a menor discussão, em parte alguma!”, declarou. Ver MORAES NETO, Geneton. “O lobo hidrófobo ataca novamente”, p. 8. Em outra entrevista, chegou a dizer que seus romances teriam mercado em países como a Alemanha e a França,

Em *Cabeça de papel*, o jornalista cultural Hugo Mann conduz a narrativa em primeira pessoa, que tem lugar no Rio de Janeiro, entre 1944 e 1976 (há movimentos de recuperação do passado do narrador e de quem ele acompanha de perto, em particular a trajetória do amigo Paulo Hesse, proprietário do jornal para o qual Mann escreve críticas de cinema no momento em que o romance se desenrola, o ano de 1976). É a história de Hesse, ou, se quisermos, a história de uma amizade, entre Hugo e Hesse, “entre o que traiu e o que não traiu”.¹³⁶ O Rio, embora tenha perdido o estatuto de Capital Federal, é importante salientar, se mantém como capital cultural do país, condição que divide com São Paulo. Com uma diferença fundamental: tem as principais editoras, como a Civilização Brasileira (que editou *Cabeça de papel*) e publica os autores representativos, discutidos pelo público leitor, tem a TV Globo, alguns dos jornais e revistas mais importantes e a elite intelectual.

Disposto em oito partes, que cobrem, vertiginosamente, essas três décadas, a rigor entre a primeira das quais, “A manhã seguinte, 1976”, e o fato principal da última, “Coda”, se passa um período de tempo curtíssimo, do telefonema que Mann recebe de Victor, há 16 anos distante do país, à morte deste e de Hesse, em um acidente automobilístico, na mesma semana. No início do romance, Victor convida Mann para um “assunto importante” no bar Ouro Verde, quando há então um corte temporal abrupto, por onde o leitor é introduzido nas memórias do narrador - um procedimento que será abundante na literatura de Francis, quando passado e presente se alternam e fabulação e “romance de ideias” andam lado a lado, para chegar a um texto compósito em que se pode comentar de tudo. Como Hesse é o fulcro do romance, há ainda seu enterro e fala-se na caixa que deixou em testamento para Mann, tudo um tanto heterogêneo em relação ao texto principal (“Coda”, capítulo de menos de três páginas, como que está à parte do romance principal, e conta o que se sucede a partir do acidente que vitimou Victor e Hesse, e como ficou Mann, um mês mais tarde).

“A manhã seguinte, 1976”, a primeira parte, condensa o encontro de Mann e Victor, não mais no Ouro Verde, mas sim em um restaurante italiano, localizado embaixo do apartamento do narrador.¹³⁷ Antes de chegar ao local combinado, o leitor toma conhecimento

aclimatados à fabulação nutrida de idéias. Ver DINES, Alberto. “Paulo Francis - O tempo reencontrado”, p. 104.

¹³⁶ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de papel*, p. 119. Trair, aqui, significa trair a esquerda, os sonhos juvenis, o que eles foram no passado, o que acreditaram. Hesse, na p. 84, aconselha Mann que se “privatize”, como ele, em outras palavras, que fature alto de dia e reclame do “sistema” à noite, como tantos, “dialetas”. Está marcada a diferença, que já existia de berço, Hesse de classe alta, o mais rico da turma, ambos moradores da mesma rua, no bairro de Botafogo, um dos mais nobres da Zona Sul do Rio, vizinho de Copacabana, e colegas de colégio, o tradicionalíssimo Santo Inácio, um dos mais importantes do Rio, conforme se vê na p. 67 e seguintes.

¹³⁷ O espaço geográfico onde se localizam os livros de Francis ficam no que o próprio denominou de “meio Ipanema”, em referência ao lendário bairro nobre da Zona Sul carioca, que ao lado de Copacabana é um dos mais famosos planetariamente. Ver FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 145 e VENTURA, Zuenir.

da rotina de Mann: ele acorda às 10h, escreve a coluna sobre cinema em casa, no Leblon, e um *boy* a apanha. Outros dados auxiliam a construir o retrato psicológico de Mann, como a dedicação à leitura durante a maior parte do verão e as saídas cada vez mais ocasionais de casa (“Sei que me apelidaram de Greta”, menciona, em referência à lendária reclusão da atriz sueca Greta Garbo). No restaurante italiano, enquanto aguarda o amigo, surge sua namorada Raquel, vinda da praia, e sobe à casa de Mann. Victor chega e começam a conversar. Aparece Hesse, introduzido na história não mais pelas lembranças de Mann, como havia sido até então. Mann se surpreende com a familiaridade de Hesse e Victor, que ignorava. Ao lado do desenvolvimento dos acontecimentos, os personagens são matizados pela memória de Mann, sempre pronta a fornecer ao leitor elementos adicionais para compor esboços dos amigos e de si mesmo. Antes do término desta primeira seção do romance, despontam digressões sobre a suposta homossexualidade de Hesse, o salário que Mann recebe como colaborador do jornal e sobressai o tratamento irônico que dispensa a tudo e todos. “A ironia é um vício secreto na pátria amada”, escreve no encerramento do capítulo.¹³⁸

“Homem de visão, 65”, a seção seguinte, recua a ação em 11 anos. Hesse, o foco de *Cabeça de papel* (junto com a formação e os caminhos tomados por Mann, que quer se explicar, ou, em outras palavras, pretende dar ao leitor a razão de suas escolhas, ao lado da trajetória do amigo Hesse, a quem acompanha de perto), é flagrado em situações cruciais,

“A culpa é minha, se não gostarem”, p. 120. Tendo como limites os bairros de Leblon a Oeste, Lagoa ao Norte e Copacabana a Leste, o bairro de Ipanema assistiu à criação da Bossa Nova, ao Tropicalismo, ao Pasquim e a todo tipo de moda, vendida de imediato ao país inteiro, como a tanga (“fio dental”) e o topless. Nessa área de 1,67 quilômetro quadrado “(...) produziu-se a maior quantidade de cronistas, poetas, romancistas, designers, arquitetos, cartunistas, artistas plásticos, compositores, cantores, jornalistas, fotógrafos, cineastas, dramaturgos, roteiristas, cenógrafos, figurinistas, atores, diretores de TV, modelos, estilistas de moda e esportistas de que se tem notícia no Brasil. (...) E todos eles, homens e mulheres, com características em comum: libertários, boêmios, lúdicos, corajosos, excêntricos e, por sorte, não extremamente responsáveis.” Ver CASTRO, Ruy. *Ela é carioca*, p. 11. A narrativa de Francis praticamente começa em um bar e continua em outros bares ou restaurantes da moda, como Antonio’s, Álvaro’s e Degrau. Um mapa com essa geografia urbana - gastronômica, cultura, social - pode ser consultada em *Chega de saudade*, de Ruy Castro, como encarte, entre as páginas 240 e 241. Tendo em vista a reduzida dimensão do bairro, a distância poderia ser facilmente coberta a pé entre um e outro. Os bares forneceriam ainda cenário para outros livros do período, como *Bar Don Juan* (1971), de Antonio Callado, e *Um novo animal na floresta* (1981), de Carlinhos Oliveira, para se ter uma ideia do quanto foram importantes como espaço de convivência e de articulação. Ainda, a título de contraste, a viagem que Francis fez como ator ao Norte e ao Nordeste lhe opôs dois mundos, “(...) o atordoamento do ser humano bestializado por um clima (nos dois sentidos do termo) intolerável, inconcebível nos meus confortos de Zona Sul do Rio, que agora me sugeriam luxos aristocráticos.” Ver FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 104. O “Meio Ipanema” a que ele se referiu serve como sinédoque, pois significa mais do que o bairro geográfico, quer designar a Zona Sul em geral. Copacabana e Leblon são outros bairros que participam de *Cabeça de papel* como cenário. Otto Lara Resende chegou a escrever que é um romance feito de ‘papel, pó e álcool’, sendo o ‘papel’, entre outros sentidos, alusão às redações de jornal, onde se desenrola parte da ação narrativa, e o ‘pó’ e o ‘álcool’, amplamente consumidos pelos personagens, quase sempre nesses bares e restaurantes da Zona Sul. Na ficção de Francis - salvo *Carne viva*, que se passa entre Paris e Petrópolis, quase sempre - é o “meio Ipanema” que domina. Ver RESENDE, Otto Lara. “Francis’s fun fair”, p. 121.

¹³⁸ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de papel*, pp. 9 e 15.

como o casamento com Sílvia Maria. Hesse é descrito naquele instante como um comunista que aceitou no passado escrever para jornal duas vezes na semana, no mesmo meio de comunicação que, no momento em que Mann inicia o relato, Hesse dirige. As relações familiares da mulher de Hesse são explicadas, entre outros dados, como a morte da mãe de Sílvia Maria. Mann insinua a conversão de Hesse ao capitalismo, que será desenvolvida ao longo do romance e que é um dos pilares dos *Cabeças* - ricos e pobres, poderosos *versus* mandados, sob o ponto de vista do intelectual que Mann é. Hesse se opunha ao sogro capitalista, até associar-se e tornar-se amigo íntimo dele, o que produz, como contrapartida, a hostilidade dos antigos colegas esquerdistas.

A terceira parte, “A noite anterior, 1976”, realiza um retorno às horas anteriores ao encontro de Victor, Mann e Hesse no restaurante italiano. O parágrafo de abertura é revelador da visão de mundo que Mann possui, amarga e irônica.

Nosso mundo é insano e corrupto, não importa o ângulo de visão, e não pode ser analisado ou compreendido, fragmentariamente, no varejo de nossas sensações e emoções. Os modelos sociológicos, o babalaô individual, etc. não alteram a certeza nervosa, central, de que vivemos um apocalipse. Burguês, claro, mas que somos nós, nada gestamos de diferente. E aqui a lógica serve ao irracionalismo. O burguês é senhor de ‘algo mais’, de que nenhuma classe condenada dispôs.¹³⁹

Talvez se pudesse capturar na citação o espírito do narrador, desencantado com modelos de sociedade, reticente demais com socialismo ou capitalismo. É suficiente apontar para essa desilusão do narrador, que apreende o ser humano sob uma visão crítica e pouco dada a presilhas ideológicas de qualquer natureza, pelo menos tão rígidas. Nem esquerda, nem direita merecem concessões ou desculpas, ambas pagam tributo à ojeriza de Mann, que escarnece e as parece desprezar com igual força. A diferença para Mann é que o burguês manda e os demais obedecem - não se trata de uma crítica ao burguês: a esquerda no poder não produziria mudanças estruturais.¹⁴⁰ Ainda no bar, um poeta pergunta a Mann o que acha de escrever memórias no jornal de Hesse. Por fim, Mann, Quincas e Maria Tereza, cunhada de Hesse, saem e vão a um restaurante da moda que está lotado.

¹³⁹ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de papel*, p. 31.

¹⁴⁰ Na autobiografia de Francis é dito: “Acho que não preciso repetir onde está meu coração político. A cabeça se libertou das simplificações e paliativos, das certezas de manual. Examina e se autoexamina constantemente. É meu inferno e minha delícia, minha única justificativa plausível de alegar que evolui dos macacos. Aceito os riscos e incertezas dessa liberdade, *essencialmente modesta*, pois me acho disposto a aprender *do que ou de quem me persuadir*. Ainda que sozinho continuarei assim, mas sei que estou muito bem acompanhado.” Os grifos são do original. Ver FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 177.

“Brasileiro Profissão Esperança, 1960-1976” centra-se em um jantar de Hesse com o embaixador norte-americano e alguns intelectuais. Adriana é esposa de Zé Carlos, editor do jornal concorrente de Hesse. Francis utiliza o recurso do flashback nas vidas de Adriana e “Zeca”, durante o período de faculdade. Zeca assina uma série de matérias jornalísticas sobre um nazista que vive em Joinville, conquista reconhecimento profissional e o Prêmio Esso de jornalismo. Anos depois, torna-se editor-chefe do jornal para o qual escrevia as tais matérias.

“Educação Sentimental, 1944-1969”, a quinta parte, relembra passagens da vida de Hesse, como a chegada em Michigan, Estados Unidos, aos 18 anos, em 1944 (o pai queria separá-lo de uma filha de português e arranhou os estudos naquele país). Os rumos do Brasil presidido pelos militares pós-1964 igualmente são revistos, por meio de informações como a dificuldade que Mann teve para conseguir trabalho e o tempo que passou na cadeia (sempre dada em pequenos quadros, a realidade precisa ser montada pelo leitor, porque as idas e vindas temporais são muitas e a organização que se estabelece, algo precária, lacunar). Mann publicou dois livros e Hesse afirmou que só havia um crítico de cultura geral no país naquele momento, Mann. Libertado da prisão em 1969, ao sair é convidado para uma festa na casa de Hesse, com quem Mann não se encontrava desde 1º de abril de 1964 (data do Golpe). No jardim, enquanto conversa com o anfitrião, Mann é instigado a ocupar a vaga de crítico de outro jornal, de Sadat (o que publicava as colaborações de Mann seria vendido a alguém “do sistema”). Hesse frisa que Mann não poderia mais escrever sobre política (os tais ensaios de Mann ficam para o leitor mais como insinuação do que como trabalhos reais, palpáveis; o leitor vislumbra o conteúdo de seus escritos por vias transversas, como, por exemplo, com a informação de que Mann estivera preso - logo, fazia oposição ao regime militar - ou assinara um perfil hagiográfico por ocasião da morte de “Che” Guevara, em um tempo em que isso não era permitido). Novas lembranças do narrador, nas quais Hesse e Mann são recordados quando crianças, no colégio Santo Inácio.

Nesta quinta seção há um diálogo importante, a bem da verdade “monólogo” de Hesse com Mann, em que uma ideia importante para a compreensão de *Cabeça de papel* irrompe (apareceu anteriormente, mas agora sobressai com força e desenvolvimento): as elites e as massas seriam iguais, a diferença ficaria por conta das elites, sempre aptas a dispor “locais e armas” (poder decisório). De volta à festa: Hesse pede a Mann que espere a saída dos convidados, quando brindarão em seu escritório, a sós. Sílvia Maria recebe Mann mal. Hesse defende a tortura diante de Mann (lembramos que Mann havia sido preso e que Hesse fizera oposição ao regime militar, antes da conversão capitalista). A aproximação de Hesse com seu pai se dera depois da volta de Yale, volta a evocar Mann. Aqui há o contraponto de duas

lógicas, a de Mann e a de Hesse. O normal é que tenhamos apenas o filtro de Mann para mediar os acontecimentos, mesmo quando fala do amigo. Em certo ponto da conversa, Hesse diz: “O que há de comum entre nós [Hesse e Mann] é que não nos interessamos o bastante pelos outros para dependermos deles, vivemos nossas abstrações particulares mais intensamente que qualquer contato humano. É o nosso ‘segredo’, que os outros vislumbram, sem entender direito, só percebendo que os exclui, o que é correto. Silvia Maria te esnobou hoje porque me reconhece em você, um desvio de ressentimento.”¹⁴¹ É um reconhecimento à força da amizade que os une e ao quanto são parecidos, ainda que se tenham afastado fisicamente e mesmo, ao que parece, pelo menos em um primeiro momento, ideologicamente. E, mais adiante, ainda com a palavra, Hesse:

Meu impasse é claro. Moralmente, rejeito a supremacia de uma classe montada em sacrifícios humanos que causariam indigestão a Moloch, o vasto gulag sem arame farpado (às vezes) que bestializa, exaure, mata bilhões, relegando-os a frios relatórios da ONU, aqueles que nos informam que quinhentos milhões morrem de fome, a qualquer hora do dia (...) E, no entanto, foi nos confortos dessa classe que eu e semelhantes cultivamos a moralidade antagônica a nossos próprios ‘interesses’. Moralidade que não conseguimos converter em ação, sequer pelo devagar e sempre das diversas modalidades da social-democracia.¹⁴²

Novamente essa que poderia ser denominada de derrocada pessoal, da qual também Mann será vítima ao correr do romance. De esquerdista ativo, Mann chegará a uma posição próxima a de Hesse, ao conquistar fortuna de maneira até inadvertida e surpreendente, como se verá em *Cabeça de negro*. Mann, então, não rejeita os benefícios do dinheiro e de tudo o que pode comprar. Digamos que o esquerdista se “privatiza” e há toda uma discussão feita não muito às claras, de que Mann “traí” suas crenças ao receber esse dinheiro. No entanto, o drama de consciência é substituído pelo usufruto da nova condição, não sem algum desprezo por si próprio e abalo de autoestima (mas pouco: Mann logo se adapta à situação, pois é um aristocrata espiritual, está à vontade no papel de endinheirado; antes, circulava entre os ricos e empreendedores, a diferença é que não tinha poder econômico, e agora tem, é um “deles”). A antiga camaradagem recuperada, Hesse e Mann cheiram cocaína na cama da sogra de Hesse. Sílvia Maria aparece. O fornecedor da droga é Victor, também usuário. Volta aos três no restaurante italiano, neste romance em que a circularidade é o movimento dominante.

“Quarta-feira de Cinzas, 1976”, a sexta divisão, revive a rotina de redação de jornal, com os jornalistas Mann, Hesse e Audálio. Em certo momento, a pergunta:

¹⁴¹ FRANCIS, Paulo. *Op. cit.*, p. 95.

¹⁴² FRANCIS, Paulo. *Op. cit.*, p. 101.

Cada resposta possível cria novas e difíceis perguntas, levando à central: quais as verdadeiras relações de Hesse e Hugo, entre o que traiu e o que não traiu? (...) Faziam uma dobradinha famosa pré-1964, que os próprios adversários respeitavam. Agora, em divergência fundamental, o que na terra de Audálio provocaria um ‘desenlace’, coexistiam; ao darem de cara no jornal, trocavam palavras rápidas numa mistura de línguas e alusões incompreensíveis, que se percebe humorísticas, pois sorriem marotamente.¹⁴³

O que se ressalta é uma amizade que se sobrepõe a posturas ideológicas (resta, no final, que as diferenças entre ambos, Mann e Hesse, têm mais o jeito de cosméticas do que fundamentais, no final das contas). O excerto indica a cumplicidade profunda que existe entre os amigos, e que “falavam” entre si, tinham um jargão de uso comum, o que endossa a ideia de que os demais não “entravam” na conversa dos dois, sólida e excludente que era essa amizade. Neste ponto, porém, está dada a diferença entre Hesse e Mann, entre o que “traiu” e o que “não traiu” - diferença que se manterá aos olhos dos personagens secundários de *Cabeça de papel*. Na praia, Mann chega a algumas sínteses preciosas, como se pode perceber a seguir, e capaz de um humor ferino:

Na praia minhas faculdades entram em recesso. Detesto calor, queimaduras, barata na areia, areia, multidões, aquele vasto açougue onde é raro encontrar um lombo razoável e, muito menos, um filé, ou cabeça de ganso, em que barrigas engravidadas a chope e montanhas de celulite deveriam desmistificar de vez o mito de beleza da raça, não fazem nada disso, naturalmente, a consciência coletiva se apega às exceções, endeusando-as, somos todos editores-amadores.

Em outro trecho, algumas páginas depois e em idêntico cenário:

De costas ao mar, olhamos exclusivamente as pessoas que conhecemos. A praia tem povo saindo pelo ladrão, ou pelo esgoto, se quisermos ser literais. Só vemos, porém, a ‘nossa’ gente, que inclui, a bem da verdade, membros das Forças Armadas, profiteurs e sicofantas do sistema, que o Jornalista Famoso e eu, se nos fosse dado o poder, trataríamos como nos tratam, mas a quem outorgamos o direito de existir, talvez por vocação dialética, ou sintonia de classe, ou falta de caráter, ou força do hábito, secularmente adquirido, de que uma pequena elite, não importa quão fracionada ou antagonica, é preferível às multidões que atomizam tudo ao contato, não escapando sequer nossas preciosas personalidades.¹⁴⁴

As páginas de *Cabeça de papel* são repletas de juízos semelhantes. A afirmação de que se tivesse o poder faria a mesma coisa do que os outros, no entanto, é elucidativa. O componente elitista também é variável e digno de menção. Em um diálogo telefônico entre Hesse e Sílvia Maria, ela chama Mann de “comunista nojento”. Hesse responde: “O Hugo é

¹⁴³ FRANCIS, Paulo. *Op. cit.*, p. 122.

¹⁴⁴ FRANCIS, Paulo. *Op. cit.*, pp. 125 e 129.

um esquerdista radical platônico.”¹⁴⁵ Radical platônico, ou seja, com opiniões e poucas ações efetivas de transformação da sociedade. Mann fica muito mais na órbita de um ex-esquerdista que olha para a sociedade com olhos críticos de esquerdista, contudo já inapelavelmente seduzido pelas benesses do capitalismo. Ambos, capitalistas e esquerdistas (ou “comunistas”, como se vêem) seriam odiosos pela opressão que podem produzir e o narrador se agita entre os dois polos, incapaz de se decidir por um e combater com armas eficazes a alternativa restante.

“Carnaval, 1976”, o penúltimo segmento, abre com uma conversa entre Mann e Victor, que é convidado pelo narrador a ir à noite de autógrafos do livro de uma jornalista, Odaleia. Hesse e Sadat conversam, depois da saída de industriais e antes do encontro de Hesse com Adriana, amante com quem mantêm relação sexual. Mann e Victor vão ao Antonio’s, bar da moda. Victor toma banho na casa de Mann. Raquel chega e Mann está bêbado. Mann e Hesse conversam no banheiro, durante o lançamento do livro de Odaléia.

“Coda”, como o título indica, encerra o romance. Consome duas econômicas páginas e é o único dos capítulos que não carrega consigo uma data. Hesse e Victor morrem quando o carro em que estão explode. O enterro de Hesse é frequentado por muita gente. O obituário é escrito por Mann, que recebe pertences do amigo, cartas, livro e um revólver, um mês depois. Hesse, na verdade, seria um espião a serviço da URSS, em luta contra a CIA, a agência de inteligência norte-americana.

4.1.2 O narrador

O narrador de *Cabeça de papel*, Hugo Mann, conduz a narrativa em 1ª pessoa, dando seu testemunho do que viveu, soube, imaginou. É ele quem organiza o todo narrativo, mesmo quando Paulo Hesse toma as rédeas e conta sua história (por exemplo, no longo diálogo que os dois mantêm, em “Quarta-feira de cinzas, 1976”, crucial para se perceber as gradações entre um e outro). Dada a diferença de classe - que nem é tanta, pois ambos, Mann e Hesse, integram uma elite que cresceu na mesma rua e estudou no mesmo colégio -, o narrador de *Cabeça de papel* pode ser qualificado como um intelectual refinado, que, se linearmente conta a história de Hesse, de si e de um dado grupo que frequentam, de outro lado assesta sua “metralhadora giratória” (expressão usada mais de uma vez para designar o que Francis fazia em seu trabalho jornalístico, visto seus múltiplos alvos e juízos) na direção de qualquer ponto

¹⁴⁵ FRANCIS, Paulo. *Op. cit.*, p. 137.

de mira. Senão, vejamos as páginas iniciais, em que Mann - que já exercera o colunismo político no jornalismo, antes de 1964, quando então foi preso, e era um crítico cultural elogiado, de momento na contrafação de “crítico de cinema” porque uma atividade anódina que não lhe criaria problemas com os militares - tem a oferecer, para além da história que quer contar:

Sou crítico de cinema, gosto das legendas, o único humor puro, chalaça, que resta na praça, me pagam pelo que acho, é o que eu chamaria minha única atividade capitalista, não darei explicações. Se encontro algum ‘velho companheiro’ na rua, disparo comentários adequadamente pessimistas sobre a ‘situação’ e me despeço apressado, ‘compromisso urgente, sabe como é que é’, ‘a gente precisa jantar juntos um dia desses’, never is too soon for me, shorty. Leio a maior parte do verão e vou para a serra no inferno. Sei que me apelidaram de Greta. É melhor que Celi.

Não quero discutir porque estou assim life is awful but don’t say it, basta ir ao dicionário. Os melhores me acham sob sofrimento profundo e inexpresso, de que têm certeza conhecem as causas, como o velho A., que, aos 81 anos, acredita em Deus, liberdade e progresso para as massas, que chamaria povo, identificando a origem fascista da palavra ‘massas’, o velho A. até escreve a respeito, e me olha caridoso, silenciosamente se solidarizando com meu chagrin, na língua step dele. Olho-o e me lembro que Hesse só o conserva porque pinga um molho liberal no pasquim reacionário que Hesse edita. Ainda dá para ver Ipanema às 6 da manhã. Moro no Leblon. Sabemos o que tínhamos de fazer e não fizemos. Órfãos da tempestade. Talvez nem isso. Falta-nos gravitas. Não escolhemos nem propusemos. Deixamo-nos dispor e depor. Vivemos entre segundos. Não contamos.

Raquel aqui na minha perna esquerda discordaria, se consultada, não é, porque me acha válido. Chegou de maiô e toalha enrolada e chaves do VW na mão, o easy rider dela e minha tantalizante limousine com chofer, ‘às ordens do patrão’, depois de quorar na praia depois da Nacional, ‘eu não e sentiria bem na PUC. Já que fumigaram as faculdades de sociologia, aprende a literatura das vacas de Nhonhô ou do cumpadre Ermelindo, ou a classe sem consciência de si própria de Graciliano; pré-1968; hoje, Graciliano virou modelo estruturalista; ‘deixa a desejar’. Raquel estuda sob algum nordestino Casa Tavares Caporal Douradinho que talvez já tenha atingido o Oliu & filtro, ou sob algum mineiro maneiroso, Proust de bolso, um ou outro entupidos de Barthes ao último obscurantista sintético de Paris, ambos ensinando às crianças que é marca de superioridade negar o real e concreto, o conceituado e dinâmico, um conselho prudente, se fosse dado honestamente; não é; pois clareza e movimento não cabem no nosso sarcófago, inquietam e irritam as múmias locadoras, cuja maldição é incontrastável. Serão muito diferentes, porém, dos ‘nossos’, que insistem na existência dessa realidade? Se os modelos divergem, a obscuridade de linguagem é idêntica. No fundo, se dirigem apenas a iniciados, a eles próprios, aos portadores do anel de doutor, aos presentes e futuros inquilinos da academia brasileira de túmulo grátis, na vida e na morte.

Raquel insiste, como pode. Raquel acha João Cabral um grande poeta, ouve Chico e Betânia, adora a musicalidade e as letras contestatórias do Chico, mas o campo de concentração sente mesmo é em Berré, ela quer dizer campo de extermínio, no CIB não sabem, ou não ensinam, a diferença, e é comunista, naturalmente, se bem que o Partidão já era, naturalmente.

Raquel tem cancha de maus-tratos, eu disse a ela que a tradição rabínica ortodoxa considera o antissemitismo parte da natureza do gentio, uma espécie de pecado original, não me acredita, o que é uma reação comum quando digo a verdade. Os maus-tratos na minha casa começam pela emprtegada que odeia mulheres, ‘ele não está minha filha e não seia que horas chega’, sabe dos meus movimentos melhor que o exército, é uma mulata que dorme de bunda de fora, esperando, presumo, que eu a penetre, olhei, olho sempre, resistindo para não consolidar o poder dela, já considerável. Posse absoluta da casa dez horas ao dia, expropriação da TV, partilha de gêneros alimentícios, de Queen Anne, White Horse e outros uísques de

carregação que me presenteiam e, calculo, comissão mínima de vinte por cento do meu produto interno bruto.¹⁴⁶

A citação, longa, é necessária para dar uma ideia da frase de Francis, que acumula todo tipo de referências, muitas das quais não exatamente cristalinas ao leitor (e hoje ainda mais, tornando-o hermético aos desavisados, pois muita coisa ficou datada e a referência se perdeu). Interessa, contudo, olhar para esse narrador, que “atropela” o leitor, na expressão de Arrigucci Jr., no diálogo com outros professores e críticos.¹⁴⁷ No trecho destacado, desfila uma série de nomes - Greta Garbo, Adolfo Celi, A. (Alceu Amoroso Lima, pelas características, muito presente na vida cultural brasileira como líder católico e intelectual), Graciliano Ramos, Marcel Proust, Roland Barthes, João Cabral de Melo Neto, Chico Buarque, etc - , todos egressos do mundo cultural (atores, diretores, escritores, intelectuais, cantores), lado a lado com outras referências, como o cigarro Caporal Douradinho e o “Oliu” (Hollywood), frases em inglês, a Academia Brasileira de Letras, o clima opressivo instaurado com os militares (“a situação”). O que resulta é que uma página de *Cabeça de papel* condensa tanta coisa que é desnecessário procurar algum trecho específico, porque, de regra, qualquer excerto traz tal volume de informações, opiniões, críticas, comentários, tudo de cambulhada, combinado à história que se quer relatar. Esse conteúdo passa a ser, assim, tão importante quanto *o que* se quer contar (e é a partir dessa gama de assuntos díspares e na aparência até desencontrados que se pode inscrever *Cabeça de papel* em uma linhagem de romance de ideias). “Se opina sobre tudo”, diz Carlos Vogt, no diálogo em que participam outros colegas, para Arrigucci continuar: “Sobre tudo, o tempo todo. Sobre o comportamento social, sobre juventude, velhice...”¹⁴⁸

¹⁴⁶ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de papel*, pp. 9-10.

¹⁴⁷ Arrigucci toca em um ponto frutífero, que, no entanto, não será aproveitado, por razões de concentração: que o romance de Francis - recordemos que foi o primeiro, portanto uma novidade àquela altura, para quem conhecia apenas o profissional de imprensa, o articulista - não é propriamente um romance, ou apenas um romance. Para o ensaísta, há um projeto proustiano em curso, em que se juntam o romance e a confissão, ou, nas palavras dele, “(...) é um projeto de síntese autobiográfica, de autobiografia imaginária”. Francis “quebraria” a norma do romance na linha do que Proust fez - as comparações, é evidente, terminam por aí, como também as vinculações com Joyce são automáticas, pelo procedimento técnico adotado (fluxo de consciência, etc). Ver ARRIGUCCI JR., Davi. “Jornal, realismo, alegoria: O romance brasileiro recente”, p. 79 em especial, mas de forma útil todo o diálogo. Poder-se-ia avançar e propor que ele tem em vista um tipo de “romance social”, terminologia que Francis usou para se referir a Proust e ao que o escritor francês realizou no seu *Em busca do tempo perdido*: “Ultimamente, é verdade, os intelectuais começaram a redescobrir o *policier*, porque a literatura se encontra num beco sem saída. Proust nos deu o último e definitivo romance social. Em Kafka, a estrutura da sociedade se desintegra. Em Joyce, é a palavra que se desintegra. Não há, certamente, nada de novo a fazer no gênero, exceto cultivá-lo nessas três linhas, misturando-as se possível. Tanto assim que a literatura dominante do nosso tempo tem por tema e desenvolvimento o próprio escritor, o que Norman Mailer, por exemplo, exemplifica.” Ver FRANCIS, Paulo. “O bem amado romance policial”, p. 135.

¹⁴⁸ ARRIGUCCI JR., Davi. *Op. cit.*, p. 80.

Tentemos outro trecho:

‘Amigos a gente só tem os de infância e juventude. Sempre quis saber por quê. Por que um ampara o outro, pela presença, comunizando as primeiras vulnerabilidades, quando não se é nada e não dá para disfarçar, e se espera tudo, em geral tudo de pior? Você se lembra a primeira vez em que entrou num bar, enfrentando os grandes, como iguais? Ou rodar num caminhão no escuro, no mato, numa espécie de caixão aberto e volante, em que se ri, meio encagaçado, o riso de volta reassegura que ainda há vida, ou saindo de uma porrada coletiva e se apalpando todo, bestificado de estar inteiro? Ou a subida do pau que na entrada do primeiro puteiro parecia encolher cada vez mais? Sempre que encontro alguém daquele tempo, mesmo que não sobre nada de novo em comum, o sentimento de intimidade me volta por baixo da máscara que enfiamos durante os anos. É impressão só, claro, que no papo some logo. A máscara é a cara da gente.’

Hesse está de olho no disco, em que Siegfried entoa os lamentos maniqueístas do autor, o ódio de Wagner ao mundo material em glorious technicolor and stereophonic sound, que se resolve quando os heróis morrem, o último gesto de agressão, fascinante, inevitável, mas desde o início em clímax, é como entrar numa briga de amantes no fim, em que se disse e fez o imperdoável e não há retirada possível, em que o intelecto crítico, o articulador da crise, obdecendo a algum impulso inconsciente, perdeu o controle da situação, virou servo do impulso, e se debate, inutilmente, tentando recuperar prumo.

Hesse aciona o fecho éclair: ‘Infância, primeiras impressões, e daí e daí. Nunca te ocorreu que é apenas uma questão de precedência e, antes que eu me esqueça, de dependência? É claro que um bebê tonto, confuso, impotente, se agarra em mamãe, babá, cachorro, cadeira, o que for, porque estão lá, ocupando o vazio. O resto é literatura e Freud é um grande escritor, ele e Platão ficaram célebres nas disciplinas erradas. E você se lembra, pois esses troços ou pessoas te preencheramantes que você criasse capacidade de analisá-los, de discriminar. Madeleine de matuto é sujeira e cheiro de mato.Vale? Em Paris, comi um doce de laranja e foi aquele retorno do reprimido. Detesto doce de laranja, cuspi fora em criança e minha mãe me esbofeteava, obrigando a engolir. A emoção é forte, não nego, como dessa merda aí, Wagner, corta o discernimento crítico, talvez ele pensasse que assim afugentaria os credores. Você não ia discutir minha minha traição, meu ostracismo, apesar de sermos íntimos, mas somou os dablius, whiskey e Wagner, e voltamos à aurora da nossa vida. Esquece. O que há de comum entre nós é que não nos interessamos o bastante pelos outros para dependermos deles, vivemos nossas abstrações particulares mais intensamente que qualquer contato humano.. É o nosso ‘segredo’, que os outros vislumbram, sem entender direito, só percebendo que os exclui, o que é correto. Sílvia Maria te esnobou hoje porque me reconhece em você, um desvio de ressentimento.’¹⁴⁹

A fala é de Hesse, o que as aspas não deixam margem para dúvida, ainda que se possa objetar que o procedimento que adota no seu “monólogo” (ele conversa com Mann) é bastante assemelhado à voz do interlocutor, esse acúmulo de informações e alusões nem sempre límpidas (mas, imbuídos de um sistema comum de leituras e vivências, e próximos como são, também se poderia alegar que é o que os aproxima, as ligações com um mesmo grupo, o aspecto geracional - Hesse e Mann teriam sido a “última geração literária do Brasil”, na

¹⁴⁹ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de papel*, pp. 91-92.

condensação de Zuenir Ventura).¹⁵⁰ Wagner e Proust, mais a contestação à supremacia de Platão e Freud em suas respectivas áreas de atuação (no caso de Freud, é conhecido o episódio de que se tentou atribuir o Nobel de Literatura ao pensador austríaco, como se o que fosse relevante em seus ensaios fosse a capacidade estilística do autor e ficasse em plano inferior o que se propagava). Outras “ideias” borbulhantes para conversa, como a noção de que amigos verdadeiros só são factíveis na infância e na adolescência, são férteis.¹⁵¹ Assim se segue em *Cabeça de papel*, Anatole France, T.S. Eliot, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Glauber Rocha, cocaína, Aldous e Thomas Huxley, passado em Petrópolis, “mulatinhos” na praia que se assemelham a trombadinhas (em sua visão economicamente privilegiada), o revolucionário russo Felix Dzerzhinsky, o escritor húngaro Ferenc Molnár e bares (alguns deles já apontados - todos estão na primeira seção do romance, “A manhã seguinte, 1976”). A erudição do narrador e de Hesse, as “vozes” do romance, são evidentes e não parecem ter paralelo no romance nacional, pelo menos em tempos recentes.¹⁵²

Vale ainda se debruçar sobre outros dois trechos de *Cabeça de papel*, em que a capacidade de estabelecer temas se torna patente:

‘A biografia mantém viva a tradição novelística do Século XIX’, me afirma Hesse, cara lavada, camisa mudada, ‘over here we have um bujão Merck legítimo. Arranjei um portador especial. Você tem uma nota nova aí? Acabaram a produção dos filtra-fumos, porra. Você sabia que um dos meus sonhos é escrever uma biografia de Bento Manuel Ribeiro, o único revolucionário realista da nossa História, mas desisto sempre que vejo alguém concentrado em si próprio, como você. O que pode um biógrafo, really? Atos, cartas, documentos, lembranças dos outros que nos dizem menos do que a cara da gente refletida no espelho, que já é fajutice. É impossível reproduzir o que Proust sentiu ao escrever sobre os sapatos vermelhos da Duquesa. E mentimos e escondemos, eu diria que 70% da vida são despistes. Do resto, 20% se consomem em gestos, atitudes, etc., com motivações semiinconscientes. Ficam os 10% que você encontra nas boas biografias. Agora vá você convencer a essas

¹⁵⁰ “A Geração de 68 [ou seja, a geração adulta naquele ano] talvez tenha sido a última geração literária do Brasil - pelo menos no sentido em que seu aprendizado intelectual e sua percepção estética foram forjados pela leitura. Foi criada lendo, pode-se dizer, mais do que vendo”. Ventura se ampara em José Américo Pessanha, filósofo para quem essa seria “a última geração loquaz”, em que a formação literária lhe daria o gosto da palavra argumentativa, o que se haveria perdido depois. A lista de best-sellers do período incluía Marx, Gramsci, Lukács, Marcuse, a *Revista Civilização Brasileira*, com artigos de debate. Ver VENTURA, Zuenir. *1968 - o ano que não terminou*, p. 51 e seguintes.

¹⁵¹ Compare-se com o que Francis escreveu, disponível em dois verbetes selecionados por Daniel Piza: “Amigos - Amigos profundos só os temos na nossa geração. (FSP, 9/1/86)” e “Amizade - As amizades mais profundas vêm desse sofrimento a dois, ou a três. Nunca dissemos nada de importante, mas criamos uma ponte emocional, subterrânea, com os amigos da infância, que, em geral, sobrevivem às intempéries e à corrosão do tempo. (FSP, 14/7/84)”. As vozes de Hesse, o personagem, e de Francis, o autor, confluem. Ver PIZA, Daniel. (org.) *Waaal - O dicionário da corte*, p. 17.

¹⁵² O caso de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, um século antes, é sugestivo e aparecerá em outro momento. Nesse predecessor ilustríssimo se tem alguém erudito, capaz de contrastes, um tipo de movimento assemelhado ao empreendido um século depois pelo narrador de *Cabeça de papel*. Diga-se de pronto que acredito que o Mann de Francis seja mais agressivo, afrontoso, em certo sentido incômodo, sendo os dois, de alguma forma, aparentados espirituais, de onde é possível compará-los.

solteironas inglesas que cavucam Virginia, Vanessa, etc., que ‘cartas reveladoras’ não passam de performances, cuidadosamente elaboradas se o autor é profissional, e amateur night na maioria dos casos, o que não impede que o mais banal ‘prezado senhor’ seja histriônico. O barão de Charlus não é aquela bichona velha e chata, Montesquieu. É Proust. O negócio é cafungar.’

E, para finalizar, algumas dezenas de páginas à frente:

Nunca faço perguntas pessoais, a não ser bêbado, o que não vale, bebedeira é um estado de graça, que nos absolve de responsabilidades, nisso sou ‘inglês’, desconheço reclamações de pipi e cocô no tapete da hostess, que, de resto, como todos nós, vive na civilização da Maria, a empregada é quem limpa, passa a borracha nos nossos borrões, o quadro-negro da nossa alma fica limpo de novo até os próximos garranchos e estridências. E boas respostas, de qualquer forma, exigem capacidade de introspecção e análise, que Victor não tem, sempre viveu o presente imediato, preenchendo-o ansiosamente de peripécias, clímaxes, desfechos, reviravoltas, tudo o que impeça a gestação de dúvidas, de perguntas sem respostas. Não é que não seja pessoal, como todo mundo, ‘nunca pensei que você virasse comuna, o Hesse também, mas se mancou em tempo, né? Porque você insiste nesse troço? Quando um negócio não dá mais pé, take the body out. E você precisa ver que vida miquelina os comunas levam. Eu sou doutor no assunto, conheço todos os países comunas, fui à China no tempo em que aqui fingiam que não existia, comi cabeça de ganso, é o filé deles, com Chou En-lai e o resto da turma, me trataram feito industrial brasileiro, palavra, depois eu conto. Rodei mundo, seu. Meu passaporte parece a lista telefônica’. Perguntou se apanhei muito na prisão.¹⁵³

O narrador tende a ser falastrão, opinativo, agressivo, alusivo, alguém que tem, na ponta da língua, uma palavra ferina ou uma asserção a fazer, seja sobre qual assunto for (com realce nos assuntos culturais, históricos, políticos). Nas próprias palavras, “(...) faço piadas destrutivas sobre todo mundo, meus próprios estilhaços sempre em destaque (...)”. Não raro com bom humor, ou humor sardônico, como em “O silêncio é de graça, menos na polícia” (Mann havia sido preso depois do AI-5, lembra em mais de um momento do romance). Sua natureza, crítica, não se manifesta somente no juízo que oferece de si - “Já houve manifestos de jovens cineastas brasileiros, não tão jovens assim, beiram os quarenta anos, ‘porque não gosto de nada’. Não é bem isso. Admiro-os industrialmente” - , que pode ser expressa na frase

¹⁵³ Nos dois excertos percebe-se a extensa quantidade de informações, aparentemente desconstruídas, muitas vezes, presentes no discurso do narrador e no de Hesse (deste, no primeiro trecho, na conversa que mantém com Mann). No primeiro, a menção ao combatente Bento Manuel Ribeiro, um dos mais enigmáticos heróis da Revolução Farroupilha, é curiosa, mais quando se sabe que Francis tinha a intenção de escrever uma peça sobre o assunto, conforme consta da orelha da primeira edição de *Filhas do segundo sexo*. Ribeiro combateu ora ao lado dos farrapos, ora ao lado dos militares, sem que uma biografia integral e de fundo psicológico lhe tivesse dado conta das motivações com justiça. O que seduzia Francis na Guerra dos Farrapos, ao que parece, era que ele considerava o movimento “o único realmente burguês moderno”. Ver PIZA, Daniel. *Paulo Francis*, p. 64. Lembre-se que seu interesse por política e por movimentos sociais ajuda a explicar, pelo menos em parte, esse impulso de transformar a Revolução Farroupilha em peça. Ver FRANCIS, Paulo. *Cabeça de papel*, respectivamente pp. 101-102 e 125, e as orelhas de FRANCIS, Paulo. *Filhas do segundo sexo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.

de encerramento da primeira seção, “A ironia é um vício secreto na pátria amada”.¹⁵⁴ Sem muita explicação, como convém à índole de alguém acostumado a olhar de cima os circunstâncias, que quer um leitor afeito às sutilezas do que relata.

Cabeça de papel foi lançado à mesma época que *Tieta do agreste*, romance de Jorge Amado com quem dividiu as listas de best-sellers.¹⁵⁵ Em tudo Francis é diferente de Amado, criador de tipos característicos e “sociólogo” dos costumes de uma sociedade miscigenada, sensual e antiintelectualista, na Bahia que conheceu. O universo de *Cabeça de papel* é o Rio da Zona Sul, de bares como o Álvaro’s e o Degrau, ambos na Ataulfo de Paiva, em Ipanema, de bebida, drogas e sexo, de discussões intermináveis, de cabeças permanentemente em funcionamento, que avaliam a si mesmos e o mundo sem trégua. O que ganha ressaltado é um painel amplo, pois é um romance - ainda que muitos o queiram mais do que um romance, ou menos, ou não exatamente um romance, como Arrigucci e os demais comentadores que o discutiram no momento de seu surgimento, entre outros exegetas - de hausto longo, com a pretensão de falar de um Brasil sob a ditadura, de Direita e Esquerda, de amizade, da redação de jornal, de jornalistas, da classe dirigente, de um todo quase inabarcável, enfim, pela largueza de perspectiva. Abrangente, a reivindicação do romance é de uma ambição totalizadora, a começar pelo olhar desse narrador imodesto, alucinado, desafiador. Como dito, é o mais complexo dos romances de Francis, pois nos demais a amplitude é reduzida, embora as ideias ainda estejam presentes, participem de sua tessitura íntima, e em *Cabeça de negro* haja mesmo uma tentativa, ainda que se possa chamar de assistemática, de dar um diagnóstico das mazelas do Brasil, “invadido” pelos “cabeças de negros”, isto é, os despossuídos, ou “bandidos”, já onipresentes naquela sociedade. É um pouco o retrato que começava a aparecer em Rubem Fonseca, em livros como *Feliz ano novo* (1975) e *O cobrador* (1979), nos respectivos contos-título - a violência urbana dos grandes centros, tema que se tornaria corriqueiro e disseminado, em todo o país, ao que parece a partir do Rio de Janeiro).

Pretensioso, o que em ficção não é necessariamente um sinal de equívoco, mirar alto. É como se Francis se medisse com os grandes, como se almejasse uma saga, à *Ulisses*, à *Em busca do tempo perdido*, com os *Cabeças*. Uma resenha talvez o tenha definido com propriedade, ao sustentar que possui “o inevitável desejo de passar a vida a limpo.”¹⁵⁶ Presumido, sem dúvida, mas, como Francis disse certa vez de Gianfrancesco Guarnieri e de *Eles não usam black-tie*, a pretensão é própria de quem tem algo que dizer, não sendo,

¹⁵⁴ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de papel*, respectivamente pp. 11, 14 e 15.

¹⁵⁵ MANSUR, Gilberto. “Ipanema, jornais, bares - e uma geração perdida?”, p. 52.

¹⁵⁶ RESENDE, Otto Lara. “Francis’s fun fair”, p. 120.

portanto, um defeito tão grave quanto parece. Seu narrador homodiegético consegue ter total domínio do que vai relatar, típico das confissões ou autobiografias - e *Cabeça de papel* se apresenta como tal, uma narrativa centrada no presente, que faz movimentos de recuo para o passado, para explicar como se chegou à configuração atual (não seria absurdo considerá-lo também autodiegético, mesmo Mann, o narrador, tendo a vida de Hesse, seu amigo, no fulcro dos acontecimentos. Em última instância é a história de Mann, de como vê tudo ao seu redor, que é contada).¹⁵⁷

4.2 CABEÇA DE NEGRO

4.2.1 O enredo

Cabeça de negro (1979) continua o caminho aberto pelo antecessor, no mesmo Rio de Janeiro como cenário, em 1978, dois anos e meio depois da ação de *Cabeça de papel*. O romance, novamente narrado por Hugo Mann, é composto por 11 capítulos de extensão desigual, apenas numerados, concebido em ritmo mais de *thriller*.¹⁵⁸ Diferencia-se, assim, da ação mais intelectual de *Cabeça de papel*, embora haja uma sequência direta e ganhe em ser lido como sequência do volume publicado dois anos antes. Há, se se quiser, mais história em *Cabeça de negro*, ou, em outras palavras, o que se conta é menos “entrevado” pelas digressões do narrador e de Paulo Hesse, como sucedia no livro inaugural do conjunto, de intenso ritmo mental. O cenário e os personagens pouco mudam: o dado novo é que Mann ascendeu socialmente e Hesse está morto, ainda que seja evocado de momentos a momentos na narrativa (ressalte-se que Hesse está no centro de *Cabeça de papel* e era amicíssimo de Mann, que lhe fez as vezes de “biógrafo” naquele romance, indo além, a uma espécie de biografia coletiva de sua geração; o ponto onde um dos amigos “termina” e “começa” outro é difícil de divisar, tamanha a identificação que ambos possuem, imersos em idêntica cultura).

¹⁵⁷ *Moby Dick*, de Hermann Melville, é narrado por Ismael, que coloca o capitão Ahab no centro da história. Sobre os narradores e exemplos, ver REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*, p. 70 e seguintes, em que se estabelece uma tipologia sumária, mas suficiente, para entender a equação que se monta.

¹⁵⁸ Francis apreciava esse tipo de narrativa de suspense, espionagem e mistério, tendo escrito, em mais de uma oportunidade, sobre as “delícias” de um bom policial. “Viciado que sou, desde os dez anos de idade, quando devorava bateladas de *X-9* e *Coleção Amarela* (sonhando eroticamente com as escravas circassianas de Fu Man-Chu), conheço todos os sintomas, necessidades, prazeres e perigos do vício. Se não tenho quatro ou cinco de reserva, fico vagamente nervoso, e, quando dou por mim, estou diante de uma estante de livraria, ‘apanhando’ o que aparece de novo”, escreveu. Já na seara da espionagem, Francis louvou as obras dos ingleses Graham Greene e John Le Carré, como uma subdivisão do gênero, o primeiro “pai” espiritual do segundo. Francis era admirador de ambos, que frequentavam suas colunas e apareciam como dicas de leitura. Ver FRANCIS, Paulo. “O bem amado romance policial”, pp. 134 e 137 e PIZA, Daniel (org.). *Waaal - O Dicionário da corte de Paulo Francis*, p. 118.

Mergulhos subjetivos menos à mostra, o que se revela é a trama, feita de pequenos quadros justapostos, desta vez não tanto nos bares da moda quanto em *Cabeça de papel*, e mais em reuniões a que não estão ausentes ministros e empresários. Álcool e drogas, restaurantes requintados, como o Nino's, tudo na órbita de bairros como Botafogo e Ipanema, a Zona Sul do Rio, não o situam a distância muito acentuada de *Cabeça de papel*, cuja geografia urbana compartilha.

Em *I*, Maria, socialite entre os 50 e os 60 anos, casada com o ex-ministro de três ditaduras Manoel, ou Maneco, chama o vizinho Mann, à noite. Um homem negro havia entrado pela porta aberta dos fundos do apartamento de Maria, supostamente esquecida pela empregada, que se encontrava com o porteiro do prédio, surpreendendo Maria sozinha (seu marido estaria nos Estados Unidos, e o filho, Pedrinho, em Búzios, no litoral do Rio; na verdade, Pedrinho o teria matado a golpes de caratê). O negro exigiria sexo e dinheiro da socialite, mas Maria, ainda uma mulher atraente (atrai Mann, por exemplo), teria atirado três vezes e o matado. Ela quer abafar a história nos jornais, que podem trazer publicidade negativa para si e o marido, candidato a (outro) ministério. Maria dorme no apartamento de Mann, que permanece na casa dela com o corpo do negro, à espera do legista e da Polícia.

Em *II*, Dr. Cruz, médico apaixonado por Maria, assina o atestado de óbito. O morto é levado pelo delegado Agamenon. Mann, ensaísta histórico e não mais crítico de cinema, como em *Cabeça de papel*, visita donos e editores de jornais e pede discrição quanto ao ocorrido. Antes, conta a história “verdadeira” da morte do negro, ou seja, a versão relatada por Maria. Mann, nesse instante, se pergunta se Hesse não fora assassinado, dúvida que irá voltar de quando em quando, matizada por novas revelações e desdobramentos do passado comum dos personagens.

III inicia-se com almoço de Mann e o Dr. Cruz (que assinou o laudo da morte do negro apesar de perceber disparidades entre o estado do corpo e o relato de Maria reproduzido por Mann). Os jornais estampam a versão de que Maria chamara a polícia depois de ver o assaltante rondar o prédio em que morava e o delegado Agamenon o havia morto “em combate”. A ficha do bandido, alcunhado de “Cabeça de negro”, continha assassinatos, proxenetismo, tráfico de drogas, roubos e estupros. À mesa, Dr. Cruz fala a Mann sobre como estão Sílvia Maria e família, a quem Mann viu pela última vez no enterro de Hesse (Sílvia Maria, como se viu em *Cabeça de papel*, era hostil ao melhor amigo do marido, motivo que ditou o total afastamento de Mann dela e dos outros integrantes da família de Hesse, após o falecimento dele).

Já em casa, em *IV*, Mann depara-se com Maria e seu filho Pedrinho, nus na sua cama. Em visita a Álvaro, poeta comunista recém-chegado de 13 anos de URSS, flagra-o sendo sodomizado e resolve sair sem ser notado, para esperá-lo na praia. Há um diálogo importante para o entendimento das opiniões políticas de Mann, que vocifera contra o capitalismo e o comunismo (onde militou, conforme ficou manifesto na conversa que teve com Dr. Cruz, no final do capítulo *III*). À beira dos 50 anos, Mann declara-se cansado da “impostura” dos intelectuais de esquerda. Para ele, perdeu-se o senso de identidade na atual sociedade, seja qual for o sistema que a governe. “Cabeça de negro”, o bandido, seria, na formulação de Mann, “o homem do futuro”, um prenúncio da invasão das hordas bestializadas que seriam responsáveis por promover o fim da civilização como ele a conhece, em direção a uma nova “idade das trevas”.¹⁵⁹

À noite, em *V*, os dois amigos estão no apartamento de Mann com duas estudantes universitárias que Álvaro conhece, as irmãs Renata e Denise, quando Sílvia Maria telefona. Ela pede a Mann que a acompanhe a uma reunião na casa de Maria e Manoel, na noite seguinte, convite aceito pelo narrador. Renata ouve a ligação e pergunta a Mann sobre seu passado, além de fazer ela própria confissões pessoais e políticas. Segundo Denise, Hesse teria sido “justiçado” - ou seja, morto - em razão de ter entregue o nome de alguns amigos dela aos militares (o que está de acordo com o pensamento de Mann, que acredita ter sido Hesse assassinado por esquerdistas).

A chave para muitos dos dilemas de Mann é dada em *VI*, capítulo em que o narrador explica a origem do dinheiro que amealhou e que o apartou do jornalismo que lhe servia de fonte de renda. Quando do término de *Cabeça de papel*, Mann ainda colaborava em imprensa e vivia sem ostentação. Dois anos e meio depois, reaparece em *Cabeça de negro* rico e em apartamento suntuoso, com mordomias como carro com chofer. A mudança de padrão de vida se deu quando Mann conduziu um exportador brasileiro de café a uma conversa com um senador norte-americano, que por sua vez levaria reivindicações do cafeicultor, preocupado com o boicote ao café nacional, a outro senador. Suspenso o bloqueio (na verdade, as dificuldades estavam dirimidas e nem precisaria intervenção alguma, o que o exportador e Mann ignoravam), o jornalista recebe um cheque de agradecimento de US\$ 600 mil pela “intermediação” do negócio. Eventuais dramas de consciência por levar o tal cheque são sufocados e Mann recebe os cumprimentos de Maneco e Maria pela transação. Maneco

¹⁵⁹ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de negro*, pp. 45-46. É um dos trechos em que o romance se mostra mais declaradamente “de ideias”, em que seu sustentáculo transparece de forma clara, e se explicita o título. De forma geral, “Cabeça de negro”, o bandido, pouco aparece, sendo sua presença mais subterrânea, impalpável.

inclusive lhe propõe um negócio para investir o dinheiro. Tudo isso é visto em uma espécie de sonho, do qual é despertado por Renata, sua companheira de jantar - com Álvaro e Denise - em um restaurante. Mann tem um “delírio” segundo o qual todo o restaurante ficava contra ele.

O amigo Juca lhe ministra um soporífero em *VII*, depois de Mann o chamar e desmaiar. Mann lhe conta o tal delírio e conversam (o diagnóstico de Juca: “Você não quer enfrentar a verdade e fica nessa pirotécnica intelectual que deixa os outros tontos. (...) O brilhareco de tuas generalizações não quer dizer que sejam corretas.”¹⁶⁰ Para Juca, o que Mann teve foi resultado de ele ser um homem emocionalmente trancado, “lacrado” (ou, em bom português, atrofiado, reprimido). Findo o papo, Juca se despede e sai.

Em *VIII* o monólogo de Mann domina. Chega Renata, que lhe comunica querer ir à festa de Maria (mas Mann não poderá levá-la, já que acompanhará Silvia Maria). Irritada, Renata lhe diz: “Você é arrogante, estúpido, pedante, trata todo mundo como tapete. E é uma merda física, ainda por cima”. Outra afirmação que a moça faz é interessante para o exame minucioso e crítico que Mann dirige ao mundo circundante: “Me dói esse arame farpado na tua língua.”¹⁶¹ Renata mantém relação sexual com Mann e vem à tona novas revelações sobre o seu passado, sobre universidade, sexo e participação em passeatas contra o regime militar. De acordo com a lógica de Mann, a guerrilha incentivou a repressão - não ameaçava o estado militar, ao contrário. Ato contínuo, Mann e Renata visitam um sanatório onde Ângela 1, com quem Mann se casou para ajudá-la, e a filha dela, Ângela 2, são internas, sob os cuidados de Juca. Juca e Renata saem do local e combinam de ir à festa de Maria e Maneco juntos.

Em *IX*, Maria telefona a Mann para saber de Renata, que tem passado revolucionário e é temida por alguma cena desagradável que poderia causar aos convidados. Sílvia Maria chega para um drinque. Falam sobre a família dela e sobre Hesse, o elo entre o marido falecido e Mann, e o ciúme que ela sentia da relação entre os dois amigos. Na festa, Maneco conversa a sós com Mann, a respeito do negro assassinado e da vinda de Renata. Juca, que é amante de Maria, irrompe acompanhado de Renata. Mann sai com Sílvia Maria ao final da festa. Pedrinho, filho de Maria e Maneco, Cruz, o médico que assinou o laudo da morte de “Cabeça de Negro” e Eduardo, ministro da Economia, vão à casa de Elza, espécie de bordel onde todas as fantasias sexuais dos frequentadores são livres. Lá Cruz encontra sua filha ninfomaníaca, que julgava virgem, e arma uma confusão que redundará na chegada da polícia. Julinho sodomiza Eduardo, que canta “Tico-tico no fubá” à beira da piscina, na que é a mais

¹⁶⁰ FRANCIS, Paulo. *Op. cit.*, p. 93.

¹⁶¹ FRANCIS, Paulo. *Op. cit.*, p. 100.

cômica das passagens do livro e talvez do conjunto da ficção de Francis. O delegado Agamenon, o mesmo que assumira a culpa pela morte do bandido negro, leva Cruz a um hospício. Antes da chegada da polícia, Cruz bradara que Pedrinho havia sido o matador de “Cabeça de negro”. Segundo Mann, era de Maria a voz que ordenou à Renata que matasse Hesse, embora Maria declare uma “paixãozinha” pelo amigo de Mann. Em meio ao desenrolar dos acontecimentos, sobra espaço para observações do tipo “Esquerda é tão elite cultural quanto a direita é elite econômica.”¹⁶²

Em X, Pedrinho, exibindo ferimentos em razão da confusão que se deu após o ataque de fúria de Cruz na casa de Elza, toca a campainha da casa de Mann e o acorda. Renata telefona, diz que viu uma mulher na cama do jornalista e achou que fosse Maria. Revela que Maneco a estuprou no Doi-Codi - o Destacamento de Operações de Informações/Centro de Operações de Defesa Interna, órgão cuja função seria combater os inimigos da “segurança nacional” na época da ditadura - e a outras duas colegas. Mann tem um lampejo de clarividência antes de seguir com Pedrinho para a casa dos pais dele: acha que a mulher em sua cama era Silvia Maria. Maria diz a Mann que conversou com Renata sobre os telefonemas, dados pela socialite a mando do marido (entre os quais o que lhe teria dito para matar Hesse). O massacre do grupo de Renata seria um entre tantos, deduz Mann. O montante de dinheiro insuflado por Maneco para ajudar o terrorismo - e, portanto, justificar a ira contra os terroristas, por parte dos militares - teria sido de R\$ 1,5 bilhão. Renata havia sobrevivido porque os próprios colegas ignoravam que fosse a executante de Mann, tal a intrincada organização de tudo e o fato de que cada uma das peças dessa engrenagem desconhecia a ação dos demais insurgentes. Para Mann, um traidor entregou a “arraia miúda” e preservou Juca e Maria. Maneco e outros companheiros, sempre de acordo com a lógica de Mann, conseguiram livrar-se dos terroristas e continuaram faturando alto com seus negócios. Mann se dispõe a ficar quieto quanto ao que sabe se Renata, inocente de tudo e sem participação no negócio, for preservada.

Mann acorda no dia seguinte à festa, em XI. Sílvia Maria lhe telefona e pede que venha visitá-la e à família qualquer dia. Novo telefonema, desta vez de Denise, em busca de Renata, que ficara de ir ao apartamento de Álvaro - destino para onde se dirigira, depois de ter-se encontrado com Verinha, sem, no entanto, aparecer. Mann segue até lá, topando com ação intensa de curiosos, polícia e imprensa. Fura o bloqueio e Álvaro lhe conta que Renata atirou-se do 8º andar. Com a pressão de Mann, ele abre o jogo: três homens da repressão,

¹⁶² FRANCIS, Paulo. *Op. cit.*, p. 154.

armados, quiseram-na levar ao quartel. Renata então pulou do parapeito, cometendo suicídio. Os perseguidores teriam depois ameaçado Álvaro de morte se divulgasse a visita deles. Álvaro conta ainda a Mann que Maneco queria encontrar Renata e ajudá-la - ele saberia disso porque, em dívida com Maneco, teria conseguido voltar ao Brasil vindo da Rússia “sem complicações” graças aos esforços do benfeitor. Mann entra na casa de Maneco e Maria, a porta aberta por Marlene, a empregada, a quem Mann seduz. Maneco ouve música com fones nos ouvidos. Mann lhe atira no rosto e o mata. Em casa, enquanto lê poemas de Yeats, Maria e Juca o interrompem. “Informam”-no do suicídio de Renata e do assassinato de Maneco. Marília liga para Mann, que esquecera o almoço marcado com ela. Conta que estivera na cama dele, no final da noite anterior. Mann se entrega ao “vácuo total”, com cocaína, álcool e Yeats, como um justiceiro que cobrara a morte de Renata (fica claro que Maneco teria provocado a morte da moça, Mann lhe tirando a vida como um vingador ultrajado).

4.2.2 O narrador

Menos emaranhado e divagante, comparado à *Cabeça de papel*, *Cabeça de negro* é, no entanto, igualmente intrincado, como a mera súpula do que seus capítulos encerra se encarrega de fixar.¹⁶³ O cenário ainda é a ex-Capital Federal, do final do período mais duro da ditadura militar (que Francis estabelecia entre 1968, com a decretação do AI-5, e o final de 1977; em 1978 viriam as eleições e em seguida a anistia, quando se restabeleceram, aos poucos, os direitos civis, até que, em 1985, o último dos presidentes desse ciclo deixasse o poder).¹⁶⁴ Como a mera enunciação dos enredos e subenredos que *Cabeça de negro* oferece, o número de personagens, de dramas que vivem, se dá em maior grau (sempre em relação a seu antecessor), em histórias que se abrem para novas histórias (por exemplo, a tortura de Renata, a ex-guerrilheira que havia sido incumbida de matar Hesse e que é lavada ao suicídio, e Ângela 1, a quem Mann desposou para ajudá-la, ela interna em um sanatório onde Mann vai

¹⁶³ Francis foi pródigo em explicar o que quis realizar, em entrevistas, na condição de cartas abertas - por exemplo, sobre *Filhas do segundo sexo* - e em trechos de suas memórias. “[*Cabeça de negro*] (...) é também um *thriller* que se lê de uma sentada, sem as dificuldades de *Cabeça de papel*”, explicou. Isso haveria de tornar o livro mais “palatável” a um segmento de leitores. Ver FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 166. Uma das resenhas da época o leu como mais “maduro” e “consequente”, com uma agilidade inexistente no anterior e linguagem “econômica”. Ver POMPEU, Renato. “Opinião pessoal”, p. 125.

¹⁶⁴ “Com Figueiredo, que tomou posse em 15 de março de 1979, nos aproximamos da liberdade 1964-68, que se consolidou a partir de 1983, precisamente, quando a imprensa explodiu em campanha pela moralidade pública. Ou seja, ditadura total foi de dezembro de 1968 à demissão do general Sílvio Frota do Ministério do Exército, em dezembro de 1977.” Ver FRANCIS, Paulo. *Trinta anos esta noite*, p. 10. Uma crônica sumária do regime militar pode ser lida em LOPEZ, Adriana e MOTA, Carlos Guilherme, *História do Brasil - Uma introdução*, p. 798 e seguintes. Os autores remetem aos livros de Elio Gaspari para uma reconstituição pormenorizada.

visitá-la na companhia de Renata). As ideias, porém, continuam inextrincáveis, como se pode notar neste trecho:

E [Cláudio e Matta] largaram os prejuízos nos quépis dos capitães-do-mato que regem a senzala. Criaram um ‘problema social’ Empregavam muitos braços. Não é permissível deixá-los desocupados. Gerariam anarquia e subversão. E a falência não ajudaria a imagem do Brasil no exterior, acrescentam os capitães-do-mato, patriotas entusiastas. A pressuposição é de que os círculos financeiros internacionais desconhecem a mecânica do sistema, cujo vaivém, em última análise, manipulam. A imprensa avaliza o nonsense. É conivente, cúmplice e planta raízes: ao criticar Y ou Z, ‘sugestiona’ o alfabeto ainda oculto que *anuncie* prosperidade.

O Banco Central ‘intervém’. É a ‘KGB’ do sistema. Às vezes, é tão ‘rigoroso’ que expropria os bens *visíveis* dos delinquentes, o que é o caso de Cláudio e Matta. É apenas o glacê do bolo, ou, mais a propósito, ‘joia de vitrine’. O tesouro continua oculto, a salvo. Não importa aos donatários so sistema. Oferecem à opinião pública prova factual de moralidade. A imprensa retransmite o sermão. Castiga os empresários irresponsáveis, *aberrações*, que tentaram violar a harmonia e progresso do modelo, intocável, resistente, inexpugnável. Os Cláudios e Mattas sentem-se humilhados e ofendidos.

O Brasil é um palco não iluminado. A plateia ouve berros desconexos. Imagina que a briga é para valer. É uma comédia e tem um epílogo, que é o início de uma farsa. O Banco Central sai em campo à procura de um grupo ‘sólido’ que resolva o ‘problema social’. Sempre encontra. Oferece, claro, novos créditos a perder de vista, arrancando o que resta de sangue da senzala, porque se não os vampiros preferem ficar quietos na cova. A estaca no coração só dói quando riem.

É esse sacrifício humano que mantém a fachada da casa grande na nossa Cartago revolucionária.

Cartago revolucionária. Terminei aderindo à palavra Revolução, abandonando o tradicional ‘golpe’ preferido pela esquerda, porque é uma revolução *sui generis* que um país restaure a escravidão de 90% de um povo, depois de havê-la abolida para os ancestrais do Cabeça de Negro no Século XIX.¹⁶⁵

Difícil não largar um “ufa!” ao se ler algo tão concentrado e com tanto a deslindar. O narrador opõe classes sociais - propostas em termos de casa grande, ou seja, a casa do senhorio, por extensão significando quem está por cima na pirâmide social, e senzala, isto é, os que estão por baixo, não mais a moradia dos escravos que trabalhavam nas fazendas e nos engenhos brasileiros, mas, por figura de linguagem, designando os economicamente desprivilegiados (o “Cabeça de Negro”, tão importante e que nomeia o livro, uma presença silenciosa que, segundo a visão expressa por Francis, dominaria o mundo capitalista, o liquidaria, porque numericamente superior).¹⁶⁶ A alegação do narrador é “dominar” o que

¹⁶⁵ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de negro*, p. 27.

¹⁶⁶ “Não vejo mudanças absolutamente inevitáveis no regime brasileiro. Acho que na melhor das hipóteses passaremos à ditadura policial-militar que garante os privilegiados à oligarquia civil de pré-1964, que fazia o mesmo com maior distribuição de migalhas ao nosso povo miserável. Isso até que aconteça o que Hugo Mann diz em *Cabeça de negro*: que venha a tempestade de merda, das hordas famintas que invadirão o primeiro mundo rico e o segundo, ‘socialista’, o que acontecerá também domesticamente, em sociedades cruéis como a brasileira. Acho que explicando os EUA contribuo mais para meus amigos brasileiros do que discutindo o MDB e a ARENA. O que acontece em Washington é vital para qualquer tentativa de definição brasileira”, disse Francis. Ver DINES, Alberto et alii, “Entrevista”, p. 16.

acontece na classe alta que frequenta, e à qual faz parte em *Cabeça de negro* (na condição de novo-rico). Como se o instrumental analítico, proveniente de *Cabeça de papel*, fosse mantido, ou ampliado, ainda que se possa alegar que certa inocência - Mann não é mais o jornalista que usufrui das altas rodas, ele de direito as integra, devido a um inimaginável golpe de sorte - foi perdida. Ele não pode vociferar contra a classe dirigente, nos mesmos termos. Mas seu drama de consciência, se há, é quase nulo: ele está bem em companhia dos abastados “de direito”.

Há mais. Concentração de riqueza, falcatuas, jogos de poder, o papel da imprensa, um diagnóstico do funcionamento do Brasil entram nos juízos, quase que delirantemente fundidos (aos “saltos”, sem relações de causa e consequência, por vezes até sem concatenação, como cabe a um romance, e não caberia a um ensaio). É quase levemente obscuro aos leigos, como se feito para entendidos - ou, se quisermos, típico do romance, que tudo pode conter, na linha das reflexões de Sabato, Vargas Llosa, Kundera. Perceba-se que o narrador usa de sua cultura, de seu instrumental intelectual para fazer uma espécie de estripamento - político, sociológico, histórico - do Brasil. Tendo ele índole judicativa, há muitas ideias a gravitar em torno do que se relata, conforme acontecia em *Cabeça de papel*.¹⁶⁷

Outro fragmento ilumina o que parece se impor como o principal ponto do romance. É um diálogo entre Mann e Álvaro:

– Álvaro, você insiste em se iludir sobre a natureza da tempestade que vem por aí. E vem. E é de merda. Os polos de imperialismo criaram no meio um abismo, em que habitam hordas primitivas, bestializadas pela fome, cuja única arma é parir novos miseráveis, animais. Os americanos sentiram as feras no Vietnã e se encolheram. A tua impostura e da esquerda é continuar fingindo que essa gente do Camboja, desculpe, Kampuchea, Zimbábue, etc., é marxista, ou, no mínimo, que significa uma força ‘objetivamente progressista’, se vai contra *um* dos imperialismos. É contra *todo mundo*, em primeiro lugar. O negrão que tentou matar Maria ontem se chamava Cabeça de Negro. É o homem do futuro, reproduzindo-se aos milhões. A mão-de-obra supérflua gerando mão-de-obra supérflua. Não representa nada, exceto a própria fúria, que justificada ou não, quando possuir bilhões de portadores, promoverá o fim da civilização que conhecemos e uma nova idade das trevas. É uma fúria cujo único precedente histórico é Ghenghis Khan, que, ao menos, justiça seja feita, não mistificava ideologicamente. Essas hordas, se não ‘contidas’ nuclearmente, farão de nós o que os bárbaros fizeram de Roma. Se aplicarem um critério de reciprocidade bíblica, o papel de francos, lombardos e visigodos terá de

¹⁶⁷ Sem confundir o escritor Paulo Francis com o narrador Hugo Mann, os pontos de identificação entre um e outro existem. Assinale-se a fala de Francis, em resposta a uma entrevista publicada na revista *Status*, para a qual colaborou, incluída em um de seus livros. “Eu próprio produzo bastante para puro consumo, se bem que desafio quem não encontre em qualquer trabalho meu, por mais banal o tema, uma crítica política e ética”, defendeu. Adiantando-se um tanto, talvez valha acrescentar sua autocrítica e em que categoria social se situa: “Sou um elitista cultural. Gosto de autores difíceis, de literatura a música, das melhores roupas, dos melhores quadros, do melhor uísque, do melhor vinho, etc., etc., e que *maîtres* me reconheçam na porta dos restaurantes, me arranjando mesa na hora em que eu entrar. E acho os ricos e poderosos infinitamente superiores, como *companhia*, aos destituídos.” Confissão assumida, é natural que o escritor aponte suas baterias em direção à classe dirigente, optando por criar um narrador que a frequente e, portanto, procure situar. Ver FRANCIS, Paulo. “Paulo Francis por ele mesmo”, pp. 117-118.

ser reescrito, reduzido ao nível de ‘guerra austro-prussiana’. Não pense que distinguirão entre exploradores ostensivos e marxistas privilegiados. A nós, se tanto, visando a edificar suas tropas sobre docilidade dos brancos, permitirão que carreguemos as liteiras dos Amins e Bocassas de ‘esquerda’, antes de nos caparem.¹⁶⁸

É um discurso frenético, carregado de alusões. Não serão esmiuçadas, porque é desnecessário ver uma a uma, apenas mapear o conjunto, ou olhar para o movimento que é característico de Mann. Talvez as falas de dois outros personagens com quem ele divide a cena sejam vantajosas para se pensá-lo, seja uma de Renata (“Pelo tom, você não acredita, ou, como de costume, nós, *personagens* de Hugo Mann, íamos cometer alguma estupidez (...))”, outra de Juca (“Qualquer coisa que acontece o teu cérebro estetiza, o intelecto bombardeia. (...) A vida é um teatro, e Hugo Mann, o crítico”).¹⁶⁹

Como apontou Arrigucci sobre o narrador de *Cabeça de papel*, e que se crê extensiva a *Cabeça de negro*, porque a técnica em muito é semelhante, o leitor é atropelado, há uma “agressividade bárbara”¹⁷⁰ no discurso de Mann. Se o que lhe apontam Renata e Juca é verdadeiro, é como se esse narrador, inebriado com a própria capacidade de análise, derrapasse nesse “brilhareco” de “crítico” e conduzisse a um quase pesadelo (e adjetivos como “febril” e “delirantes” são usados para adjetivar os dois romances de Francis, no ensaio de interpretação de José Onofre).¹⁷¹ Não há, a rigor, mudança estrutural de *Cabeça de papel* para *Cabeça de negro*, nesse projeto de “biografia espiritual”¹⁷² de uma geração, que, com a falta de um encerramento, ficou sem um arremate que lhe unisse as “pontas” soltas. O terceiro volume trataria da infância dos personagens de *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*, de acordo com entrevista dada em 1979, logo depois da publicação do segundo tomo.¹⁷³

O narrador de *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*, porém, não é isento de problemas. Não se distingue uma “mudança” clara de ponto de vista nas passagens do narrador para outros personagens, como se tudo fosse um desdobramento de uma mesma sensibilidade, um

¹⁶⁸ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de negro*, pp. 45-46.

¹⁶⁹ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de negro*, respectivamente pp. 62 e 93.

¹⁷⁰ ARRIGUCCI JR., Davi. “Jornal, realismo, alegoria: O romance brasileiro recente”, p. 79.

¹⁷¹ ONOFRE, José. “As duas cabeças dos romances de Paulo Francis”, p. 253.

¹⁷² FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 13.

¹⁷³ DINES, Alberto et alii. “Entrevista”, p. 16. Francis contou sobre o que tinha a intenção de realizar, plano que poderia se alterar durante a redação do romance final. Disse ainda na entrevista: “É o livro mais difícil porque as personagens ainda não aprenderam a envergar as couraças que usam adultas. Vai ser o diabo escrever (...)” Em outro depoimento, anos depois, ele explicitaria a abrangência de *Cabeça*: “Meu mundo de *Cabeça* será dos anos 40, quando o Rio era uma das cidades mais graciosas de todo o mundo, uma deliciosa província em que forasteiros se sentiam em casa uma semana depois de chegarem à cidade, em que o Rio não era a favela atual, em que as pessoas com 13 anos sabiam perfeitamente quem era Gide, Camus, Sartre (...). Este Rio é visível como fundo no filme *Notorious*, de Alfred Hitchcock, com Cary Grant e Ingrid Bergman. (...) Vou imortalizar minha cidade que foi destruída pelos vândalos.” Ver DINES, Alberto. “O afeto não se encerra”, p. 23.

olhar análogo (em *Cabeça de papel*, com Mann e Hesse, por exemplo, ou em *Cabeça de negro*, com Mann e Renata, em certos diálogos). É o que lhe interpreta um crítico que Francis respeitava, Wilson Martins, que vê ambiguidades nos textos:

Sendo, por definição e necessidade, um romance de ‘chaves’ [Wilson refere-se a *Cabeça de papel*], não é difícil perceber que, no caso, o autor real se desdobrou em três narradores, Hugo Mann, Paulo Hesse e o ‘romancista’ onisciente, encarregado das inevitáveis passagens em que o romance autobiográfico deixa de ser romance confessional; acontece apenas que, nas três ‘vozes’, o tom é o mesmo, sendo idênticos o estilo descritivo, a técnica narrativa e a qualidade do diálogo.¹⁷⁴

Arrigucci acha que as mulheres não existem em *Cabeça de papel*, porque o narrador não lhes daria autonomia, o que a meu ver é correto e uma das deficiências do romance.¹⁷⁵

O que foi dito sobre Mann em *Cabeça de papel* é, em boa medida, intercambiável e serve para *Cabeça de negro*, como é natural, sendo o segundo uma continuação do primeiro. Alguns personagens - Mann, Silvia Maria - são os mesmos, os demais - Maria, Maneco, Juca, Álvaro, Renata - novos coadjuvantes, que não apareciam (e alguns, como Renata, de relevo, dominam a cena, tornam-se importantes para o desenvolvimento da trama). Vale, portanto, os mesmos postulados para o narrador de *Cabeça de negro*, nos mesmos moldes de *Cabeça de papel*: Mann continua igualmente opinativo, judicativo, organizador (e homodiegético, narrando no presente, coisa que, no romance inaugural, acontecia em parte, o passado muito presentificado, evocado, “intrometido”, como se viu). O final, Mann em “oblívio”, pacificado, depois de cheirar cocaína e beber álcool, lendo Yeats - “Em todo o caso, fiz minha boa ação de hoje”¹⁷⁶ - guarda algo de moralista: restabelecida a ordem (morto Maneco, agente causador da desordem), Mann pode aspirar aos prazeres e ao descanso.

Cabeça de negro é um romance que, mantidas as distâncias geográficas e políticas, poderia aspirar à estirpe dos livros de espionagem gerados durante a Guerra Fria, na qual incluem-se *O espião que saiu do frio* (1963), de John Le Carré e *O fator humano* (1978) (além de Francis admirá-los, como destacou em seu texto sobre o romance policial, Mann se prepara para começar a leitura de *O fator humano* em *Cabeça de negro*, quando é chamado pela vizinha Maria). Nos dias de hoje, em que a polarização perdeu muito de seu fervor com o

¹⁷⁴ MARTINS, Wilson. *Pontos de vista* V. 10, p. 119. Cf. o diálogo entre Mann e Hesse, em *Cabeça de papel*, e o de Mann e Renata, em *Cabeça de negro*. Ver FRANCIS, Paulo. *Cabeça de papel*, p. 72 e seguintes e FRANCIS, Paulo. *Cabeça de negro*, p. 57 e seguintes.

¹⁷⁵ ARRIGUCCI JR., Davi. *Op. cit.*, p. 80. Não é tão incomum assim essa “falsidade” ou inverossimilhança das figuras de outro sexo, sendo que foi uma das imputações que sofreu Ernest Hemingway, o aclamado Prêmio Nobel de Literatura de 1954.

¹⁷⁶ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de negro*, p. 207.

esvaziamento da disputa entre Estados Unidos e Rússia, esses romances ficaram com a feição de documentais e devem ser lidos com um olho em tal perspectiva.

4.3 FILHAS DO SEGUNDO SEXO

4.3.1 O enredo

Filhas do segundo sexo (1982) apareceu quando se aguardava a conclusão da trilogia a que pertencem *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*. Compõe-se das novelas “Mimi vai à guerra” e “Clara, Clarimunda...”, dois retratos de mulheres antitéticas da década de 1960, período em que o autor situa a ação das narrativas (rigorosamente, a ação transcorre entre 1959-1969, datas contidas em uma espécie de pórtico que abre o livro). Essas décadas funcionariam como marcos simbólicos: a mulher dos anos 1950 entendida como alienada e submissa, enquanto a dos 1960 desponta como emancipada e contestadora. Na abertura, uma epígrafe de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, dá o tom geral:

É sempre difícil descrever um mito; não se deixa apanhar nem cercar, habita as consciências sem cair na imobilidade. É às vezes tão fluido, tão contraditório, que não lhe percebemos, de saída, a unidade: Dalila e Judite, Aspásia e Lucrecia, pandora e Atenas, a mulher é, ao mesmo tempo, Eva e Virgem Maria. É um ídolo, uma serva, a fonte da vida, uma força das trevas; é o silêncio básico da verdade, é artifício, tagarelice e mentira; a que cura e a que enfeitiça; é a presa do homem e a perdição do homem, é tudo que ele quer ter, a negação de si próprio e a razão de ser do homem.¹⁷⁷

Não por acaso, a década de 1960 inaugura modelos comportamentais para a juventude em todo o mundo (banalização da pílula anticoncepcional e do sexo livre, ascensão do rock, popularização das drogas, ocorre o Maio de 1968 na França e, em grau análogo, manifestações idênticas em diversos países, etc.).

“Mimi vai à guerra” começa com uma inusitada cena de felação: Mimi, 28 anos, amante de Pedro, 65 anos, enquanto pratica sexo oral, oferece passagens de sua vida, atual e pregressa, costuradas em torno do sexo, como fluxo de consciência. As recordações revisitam dez anos antes, em 1959, quando, ainda virgem, em excursão a Petrópolis, bebeu demais e foi estuprada por garotos da sua turma. De tão bêbada, pouco se lembra, além de não ter oposto resistência e de não entender o porquê do “xixi” dos meninos dentro dela. Afeto mesmo Mimi sentia por Julinho, poeta alcoólatra que um dia lhe comunicou defesa de tese em Cambridge e

¹⁷⁷ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - Volume 1*, p. 183.

desapareceu. Mimi descobre em um telefonema para a casa dos pais dele, tempos depois, que o ex-namorado está casado, reside em São Paulo e tem a esposa grávida. O panorama que se apresenta é o estupro por homens sem rosto, que se aproveitaram dela, ou o abandono de Julinho, que nunca a tocou sexualmente, mentiu e fugiu. E agora, Pedro, mais do que o dobro de sua idade, lendo o *Wall Street Journal* durante a sessão de sexo oral (o apurado senso de humor desponta como um dos trunfos de Francis, que transparecem nos romances e em artigos de jornal e ensaios agrupados em livros; infelizmente, não será abordado senão lateralmente). Pedro é banqueiro, dirige mais de uma centena de empresas e é casado com Lourdes, sua sócia e a quem deve parte dos milhões de dólares que juntou. Antes, Mimi havia se casado com o médico ginecologista Gil, semanas depois da decepção com Julinho, para esquecê-lo. Gil vive de negócios escusos com o governo e, após a vitória de Jânio Quadros, passa a frequentar assiduamente festas e recepções sociais. Seu consultório vivia às moscas e ele desfrutava de péssima reputação profissional.

Mimi é assediada por Otávio, ministro milionário, e o marido nem se importa. Recebe presentes e cede aos avanços do ministro, depois de doutrinação entusiasmada de Heleninha, embaixatriz cujo marido chegou a promoções à custa dos “sacrifícios” sexuais da mulher a outros homens. Mimi torna-se amante de Otávio e recebe muito dinheiro, aceito por Gil como se fosse doação do sogro, e gasto sem parcimônia. Mimi passa pelas mãos de diversos amantes, até descobrir que o marido mantém relação extraconjugal com a secretária, quando decide romper o casamento. Abandona-o e parte para Paris, onde se hospeda na casa de Heleninha, de quem se transforma em amante. As duas se separam e Mimi retorna ao Brasil. Na praia, aguardam-na dois encontros funestos logo em seguida à morte do pai: Julinho, bêbado, a quem tenta salvar das garras de um policial, e Gracinha, lésbica que esteve em Petrópolis, quando do estupro. Os dois a repelem e usam para caracterizá-la qualificativos como “prostituta de luxo”.

Em um arroubo, Mimi resolve conversar com a rival Lourdes, convencê-la a deixar Pedro para que o empresário, então livre, possa casar-se com ela. É a primeira decisão que toma sozinha, sem a ingerência ou o aconselhamento de outros, notadamente da “amiga” Evelyn (na verdade, uma alcoviteira que apresentara Mimi a Pedro). Diante de uma Lourdes impassível, descontrola-se e chora. Pedro, em viagem à Europa, depois de saber do ocorrido, lhe telefona e pede para Mimi esquecê-lo. Evelyn explica que Lourdes sabia da traição, assim como ela também tinha amantes. O problema de Mimi teria sido subverter as regras do jogo e brandir um escândalo que Pedro e Lourdes jamais permitiriam. Por fim, em desgraça, perde

amigos, apartamento, mesada, passa a ser ignorada pela antiga turma e desaparece das colunas sociais dos jornais.

Na rua, encontra Julinho e vão a um bar. Mimi confessa que nunca conseguiu amar ninguém além dele e lamenta que tenha sido abandonada pelo antigo amor, para ela o pior dos homens que conhecera, uma vez que não teve afeto e compreensão para lhe dar e livrá-la da sucessão de infortúnios em que sua vida se transformou. Julinho, então jornalista famoso e de momento abstinente, se defende com o argumento de que tinha medo dela e da relação frustrante que se estabeleceria entre os dois, pois ele não lhe poderia dar luxo material. Mimi, que tentou telefonar a Pedro terminado o romance, fica sabendo que Julinho estará mais tarde com o ex-amante em uma transmissão privada de jogo de futebol, na cobertura de outro banqueiro e, convidada pelo jornalista, o acompanha. Lá, tenta sem sucesso atrair a atenção do ex-amante, que a ignora. Depois do insucesso, apanha uma faca de cozinha e lhe enfia a lâmina na virilha. À pergunta de Pedro “Mimi, sua idiota, que que você está fazendo?”, responde, “sabida”, “Não sei, Pedro. Sou idiota” (“sabida”, ou seja, mesmo quando não entendia as múltiplas alusões das conversas que ouvia ou de que participava, Mimi aprendera a sorrir “sabida”, como se as entendesse, o que de fato não acontecia).¹⁷⁸

Já a Clara de “Clara, Claimunda...”, leitora de romances franceses no idioma original, de Marcel Proust em particular, desistiu do mestrado em ciência política em sacrifício à carreira do marido e à educação das filhas. Chegou perto dos 40 anos, é casada com o cientista social Carlos e tem duas filhas adolescentes, Diana e Dominique, a última nascida durante a realização do doutorado do marido, em Paris. No momento em que a história se inicia, Clara procura o professor Espinheira, com a finalidade de entrar em um acalentado e adiado mestrado. Carlos, marxista de extensa ficha no SNI (Serviço Nacional de Informações), leciona em faculdade particular, que paga salário baixo, mas completa a renda com jornalismo. Na França, teve sua tese elogiada nas páginas do jornal *Le Monde*, embora esses elogios não se tenham traduzido em emprego. Ambos querem continuar a viver no Brasil e exercer a discordância à ditadura.

Clara discute política brasileira e cultura - cinema, música - com Carlos e os amigos, enquanto procura incutir princípios contestatórios nas filhas, que, ironicamente, preferem Bee Gees a Bob Dylan e música *disco* a Chico Buarque e Tom Jobim, cantores prediletos dos pais. Outra heresia das garotas, do prisma de críticos à dominação cultural norte-americana, como são seus pais, é frequentar as lanchonetes McDonald’s, símbolo nefasto do capitalismo para

¹⁷⁸ FRANCIS, Paulo. *Filhas do segundo sexo*, p. 81.

marxistas renitentes. Carlos, apesar dos valores que professa, trai seus ideais ao aceitar escrever para uma revista que lhe pagará mais de três vezes o que recebe como professor, mas com a qual não concorda. Perseguido pelo regime militar, só consegue subempregos em cursos de reputação discutível, o que elimina possibilidades de ascensão profissional.

Célia e Medeiros são os melhores amigos de Clara e Carlos. Haviam estado anteriormente em Paris em 1962, onde desbravaram o caminho para o casal amigo. O economista Medeiros é, juntamente com Carlos, analisado por Antonieta, uma das psicanalistas de relevo do Rio de Janeiro e integrante do grupo politizado ao qual pertencem outros expoentes intelectuais. Clara, na volta para o Brasil, também participa de um grupo de analisandos, capitaneada por Câmara, onde todos discutem seus problemas para que os demais opinem a respeito. Temas como Maio de 68, psicanálise, marxismo, traição, separação, sexo e amor aparecem nos diálogos da turma de Carlos e Clara, todos críticos contumazes do governo.

Medeiros, internado para tratamento de alcoolismo, comete uma inconfidência e dá a entender a Clara que o marido tem uma amante. Em conversa com Antonieta, ela fica ciente de que Carlos mantém há meses um caso com Laurinha, estudante que, para pagar as mensalidades, atua como secretária dos professores. A psicanalista informa Clara do dilema de Carlos, dividido entre o horror intelectual à amante burra e a atração sexual que tem pela prática anal, que a aluna prefere. Clara, ao contrário, se submete sem entusiasmo aos caprichos eróticos do marido. Outros professores, como Medeiros, também tiveram caso com Laurinha, tão pouco atraente que nunca despertara ciúme de Clara ou Célia. Ato contínuo, Clara expulsa o marido de casa. Ao conversar com Célia, percebe que a ira com que tratou o marido teria sido desmedida. Célia conta que Medeiros é quase impotente e foi amante de Laurinha, responsável por dar um pouco de confiança ao marido. Célia o perdoou e aconselha Clara a fazer o mesmo em relação a Carlos, dizendo que a amiga não pode expulsar o marido, responsável pelas contas da casa - e que Clara poderá, caso mantenha inflexível sua posição, perder a guarda das filhas. Carlos tenta conversar com a mulher, quando tem um choque psicossomático e desmaia. Por fim, Clara resolve dar novo rumo à vida e sai de casa. Viaja com Célia para as comunidades de base que a amiga estuda e ambas partem em clima de comemoração.

4.3.2 O narrador

Passadas no Rio de Janeiro da Zona Sul, as novelas recuperam um período em que a cidade havia perdido a condição de cerne do poder político e econômico do país - ainda que mantivesse intactas a hegemonia intelectual e a vida artística em geral - para Brasília (equação não muito distante dos romances, cuja diferença é que transcorrem “sob” 1964 e seus efeitos, em uma época de repressão, os anos 1970, enquanto que a demarcação de *Filhas do segundo sexo* é mais restritiva, a década toda de 1960). “Mimi vai à guerra” e Clara, Clarimunda...” são conduzidas por um narrador em terceira pessoa, embora com frequência ele possa ser tachado de falso narrador em terceira, porque identificado com as protagonistas, com o que pensam, sentem, vivem, como se fosse de primeira pessoa.¹⁷⁹

Se as indicações a restaurantes e bairros eram profusas em *Cabeça de papel* e em *Cabeça de negro*, neste *Filhas do segundo sexo* a geografia urbana é menos visível. Há, porém, referências que ajudam a situar o interesse de se palmilhar os mesmos lugares já explorados. Na primeira novela, a cidade serrana de Petrópolis - turística e estação de veraneio - é um dos pontos repisados, mas episodicamente. Ipanema, a Rua Montenegro (no mesmo bairro), Paris e o Hotel e restaurante Ouro Verde (que já aparecia em *Cabeça de papel*) comparecem em “Mimi”, Ipanema e a Rua Nascimento Silva (do mesmo bairro), mais Paris, em “Clara” - o microcosmo criado por Francis é bem delimitado, ou se passa na Zona Sul boêmia e “bem-nascida”, ou em Paris (que Mimi visita, para ficar na Embaixada Brasileira, como turista, sem grande envolvimento com a cidade, ou a Paris dos estudos de doutorado de Carlos, com direito a palestras de Louis Althusser, Roland Barthes e Jacques Lacan, a Paris cultural, na novela de Clara).

Bem vistas as coisas, há uma mudança de rumo se tomadas as novelas que formam *Filhas do segundo sexo* em relação aos livros anteriores de ficção de Francis. Não há o narrador “intrometido” que se salienta em *Cabeça de papel*, no grau em que se encontrou naquele romance, nem o narrador que mantém esse *modus operandi*, por assim dizer, menos

¹⁷⁹ O narrador seria heterodiegético e a perspectiva passando pela personagem. A personagem que é central - Mimi na primeira novela, Clara na segunda - é acompanhada de perto, muitas vezes de sua própria cabeça, seus pensamentos, mas sem que se saiba muito mais (o passado das demais personagens não é conhecido em detalhe, as antecipações são impossíveis, e assim por diante). A formulação e exemplos encontram uma exposição didática em REUTER, Yves. *A análise da narrativa*, p. 70 e seguintes. Como se verá, as duas personagens, embora bastante diferentes entre si, passam por processos de aprendizagem, libertando-se da dominação masculina. As primeiras páginas de “Mimi vai à guerra” são esclarecedoras da técnica adotada: uma cena de sexo oral em que Mimi revisita seu passado e um estupro coletivo. Ver FRANCIS, Paulo. *Filhas do segundo sexo*, pp. 13-16.

carregado de digressões e opiniões a oferecer ao leitor, em *Cabeça de negro*.¹⁸⁰ Há ideias - como a da mulher “submissa” em uma, “liberada” em outra, *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir subliminarmente - que, contudo, aparecem sob menor número, com menos recorrência de alusões e citações crípticas. As divagações e o olhar a múltiplos objetos cederam lugar a narrativas mais convergentes, como se verá em dois extratos, o primeiro dos quais retirado de “Mimi vai à guerra”:

O pinto de Pedro era pequeno. Mimi mamava muito para não perdê-lo, porque Pedro ‘pontificava em terra, mar e ar’, disse Evelyn, o que confundia Mimi; não que ela se mostrasse, aprendera a sorrir ‘sabida’ ao incompreensível. Evelyn patrocinava o *affair* Pedro & Mimi. Mimi dizia *l’affaire*, em francês, até que Evelyn desaconselhou, Pedro faturava com os americanos, associado aos DuPonts, Morgan, ‘todo mundo importante’, Jango Goulart inclusive... Mimi não entendia que Goulart, ‘notório comunista’, estivesse entre os sócios de Pedro. Evelyn explicou que Jango, presidente e agora ex-presidente, é importante apesar de ‘comuna de pai e mãe’; deixaria de ser importante se não tivesse negócios nos States. Mimi dava graças a Deus pela amizade e o apoio de Evelyn. O que seria dela, sem a amiga? Sempre dependera de alguém em vinte e oito anos de vida.

Mimi se concentrou no ‘Menino Jesus’ de Pedro, cansada do esforço de compreender o mundo dos homens. Tão pequetinho o pinto de Pedro. Um alívio. Lembrava outros que lhe entalaram a garganta e davam náuseas de vômito. Muitos homens insistiam nisso. Nua, de joelhos, Pedro, sentado, todo vestido, de jaquetão, o cabelo partido ao meio e penteado para trás, em bandós, uma figura dos anos 30, antes que Mimi nascesse. Alguém no Country dissera que Pedro parecia parente de Joel e Gaúcho (Gaúcho seria Goulart?) e sorriu ‘sabida’ dessa bobagem. Joel, alto, magro, bonito, tinha os cabelos soltos, como ‘todo mundo’ da geração de Mimi.

Pedro lia o *Wall Street Journal* durante a função, ‘um jornal muito importante’, esclarecera a inestimável Evelyn. Mimi era freguesa da coluna do Zózimo, do Ibrahim e do Swann, e, escondida, do Daniel Más, cruel e destestado por todo mundo: ‘Mas leem’, comentava Evelyn, ‘no Real Gabinete Português de Leitura’. Mimi sorrira ‘sabida’, se perguntando se algum dia Pedro a levaria a esse lugar, podre de chique, pelo nome. Evelyn sabia tudo. Converncera Mimi que LOURDES (só falavam nela assim, de boca cheia), maltratava Pedro, que Mimi poderia substituir LOURDES e ser MIMI.

(...)

Mimi pensou em mamãe, anos atrás, que lhe dera conselhos, quando casara com o Gil. Mamãe, se me visse agora... Aquilo não estava no programa... Mimi sentiu desconforto, ao ouvir mamãe no dia que se casara, mas de que adiantava desabafar? Desde adolescente descobrira que o ‘certo’ não dava certo, ‘não era bem assim’. O que mamãe explicava que Mimi entregaria a Gil na noite do casamento Mimi entregara anos atrás e nem lembrava a quem, o que não contara, de vergonha, sequer a Evelyn, que lhe conhecia muitos segredos. Só Gracinha suspeitava, sabia?, a verdade, Gracinha louca de pedra, ‘sapatão comunista’ segundo Pedro.¹⁸¹

Passemos logo a “Clara, Clarimunda...”:

¹⁸⁰ Francis denominou o narrador de *Cabeça de papel* e de *Cabeça de negro* de “supostamente onipotente”, o que não destoia do que lhe chamaram outros resenhadores (e mesmo outros personagens dos romances, incomodados com sua postura “atropeladora”, como Renata e Juca, em *Cabeça de negro*). Outra é a pulsação de *Filhas do segundo sexo*, novelas escritas “de sacanagem”, como assumiu em FRANCIS, Paulo. “Porque escrevo ficção: Uma carta sobre as *Filhas do segundo sexo*”, p. 20. Em português claro, diversão.

¹⁸¹ FRANCIS, Paulo. *Filhas do segundo sexo*, pp. 13-14.

Havia outras reuniões, exclusivas do grupo de intelectuais, que avançavam madrugadas, em que se destruía o ‘modelo’ econômico em vigor, se discutia de Burundi a Washington, e se aferiam os ‘erros’, felizmente corrigíveis, dos países socialistas. Nessas Clara vibrava, participante, ainda que só dormisse algumas horas antes de ‘laçar’ as sonolentas Diana e Nica pro colégio. E bastava muito café, algum chá, uns sanduichinhos e biscoitinhos, um vinho branco, ou uma cervejinha. Só Medeiros, o melhor amigo de Carlos, abusava do álcool, inquietando todos um pouco, em particular Célia, mulher de Medeiros e melhor amiga de Clara. Os dois casais tinham feito Paris juntos, entesourando memórias que o simples encontro reavivava, sem que precisassem mencioná-las.

Nenhuma das mulheres era cri-cri, ou maria-vai-com-as-outras; e Antonieta, a Nieta, se tornara uma das mais importantes psicanalistas da cidade. Analisava Carlos e Medeiros. Todas eram instruídas, ou interessadas, e envolvidas na luta política, no curto campo de manobra disponível. Havia ‘pegas’ fortes, sem quebra de amizade. Clara, por exemplo, continuava preferindo Tom Jobim ao Chico, ainda que admitindo a alienação do Tom e reconhecendo o engajamento do Chico. ‘Bem, não acho que música seja assim tão central à conscientização popular. E depois daquele vexame do Vandrê...’ Foi contestada por Medeiros, economista, Célia, e o Heitor, físico. Uma veemente discussão amigável, até que Adauto, o filósofo, enfiou a voz pausada: ‘Não ouço muito música popular... Um deplorável elitismo da minha parte, sem dúvida, antes que alguém me lembre... Não vem ao caso...’ Adauto falava sempre entre reticências. Levava anos, confessou, se desinfetando do casuísmo de Wittgenstein sobre linguística. Agora, a Clara tem razão, me parece. Não dispense o meu Wagner. Sei que é decadente e antisemita... e nem é o Wagner inicial, bakuniano, é o da escrotidão mesmo. *Tristão, Valquírias e Götterdämmerung...* A pobre da Teresa bota algodão nos ouvidos, não é, meu amor?’ ‘Meu amor’ sorriu. Aquelas noites valiam, e a amplitude e variedade do papo, ‘sem dogmatismos ou burocratismos’, faziam Clara esquecer o espaço ‘xadrez’ do apartamentinho.

Que permanecia um problema. Carlos usava a sala de escritório. Diana e Nica, de cartze e treze anos, desabrochavam com a rapidez e a opulência da menina brasileira, de que Clara era exceção, ‘um fiapo de gente’; o editor que lhe passara a mão, minutos antes do ataque, disse que ela parecia Audrey Hepburn, o que fez o sangue subir à cabeça de Clara, apesar de saber que o cara exagerava. Homem quando quer alguma coisa de mulher...; Clara achava injusto confinar as duas num quarto, aquela casca de noz. E nem pensar em mudança, nesse custo de vida que o Gordo tzar da economia impunha à sociedade prostrada, explicou à mãe, em visita de Belém, mãe que marchara na CAMDE em 1964, mas que há muito emudecera em face das críticas da filha à ‘Revolução’.¹⁸²

A frase ainda guarda algo de “tropelia”, acumulando informações, tal fluxo de consciência, em que um dado se junta a outro, não exatamente encadeados, concatenados, mas produzindo uma ordem própria (Francis se incomodava com a linearidade narrativa, o que chamou de fase “a duqueza acordou às 4 da tarde”, citando Paul Valéry).¹⁸³ É novamente Francis quem dá pistas de como funciona seu narrador:

Há exceções, claro, e não há impedimento para que se escreva um bom romance à la século XIX. Mas não me serve. Não é meu mundo. Minha cabeça é como a TV, as imagens mais banais são seguidas de dramáticas, há comerciais, uma fragmentação absoluta, que só se segura - é o que tento fazer, ao menos - por um fio nos

¹⁸² FRANCIS, Paulo. *Filhas do segundo sexo*, pp. 91-93.

¹⁸³ Para ele, a literatura brasileira podia ser, *grosso modo*, inscrita sob o domínio de Jorge Amado, ou seja, regionalista, ou Clarice Lispector, centrada no subjetivo e pessoal. Embora prezasse ambos, ele achava que era possível avançar por outros caminhos. Ver MORAES NETO, Geneton. “O lobo hidrófobo atava novamente”, p. 8.

bastidores, que é intelectual, mas intelectual à minha maneira, sem obediência ao nacionalismo sentimental que domina nossos populistas, ou os modelos dos nossos acadêmicos (...). Minha cabeça é uma bagunça. Percebo o mundo como igual bagunça, sem solução.¹⁸⁴

A passagem sobre Mimi é de evidente comicidade (a ingenuidade da protagonista rende outros momentos semelhantes, ao longo da novela, quase sempre em razão dos contrastes, ela ingênua demais para perceber as implicações do que lhe acontece ao redor). Enquanto pratica a felação, os fios da memória se juntam e o leitor é instruído acerca da posição de Pedro, banqueiro que tem mais do que o dobro de sua idade, outro casamento, o estupro coletivo do qual foi vítima. As alusões políticas permanecem, como a João Goulart, embora se deva registrar que há poucos “entraves” ao desenvolvimento da história que se quer narrar, em moldes mais psicológicos e com menor presença das ideias que irrompiam de *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*. O que se tem, no trecho recortado, é um retrato da personagem, de como se constituiu, o que também acontece com Clara no bloco subsequente.

Sendo Mimi um protótipo de “bonequinha de luxo”, e acompanhando de perto sua formação e consciência, é natural que as marcas culturais tenham minguado ou desaparecido de vez, coisa que com a politizada Clara não ocorre. A oposição Tom Jobim “alienado” e Chico Buarque “engajado”, típica daqueles anos em que se tinha de optar entre um ou outro lado, como se excludentes, é vantajosa para se pensar as dicotomias (ou, em outra chave, os pais que insuflavam Chico Buarque às filhas, que preferiam música *disco* e Bee Gees, música sem “compromisso” - uma demonstração de que os ideais que animam uma geração não se reproduzem naturalmente na geração seguinte). Outro conjunto de nomes - Wittgenstein, Wagner, em outra altura o cinema de Ingmar Bergman, examinado pelos intelectuais à roda de Clara e Carlos - adquirem algum realce, menor, contudo, porque o que se quer atingir é a “libertação” de Clara, o processo pelo qual as duas mulheres se tornam independentes. Ambas, Mimi e Clara, se livram do jugo do amante/marido, diferentes que sejam, Mimi pertencente à elite econômica, bonita, inculta, usufruída pelos homens, Clara à elite intelectual, ser pensante, mãe, debatedora, psicanalisada. A ação exterior, em decorrência, possui poucas marcações espaciais, Francis bem à vontade nesses retratos psicológicos de tipos específicos.

¹⁸⁴ FRANCIS, Paulo. “Porque escrevo ficção: Uma carta sobre *Filhas do segundo sexo*”, p. 20. *Cabeça de papel* é o Francis mais “legítimo”, em que essa “bagunça” é perceptível. Enio Silveira e Ivan Lessa o teriam demovido de publicá-lo como queria, um corpo estranho mais personalíssimo e para leitores indigitados do que o volume que Silveira lançou pela Civilização Brasileira, da qual era o editor. Ver FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 164.

Uma palavra sobre o título: retirado do estudo de Simone de Beauvoir, a autora de *O segundo sexo* foi uma intelectual que “fez” a cabeça da geração de Francis, juntamente com seu companheiro, Jean-Paul Sartre, este na condição de um dos luminares intelectuais do século XX. No verbete “Beauvoir, Simone de”, de *Waaal - O dicionário da corte de Paulo Francis*, pode-se ler: “(...) Seu livro mais célebre foi *O segundo sexo*, de 1949. Foi uma revelação para mim quando li. Pela primeira vez uma mulher que não era acessório, mãe, tia, irmã, complemento do homem ou objeto de desejo sexual.” E adiante, no mesmo verbete, selecionado de coluna de outra data:

Sartre insistiu, com argumentação existencial, que experimentasse o lesbianismo. Simone, sentindo repulsa, obedeceu. Sartre deixou de ter relações sexuais com ela quando Simone tinha 25 anos. Há cartas de Simone implorando que ele lhe dê uns minutos de atenção... Que deixe de lado, por um tempo, suas *femmelettes*, como chamava o harém. Na carta mais patética, agradece que Sartre tenha beijado seu rosto velho. Simone tinha 39 anos. Nunca tinha tido um orgasmo com Sartre. Foi o escritor americano Nelson Algren que fez com que ela experimentasse essa consumação sexual, aos 39 anos... *O segundo sexo*, o livro, foi prescrito por Sartre a Beauvoir, como terapia ocupacional. Ele se cansou momentaneamente das *femmelettes* e resolveu se casar. Beauvoir queria se suicidar. Sartre conseguiu dissuadi-la e convencê-la de que devia escrever um livro sobre o potencial de independência da mulher. Beauvoir escreveu *O segundo sexo*, e feminismo em nosso tempo ganhou o seu Corão, seu *Capital*, sua Bíblia.¹⁸⁵

O que interessa é que antes de Beauvoir a mulher não havia recebido estudo nesse nível de realização, que dava conta da singularidade do “segundo sexo” - ao homem cabendo a prioridade, o “primeiro sexo”. Menos ainda escrito por uma mulher de cérebro poderoso.

Vale a pena acompanhar Beauvoir em seus estudos, em algumas pinceladas. Garante o Gênese que a mulher veio da costela de Adão, lembra a escritora, prova de que o homem era *necessário* e a mulher, *acessória*, conforme o livro decisivo de nossa cultura, a Bíblia. A mulher seria o Outro, cabendo em nossa sociedade a supremacia ao homem: “O sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto.”¹⁸⁶ A submissão seria explicável de acordo com o desenvolvimento histórico, uma vez que nunca houve inferioridade numérica a abalizá-la. Beauvoir volta no tempo e percebe a ocorrência dessa submissão desde sempre ou quase sempre. A história é masculina e “no momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens.”¹⁸⁷ De resto, elas manifestariam passividade nas mais variadas circunstâncias. As mulheres não diriam “nós”, não se postulariam como Sujeito,

¹⁸⁵ PIZA, Daniel (org.). *Waaal - O dicionário da corte de Paulo Francis*, pp. 27-28.

¹⁸⁶ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - Volume I*, p. 12.

¹⁸⁷ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - Volume I*, p. 15.

“a ação das mulheres nunca passou de agitação simbólica”,¹⁸⁸ (descreve. Em outro momento e palavras: “As mulheres nunca (...) constituíram um grupo separado que se pusesse para si em face do grupo masculino; nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens.”¹⁸⁹

O estatuto legal da mulher era diferente do estatuto que o homem desfrutava em quase todos os países e, eles, de forma geral, exibiam salários mais altos e vantagens. Conclui Beauvoir: “Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores.”¹⁹⁰ Dada essa realidade histórica concreta, a escritora observa a sociedade (da europeia à americana, cada qual com particularidades mas, no tocante à mulher, com similaridades conceituais) pelo prisma do materialismo histórico. “Ela [a mulher] reflete uma estrutura que depende da estrutura econômica da sociedade, estrutura que traduz o grau de evolução técnica a que chegou a humanidade.”¹⁹¹ Com amparo em Friedrich Engels, é considerado que o homem caçava e a mulher cuidava das tarefas domésticas, nas organizações primitivas, as dela ocupações árduas que incluíam a fabricação de vasilhames e trabalhos pesados de jardinagem. A gravidez e os cuidados com a prole diminuía, contudo, sua capacidade de trabalho, sem falar nas indisposições causadas durante o período de menstruação. “Um dos problemas essenciais que se colocam a respeito da mulher é (...) a conciliação de seu papel de reprodutora com seu trabalho produtor.”¹⁹² Ela necessitava, então, de proteção e de manutenção, geradas pelo homem. Como resultado, o lugar que ocupou desde sempre, praticamente, foi o lugar que lhe foi dado ocupar. “A vontade masculina de expansão e domínio transformou a incapacidade feminina em maldição”, sintetiza a pensadora.¹⁹³ Apelou-se, assim, à mão-de-obra servil, escrava, mais eficiente. Iniciava-se outro tipo de dominação, outra relação de potência. Em outro trecho de *O segundo sexo*, Beauvoir toma uma personagem romanesca como exemplo e desenvolve que ser feminina significava mostrar-se “impotente, fútil, passiva, dócil.”¹⁹⁴

Somente no século XVII é que a mulher alcançaria lugar de destaque fora do âmbito doméstico, na esfera intelectual ou, menos, profissional. Na Europa de seu tempo, havia dificuldade em a mulher se impor como médica ou advogada em fins dos anos 1940, assinala Beauvoir. E, depois de milhares de anos de dominação e prestígio social e econômico dos homens, pondera a autora que as mulheres eram estimuladas a agradá-los, único caminho - ou

¹⁸⁸ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - Volume I*, p. 13.

¹⁸⁹ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - Volume I*, p. 91. Reforce-se que este era o retrato da mulher antes de 1950, conforme a filósofa francesa.

¹⁹⁰ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - Volume I*, p. 18.

¹⁹¹ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - Volume I*, p. 73.

¹⁹² BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - Volume I*, p. 153.

¹⁹³ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - Volume I*, p. 98.

¹⁹⁴ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - Volume II*, p. 73.

o mais fácil - para a “igualação” dos sexos. Restaria, em decorrência, caminho da sedução. A mulher passa a ser vista como sacerdotisa, feiticeira. Não integrada ao mundo dos homens, era de se esperar que utilizasse os meios mais à disposição: “A mulher é a noite, a desordem, a imanência”, escreveu Beauvoir¹⁹⁵ ao tratar do arcabouço ficcional de um escritor francês, Henri de Montherlant, das mulheres que concebeu e em como ele as via. Ao homem, é claro, corresponderiam as características opostas. Prisioneira de fecundos mitos, que queriam dar conta de sua “essência”, a mulher recebeu tratamento em culturas diversas, em que assumiu os ares da sedutora Eva à maternal Virgem Maria - quase sempre musa, no entanto. A literatura foi pródiga em pintá-la com as cores mais variadas e serviu de exemplo para numerosas páginas de *O segundo sexo*, que as reproduziu e discutiu. Se a mulher é essa Esfinge, também é certo para a pensadora que “cada um só pode apreender a si unicamente em sua imanência. Desse ponto de vista, o outro é sempre mistério. Aos olhos dos homens a opacidade do para si é mais flagrante no outro feminino; eles não podem, por nenhum efeito de simpatia, penetrar-lhe a experiência singular.”¹⁹⁶ Por “experiência singular” entenda-se aqui a menstruação, o tipo de prazer erótico, o parto (e não só).

É um pouco sobre esse solo que se erige *Filhas do segundo sexo*, a “velha mulher” (Mimi) e a “nova mulher” (Clara), as duas coexistentes (há uma passagem em que as duas personagens se cruzam, Clara, na praia, sente seu olhar ser atraído por uma jovem “bronze”, “em que a assimetria [do rosto] tinha a firmeza e o acabamento de máscaras de princesas que vira em museus”).¹⁹⁷

Francis aposta em uma lógica da ação para as personagens centrais das novelas. Mimi e Clara trocam o descrédito momentâneo com que passam a enxergar seus horizontes, subitamente alterados, por uma lógica da ação e, nessa opção, se igualam, apesar das diferenças abissais entre uma e outra. Mimi progressivamente ganha consciência e deixa de ser a moça igênuca que havia sido até então. Desfere uma facada na virilha de Pedro, cansada de ser tratada com indiferença ou como objeto de cobiça sexual. Clara viaja à procura de uma existência diferente, escolhe a liberdade, deixa filhas e marido. Se ambas, em algum

¹⁹⁵ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - Volume I*, p. 243.

¹⁹⁶ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - Volume I*, p. 302.

¹⁹⁷ A descrição continua: “Os dentes claríssimos, os olhos de quem sabe, nunca duvida, que será encarada despertando ânsia de competição entre homens e desespero nas mulheres. Ria alegre, a moça, um pouquinho condescendente, de um grupo agitado de admiradores. Não duraria muito aquele esplendor, Clara se consolava, ‘humilhada’ e ‘ofendida’ com a natureza, que certamente não era socialista...” Ver FRANCIS, Paulo. *Filhas do segundo sexo*, p. 89. É claro que há mais entre as duas do que uma “década” de separação digamos simbólica - isto é, uma vista como “bonequinha de luxo”, a outra politizada e contestadora da ordem estabelecida. Há, para começo de conversa, a beleza de Mimi, a convergir para si os olhares masculinos de cobiça e femininos de inveja, a instaurar destinos antagônicos.

momento, são usadas pelos homens, conseguem, contudo, dar impulsos renovados às suas vidas. Escreveu Zuenir Ventura que Mimi e Clara “(...)

superam sua condição e revelam o infantilismo e a perversidade de seus dominadores, transformando-se em símbolos de duas gerações. Mais: são arquétipos de uma sociedade que faz do amante capitalista de uma e do marido marxista de outra dois frustrados, ambos tentando reproduzir na cama o sistema de opressão que um defende na prática e o outro rejeita na teoria.

Mimi e Clara optam, cada uma dentro de suas coordenadas pessoais, pela libertação do domínio opressivo do amante e do marido. Mimi esfaqueia Pedro e Clara segue com Célia para uma comunidade de base. “Cada uma à sua maneira - Mimi pelo desespero, Clara pela consciência - faz a sua própria revolução. Vão da degradação à libertação”, sustenta Ventura.¹⁹⁸

4.4 CARNE VIVA

4.4.1 O enredo

Carne Viva (2008) levava como título original *Jogando cantos felizes*. Ficou à espera de uma revisão cuidadosa por parte do autor, com vistas à publicação, depois de receber leitura do editor da Companhia das Letras, Luiz Schwarcz. As correções não foram terminadas quando da morte de Francis, e o plano inicial, de publicá-lo quando se comemorassem os 30 anos dos acontecimentos de Maio de 1968, não vingou, sendo lançado dez anos depois, em 2008, sem qualquer alarde (e por uma editora pequena, não mais a Companhia das Letras de *Trinta anos esta noite* e *Waaal - O dicionário da corte de Francis*). Segundo sua mulher, Sonia Nolasco, Francis esteve em Paris durante os episódios de revolta estudantil e de greve geral que pretendiam mudanças políticas e comportamentais, depois espalhados pelo mundo, o que lhe daria vivência para ambientá-lo na capital francesa.¹⁹⁹ O título saiu de “Balada do mangue”, de Vinícius de Moraes²⁰⁰ (um dos mais belos exemplares

¹⁹⁸ VENTURA, Zuenir. “Francis feminista, quem diria?”, p. 13.

¹⁹⁹ NOLASCO, Sonia. “Tempestade no horizonte”, p. 40.

²⁰⁰ “Pobres flores gonocócicas/
Que à noite despetalais/
As vossas pétalas tóxicas!/
Pobre de vós, pensas,
murchas/
Orquídeas do despudor/
Não sois Lœlia tenebrosa/
Nem sois Vanda tricolor!/
Sois frágeis,
desmilinguidas/
Dálías cortadas ao pé/
Corolas descoloridas/
Enclausuradas sem fé!/
Ah, jovens putas das
tardes/
O que vos aconteceu/
Para assim envenenardes/
O pólen que Deus vos deu?/
No entanto crispais
sorrisos/
Em vossas jaulas acesas/
Mostrando o rubro das presas/
Falando coisas do amor/
E às vezes cantais
uivando/
Como cadelas à lua/
Que em vossa rua sem nome/
Rola perdida no céu.../
Mas que brilho mau de
estrela/
Em vossos olhos lilases/
Percebo quando, falazes,
Fazeis rapazes entrar!/
Sinto então nos vossos

que integram *Poemas, baladas e canções*. Francis declarou sobre o projeto que não havia usado sintaxe complicada, como nos romances dos anos 1970, mais preocupado em escrever à la Hemingway. “Meus romances anteriores tinham mudanças bruscas de assunto, muita ironia, a ambivalência modernista permeava tudo e as pessoas me diziam que eram difíceis”, ajuntou.²⁰¹

Carne viva é um relato em terceira pessoa, formado por 19 capítulos de tamanho desigual (entre seis e 20 páginas cada), encimados por títulos como “Cidade maravilhosa”, “De volta ao futuro”, “Paris é uma festa” e “Ferro e fogo”. Inicia-se com o banqueiro Francisco Guerra andando de carro pela capital fluminense em 1990, em meio a seu lamento pelo “fim do Rio” (aquele velho Rio, também da infância e da juventude de Francis, em nome da barbárie e violência que se sucederam). “Homem do ano”, economista, casado com Maria Elizabeth Gonzaga, a Bebete, tem em Maria Clara, prima da mulher, uma amante ocasional. Quer ficar no lugar do tio, Temístocles, presidente do banco onde trabalha, mas para isso tem de vencer dois rivais, seus primos. Pai de dois filhos, Isabela e Francisco Otávio, fornece informações familiares - por exemplo, a fuga do pai bissexual, quando contava pouca idade, e a falta de intimidade com a mãe.

Um encontro casual com Beatriz Saraiva Botelho, a Bea, em Petrópolis, onde são vizinhos em casas de veraneio, recorda-lhe de um encontro 22 anos antes, na Paris de 1968. A narrativa passa então a acompanhar Bea, de quem Francisco havia tirado a virgindade e depois desaparecido. Bea, seu namorado Beau, doutor em filosofia, desdobramentos da vida dos dois, tudo é visto com uma profusão de assuntos intercalados, como o teatro de Garcia Lorca, a atribuição dos bancos ou um comentário sobre o diplomata e escritor Gilberto Amado.²⁰²

sexos/ Formarem-se imediatos/ Os venenos putrefatos/ Com que os envenenar/ Ó misericordiosas!/ Glabras, glúteas caftinas/ Embebidas em jasmim/ Jogando cantos felizes/ Em perspectivas sem fim/ Cantais, maternais hienas/ Canções de caftinizar/ Gordas polacas serenas/ Sempre prestes a chorar./ Como sofreis, que silêncio/ Não deve gritar em vós/ Esse imenso, atroz silêncio/ Dos santos e dos heróis!/ E o contraponto de vozes/ Com que ampliais o mistério/ Como é semelhante às luzes/ Votivas de um cemitério/ Esculpido de memórias!/ Pobres, trágicas mulheres/ Multidimensionais/ Ponto morto de choferes/ Passadiço de navais!/ Louras mulatas francesas/ Vestidas de carnaval/ Viveis a festa das flores/ Pelo convés dessas ruas/ Acoradas no canal?! Para onde irão vossos cantos/ Para onde irá vossa nau?! Por que vos deixais imóveis/ Alérgicas sensitivas/ Nos jardins desse hospital/ Etfílico e heliotrópico?! Por que não vos trucidais/ Ó inimigas? ou bem/ Não ateais fogo às vestes/ E vos lançais como tochas/ Contra esses homens de nada/ Nessa terra de ninguém!” O poema trata da exploração da prostituição e do uso que os homens fazem das mulheres - não muito longe do que se verifica na história de Guerra e Bia, no romance de Francis. Ver MORAES, Vinícius. *Poesia completa e prosa*, pp. 333-334.

²⁰¹ CARELLI, Wagner. “Papo cabeça”, p. 7.

²⁰² Por exemplo: “Tinha ido a algumas noites de autógrafos de personalidades que Temístocles queria agradecer como políticos, autores de memórias, e ficava na fila conversando e, discretamente, namorado, se valesse a pena. Perguntou a um diplomata e escritor, Gilberto Amado, se um livro, pelo qual estavam esperando o

Francisco rememora como conheceu Bebette e as dificuldades que teve para namorá-la. Temístocles manifestou interesse em ter o sobrinho casado com uma mulher da estirpe de Bebette, que poderia trazer para a família bons negócios. Francisco, diretor da companhia de seguros do banco, é enviado para Paris em meio aos protestos e a “revolução civil” de 1968, a fim de resolver pendências, sob a ordem direta de Temístocles. Lá avista alguns dos personagens proeminentes da revolta estudantil, como Daniel Cohn-Bendit e Jean-Paul Sartre, circula pelos arredores e vive o clima de libertação popular insuflado pelo movimento, que conquista a dissolução da Assembleia Nacional e acua o presidente Charles De Gaulle, obrigado a convocar eleições parlamentares. Tudo emerge para Francisco ao reencontrar Bea e o passado se tornar presentificado, juntamente com outros vultos que ganham vida e se mesclam ao relato, como Beau, Gabriela, que se torna amante de Temístocles, e Cecília, irmã de Bea.

Uma tragédia se abate sobre Francisco, quando precisa salvar a família de um incêndio que consume a casa de Petrópolis. Bebete consegue salvar o filho Franciso Otávio, mas morre nas chamas. Ele ajuda os filhos de Maria Clara, mas precisa ser internado por longos meses em uma clínica nos Estados Unidos, devido às queimaduras. Cuidado por Bea, Cecília e Beau, na volta para o Rio procura psiquiatra. Pacificado, retorna para Petrópolis, consegue rir e perceber que todas as “paixões destrutivas” pareciam gastas, integrado à nova família que conquistou.

4.4.2 O narrador

Visto que o narrador é heterodiegético, como em “Mimi vai à guerra e “Clara, Clarimunda...”, seguindo de perto as aventuras de Guerra, com quem é identificado, seus pensamentos e desenvolvimento, deve-se dizer que, contudo, embora não o perca de vista, há momentos em que Bea, a outra personagem importante de *Carne viva*, é flagrada na

jamegão do autor, iria vender. Ele sorriu e disse que ‘venderia o que vender aqui’, uns quase duzentos exemplares. O resto seria dado.

Gostava de Gilberto, que, de início, não lhe prestou muita atenção, imaginando que Guerra fosse algum assessor de luxo, um *aspone*, parente de Temístocles. Guerra cativou o embaixador porque era divertido e porque se divertia genuinamente com o que o outro lhe contava. Gilberto confiou-lhe que esteve com um dono de jornal, idiota pomposo, que perderia em anos seu patrimônio, duramente conquistado pelo pai: ‘Fiquei pasmo. Conversei duas horas com o João Luiz e ele não disse uma única insensatez’.

Gilberto, nordestino, matou um homem por quem se sentia humilhado. Nordestinos são... impulsivos...”. Ver FRANCIS, Paulo. *Carne viva*, respectivamente pp. 66, 118 e 137. É o mesmo procedimento dos romances, o temperamento opinativo do narrador - heterodiegético e a perspectiva passando pela personagem - se intrinsecando em tudo, com digressões de naturezas diversas combinadas ao texto. Ver REUTER, Yves. *A análise da narrativa*, p. 70 e seguintes.

intimidade (como no capítulo “Vida Boêmia”: “Bea não sabia bem o que era, mas mulher, por mais gentil e sincera, sempre lhe parecia emanar, por assim dizer, um aviso de que se cuidasse, de que qualquer fragilidade exposta poderia ser usada contra ela. (...) As ideólogas explicavam que esse sentimento se devia ao hábito, encruado há milhares de anos nas mulheres, de definir seu mundo pela opinião dos homens. (...).”²⁰³

A geografia de *Carne viva* é a do Rio - de restaurantes como o Le Bec Fin, instalado na Rua Francisco Sá, em Copacabana, citado junto de outros pontos importantes de encontro - e de Paris e Petrópolis, outras cidade onde a ação transcorre. Novamente os personagens são abastados (ou vivem em relativo conforto - na ficção de Francis a oscilação é entre a classe média e a classe alta, sendo que essa média parece tender à média alta, na verdade, por estar sempre entre os ricos) e o que conversam gira em torno de cifras e papos intelectuais (e inconfiâncias sobre o alheio). O ritmo das mudanças espaço-temporais - do Rio para Petrópolis, de Petrópolis para Paris, de Paris para o Rio - é recorrente e incessante. Não é demais lembrar que o romance não foi finalizado pelo autor, depois de devolvido pelo editor e começadas as correções que o dariam como pronto. Minha convicção pessoal é que pouco ou nada acrescenta à obra pregressa de Francis, não tendo nem servido para reavivá-la.²⁰⁴

Tome-se um trecho:

‘Guerra chegou chez Etienne às onze da manhã. Uma chuvinha fina, intermitente, desagradável, parecia vir de todas as direções. Ele ficou molhado, ‘merde’, só de atravessar da calçada da rua para a entrada do prédio, ao final de um jardim bem

²⁰³ FRANCIS, Paulo. *Carne viva*, pp. 98-99. O retrato psicológico lembra um pouco o de Mimi e o de Clara. O narrador, mais digressivo do que em *Filhas do segundo sexo*, passa no trecho em questão do marechal Hermes da Fonseca a milho de pipoca importado, da “linguagem” feminina das mulheres, desconhecida pelos homens, a Racine e Godard.

²⁰⁴ Daniel Piza escreveu sobre o livro em sua coluna “Sinopse”, sob a rubrica “Rodapé”, em *O Estado de S. Paulo*, em 23 de março de 2008. “Li durante o vôo, com grande expectativa e saudade, o romance póstumo de Paulo Francis, *Carne viva*. Ele morreu sem rever o texto, que era sua última tentativa de fazer sucesso como ficcionista, inspirada em autores como Rubem Fonseca, e sua viúva Sonia Nolasco decidiu publicá-lo agora, 11 anos depois de sua morte. Francis tentou abandonar o estilo de seus romances dos anos 70, *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* (que dizia influenciados por Joyce, mas que mais lembravam tentativas de um fã de Aldous Huxley e D.H. Lawrence), e escrever com mais brevidade e simplicidade. Infelizmente, não conseguiu. Não há página que não tenha uma observação e uma citação que não sejam a cara do autor. Como aquele músico de Machado de Assis, Francis se sentava para escrever uma coisa diferente e... só saía o de sempre. O distanciamento, os silêncios do grande ficcionista não existem nessa história de um banqueiro, Francisco Guerra, que presencia o Maio de 1968 em Paris. Guerra é uma caricatura do próprio Francis, Paris mal se vê no romance, e as cenas de sexo são quase risíveis. Ele foi o maior jornalista de opinião do Brasil, e não é por este livro que o leitor saberá disso.”

Disponível em <http://www.danielpiza.com.br/interna.asp?texto=2308>. Consulta em 20 de abril de 2012. O romance, de fato, passou batido, ou seja, recebeu acolhida morna, quando não mesmo fria. Muito soa gratuito, as ligações estabelecidas entre os personagens, certa falta de psicologia ou de vinculação entre personagens, passagens “soltas” que não estão a serviço do que se narra - se é fato que no andamento é um romance mais fácil de seguir do que *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*, também é verdadeiro que o caráter inacabado - *Carne viva* tem mais a aparência de um esboço - o prejudica. Não se sabe nem se seria publicado, e em que formato, visto o autor tantas vezes alimentar projetos que não vieram à luz.

tratado. O próprio Etienne abriu a porta: ‘Meu pobre amigo, você veio. É o fim do mundo. A França acabou’.

Não parecia. O apartamento de Etienne seizième era enorme, mas, de fora, olhando o prédio, ninguém diria. Tinha uma dessas estruturas que só revelam seu tamanho quando se lhe vai às entranhas. Meio vistoso demais, para o gosto de Guerra, formado, mais por paixão do que por tempo de estada, em Cambridge. Francês era meio rococó, e o apartamento de Etienne cheirava a século XVIII, antes do dilúvio, com vermelhos e roxos extremamente fortes. Elegante, talvez, mas não para meu bico, pensou Guerra. E perguntou:

‘Como e que é?’

‘Pauvre De Gaulle. Il est foutu.’

Etienne usava um robe de chambre multicolor, camisa branca, quase reluzente, calças azul-marinho escuras e mechas de cabelo lhe caíam pela testa. Olhou o relógio, com certa dramaticidade. E deu a Guerra um quadro mais crível da situação:

‘Pompidou neste momento está se encontrando com Seguy e uma porção de comunistas que você não conhece. Vai dar um aumento de trinta por cento aos operários e trabalhadores em geral, o que é uma mordida de pulga nos empresários, mas ninguém nos ouça. A França é vagarosa. O pobre De Gaulle está fudido, porque confunde esse vagar com majestade. Eu diria que o presente, afinal, acabou atropelando nosso caro general.’

‘Se você traduzisse para um humilde brasileiro...’

‘De Gaulle sempre definiu o futuro em termos do passado, quando quando entrou para a comunidade europeia, que, no longo prazo, nota bene, aniquila o conceito de Revolução Francesa de 1789, o conceito de nação inviolável e única.

‘Entramos no Mercado Comum, meu caro, com De Gaulle pregando o nacionalismo... É isto que quero dizer. Ele é, ou foi, um gênio. Subiu ao poder na crise da Argélia, dizendo, ‘Franceses, eu vos compreendi’. E a maioria dos franceses queria dar independência aos argelinos, como concessão, de uma posição de força, e foi precisamente o que De Gaulle lhes deu, sem barretadas, as betises tradicionais da esquerda.’

‘Agora mesmo, ele não está desaparecido como te disse ‘le bellhoup’ (Etienne pronunciava ‘belopê’) ou a florista do Ritz, mas na guarnição francesa da Otan, tentando persuadir os generais a lhe garantirem o poder. Temos informações seguras de que os generais dirão não. Os generais detestam De Gaulle, que botou an cadeia e até fuzilou alguns de seus camaradas, que eram da organização L’Armée Secrete, na crise da Argélia.’

‘Os generais querem que De Gaulle caia humilhado, quando farão Pompidou, que trabalhou com os Rotschields e sabe o que é paciência de esperar. Pompidou aconselhou uma eleição ao general. O general quer um plebiscito, porque não se conforma de ter sido rejeitado pela juventude francesa e quer mostrar que é o mais amado pelo povo. Mais fácil confiar no bolso das pessoas.’

(...)

‘Em 1789, a França estava quebrada. Em 1848, havia uma depressão econômica a a esturada de ferro, novidade, trouxe milhões de camponeses famintos para as grandes cidades. Mas agora o velho general nos deixou trabalhar e a produção nacional, desde 1958, quando ele assumiu, tem sido espantosa.’²⁰⁵

O diálogo continua, até que após algum tempo a conversa passa a ser sobre o banco, o que unia Guerra a Etienne. O movimento do narrador, no entanto, de emitir opiniões, está por trás de boa parte de *Carne viva*, seja sobre o teatro de Garcia Lorca, Euclides da Cunha ou *Medeia*, de Eurípides.²⁰⁶ É nesse diapasão que se acompanha o destino de Guerra, em meio a

²⁰⁵ FRANCIS, Paulo. *Carne viva*, pp. 138-141.

²⁰⁶ No caso de *Medeia*, a opinião está expressa na fala de um personagem, ou, no caso de Euclides, creditada como uma opinião de outrem - do jurista Evaristo de Moraes, que teria dito “Temos um único escritor, aparece um garoto e passa fogo nele. É sina.” Ver FRANCIS, Paulo. *Carne viva*, respectivamente pp. 101-

um temperamento que lança “pareceres” sobre assuntos diversos, muitas vezes de forma fortuita (em *Carne viva*, de modo mais evidente).

O panorama que se descortina sobre o Maio de 1968 é baço, como aponta Piza. Afora como um ou outro personagem vê a situação - Etienne, residente na França, “instrui” Guerra a respeito do que se passa e de como vê a situação política e social - , o que se revela é uma evocação longínqua dos episódios. Como se pouco importasse o pano de fundo, porque é efetivamente ausente da matéria narrativa, a não ser nas opiniões isoladas (e que não formam o sustentáculo do romance, porque as há de todo tipo em suas páginas, como visto, por exemplo, sobre Eurípides ou Euclides da Cunha). O que Mark Kurlansky compreende como predicado próprio de 1968 - o espírito de revolta, a revolta *per se*, um entranhado desagradado pelas instituições como eram conhecidas, à autoridade constituída, que se mostrou por meio de insurgências em lugares como a França e os Estados Unidos, com tudo que diferenciava povos geograficamente espalhados no globo terrestre - não encontra ressonância em *Carne viva*.²⁰⁷

4.5 O CRONISTA

Sendo Francis articulista e polemista, antes de se alçar à ficção, não parece impertinente lançar um olhar, ainda que rápido, para a produção do jornalista que ele foi, a título de complementação (Piza o considerou o maior dentre os jornalistas de opinião do país; na segunda metade do século XX, nenhum outro conquistou a exposição dele, em jornais, revistas e televisão). A convicção de que o jornalista combativo alimentou o estofado do escritor favorece considerações sobre o trabalho pregresso - e paralelo - que Francis sempre manteve (ele escreveu intensamente na imprensa brasileira, em alguns dos órgãos de imprensa relevantes do país, como *Diário Carioca*, *Última Hora*, *Correio da Manhã*, *Tribuna da Imprensa*, *O Pasquim*, *Status*, *Visão*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, o que dá a medida do quanto produziu em quase quatro décadas).

Dentre suas colaborações, merece registro a que o ligou ao grupo do *Pasquim* (entre 1969 e 1976, ou entre os números 6 e 341, quando teve de encerrar sua participação por causa do contrato de exclusividade que a *Folha de S. Paulo* lhe exigia). Foi em suas páginas que

102 e 209. É tentador ver nas discussões sobre os destinos da França alguma coisa das crenças do próprio autor, quanto mais porque é o que se lê, por exemplo, no verbete dedicado a De Gaulle que consta de *Waaal* - “De Gaulle - Franceses nunca mais se entenderam desde a Revolução de 1789 até 1958. De Gaulle mudou a história neste ano. Criou um Executivo forte e eleito pelo povo e um parlamento ao lado, também eleito pelo povo. (FSP, 10/1/84)”. Ver PIZA, Daniel (org.). *Waaal - O dicionário da corte de Paulo Francis*, p. 73.

²⁰⁷ KURLANSKY, Mark. *1968: O ano que abalou o mundo*, pp. 13-20.

Francis tornou-se lido no país inteiro e, de lambuja, lançou um de seus livros fundamentais, *Paulo Francis nu e cru*, compilado a partir da correspondência que mandou de Nova York. O Francis do “Diário da Corte”, da *Folha de S. Paulo*, “nasceu” antes, no *Pasquim* (é o cronista da *Folha* que será usado no exemplo logo adiante, mas, como esse cronista - internacional, multifocal, cultural, erudito, enciclopédico - é um dos patrimônios do *Pasquim*, pelo que como um todo o semanário fez em nome da renovação da linguagem da imprensa nacional, é natural se deter sobre suas conquistas).

O *Pasquim* - que chegou às bancas em 26 de junho de 1969, meio ano antes de ser editado o AI-5 - afrontaria, durante os anos seguintes, o regime instaurado pelos militares (e mais, a vida brasileira em sentido amplo, os hábitos, costumes, o “bom-mocismo” da classe média urbana, pela via de um humor escrachado e inteligente). O semanário, em formato tabloide, foi criado sob um clima social opressivo, em que não eram raros os episódios de invasão de jornais pela Polícia Federal e de perseguição a intelectuais contrários à ordem política imposta a partir da ascensão do marechal Castello Branco à presidência. Já o nome *Pasquim* desestimulava piadas de possíveis detratores, ao assumir para si que era um jornal sem seriedade, eventualmente injurioso ou mal-redigido, como a definição do nome carrega em si, ao qual, em suma, não se deveria atribuir importância.

Muitas foram as cabeças que fizeram o *Pasquim* ter o prestígio que alcançou, mas o nascedouro, nos bares de Ipanema, no Rio, contou com Tarso de Castro, Jaguar, Sérgio Cabral, Claudius, Carlos Prósperi e Luiz Carlos Maciel. A eles vieram se agregar, conforme os números se sucederam nas bancas e o volume de efetivos e colaboradores aumentou, Ziraldo, Ivan Lessa, Millôr Fernandes, Paulo Francis, Sérgio Augusto, Henfil, Redi, Fortuna, Aldir Blanc... Mais Caetano Veloso, Chico Anísio, Vinícius de Moraes, Ferreira Gullar, Glauber Rocha, Cacá Diegues, Fausto Wolf e dezenas de outros nomes, que deram uma mão. Eram dos melhores quadros da intelectualidade brasileira daqueles anos, o que ninguém parece contestar.

O *Pasquim* durou 1072 números (ou 22 anos, em outra medida). Ao sair a última edição, em 11 de novembro de 1991, em praticamente nada recordava o antigo *Pasquim*. Houve uma tentativa de ressuscitamento em 2002, quando Ziraldo lançou o *Pasquim21*, que, no entanto, encerrou as atividades três anos depois, sem obter qualquer rentabilidade comercial ou deixar marca. O clima não era o mesmo de 1969, os colaboradores também não. O número de publicações à disposição dos leitores havia se multiplicado, os anos eram

outros... Hoje raros jornais ou revistas atingem os 200 mil exemplares que o *Pasquim* teve nos tempos de vendagem expressiva.²⁰⁸

A imagem permaneceu, contudo, diluída em outras iniciativas e na lembrança de quem viveu os anos mais duros da ditadura, que, em certo sentido, possibilitaram que um veículo de comunicação assim surgisse e se estabelecesse. Para ilustração, a frase-lema que vinha logo abaixo do título *Pasquim*, diferente a cada número, não poucas ocasiões tinha de tudo para provocar incômodo - como em “Quem é vivo sempre desaparece” (nº 174) ou “Tesoura sim. Alicate não!” (nº 188), o primeiro relativo aos desaparecimentos de pessoas, o segundo à prática da tortura. Outras frases-lema foram “Pasquim - Um jornal que não pode se queixar” (nº 213), “Pasquim - Um jornal que não é editado por seus editores” (nº 261) ou “Um folião no velório” (nº 608), cujas referências à censura prévia ou à atmosfera pesada daquele tempo são óbvias.²⁰⁹

É difícil escolher uma dentre tantas inovações que o *Pasquim* trouxe à imprensa nacional. Dos textos de política internacional aos diálogos entre as aranhas Hélio e Jacy em cantos das páginas, das entrevistas editadas sem cortes e preservando as peculiaridades linguísticas dos entrevistados às cartas inventadas por Ivan Lessa, tudo soa avançado aos olhos contemporâneos (ou a imprensa refluíu, tornou-se mais medrosa, mais acanhada, careta, paradoxalmente, mesmo com toda a liberdade permissiva do século XXI). Os “entrevistões” merecem lugar à parte, por colocarem em pauta gente tão díspar quanto a atriz Leila Diniz e o malandro Madame Satã, o colunista social Ibrahim Sued e a transformista Rogéria, o escritor Marques Rebelo e o músico Raul Seixas. O de Leila Diniz, em particular, é sempre citado: publicado no nº 22, em novembro de 1969, manteve a peculiar dicção dela, substituindo os palavrões que a atriz pronunciou por asteriscos (*). Mas, apesar de não publicá-los, eles podiam ser facilmente deduzidos, como nas frases “eu gosto pra (*) de fazer novela e de fazer cinema”, “vai a (*) que te (*)” e “o cara está querendo pagar (...) deve ser uma (*) de cama”, respectivamente *caralho*, *puta-pariu* e *merda*.²¹⁰ Não foram apenas as dezenas de palavrões omitidos que tornaram a entrevista lendária: a sem-cerimônia com que Leila falou sobre sua intimidade, sobre sexo e infidelidade, ainda hoje seriam chocantes (há que se lembrar todas as revoluções comportamentais em curso nos anos 1960, em que suas revelações se encaixavam

²⁰⁸ Por volta do nº 27. Ver BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70 - Mais pra epa que pra oba*, p. 28. Mais adiante, na p. 103, Braga defende que, após 1980, o leitor não se identificou mais com o *Pasquim* e essa teria sido a razão de sua derrocada, quando já não vendia nem 10% do que conseguira nos tempos mais aclamados.

²⁰⁹ BRAGA, José Luiz. *Op. cit.*, pp. 62, 138 e 231. Para Braga, o *Pasquim* se integrava em torno de três perspectivas do “contra”: era *contra* o regime, *contra* os comportamentos da classe média e *contra* a grande imprensa.

²¹⁰ JAGUAR e SÉRGIO AUGUSTO (org.). *Pasquim: Antologia - Volume 1*, pp. 60 e 63.

no contexto de afirmação da mulher, uma batalha feminina que não faz tanto sentido em 2012, conquistados os espaços - do sexo ao trabalho - à disposição pelas mulheres). A solução da equipe do *Pasquim* foi preservar a fluência e a naturalidade da fala, sem falsear o conteúdo em uma edição arbitrária e refreada. E não comprava briga, pelo menos tão ostensiva, com os militares.

Segundo a jornalista Norma Pereira Rego, o surgimento do *Pasquim* foi um acontecimento cultural. “A grande imprensa, voltada para o consumo de massa, ficara naquele ano [1969] mais superficial do que já era. Quase sempre simpatizando com o regime em vigor, atenta às proibições da censura, acabara por negar ao público pensante o pequeno espaço que até ali lhe reservava para manifestar opinião ou se informar”, avalia.²¹¹ Sem suspeitar o abalo que operaria no jornalismo brasileiro, o *Pasquim* transformou-se na ponta de lança da crítica de oposição escrita. Depois de “(*)”, palavras como “duca” (contração de “do caralho”; variação: “praca”: “pra caralho”) e “sifu” (“se fodeu”, ou, na prosódia corrente, “fudeu”), compactadas, não soariam tão agressivas quanto as expressões originais, poderiam ser publicadas e não eclipsadas por asteriscos. Francis continuaria a usá-las nas décadas seguintes, combinando-as a temas eruditos (“Wittgenstein é duca”, escreveu certa vez). A autoria da “invenção”, contudo, precisa ser devidamente creditada ao autor da façanha, Ziraldo.²¹² Outras expressões e gírias, não resultantes de compactação, como “batatolina”, tiveram larga difusão (por exemplo, em “O background familiar, segundo psicanalistas de biribinha de Petrópolis, seria a causa do comunismo do filho, ‘revolta contra os pais, don’t know’, e, batatolina, também a explicação marxista da volta de Hesse ao aprisco, pelos esquerdistas rejeitados em 1965”, em *Cabeça de papel*.)²¹³

Paulo Francis tinha uma década e tanto de imprensa quando o *Pasquim* entrou em cena e continuou a assinar crônicas e artigos depois que o semanário deixou de existir. Ainda assim, é recordado o como um de seus nomes notáveis, mesmo tendo participado da iniciativa em um intervalo de tempo relativamente curto. Foi, contudo, a época que demarcou a fase áurea do *Pasquim*, que curiosamente pode ser aproximada com o período mais dramático do cerceamento das liberdades individuais, entre fins de 1969 e fins de 1979 (não que haja relação necessária entre esses dois fatos, além do quanto a ditadura obrigou os “pasquinianos” a serem criativos para burlar a censura a que os meios de comunicação eram submetidos - e o quanto lê-lo poderia ser um alento para quem não divisava uma luz no fim do túnel). Finda a

²¹¹ REGO, Norma Pereira. *Pasquim: Gargalhantes Pelejas*, p. 15.

²¹² REGO, Norma Pereira. *Op. cit.*, p. 29.

²¹³ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de papel*, p. 22.

década de 1970, problemas sucessivos - brigas internas, mudanças de gestores, custo do papel, inflação, entre outros fatores - fizeram seus estragos e determinaram a queda de influência do *Pasquim*. O jornal que interessa, no entanto, é o “mítico”, do começo até pelos menos meados dos anos 1970, ou pouco mais, quando conservava seu vigor e impôs em várias frentes um sinal distintivo. Foi quando saíram os textos mencionados, de renovação do panorama jornalístico até então praticado, ou foi quando, na definição de Jaguar, “o *Pasquim* tirou o paletó e a gravata da imprensa brasileira.”²¹⁴ Francis era entusiasta desse jornalismo mais chão, menos pomposo, tendo incorporado também à ficção inovações que tiveram lugar no *Pasquim* (e deixado outras tantas heranças, aos seus colegas).

A vinculação entre Francis e o *Pasquim*, se não é forçosa, é bastante apropriada. O vigor de suas análises por certo ajudou a dar ao tabloide um ar mais “sério” (não no sentido de sisudo, mas, ao tratar de temas de política internacional ou sobre leituras, ou ainda sobre o que acontecia no mundo a partir de Nova York, como era de seu feitio e continuou a fazer depois, conectou-o ao mundo, digamos). A linguagem foi sempre um atributo diferenciador de Francis, como se nota na leitura dos ensaios, crônicas, romances e novelas. Sua frase, vertiginosa, nem sempre é fácil de acompanhar - caso de *Cabeça de papel*, como visto - devido à sucessão de dados, juízos, gírias, compactações, subentendidos e expressões em inglês - e uma certa “bossa carioca”, moderníssima, brasileira, irreverente, com uma dicção inimitável.²¹⁵

Tomemos uma das crônicas de Francis (de um período bem característico, de quando conservava sua influência, nos anos 1980, já na *Folha*):

Molho francês

Se você bota um gato em algum lugar, por mais confortável que seja, ele sai. Tanto faz. A natureza dele reage à coação, ainda que amável. Fica onde quer.

Uma nação de gatos daria na ‘revolução permanente’ com que Mao Tsé-Tung sonhou.

Não somos como gatos. Aceitamos o diabo. Aceitamos Sarney. Leio que ele vai comparar bigodes no México. Viagem ideal. Cucarachadas oratórias e, resultado, tudo como dantes no quartel de Abrantes. É sina. A única revolução real no Brasil foi a de Antônio Conselheiro, Canudos, que era para trás. Ele queria restabelecer a Monarquia e a moralidade, supostamente removidas pelos republicanos (velhos. Há

²¹⁴ JAGUAR e SÉRGIO AUGUSTO (org.). *Op. cit.*, p. 8.

²¹⁵ Um trabalho de fôlego que trate da importância de Francis para o estabelecimento de um português brasileiro está para ser feito. Não apenas Francis, naturalmente: a “revolução” na imprensa teria começado no *Diário Carioca* e no *Jornal do Brasil*, da qual o *Pasquim* seria uma sequência natural. Outros nomes – Millôr Fernandes e Nelson Rodrigues antes, Ivan Lessa e outros tantos junto com Francis - tiveram papel no adestramento dessa língua mais coloquial e afastada da matriz portuguesa, com ginga, improviso, sabor brasileiro. A história, claro, se iniciou antes, com a turma do modernismo. Ver SARMATZ, Leandro. “Uma língua do balacobaco”, p. 4, SUZUKI, Matinas. “Jornalista desprovincianizou a linguagem da imprensa”, p. 10, e FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 156 e seguintes.

outros? Há coisa mais antiga do que o autor de 'Marimbondos de fogo'? Um poeta não usaria sequer a palavra marimbondos, antipoética, quanto mais em título). Euclides da Cunha immortalizou Canudos. Eles não sabiam o que estavam fazendo, mas faziam (me recuso a escrever 'faziam-no') bem. Literatura absolve qualquer asneira.

Mas, como os gatos, a maioria de nós não quer estar onde está. Deve ser por isso que as principais avenidas do Ocidente são o balcão de vendas de todas as companhias aéreas. Elas nos oferecem fuga, no barateiro (e desconforto). Eu estaria, neste momento, em Beirute, se pudesse, mesmo tendo de parar na odiosa Frankfurt, vendo a produção de 'Lohengrin', de Wagner, montada por Werner Herzog, famoso cineasta de 'avant-garde', de quem nunca vi um filme, sai, sai, mas que, se cinco ou seis jornais são dignos de crédito, dobrou-se ao gênio de Wagner, não 'inovando' à maneira dos atuais diretores de óperas, que tratam os compositores e libretistas que deixaram obras e nomes na história como Sarney trata o povo brasileiro, talvez porque pressintam que deles, diretores, nada restará e vão à forra no gênio da raça. A esterilidade abomina a criatividade Quem já viu uma ópera dirigida por Franco Zeffirelli sabe do que estou falando. Mas nem é Herzog que me interessa. Por mim, ópera pode ser sem cenários e os cantores todos parados olhando para o maestro. Estou interessado em canto e música. E o que dizem desse 'Lohengrin' é que Paul Frey, o herói, é um autêntico 'heldentenor', um tenor heroico, à la Wagner no original, o que não há na praça. Paulo Francis, 56, nunca viu um 'hendentenor'. Ouviu Lauritz Melchior, cantando com Kirsten Flagstad, na incomparável coleção ortofônica da rádio Ministério da Educação, nos anos 40 (depois comprados por mim aqui). Depois vi Melchior, velhusco, sendo degradado por Hollywood em filmes da Metro com Jane Powell, cantando baboseiras semipop. Espero que ao menos tenha morrido rico.

*

Vi bons tenores wagnerianos, Set Svanholm (no Rio, na galeria do Municipal, em companhia do pai de Dick Farney, Farnésio Dutra, que naquela época iniciava carreira, putisgrila, vivi demais), Wolfgang Windgno, em que Zubin Mehta, analfabeto musical, é tido como maestro. Frey é canadense como Vickers. Imagine, ouvir Wagner, no original. O Canadá me parece menos porco do que outros países conhecidos. De lá talvez venha a salvação. A tundra deve estimular que ele seja 'hendentenor'.

Esta explicação que dei sobre 'heldentenor' seria desnecessária, quando o velho Dutra e eu assistíamos a Set Svenhom cantar (a primeira coisa que ele me disse quando Set abriu a boca em 'Siegfried' foi 'ah, é tenor dramático'), porque naquele tempo havia uma plateia que entendia dessas coisas. Nada de ilusões. Era mínima. Mas existia e se afirmava nos teatros. Era respeitada. Uma produção de Zeffirelli seria varrida do Municipal a vaia, na década de 50. Hoje inexistente. Era o tempo da 'cultura francesa'. Nada era servido num salão sem molho francês. Discutíamos Gide, Sartre e Camus, sem falar de Proust, de que todo mundo falava, mas só 'bem nascidos' pareciam conhecer, não a fundo, mas se referiam aos Guermantes e similares, como amigos íntimos. Quando se concretizou a americanalhação da cultura brasileira? Até o início dos anos 60 éramos visitados por companhias de teatro como a de Jean-Louis Barrault e Jean Villar (esta por um grupo de pressão que nós, críticos, montamos. Villar era de esquerda e o governo francês não queria trazê-lo). 'Todo mundo' discutia existencialismo, voluntarismo, o 'eterno dependente' etc. Até na esquerda havia um número razoável de trotsquistas, não de rua, como os atuais, mas de salão, intelectuais, que sabiam todos 'os livros sagrados' de cor, prontos para qualquer debate com os stalinistas, que nunca acontecia, porque lá pelas tantas os comunistas foram proibidos de falar com os trotsquistas (o artigo 13 do PCB).

Camus esteve no Brasil em 1949. Acabei de ler um 'Jornal de Viagem' editado aqui este ano (Paragon, Nova York, 153 págs., US\$ 15,95). A Gallimard lançou o livro em 1978, 'Journaux de Voyage', mas confesso que não ouvi palavra a respeito. Os romances de Camus, pelo menos 'L'Étranger', 'A Praga' e 'A Queda' foram 'best-sellers' em toda parte e ensaios dele, como 'O Mito de Sísifo' e 'L'Homme Revolté' foram discutidos por todos que portam o rótulo de intelectuais. Hoje, parece estar em baixa, como Sartre. Quando se considera que gente como Régis Debray (parece

nome de sabonete) e Bernard Henri-Lévy são levados a sério na França, como intelectuais, dá saudades de Camus e Sartre, com todas as suas incoerências e contradições. Mas o fato é que tínhamos uma visão mítica do poderio da cultura francesa na década de 50. Havia sem dúvida intelectuais como os citados e Raymond Aron, Gide, Claudel, mas a sociedade francesa não correspondia ao peso dessa gente. Eles deram à França uma reputação de inteligência e sofisticação que de jeito algum correspondia à realidade francesa. Minha primeira percepção disto foi quando quando estávamos em 1975 Sonia Nolasco e eu procurando o túmulo (discreto) de Proust no Père Lachaise e ela perguntou a uma mulher onde ficava (o cemitério tem celebridades saindo pelo ladrão). A mulher disse que não sabia e que também tentava localizar o túmulo do seu dentista. Não mostrou o menor sinal de que soubesse quem havia sido Proust. R. W. Johnson nota num 'Times Literary Supplement' recente que só há um jornal sério na França, 'Le Monde' (que, por sinal, está cada vez mais tedioso e provinciano), já que 'Libération' vende apenas cem mil exemplares e publica pornografia. Nos EUA e Inglaterra há dois ou três jornais sérios, ou tão sérios como 'Le Monde' (e menos provincianos). Johnson nota que em nenhum país do mundo intelectuais aderiram tanto e em tão grande número ao que ele chama de 'reaganismo', como se o pobre 'Bonzo' tivesse alguma ideologia.

*

Meu palpite é que se o fermento intelectual francês se deveu em grande parte à existência de um partido comunista forte, como era o PCF, até a década de 70, quando se afundou eleitoralmente e em suas próprias contadições. A presença de massa do PCF estimulava intelectuais a pensar. Camus foi membro do PC (da Argélia) e Sartre foi simpatizante durante alguns anos. Sem a força do PCF como contrapartida gente como os 'novos filósofos' pode se dedicar ao que realmente gosta, aos prazeres vulgares de uma sociedade de consumo.

Mas Camus, no 'jornal', escreve sobre o Brasil da página 57 a 142. É interessante saber como intelectuais estrangeiros nos veem (Wilson Martins fez uso valioso de Southey na sua excelente 'História da inteligência Brasileira'). Aprendi muito pouco com a visita de Darwin em 1831. Pouco mudou.

O que mudou é que Camus, nas páginas 82/83 foi a uma casa grã-fina no Rio em que 'a dona da casa traduz Proust e todo mundo presente conhece profundamente a cultura francesa'. Esta gente morreu ou está escondida.

Camus quase não cita nomes. Hoje um visitante descreveria até os hábitos sexuais de quem conhecesse porque lhe seriam confessos minuciosa e tediosamente por todos. Botar o bacalhau para fora é a moda, não ocorrendo, aparentemente, à maioria das pessoas que bacalhau fede.

Alguns são identificados. Mário Pedrosa (referido como 'Pedrosa' apenas) levou Camus a um hospício em que os loucos seriam artistas de gênio (Mário andou cismado com isso e, se não me engano, Ferreira Gullar também, por alguns tempos). Camus achou horrível a pintura, mas nota, com muita sagacidade, que 'os quadros levariam mentes progressistas parisienses ao êxtase'. Pior ainda, Camus reconheceu entre os psiquiatras um cavalheiro que 'me fez a pergunta mais idiota que me foi feita na América do Sul'. E, claro, esse psiquiatra era quem decidia a sorte dos loucos. Um amigo meu, ator de talento e pessoa querida, Josef Guerreiro, foi torturado por psiquiatras brasileiros. Morreu.

É o de sempre. De sofisticados a grã-finos afrancesados. Camus foi levado a uma macumba em Caxias, e mil e uma baianadas similares. Destas diz: 'Danças medíocres expressando rituais degenerados'.

Qualquer leitor de Camus sabia que ele era ateu, apesar de ter, segundo alguns críticos, um temperamento religioso. Mas a ideia de que ele fosse apreciar macumba, carioca ou baiana, é de jerico. Ele conclui uma descrição opressiva do 'santo que baixou' em Caxias, com uma multidão dentro da casa – é de se imaginar o cheiro – dizendo que 'fui para fora tropeçando e aspirei o ar fresco, deliciado. Prefiro a noite e o céu aos deuses dos homens'.

Note-se que Camus era argelino, um 'pied-noir', filho de francês e espanhola, que viveu com prazer seus primeiros 27 anos (morreu aos 47, num desastre de carro) na Argélia. Só passou a morar na França porque foi pilhado lá durante a invasão dos EUA e Inglaterra do Norte da África e não podia voltar para a Argélia, onde tinha

deixado a mulher com quem se casara, recentemente. Ou seja, Camus estava caindo de saber de hábitos 'tropicais' e subdesenvolvimento africano. É natural que se tenha irritado porque o obrigaram a 'ver tudo de novo' no Rio e Bahia. Sartre talvez tenha adorado porque era da alta classe média francesa, viveu até a Segunda Guerra num círculo fechado de intelectuais acadêmicos da École Normale e, sem dúvida, deve ter sentido um 'frisson' ao ser confrontado com o nosso primitivismo africano.

Camus, não. Ele era da classe operária. Foi educado pela mãe, que não falava ou respondia a seu afeto, numa favela francesa na Argélia. Quando foi ao Brasil já era autor mundialmente famosos de 'A Peste', mas se lembrava muito bem de onde havia saído e do que tinha escapado.

Levaram o pobre homem à igreja do Bom Jesus, Salvador, com suas 'oferendas' (ou talvez 'ofertas', sei lá), comenta: 'Sufocante. Mas este barroco harmonioso é muito repetitivo. Em verdade, é a única coisa a se ver neste país e não leva muito tempo para vê-lo. A vida real permanece (à mão). Neste país grande demais, que tem a tristeza de vastos espaços, a vida é terrivelmente banal e levaria anos para que eu me integrasse. Quero passar anos no Brasil? Não'.

*

Ele conheceu gente inteligente como Oswald de Andrade, que lhe propôs, 'em face da derrocada de Descartes e da Ciência, uma volta à fertilização primitiva: matriarquia e antropofagia'. Nenhum comentário do autor.

Levaram Camus a uma penitenciária modelo em São Paulo. Na saída alguém disse: 'A casa é sua'. Apesar do tratamento lorde na penitenciária, Oswald disse a Camus que prisioneiros batiam com a cabeça na parede até morrer.

Há o relato de uma viagem a Iguape em que tudo dá errado. Um chofer sabe-tudo (posso ouvi-lo falando: 'Pode deixar, dr., eu conheço o caminho. Está na mão'. Ele errou o caminho em 60 km e horas de poeira, buracos e opressão psicológica).

Na página 129, Camus escreve: 'Sou obrigado a pensar que pela primeira vez na vida me sinto em surto psicótico. Apesar de todos os meus esforços este delicado equilíbrio, que até hoje tem resistido a tudo, está quebrado'.

Desta viagem lembro apenas que Camus 'deu manchete', porque protestou veementemente contra 'flagrante delito', a lei estúpida que obrigava (obriga?) o chofer que atropela alguém a fugir, deixando o atropelado à morte, para não ser pilhado em flagrante delito.

No melhor estudo biográfico de Camus, melhor que o de Germaine Brée ou de Roger Quilliot, que são os 'donos' do escritor na França, 'Camus', de Patrick McCarthy (autor também de uma biografia exemplar sobre Céline; Random House, Nova York, 359 págs. US\$ 17,95), McCarthy diz que Camus 'perdeu a cabeça' várias vezes no Brasil. Ele não escreve isso, mas há uma cena que acho resume nossa atitude em face de estrangeiros. Camus é levado a comer no Albamar, no Rio, famosa peixaria no ex-mercado, por (obviamente) Augusto Frederico Schmidt e uma pessoa que não consegui identificar. Bajulações mil. Isto é prova do senso de inferioridade que temos com estrangeiros. E esconde um profundo ressentimento. Este às vezes explode em meio à bajulação. Por um desses azares não recebi jornais durante a visita de Gore Vidal ao Brasil, mas o que me contaram seguiu este script de bajulação e ressentimento. Com Camus, aconteceu quando este amigo de Schmidt pediu um prato para ele. Camus quis saber o que era. Um camarão frito, que Camus não quis porque disse que conhecia o prato da Argélia. A esta simples objeção o companheiro de Schmidt cobriu-o de desaforos. Desta fúria o cara passa a uma extrema humildade, dizendo que só querem 'agradar Camus' etc. etc. É uma cena típica da nossa esquizotimia com estrangeiros célebres.

*

Camus não acerta um nome brasileiro: até Caymi é Kaimi (Camus adorou), Pernambuco, Pernambouc, Madureira, Madudeira. Talvez se o tivessem levado a Ouro Preto e o deixado à solta nos bares da época, Maxim's no Rio, ele tivesse uma impressão diferente do Brasil, mas somos precisamente como a China, em que há oitenta chineses que recebem todos os estrangeiros e que dizem todos a mesma coisa o tempo todo. Candice Bergen implorou a Samuel Wainer que a retirasse do 'elenco' de grã-finos do Rio, porque estava morrendo de tédio. Samuel a levou ao Antonio's. O circo lá pelo menos é diferente. Chato é que português é uma língua tão impenetrável como holandês (na Holanda todo mundo fala inglês e alemão) e

nenhum estrangeiro pode ser deixado solto, ou não podia por este motivo apenas, em 1949. Hoje seria assaltado na primeira esquina. Não tem solução, como diz Kaimi...²¹⁶

A transcrição completa da crônica revela o “latifúndio” que Francis ocupava, nos tempos de maior exposição, duas vezes por semana, em um dos jornais mais lidos do país (uma página inteira em formato standard, de 55cm, ou 22 polegadas, o equivalente a duas páginas de formato tabloide, o tipo comum no Sul do Brasil). Se em muitos casos um assunto levava a outro, certas vezes Francis dosava em “pílulas” múltiplos tópicos, sem vinculação necessária e vistos panoramicamente (já teve quem o quisesse ver como precursor dos blogs hoje em voga, em que temas diversos se costuravam ao sabor da memória e dentro de um espírito de leveza afeito ao jornalismo contemporâneo, fracionado).²¹⁷ Na coluna reproduzida, dos gatos e do desconcerto brasileiro (Sarney, Canudos), Francis passa a montagens de óperas de Wagner e então a Camus, que domina o texto. A passagem de Wagner para Camus não é gratuita, haja vista que deriva de uma série de observações sobre alta cultura e a derrocada desse padrão cultural que ele viveu na juventude - Camus, figura icônica entre os anos 1940 e 1960, foi leitura obrigatória para vasta faixa de leitores de sua geração, junto com outros expoentes, como Sartre, referido por Francis.

A condução de “Molho francês”, como se pode notar, lembra os movimentos do narrador dos romances, em que, para todos os efeitos, a memória dita os rumos um tanto aleatórios e erráticos do texto (na verdade, no caso em questão menos do que em outros exemplos, de todo modo verificáveis de como parece funcionar o jornalista e o escritor, seu *modus operandi*). Reforce-se que também é um movimento típico do romance moderno, comentário e ação entrelaçados, como visto, que no romance tradicional - antes, portanto, do século XX - a distância entre narrador e leitor era fixa e que, em uma célebre formulação, passa a variar como posições de câmera no cinema.²¹⁸ No caso da crônica - que não tem uma voz ficcional, é óbvio, como na ficção - , a voz do cronista dá corpo às suas reflexões, ideias, crenças.²¹⁹

²¹⁶ FRANCIS, Paulo. “Molho francês”, A-44.

²¹⁷ NOGUEIRA, Paulo Eduardo. *Paulo Francis - Polemista profissional*, p. 8.

²¹⁸ “O leitor é ora deixado do lado de fora, ora guiado pelo comentário até o palco, os bastidores e a casa de máquinas.” Ver ADORNO, Theodor W. “Posição do narrador no romance contemporâneo”, p. 61.

²¹⁹ Ruy Castro vê na crônica “o feudo da conversa fiada”, ainda mais quando praticada por cariocas. Para ele tudo caberia no formato, qualquer assunto seria “válido”, desde que fosse “irrelevante”. *Boutade* à parte, se há de fato o cronista que “enche” seu espaço com tais irrelevâncias, há o cronista que quer dotá-lo de algo mais, como o leitor de Francis sabia bem - ao juntar informação, provocação, opinião, espíritosidade, e por aí vai, no que Moacyr Scliar chamou de “banquete cultural” - , o que o leitor recebia era bem mais do que o cronista “enche-texto”. Ver CASTRO, Ruy. *Ungáua!*, p. 10.

É possível perceber pontos de convergência entre o Francis de “*Molho Francês*” e o Mann de *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*. A “bagunça” do mundo, cujo símbolo máximo é a televisão - vale repetir a frase de Francis: “Minha cabeça é como a TV, as imagens mais banais são seguidas de dramáticas, há comerciais, uma fragmentação absoluta (...)” - adquire concretude nas páginas cronísticas ou ficcionais, em maior ou menor grau, em conexões quase joyceanas, ao sabor das circunstâncias, casuais muitas vezes. Nessa desordem, o tom satírico não é de somenos importância: tome-se a briga com Polícia na casa da alcoviteira Elza, onde Cruz encontra a filha ninfomaniaca, Zelina, que julgava virgem, em *Cabeça de negro*, e a cena de sexo oral entre Mimi e Pedro, em “Mimi vai à guerra”, esta segunda já referida. Na crônica, a comparação de bigodes entre Sarney e o presidente do México, suficiente para o leitor rir (ou o barraco como “arte”, em que os pobres que morressem em consequência de um desabamento poderiam se consolar de saber que pereciam em nome da arte - com uma nota cruel). Nada de acaso, porém, no funcionamento de Francis, que tem, para mim, uma índole judicativa cujos ancestrais podem ser buscados na melhor literatura, em todo os tempos - em Machado de Assis, por exemplo, como se verá.

5 CONCLUSÃO

Dentro da literatura produzida no Brasil na segunda metade do século XX, a ficção de Paulo Francis merece relevo, quanto mais não seja por certas peculiaridades do narrador - caso se quisesse ser exigente em demasia, porque o lastro reflexivo de livros como *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* pediriam destrinchar cuidadoso, o que não aconteceu ainda e que causou a desilusão de seu autor quando do aparecimento dos livros, ansioso que estava para angariar leitores que debatessem o que romances de tal riqueza conteudística apresentavam. Por certo as insuficiências de um e outro são igualmente imensas, o que não cabe aqui avaliar em pormenor (e a ausência de um volume final, sintetizador, ao conjunto, no romance que Francis postergou, por certo traria outro alento ao seu ímpeto épico, o que só cabe presumir). De todo modo, embora um pouco caóticas na execução, e sem a sùmula final que lhes unisse pontas desamarradas, *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* são duas narrativas longas dignas de reconhecimento, em uma paisagem - a literatura brasileira - em que a audácia é rarefeita, e poucos têm coragem de propor chaves de leitura, afrontar o constituído, instigar, polemizar, como um valor *per se*.

Filhas do segundo sexo, mais ficção e menos ideias em sua tessitura, e *Carne viva*, espinhoso porque não se sabe em que medida (e se) deveria ter vindo à luz, se mostram como coadjuvantes, ainda que se defenda que “Mimi vai à guerra” e “Clara, Clarimunda...” sejam realizações quase irretocáveis, com qualidades para perdurar (já *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* padecem de alguma irresolução, permanecendo como romances feitos de momentos isolados, de certa “temperatura” - no dizer de Daniel Piza - de época e de geração).²²⁰ Os leitores de *Filhas do segundo sexo* devem se ver mais satisfeitos com as novelas - pelo humor e pelo todo mais confluyente e organizado -, mas *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* apontam caminhos ricos de possibilidades interpretativas, o que acaba por constituir um tipo de aventura intelectual muito fecunda, em tempos de narrativas “padronizadas”.

Paulo Francis foi jornalista, crítico de teatro, comentarista, articulista e ficcionista, ao longo de quase quatro décadas de atividade. Assim como não é bem clara a separação entre essas dimensões, a faceta de crítico permeando o trabalho do jornalista, o comentarista invadindo o ofício do ficcionista, esse hibridismo - que parece ser uma das tantas marcas da literatura do século XX - é uma constante no trabalho do narrador, principalmente o dos

²²⁰ PIZA, Daniel. *Paulo Francis*, p. 37.

romances, emblemáticos dentre o que ele realizou em ficção.²²¹ Tudo cabe no romance, como visto, abrangente e enciclopédico que pode ser, e mais se a natureza de quem escreve, como a de Francis, é uma natureza intelectual, crítica. A “bagunça” do narrador é patente em *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*, que vai de uma digressão casual e na aparência sem importância para o andamento da narrativa para as digressões de fundo político (por exemplo, um dos assuntos favoritos de Francis, tema de inumeráveis artigos, a Revolução Russa e seus principais agentes). “Quero crer que sou um homem de letras, como pessoas que admiro muito, Edmund Wilson, Gore Vidal e Anthony Burgess, um generalista, um franco-atirador”, declarou em *Trinta anos esta noite*.²²² Por “homem de letras” entenda-se um tipo específico dessa família de letrados, intelectuais de trânsito fácil por gêneros diversos. Na verdade, não apenas no romance, mas nas crônicas e nos livros de memórias de Francis, feitos aos recortes, antiacadêmico que ele se sentia, “livre” de quaisquer amarras, é o que se percebe (seria o caso de se perguntar se ele era de fato um ficcionista, se conseguia sê-lo; Piza acha, em certo sentido, que não, vendo nos *Cabeças* e nas novelas mais “o registro a quente de opiniões, impressões, informações, percepções”, não sendo ele um ficcionista, por assim dizer, orgânico).²²³

Assim como o escritor de “Intestino Grosso”, conto de Rubem Fonseca que coloca em cena uma entrevista imaginária em que o autor explica sua predileção pelos tipos marginalizados e sem dentes, o que se nota em Francis - do jornalista e comentarista político e cultural ao ficcionista - é um pouco a mesma *persona*, desdobrada em gêneros diferentes, mas que conserva um cerne comum. Em todos há essa constância do olhar provocativo, de interesses variados, poder-se-ia dizer também falastrão, sentencioso, judicativo, desrespeitoso,

²²¹ Deliberadamente procurei evitar o uso de *ensaísta* ou *ensaísmo* neste trabalho, o que, segundo Luís Augusto Fischer, é exatamente o que Francis é ou pratica, na linha do que o francês Michel de Montaigne realizou em seus *Ensaísta*. Como é uma palavra que pediria um tipo de aprofundamento que levaria a terrenos difíceis de voltar, remete-se o leitor à tese de doutoramento de Fischer, sobre Nelson Rodrigues, para ele o grande ensaísta da língua portuguesa, e a três artigos sobre Paulo Francis, em que se enuncia esse caráter ensaístico. *Grosso modo*, ser ensaísta teria a ver com a coragem de dizer, com voz autoral, determinadas coisas, urdidas com matéria-prima do autoconhecimento. Optou-se por defender que Francis faz *romance de ideias*, categorização que, se talvez possa soar insuficiente muitas vezes, dá conta do movimento levado a cabo pelo narrador, de opinar sobre tudo, a todo momento, de interferir na realidade da ficção e dotá-la de componentes que a ultrapassam - o narrador quer discutir o estatuto das coisas, e oferece ao leitor chances de interferência, por assim dizer, multiplicadas, tantos os caminhos que se trilham, os assuntos que se originam de suas páginas. É, como indicado no capítulo sobre romance de ideias, o caminho seguido por David Lodge. Ver FISCHER, Luís Augusto. *Inteligência com dor - Nelson Rodrigues ensaísta*; FISCHER, Luís Augusto. “Inteligência em ação” e “O legado de Paulo Francis”, in *Para fazer diferença*; e FISCHER, Luís Augusto. “O velho Francis”, p. 5. A questão também é aparece, *en passant*, na entrevista que Fischer deu quando recebeu o título de “Intelectual do ano”, conferido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Ver [VERAS, Eduardo et alii.] “Para fazer diferença”, p. 6.

²²² FRANCIS, Paulo. *Trinta anos esta noite*, p. 188.

²²³ PIZA, Daniel. *Paulo Francis*, p. 37.

caprichoso.²²⁴ Essa genealogia vai render frutos, se inscrever dentro de uma tradição, como se verá adiante. O que Francis faz - e isso serve para as crônicas ou a ficção - é falar de um mundo fragmentado, “o mundo da televisão”, como se referiu, em que a continuidade e a linearidade são quebradas em nome de outra realidade, proposta em termos de reflexão (nesse aspecto, ele talvez não seja tão dessemelhante ao universo de Clarice Lispector, se tomarmos Jorge Amado, regionalista, de um lado, e Clarice, intimista, de outro; pelo menos quanto à intercalação de tempos interior e exterior, mudanças bruscas de direção, mais à vontade na ficção intimista do que no regionalismo, submetidas as coisas a esse ponto de vista, simplista que seja; ou quem sabe se pudesse sugerir que Francis tenha optado por um caminho que não exatamente o de Amado e o de Clarice, uma terceira via, como ele pretendia seguir, ao dotar sua ficção de conteúdos que se situam além do núcleo intimista, em uma tentativa de observação social, sociologizante). Em uma entrevista, ele declarou: “As pessoas (o que inclui, honorariamente, críticos), precisarão se acostumar com minha ficção.”²²⁵ Não é arrogância, ou só arrogância: essa ficção configura algo de pouco habitual no panorama literário brasileiro, em que o lastro reflexivo - o grande trunfo de Francis, a meu ver - é escasso.

Esse panorama, como já visto, contou com narrativas que enfocavam o que se vivia então - nos anos 1960 a 1980, muitos romances deram guarida a um tipo de narrativa realista, mimética, quase jornalística, que privilegiou o Brasil sob a ditadura. Houve, por certo, um pouco de tudo, e o conto teve uma revivescência merecedora de nota, mas alguns dos romances mais agudos tratavam de um país amargurado, em que as liberdades individuais haviam sido suspensas. É caso de romances que mantêm pontos de contato com os *Cabeças* de Francis, como *Pessach: A travessia*, de Carlos Heitor Cony, *Reflexos do baile*, de Antonio Callado, *A festa*, de Ivan Angelo, *Quatro-olhos*, de Renato Pompeu, *Em câmera lenta*, de Renato Tapajós, *Nas profundas do inferno*, de Arthur José Poerner, publicados entre 1967 e

²²⁴ “Intestino grosso”, o conto, especulou-se que forneceria a visão de Rubem Fonseca sobre seu ofício literário. Como o escritor mineiro de *Feliz ano novo* e *A grande arte* é conhecido por não conceder entrevistas e não fazer aparições públicas, alguns exegetas quiseram ler nas respostas do autor sem nome o credo do Fonseca escritor. Sem que se possa confundí-los, alguns pontos são válidos para exame - por exemplo, quando se diz que os editores dos suplementos literários queriam “os negrinhos do pastoreio, os guaranis, os sertões da vida” e o escritor não podia, porque era oriundo de uma realidade muito diferente da que engendrou um José de Alencar ou um Euclides da Cunha. Ele, conta, vinha da cidade, via os anúncios em gás néon da janela do edifício onde morava, no centro da cidade, e ouvia o barulho de motores dos carros. Obscenidades, violência e um desencanto com o ser humano são comuns aos dois, ao escritor que se apresenta e à literatura de Rubem Fonseca. “Eu nada tenho ver com Guimarães Rosa, estou escrevendo sobre pessoas empilhadas na cidade enquanto os tecnocratas afiam o arame farpado”, diz a certa altura. No caso de Francis, motivo da comparação, funde-se tudo o que o compõe, jornalista, comentarista e ficcionista, próximos, indissociáveis. Ver FONSECA, Rubem. *Contos reunidos*, pp. 460-469.

²²⁵ DINES, Alberto et alii, “Entrevista”, p. 17.

1979 (em outra vertente, livros tributários do realismo mágico, como *Incidente em Antares*, de Erico Verissimo, e *Os tambores silenciosos*, de Josué Guimarães, publicados entre 1971 e 1977, gravitavam em torno dos desmandos políticos e podem ser vistos como outro lado da moeda ao realismo jornalístico de Cony e companhia; o poder - e é impossível abstrair o Brasil daqueles anos, de cerceamento e de desaparecimentos de pessoas que afrontavam o regime militar - era um tema onipresente).

Com graus diferentes de realização, todos os citados - e outros tantos, que não serão trazidos à baila - traduziam o desconforto com os rumos do país, queriam, em resumo, colocá-lo na ordem do dia (lembramos o pasmo de Affonso Romano de Sant'Anna, quando participou como jurado de um prêmio literário, em 1977, surpreendido ao topar com palavras como "tortura" e "polícia" em boa parte dos quase três mil originais inscritos; além das palavras-chave, pasme-se com o grande número de originais, a demonstrar a ânsia por se erguer painéis de fôlego que explicassem aos brasileiros o que acontecia). Mesmo depoimentos sobre o período são excepcionais, e os que se impuseram - *O que é isso, companheiro*, de Fernando Gabeira e *Os carbonários*, de Alfredo Sirkis, entre 1979 e 1980, mais "a quente", o próprio *O afeto que se encerra*, depois complementado por *O Brasil no mundo e Trinta anos esta noite* - são insuficientes, o que o ciclo histórico-jornalístico de Elio Gaspari, *As ilusões armadas* e *O sacerdote e o feiticeiro*, por enquanto composto de quatro volumes de cinco projetados, recém começa a reverter.

Um artigo de Nelson Ascher pode dar subsídios para se pensar o problema. O articulista imaginou uma hipotética conhecedora de português nascida na Bulgária ou na Finlândia, que acesse a um brasileiro culto, em busca de dicas de romances de amplo espectro sobre a sociedade que tinha a intenção de compreender (romances como os de Thomas Mann, William Faulkner, D.H. Lawrence ou Mario Vargas Llosa, são os exemplos que Ascher oferece, pela pretensão totalizadora que tinham, de dar conta das sociedades que buscavam plasmar, respectivamente da Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra e Peru, onde aqueles escritores nasceram).

Quais são, pergunta ela, os melhores romances brasileiros sobre a era Vargas, a construção de Brasília, o golpe de 64, a ditadura militar ou a transição para democracia? Onde estão as sagas que descrevem a trajetória de diversas gerações de uma família italiana, árabe, japonesa ou judia desde a sua chegada a Santos no início do século XX até os anos XC? E as histórias de ascensão e queda individual cujo pano de fundo sejam as transformações de São Paulo ou do Rio? Ela [a hipotética conhecedora de português nascida na Bulgária ou na Finlândia] tampouco acredita que não haja uma única variante local notável de um subgênero tipicamente latinoamericano, o romance sobre ditadores como *O outono do patriarca*, de García Márquez, ou *O senhor presidente*, de Miguel Ángel Asturias. 'Impossível,' ela

sublinha, ‘afinal vocês tiveram o ditador mais interessante de todo o subcontinente: quem são Perón, Trujillo, Pinochet e Castro comparados a Getúlio?’²²⁶

Não é muito afastado do que declarou Wilson Martins, em uma entrevista concedida em 1992. “Hoje produz-se mais, porém com menos qualidade. Durante o regime militar pensou-se que havia grandes obras que não podiam vir a público, e essa expectativa foi frustrada”, disse o crítico paranaense.²²⁷ Ou seja, para Martins os nomes a serem considerados na década de 1990 ainda eram os que produziam desde os anos 1960 ou até antes, como Drummond - que não havia sido substituído, mesmo falecido alguns anos antes - ou João Cabral de Melo Neto. A equação teria ver com as duas décadas de regime militar, que haviam despertado uma obsessão pela luta política, como se se vivesse entre “parênteses” então e na expectativa de que o regime iria ruir. Esforços concentrados em derrubar os militares, ou se contrapor a eles, teria havido um “desvio das obsessões coletivas”, na fórmula do autor de *História da inteligência brasileira*, porque mais importante, nas duas décadas que duraram os governos militares, era divergir, e não produzir a tal “grande obra” que faltava, e que nunca apareceu - nem sob os “anos de chumbo”, nem depois. A título de comparação, mesmo que soe inapropriada: nos Estados Unidos, os painéis político-sociológicos são comuns, como a tetralogia *Coelho* (1960-1990), de John Updike, ou *Submundo* (1997), de Don DeLillo. À exceção de Philip Roth, muitos dos autores significativos para as letras norte-americanas, caso de Gore Vidal ou Norman Mailer, têm a história como uma preocupação central, mesmo que uma história mais ancestral e nem sempre norte-americana (Vidal, se reconstituiu o século V a.C. em *Criação* e romanceou a vida do imperador romano Juliano, se voltou para as próprias origens em *1876* e *Burr*; Mailer, depois de enfrentar o Egito antigo, tratou de Lee Oswald). Nos Estados Unidos, a história é importante e fonte frequente de reelaboração, inclusive pelas artes da ficção.

Por certo não há uma resposta unívoca para a búlgara ou a finlandesa da provocação de Ascher. Mas a verdade é que há uma falta de romances “integrais” (ou que pretendam sê-lo) na literatura brasileira, e que se apresentem como uma contrapartida à “fria” história ou sociologia, em livros que teriam sido consumidos avidamente pelas ocasionais estudiosas do português. As respostas a que Ascher se arrisca - a extensão territorial e a

²²⁶ ASCHER, Nelson. “O grande romance brasileiro”, p. E-8.

²²⁷ SILVA, Marleth. “A literatura parou”, p. 7. Em outro texto, Martins chama a atenção para o “momento de perplexidade” que se vive na passagem dos anos 1970 para os anos 1980, no romance, “incerto entre o realismo e a fuga alegórica, entre a observação jornalística e os exercícios de estilo, entre a tentação da gratuidade estética e a febre devoradora de participação política”. Ver MARTINS, Wilson. “Situação do romance”, p. 239.

incompreensibilidade do país, carência de material para pesquisa, autores intimidados pelos mestres europeus e norte-americanos, público reduzido - podem ser um ensaio tateante para se colocar a questão no centro do palco, não deixá-la em aberto, contudo, a meu ver, pouco produtiva como resposta cabal (pelo menos vistas como fatores isolados - e se está de volta ao ponto que originou o problema, a escassez de estudos de outras naturezas, históricos, sociológicos, biografias, sobre a realidade nacional, já que os romances seriam apenas uma parte de um todo mais complexo).²²⁸

Francis, imodestamente, quis escrever esse grande romance sobre a sociedade brasileira, que deveria ser a trilogia *Cabeça*. Seu entusiasmo pelos panoramas de fundo épico, grandiloquente, é clara, e o fôlego - ou a aspiração, o que postula - dos dois rebentos bem o comprova. Se a pretensão foi alta, e o resultado desigual, frustrado porque inconcluso (e não só por esse motivo), nem por isso ele se intimidou. Um romance que muito admirava era *A fogueira da vaidades* (1987), de Tom Wolfe, que exaltou em meia dúzia de crônicas e que prefaciou na edição brasileira (depois de enaltece-lo como admirador de primeiro instante, tão logo havia sido lançado nos Estados Unidos).

Nova York é o centro do mundo. E, no entanto, você tem escritores como Norman Mailer, Gore Vidal, John Updike, William Styron e outros que moraram em Nova York durante algum tempo: a nenhum deles ocorreu escrever um romance sobre a cidade. Tom Wolfe escreveu e o livro, surpreendentemente extraordinário, toca na raiz da coisa: a sociedade americana, em grande parte, é dominada pela cidade de Nova York. Muito antes de Tom Wolfe eu tentei fazer assim,

disse em entrevista.²²⁹

A razão da excitação - uma das tantas, visto que o empreendimento de Wolfe mexia em temas intrincados, emaranhado que era - estava no fascínio da urbe, por sua própria natureza um organismo pulsante, multifacetado, quase inapreensível (e Francis era urbano, um homem que gostava do que a cidade podia oferecer, pouco curioso para um mundo como o de Guimarães Rosa, como dito). Se de um lado Nova York era a cidade mais rica do mundo,

²²⁸ Como subsídios para se pôr mais lenha na fogueira, em uma entrevista Francis recomendava que se lesse os discursos de Carlos Lacerda na Câmara, na segunda metade dos anos 1950. “É a única teoria do Estado coerente que já se produziu no Brasil e foi a inspiração de Castello Branco (que foi vilificado e destruído pelos oligarcas do Exército). Esta história toda precisa ser reescrita. Onde estão os jovens historiadores? Talvez lendo sumários de Fernand Braudel que nada têm conosco.” Ver DINES, Alberto. “O afeto não se encerra”, p. 25. A propósito: em um dos programas *Manhattan Connection*, Francis lamentou não haver uma biografia definitiva sobre uma personalidade como Getúlio Vargas. Tudo diz respeito à série de lacunas existentes, que ele quis “amenizar” com os *Cabeças*, a seu modo. Parece fora de dúvida que em um aspecto tinha razão: a falta de debate público das coisas brasileiras. A falta de quem desenredasse seus *Cabeças* integra algo maior, de carências de diversas naturezas, se quisermos pensar nas reprimendas de Francis.

²²⁹ MORAES NETO, Geneton. “O lobo hidrófobo atava novamente”, p. 8.

tinha, de outro, algumas das favelas mais assustadoras existentes. É desse constraste que é feito o romance de Wolfe, que Francis chama de “autêntico ovo de Colombo”: “[Wolfe] escreveu um romance sobre como vive a gente de Nova York, os que estão no alto do pau de sebo, na Park Avenue, aqueles que se apertam em apartamentos caríssimos em Manhattan, e os que se massacram em favelas como o Bronx”.²³⁰

É possível que ao vê-lo como um Balzac ou um Dickens contemporâneo, tenha se deixado levar pelo arroubo momentâneo, mas a ideia central presente em *A fogueira das vaidades* - um tipo de literatura que procura flagrar uma fatia de dada sociedade, em meio a tantos esforços umbigólatras da literatura contemporânea que Francis repudiava - o entusiasmou como poucos romances daqueles anos. Como afirmou, outros romancistas estariam mais gabaritados para a função de descrever Nova York e seus abismos sociais, pelo talento e os recursos expressivos, o que Wolfe, um jornalista de profissão, que se arriscava no primeiro romance passado dos 50 anos de idade, não parecia creditado a se desincumbir da tarefa com louvor. Pela mesma época, ou pouca coisa antes, Mailer se aventurou pelo Egito dos faraós das 19ª e 20ª dinastias, entre 1290 a.C. e 1100 a.C., com *Noites antigas*, em um romance de mais de 600 páginas, e ignorando um mundo próximo como Nova York.

Livro do ano, segundo Francis, para ele foi um bálsamo ler um “filisteu” como Wolfe, preocupado com gente comum, que descreve a tudo concretamente, às vezes de modo jornalístico, com um olhar de repórter por trás (dois autores que admirava, John Updike e Philip Roth, haviam lançado respectivamente *Confie em mim* e *O avesso da vida*, em 1987, mas ambos, ainda que refinados, estariam mais preocupados com sua própria classe social ou origem, em certo sentido com os “umbigos”, e não como o todo social).²³¹ Na história de *A fogueira das vaidades*, Sherman McCoy, um investidor de Wall Street, é casado com uma dondoca, Judy, tem uma filhinha, Campbell, e uma amante, Maria Ruskin. O drama verdadeiramente começa quando McCoy leva a amante para casa, vindo do aeroporto, e se perde, tomando um caminho errado que os conduz não para o distrito de Manhattan, onde ambos vivem, mas para o Bronx Sul, negro, desempregado, violento. É a partir da morte por atropelamento de um rapaz negro que os queria assaltar que os conflitos entregam McCoy à condenação pública, o garoto transformado em mártir por gente como um oportunista religioso, o reverendo Bacon, e um repórter sensacionalista, Peter Fallow, ávidos por condenar um figurão egresso de Wall Street. Todos procuram se beneficiar da desgraça de McCoy, do reverendo e o jornalista ao promotor Lawrence Kramer, de olho na fama que

²³⁰ FRANCIS, Paulo. “Vaidade, tudo é vaidade”, p. ii.

²³¹ FRANCIS, Paulo. “Os melhores do ano”, p. A-38.

conquistará se prendê-lo, e o advogado de defesa, Thomas Killian, interessado em arrancar de seu cliente uma polpuda remuneração. Para Francis, “(...) há o melhor do jornalismo em *A fogueira da vaidades*, as minúcias e como vivem as outras pessoas, assunto de interesse de todos nós, pois sempre nos medimos com o próximo. Aquilo que o rico veste, come ou bebe, ou o pobre, nos fascina, porque todos temos uma espécie de taxímetro do quanto valem e dos outros. É alto mexerico, se quiserem, mas quem resiste?”²³²

Não é somente mexerico, é claro. Wolfe “mandou às favas” o modernismo (sempre segundo Francis) e quis escrever como Balzac, méritos quando se leva em conta que havia espaço para um debate como o que alcançou (a convivência, em um mesmo espaço geográfico, de muito ricos e miseráveis, o papel da imprensa, os carreiristas, o quanto dinheiro e poder ditam os rumos do mundo, etc.). Os preferidos da crítica usariam de experimentalismos, os prediletos do público iriam de tramas palatáveis a um gosto médio, seriam primitivos e sentimentais - entre um e outro, Wolfe teria aberto caminho e “explicado” a que seria a capital do mundo, suas estruturas compositivas. “Quem não quer saber como se vive em Nova York? Quem não queria saber em 33 A.D. como se vivia na Roma imperial?”, pergunta-se Francis, para acrescentar, mais adiante: “É um quadro sociológico, amenizado pela arte da ficção, que ficaria bem em *Les misérables*, de Victor Hugo, mas sem o sentimentalismo humanista de Hugo. Wolfe não editorializa. Descreve.”²³³

A “guerra racial” - que é também um dos temas de *Cabeça de negro* - desencadeia a ação de *A fogueira das vaidades*, ao opor o “mestre do universo” (é como o próprio se enxerga) McCoy e o “ninguém” Henry Lamb, o rapaz atropelado. Em outro momento, Francis voltou à carga e registrou: “Wolfe pegou os ingredientes da novela de televisão e do filme idiota e lhes deu um tratamento de alta categoria literária e nos forneceu os fatos sobre os ricos e os miseráveis que mal temos nas nossas deploráveis imprensas. Nesse sentido, é um inovador e merecedor de todas as honras. (FSP, 4/2/90).”²³⁴

É, pois, na companhia de gente assim que Francis se coloca, pretende que sejam seus pares - Wolfe um contemporâneo, os demais painelistas sociais vistos como precursores (crer Wolfe um “neo-Balzac” tem, por certo, algum excesso, mas serve para a comparação inicial). É sua família espiritual, com quem se sente “em casa”. Outro norte-americano, Truman Capote, tentou em um romance inconcluso, *Súplicas atendidas*, falar sobre a classe dirigente. Francis não viu, nos três capítulos publicados por Capote - os únicos -, mais do que “uma

²³² FRANCIS, Paulo. “Vaidade, tudo é vaidade”, p. ii.

²³³ FRANCIS, Paulo. “Vaidade, tudo é vaidade”, pp. iii-iv.

²³⁴ PIZA, Daniel (org.). *Waal - O dicionário da corte de Paulo Francis*, p. 284.

coluna social escrita por um satírico”, mas há alguma ligação possível entre os esforços de Capote, diferentes que sejam, e os de Francis, de tomar uma determinada classe social e de explicar aquela sociedade, uma alegação que estava no centro dessas obras.

O incômodo de Francis é com Capote se lançar à empreitada como se fosse um “Proust americano”, porque *Em busca do tempo perdido* “é um painel gigantesco da sociedade francesa, estruturalmente observada”, escreveu (e *Súplicas atendidas*, que não existia como um projeto organizado e articulado, apenas fragmentariamente, talvez nunca se concretizasse, o que acabou se confirmando). Na entrevista que fez com Capote, o autor de *A sangue frio* disse a Francis:

Todos nós que escrevemos, os chamados escritores sérios, falamos há trinta anos que alguém precisava escrever sobre a classe dirigente (*ruling class*), que isso nunca havia sido feito pelos que vieram antes, excetuando, talvez, os brocados e os crochês, obviamente limitados, da ‘tia’ Edith Wharton. Pense só um minuto: Faulkner nunca saiu da cidadezinha do interior (Oxford, Mississippi. P.F.). Hemingway caçava touros e toureiros na Espanha. Fitzgerald tentou, fez bonito, eu o adoro, mas era um deslumbrado como Henry James com a aristocracia inglesa. Styron é um sub-Faulkner (William Styron, autor de *As confissões de Nat Turner*. P.F.). Mailer, que entende muito bem o problema, é, afinal, judeu, e por fora. Esqueci alguém? Bellow é o que Mailer gostaria de ser. Restavam Gore [Vidal] e eu. Gore fez essa trilogia, *Washington D.C.*, *Burr* e *1876*. Mas os toureiros dele são os políticos. Eu, em *Aswered prayers*, fui direto ao verdadeiro poder, a gente de dinheiro, de quem os políticos são empregados. Nunca me perdoarão. (...) Em *Aswered prayers* vou às tripas dos milionários, das famílias tradicionais que dirigem este país, em vez de perder tempo com lacaios.²³⁵

Um tema que une os três - Francis em *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* (não exclusivamente, e mesmo nos demais livros de ficção que assinou, embora domine, seja preponderante), Capote em *Súplicas atendidas*, Wolfe em *A fogueira das vaidades*, é o dinheiro (ou, em outra formulação, como os ricos vivem, quem são como classe constituída). Se se tomasse outro autor, contemporâneo e brasileiro, Paulo Lins, é um ponto de vista diametralmente oposto o que está manifesto em *Cidade de Deus*, a favela da Zona Oeste carioca que é flagrada desde os anos 1960, quando de sua formação, até os primeiros episódios de criminalidade e a ascensão do tráfico de drogas, em meados dos anos 1990. É um espaço geográfico e sociológico bem diferente do trilhado por Francis, que só vê os desfavorecidos por um ângulo diverso, a distância, caso do “Cabeça de negro”, o ladrão e estuprador que é uma presença silenciosa no romance a que dá título.

²³⁵ FRANCIS, Paulo. “Truman Capote: Trabalho só quatro meses por ano, quatro horas por dia. No resto do tempo, eu vivo”, p. 12.

A “abrangeência” de Wolfe é aplaudida por Francis, que, enfiado de certo modernismo narcisista, minimalista, quer recuperar “o mundo como um todo”.²³⁶ Nesse “todo” se encontram as dicotomias, um realidade feita de mais do que um segmento social, esse mundo ambivalente em que tudo é fragmentário, alusivo, feérico, feito de imagens rápidas, com cortes abruptos e mudanças de roteiro (os *Cabeças* são assim, apontam para muitas direções, sem talvez uma síntese possível - e aí a ausência de um terceiro volume seria eloquente por si só). É também como funciona seu narrador, em um desdobramento das qualidades do jornalista/comentarista/cronista (e dos defeitos, se se quiser, a incompletude o mais visível? Fica a pergunta, sem resposta). O que é constante é o olhar crítico, posicionado, não raro destinado a fazer seu interlocutor rir ou sorrir, pelas notas de humor.²³⁷ É uma das faces do estilo “metralhadora giratória”, que o faz ter alvos em quase todos os quadrantes, com destaque em políticos, acadêmicos (da ABL ou das universidades), músicos (de rock, principalmente), escritores, artistas em geral, tudo combinado com comentários casuais - que pode ser o “bafo” de alguém conhecido, os atributos físicos de uma mulher que encontrou na rua ou algum personagem da Revolução Russa. (Quando Francis esteve em Porto Alegre, para participar do 8º Fórum da Liberdade, em 1995, mereceu do jornalista Eduardo Bueno as seguintes palavras, sobre sua memória e seus interesses multidisciplinares:

No lobby dos hotéis, no saguão dos auditórios, Paulo Francis invariavelmente é uma companhia luminosa. Quando relembra os muitos episódios de sua vida, quando cita de cabeça seus autores favoritos, quando profetiza e quando rememora, Francis envolve o interlocutor numa vertigem de erudição e deboche, experiência e ceticismo, mordacidade e fulgor. Enquanto flanava pela cidade. Francis recordou

²³⁶ FRANCIS, Paulo. “Vaidade, tudo é vaidade”, p. vi.

²³⁷ É uma das características mais fortes de Francis, seja no jornalismo ou na ficção, a capacidade de criar sínteses eloquentes. Esse “destempero”, para alguns mais suscetíveis e que se melindravam com a incontinência verbal dele, é, para outros, justamente o que lhe garante permanência em um mundo cada vez mais politicamente correto, em que não se pode expressar opinião nenhuma sem sofrer patrulhamento. Como visto em outros momentos, na ficção, ou em artigos de jornal, a fusão de PUC-SP e USP em “Pucuspe”, demonstrando o pouco respeito que tinha pela vida acadêmica e seus doutores, ou, no trecho a seguir, sobre Lula: “Lula, na *IstoÉ*, está gordo como uma baiana. Pudera. É um desocupado, como observou Chico Anysio, e feijão e cachaça é uma combinação malsã”. Ver FRANCIS, Paulo. “Diário da Corte”, In *Zero Hora, Segundo Caderno*, quinta-feira 5 de maio de 1994, p. 16. Ou, em outro momento, quando comentou deslizamentos de barracos na serra do Rio de Janeiro, gozando a declaração de Oscar Niemeyer de que o barraco era um exemplo perfeito de arquitetura moderna. Francis escreveu algo do tipo “os pobres podem se consolar de que morrem pela arte”. Enfim, os exemplos se multiplicam às centenas, às vezes em muito “ficcionalizante”, como no trecho a seguir, profundamente imagético: “Um outro amigo me disse que tubarões andaram à caça de Sarney. Já comecei a babar diante desta possibilidade. JAWS. Aí está uma solução... Mas tão emocionado fiquei que não entendi a história direito. Parece que Sarney estava numa lancha no Maranhão, num lugar chamado Urubu, ou Urupuca, o que é bem a cara dele, segurando uma cafeteira, ‘não, não é isso’, disse meu amigo, estava com um indivíduo chamado Cafeteira, quando os tubarões apareceram. Já imaginaram? Tento imaginar que eu me chame Cafeteira. Um amigo que não vejo grita na rua, ‘Ô cafeteira’. Eu morreria de vergonha. Mas eles estão vivos, vivíssimos, sonhando com a ferrovia Norte-Sul. JAWS.” Ver FRANCIS, Paulo. “Ano novo, vida velha”, p. A-22.

suas aventuras no Burundi e suas experiências no teatro, desfraldou suas desilusões ideológicas e continuou divulgando suas leituras prediletas. Isso, e muito mais.²³⁸

Invariável, pois, é a visada fragmentária, em que tudo pode ser acolhido, ação com digressão, tempos narrativos díspares, lances de humor, delírio (há passagens de delírio em *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*, vividos por Mann, e ambos os romances têm uma atmosfera “delirante”, como observou José Onofre)²³⁹, a desafiar filiações categóricas, um pouco entre Huxley e Joyce, que ele admirava.²⁴⁰ Tampouco é acessório pensar que Francis viveu em uma época em que o intelectual estava em voga - pensemos em Sartre, requisitado para opinar sobre qualquer assunto em ebulição. Ou, bem anterior, o caso Dreyfus, que incendiou os ânimos dos franceses durante o fim do século XIX, ao se condenar um oficial judeu por traição, sem que houvesse evidência de sua culpabilidade, quando setores da sociedade se sentiram chamados a assumir posição. Foi o que fez, com algum talento de bufão (ou “resíduo de saltimbanco”, em autodefinição)²⁴¹, e, em certo sentido, batendo de frente com o panorama nacional, em que quase ninguém parece querer deixar claras suas opções e crenças, comprar briga, se comprometer, enfim.²⁴²

No caso de Francis, é curioso perceber que o intelectual digamos polimorfo que ele foi já existiu desde sempre, tão logo se iniciou no jornalismo, na extrapolação da estrita crítica teatral da qual foi incumbido, para outros âmbitos. A combinação de notícia e comentário, o

²³⁸ BUENO, Eduardo. “Reflexões de Paulo Francis por aí”, p. 16.

²³⁹ ONOFRE, José. “As duas cabeças dos romances de Francis”, p. 253.

²⁴⁰ Sobre o criador de *Ulisses*, que ele achava aborrecido de ler, embora o considerasse um grande escritor, dizia que em seu romance mais famoso havia entrecchos e subentrecchos aos milhares, na linha divergente dos que o entendiam como destituído de “enredo” (como o inglês Anthony Burgess, estudioso de sua obra e influenciado por Joyce). A bronca de Francis vinha do tom parodístico adotado, mas ele tinha em alta conta a combinação de elementos levada a cabo por Joyce, “(...) suas correntes contraditórias de pensamento, imagens, sentimentos, cheiros e o que George Orwell chamou de ‘imbecilidades do interior da nossa mente’, é mais simples entender Bloom, corno, amargando um filho morto e uma vida medíocre, mas capaz de sensibilidade extrema, como nas suas palestras sobre arte com seu filho espiritual Stephen Dedalus. Grande arte é muito clara”, escreveu. Ver PIZA, Daniel (org.). *Waaal - O dicionário da corte de Paulo Francis*, pp. 146-147. Piza não “via” Joyce em Francis como influência indelével.

²⁴¹ PIZA, Daniel (org.). *Waaal - O dicionário da corte de Paulo Francis*, p. 8.

²⁴² No caso brasileiro, ainda menos do que em outros países cuja tradição de “arena pública” é mais pronunciada, notadamente o da França. De uma geração bem posterior a Sartre, o filósofo e escritor Bernard-Henry Lévy tem uma síntese útil para se entender o intelectual nas décadas finais do século XX, quando muito de sua função - de seu poder, de seu alcance - foi abrandada. Para ele o intelectual é alguém que pensa solitariamente, mas que nem por isso deixou de universalizar o que pensa, alguém que é menos “homem” e mais uma “dimensão da sociedade”, alguém que, aliás, a procura espicaçar, porque precisa ir contra os lugares-comuns. “O intelectual (...) é sempre esse mestre em desencantamento vindo inquietar ou suspender nossa crença espontânea no mundo”. Ver LÉVY, Bernard-Henry. *Elogio dos intelectuais*, p. 62. Na definição de Russell Jacoby, de “último intelectual”, haveria uma diferenciação necessária entre o intelectual público e o intelectual acadêmico, obviamente Francis alinhado ao primeiro time. Generalista, escreveria livros e assinaria artigos para jornais e revistas, por meio de uma linguagem para não-iniciados, visando a um público maior - o intelectual acadêmico tendo seu âmbito de atuação mais restrito ao mundo da universidade, e escrevendo para especialistas da sua área. Ver JACOBY, Russell. *Os últimos intelectuais*.

trânsito entre o erudito e o popular e o talento para digladiar foram traços que o notabilizaram, é o que afirma George Moura em um dos capítulos finais de seu estudo sobre a crítica de teatro assinada por Francis. Essa “lição” - de ir além da matéria enfocada - teria sido aprendida de Eric Bentley, o professor com quem Francis estudou nos Estados Unidos, no anos 1950.²⁴³ A insistência no *modus operandi* e no caldo cultural é porque se acredita que o jornalista e escritor se comportam de forma aparentada no *olhar* sobre o mundo. Permanece, no caso do narrador, o que interessa de perto neste trabalho, a crença de que há um movimento da inteligência por trás de tudo, como uma instância reguladora, que a tudo quer ordenar, uma força intelectual que julga a si e ao mundo circundante, sem cessar (a avaliação de Fischer, de que importa menos o particular de algum comentário de Francis do que esse movimento “(...) por entre os meandros e as conexões que [ele] ia descobrindo ao largo de suas análises, de suas impressões”, tem para mim a força de um diagnóstico irretocável para pensá-lo, em que pese as polêmicas inúteis, as brigas desnecessárias, certo exagero histriônico, etc.; o juízo é voltado ao jornalista, mas não é impróprio para apreciar o mérito do ficcionista, pelo menos seu narrador mais característico, o dos *Cabeças*, romances nos quais Francis depositava esperanças de reconhecimento, pelo investimento autoral que fez neles).²⁴⁴

Esse narrador é, de forma geral, um narrador que a tudo quer dominar: é sua a palavra final, é sua a lógica impiedosa que a tudo conduz, e quase nada parece escapar de seu crivo. (Em *Cabeça de negro*, Renata diz a Mann: “Você é arrogante, estúpido, pedante. Trata todo mundo como tapete. (...) Me dói esse arame farpado na tua língua.” E Juca: “Você não quer enfrentar a verdade e fica nessa pirotécnica intelectual que deixa os outro tontos”).²⁴⁵ É um narrador que interfere, tem as respostas, não deixa espaço para o leitor respirar (como apontado por Arrigucci, na consideração de que o romance “atropela” o leitor). Tem um corte proustiano, porque o mundo é puxado para o espaço interior - o exterior para o interior, como diagnosticou Adorno em um ensaio célebre, ao tratar do narrador em certo tipo de romances surgidos no século XX. Diferenciaria-se do narrador flaubertiano, realista, na medida em que a reflexão irrompe a imanência da forma, “a nova reflexão é uma tomada de partido contra mentira da representação, e na verdade contra o próprio narrador, que busca, como um atento comentador dos acontecimentos, corrigir sua inevitável perspectiva.”²⁴⁶ E totalizador, com essa vocação para sair da órbita estrita do que narra para ter em vista um mundo maior, social, sociológico, histórico se se quiser.

²⁴³ MOURA, George. *O soldado fanfarrão*, p.160.

²⁴⁴ FISCHER, Luís Augusto. “O legado de Paulo Francis”, p. 155.

²⁴⁵ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de negro*, respectivamente pp. 100 e 93.

²⁴⁶ ADORNO, Theodor. “Posição do narrador no romance contemporâneo”, p. 60.

Por mais que na aparência se assemelhe a uma filiação fortuita, o narrador de *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* - que não é o caso de *Filhas do segundo sexo*, cujo narrador opera sob outras coordenadas, e apenas em algum grau em *Carne viva*, cujo resultado será deixado de lado, por razões já expostas, a principal das quais é que configura um esboço de romance - poderia ser inscrito em uma descendência ilustre na linhagem nacional, à qual pertenceria o narrador de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. “Estridência”, “vontade de chamar atenção”, “desrespeito”, “impudência”, “provocações”, “da gracinha à profanação” são algumas das palavras ou expressões com que Roberto Schwarz o distingue, nas linhas iniciais de seu estudo sobre o romance machadiano que inaugura uma nova fase. Não é só, e muito poderia, sem favor, aplicar-se igualmente ao narrador da “primeira fase” de Francis: “persistência na afronta”, “abusos”, “poses” - a autoridade é sempre do narrador.²⁴⁷ Sem intuito comparativo²⁴⁸, o narrador de Francis opera um pouco como o narrador de *Memórias póstumas*, se inscreve em sua família espiritual. Senão vejamos: ambos, com suas particularidades, são narradores de contrastes, que vão do trivial ao metafísico, do restrito ao digressivo, da progressão cronológica à marcha à ré no tempo.²⁴⁹ Em *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* há o que identifica o narrador machadiano, ou seja, rasgos de enciclopedismo, descontinuidade, interrupções sem fim e rupturas - porque, em um e outro casos, o narrador é sua própria baliza e não se mede pela linearidade (a ruptura era um recurso pouco habitual à época de Machado, estabelecido e corriqueiro para Francis, nascido após o modernismo). Brás Cubas é, na síntese de Schwarz, um narrador “caprichoso”. “Das muitas mudanças emerge uma constante, que está para elas como o essencial para o ilusório. Ocorre que entre as variadas atitudes de Brás há uma, das mais recorrentes, que diz isto mesmo, e mal ou bem parece formular a verdade do movimento. Trata-se da atitude filosófica, ou filosofante, que enuncia generalidades sobre o ser humano em forma sentenciosa ou apologal.”²⁵⁰

²⁴⁷ SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*, pp. 17-24.

²⁴⁸ Ou, melhor dito: a comparação se dá em termos de procedimento, de parentesco.

²⁴⁹ SCHWARZ, Roberto. *Op. cit.*, p. 31. As expressões são do intérprete e dizem respeito a Brás Cubas.

²⁵⁰ SCHWARZ, Roberto. *Op. cit.*, pp. 52-53. Em *Cabeça de papel*: “Sílvia Maria jamais perceberia o que era evidente a Hesse, que o velho chegara àquele estágio da existência em que, se sobrevivemos às maiores indignidades do destino, se extraímos termos de um armistício favorável a nós, pelos critérios de valor do mundo, ainda assim sentimos a necessidade obsessiva de um ajuste de contas conosco mesmo, porque, em última análise, é a nossa opinião que importa, se merecemos o descanso da saciedade, ou a náusea, na velhice. (...) É só enquanto orquestramos cabeça e corpo, na juventude, que o tempo parece ter profundidade, justamente por sofrermos o nosso desajuste a todo instante, puxados a isso e aquilo, sem encontrar a harmonia exata, repetindo acordes, experimentando teclas. Quando a peça musical emerge completa, corre rápida e dura pouco”. Ou o retrato de Wandinha, em “Wandinha Vinde a Mim as Criancinhas está de olho nele [em Victor], que não a reconhece. Foi apaixonada e esnobada nos nossos tempos. Era desprezada entre as beldades do Posto 4, onde namorávamos ‘normalmente’, quando e se. As outras casaram, se

Outras observações de Schwarz se encaixam quase à perfeição em um livro como *Cabeça de papel* (em *Cabeça de negro* da mesma forma, embora contenha menos interpolações, seja mais linear - *Cabeça de papel* era o que Francis pretendeu fazer de mais espontâneo em ficção, sua criação mais natural e também sofisticada).²⁵¹ Seriam o primado do espírito sobre as circunstâncias (Schwarz fala ainda na “disposição para o estrago”), a forma biográfica, entremeadada de digressões, a história, realista, lado a lado com algum episódio que romperia com aquele movimento (em Machado, apólogo, charada, digressão; em Francis, digressões, frivolidades, elipses, etc.).²⁵² A novidade - aponta ainda Schwarz - nesse Machado da segunda fase residiria no narrador, seriam os romances difíceis de classificar e, portanto, os mais dados aos equívocos da crítica (o defunto de *Memórias póstumas*, o narrador não-confiável de *Dom Casmurro*; os que deram trabalho para a crítica e são ainda lidos com espanto pelos leitores). O narrador de Francis não paga um preço tão alto, e, ainda que as diferenças sejam abundantes, quer parecer que há alguma vinculação entre Mann e Brás Cubas (para Schwarz, o narrador de *Memórias póstumas* é “volúvel”; que o rótulo caiba como uma luva em Mann não é tão certo, ou sim, com gradações; talvez fosse o caso de postular

aburguesaram, sei lá, sumiram do mapa. Wandinha, alta, magra, opinionada, caía mal perto dos brotos tatibitati, rechonchudinhos, Renoir ainda não fora superado pelos cubistas, na época. Ninguém a queria e, muito menos, o principesco Victor, que lhe negou condições de picirico. O mérito de Wandinha é que não tentou imitar as rivais, avacalhando-se num casamento suburbano. Resolveu assumir a própria diferença, desafiadoramente. Gravitou, claro, para o meio intelectual, receptivo a desajustados, onde a meia bomba é comum, dada a alta incidência de álcool e perturbações psíquicas, deu a todos graciosamente, e, decisivo, deu ouvidos aos diversos monólogos permanentemente em curso, pois intelectuais falam sozinhos, ao mesmo tempo, e gostam de uma plateia amiga, atenta e silente. Eles pagaram a dívida celebrizando-a na imprensa, cobrindo-a de charmes misteriosos e inacessíveis às rechonchudas que escolheram aspirantes da escola naval, cadetes, homens de negócios, gente com ‘futuro’. (...) Poderosa é a pena, ou a Olivetti. Em breve, rechonchudas começaram a idealizar Wandinha, que conheciam de ler e ver nas revistas. Emagreceram e se alongaram, e Wandinha, inconscientemente hegeliana, previu a moda behaviorista dos anos sessenta, expressou-a precursora, quando os costureiros parisienses adaptaram o corpo feminino ao estreito, mais adequado ao corpo masculino, propaganda homossexual dos ditadores da moda, amparados na totalitária difusão das comunicações, que lhes permitia projetar o New Look até a recônditos subúrbios là bas, também conhecidos como Meyer e Cascadura, e Wandinha, é claro, ascendeu aos degraus finais da glória. Modelou em pessoa em Paris. Lá experimentou heroína e lesbianismo, ‘é engraçado’, me disse, porém, ‘não se ateuve’, é, em verdade, uma versão feminina de Victor, uma predatória natural, em moto contínuo, e, de volta à pátria amada, casou, fez filhos, descasou, chifrou, comeu quem quis e, mais ou menos, levou à morte um apaixonado célebre, amigo meu, não sei ao certo a medida da influência. Hoje se especializa em garotos e pó. Respeitamo-la porque exerce bastante controle sobre a própria vida, o que raros de nós podemos pretender. Não é uma biografia plutarquiana, mas nem pensemos nisso.” Ver FRANCIS, Paulo. *Cabeça de papel*, respectivamente p. 143 e pp. 135-136.

²⁵¹ “Quase não terminei *Cabeça de papel*, a melhor coisa que já escrevi. Durante um ano suspendi o trabalho, empacado na discussão central entre Hesse e Hugo. No original, era maior que o livro e ia de Tucídides a Kolko... A forma definitiva permanece meio ‘esquizo’. Ia ser tudo como é no início, um longo monólogo interior de Hugo, premeditadamente dispersivo, desconexo, saltando à frente e para trás, carregado poundianamente de paráfrases, citações, paródias, em que o intelecto de Hugo, em *última análise*, reuniria os fios da meada, inclusive se ironizando porque, apesar de poderoso, tanto tempo deixou que Hesse o iludisse.” Ver FRANCIS, Paulo. *O afeto que se encerra*, p. 164.

²⁵² SCHWARZ, Roberto, *Op. cit.*, p. 81.

que ambos, Brás Cubas e Mann, “brinquem” com o leitor, de um jeito pouco habitual, negaceiem).²⁵³

O narrador de Francis (mas igualmente o próprio, o *personagem* e a *persona*), para mim, é uma espécie de “profeta desacreditado” - no sentido de que José Onofre vê Mann. Ele pretende avaliar o mundo, as pessoas, o processo histórico, quase tudo o que seus interesses abrangentes - em que se releve a imensa ambição disso, e os possíveis equívocos decorrentes de tal investida, sempre temerária - conseguem abarcar. Um tanto apocalíptico, não tem receio de diagnosticar as mazelas do Brasil ou do mundo, oferecer sua visão pessoal sobre o ser humano ou a arte contemporânea, um determinado político ou uma celebridade em evidência. Nos romances e novelas, essa disposição fica clara, como um desdobramento do jornalismo combativo a que deu voz e que pode ser contemplado sem reboços no narrador dos *Cabeças*, bem qualificado. Carlos Augusto Bissón compreende Francis, seguindo a genealogia de Sérgio Augusto, como um intelectual *carmudgeon*, na linha do norte-americano H.L. Mencken (1870-1956) ou do austríaco Karl Kraus (1874-1936). Seria um tipo de jornalista raro na imprensa, cujo termo, proveniente do inglês, serviria a “intelectuais ranhetas, desabridos e sem papas na língua”. Francis, nas palavras de Bissón, seria original, paradoxal, despudorado, ambivalente, alguém que teria fustigado direita e esquerda (e que seria, em momentos diferentes, igualmente repudiado por partidários de uma e outra), na linha de Kraus. “De fato, como intelectuais públicos, eles utilizaram o jornalismo para organizar num todo coerente a percepção por vezes fragmentária da média das pessoas sobre as mudanças sociais, políticas, culturais e comportamentais [em curso]”, escreve.²⁵⁴ Minha percepção pessoal é que Francis era o que ele próprio aplicou ao jornalista Auberon Waugh, filho do romancista inglês Evelyn Waugh: um “anarquista de direita”.²⁵⁵

²⁵³ SCHWARZ, Roberto, *Op. cit.*, p. 223. Em *Cabeça de papel, Cabeça de negro e Filhas do segundo sexo e Carne viva* há movimentos aparentados, de avanço e recuo, de citações e paródias, de passagens de ostensiva intelectualidade e outras de humor mais eschachado; tomou-se, contudo, *Cabeça de papel* por exibir algumas destas características de modo ressaltado, e por ser o mais complexo dos livros de Francis, motivo que cabe a esse primogênito a primazia de representá-lo.

²⁵⁴ BISSÓN, Carlos Augusto. “Polemistas e intelectuais *carmudgeons*: Karl Kraus e Paulo Francis”, respectivamente pp. 177 e 191. A noção de “intelectual *camudgeon*” está em AUGUSTO, Sérgio. “Um espécime raro em nossa imprensa”, p. A-12.

²⁵⁵ Escreve Francis, à guisa de complemento: “coisa rara e, possivelmente, preciosa”. Ver FRANCIS, Paulo. *Paulo Francis nu e cru*, p. 125. Em *Cabeça de negro*, depois de uma alucinação, Mann diz a Juca: “Sou um radical conservador. Não consigo conciliar minha situação pessoal, que acho confortável e civilizada, no contexto, com que está aí, que abomino, o que me leva a abominar minha situação pessoal, que não dispenso.” Ver FRANCIS, Paulo. *Cabeça de negro*, p. 94. E em *Waal*: “Esquerdismo - Adonias Filho, o romancista com quem trabalhei no Serviço Nacional de Teatro, dizia que era inacreditável que eu citasse Shakespeare e Eliot de cabeça, e gostasse, e fosse de esquerda. Ele tinha razão. (FSP, 29/7/90)”. Ver PIZA, Daniel. *Waal - O dicionário da corte de Paulo Francis*, p. 91. Em depoimento, Francis declarou-se um “conservador esclarecido”. Ver SUSSEKIND, Hélio. “Sou um conservador esclarecido”, p. 6. Na entrevista que Fischer deu ao suplemento *Cultura*, é sustentado: “Ele sempre foi um anarquista de direita, estou dizendo

Certa vez alguém já disse que era preferível “errar” com Jean-Paul Sartre, protótipo do intelectual de esquerda, mais “humano”, do que ter razão com Raymond Aron, defensor do liberalismo econômico, “excludente”. A esquerda é sempre mais simpática do que a direita para os jovens - e não só para eles. Sem comparar uns e outros, para a esquerda criticá-la é como se se posicionasse contra ela, reducionismo evidente e, de resto, cômodo. Francis purgou esse mesmo desterro, ex-esquerdista (trotskista, para ser mais exato) que foi e trocou de lado, mantendo, ao que parece, mecanismos de entendimento do mundo, o arsenal crítico que lhe permitiu vociferar contra “gregos” e “troianos” (direita e esquerda). Ainda que, nos anos finais, se visse cada vez mais alinhado à direita, o que declarava ser decorrente de uma viagem ao interior profundo dos EUA, onde havia se deparado com prosperidade e alterado sua visão dos fatos, convertendo-o, por assim dizer, à economia de mercado, coisa que um livro como *Trinta anos esta noite* deixa muito cristalino. Eduardo Sterzi faz uma síntese de sua guinada ideológica:

Eventuais antagonistas de Paulo Francis, e mesmo alguns comentadores simpáticos aos seus escritos, acusaram o caráter paradoxal de seu percurso político, sua trajetória de trotskismo da juventude para o liberalismo da maturidade. Os mais atentos entre estes observadores devem ter percebido que o paradoxo, antes de ser um dado resultante de uma evolução ou degenerescência diacrônica, esteve sempre vivo no seio de cada uma dessas posições extremas, e, se o Francis comunista podia ser escandalosamente elitista em seus gostos e posições, o Francis conservador também mostrou-se evado de um anarquismo insopitável.²⁵⁶

É possível que agora seja uma época auspiciosa para lê-lo e mensurar a força de sua contribuição literária (e cultural, mais importante, segundo creio), de uma maneira que até há pouco não foi possível. Francis, para mim, alguém que se guiava pela própria cabeça, deixou como legado essa consciência, esse olhar variegado, insistiria em até ambivalente, feito de avanços e recuos, complexo, enfim - tal o “profeta desacreditado” da metáfora de Onofre, é uma síntese a juntar antíteses que lhe parece dar conta. Um tanto delirante, muitas vezes, nem sempre ouvido, falastrão como seu narrador, histriônico. Guardião de uma alta cultura que o “Cabeça de negro” vinha para soterrar, é como se Francis repetisse a frase atribuída ao crítico literário canadense Northrop Fry: “Quanto mais civilizados somos, mais difícil parece a tarefa de manter a civilização.”²⁵⁷ Sua ficção é uma tentativa de exploração dialética da

isso agora, não saberia dizer isso em 1980. Só que ele tinha esse lado trotskista, de uma leitura universalista e muito aberta, muito capaz de compreender a novidade.” Ver [VERAS, Eduardo et alii,] “Para fazer diferença”, p. 6.

²⁵⁶ STERZI, Eduardo. “A dialética da impunidade”, p. 9.

²⁵⁷ Sérgio Augusto escreveu uma crônica na qual trazia à lembrança o dia em que, no programa *Manhattan connection*, Francis declarou-se “tecnicamente morto”. Significava que ele se sentia asfixiado pela cultura

realidade circundante, à qual pretendeu dar uma formulação que explicasse os impasses da sociedade brasileira (a meu ver, *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* são mais ricos e duradouros, por essa razão, de ir mais longe e procurar fornecer uma anatomia da condição - ou subcondição, como Francis por certo gostaria de denominar - brasileira, do que *Filhas do segundo sexo*, o mais equilibrado).²⁵⁸

Não é um retrato muito lisonjeiro da natureza humana o que se tem em sua ficção. Já o narrador é desagradável ao extremo e faz questão de mostrar essa faceta. Por exemplo, quando mantém relação sexual com a namorada Raquel, em *Cabeça de negro*, com peculiar vocabulário: “(...) troncho-a à la galo, ignorando olhares ternos e carícias post-coitum, e, o que Raquel não suspeita, em geral pensando na mulher de algum amigo meu. Às vezes imagino que seja um critério razoável de saúde sexual pensarmos na mulher com quem trepamos. Não há muita incidência desse fenômeno entre minhas relações, pelo que pude averiguar, sem fazer esforço, pois os pacientes se confessam à menor sugestão” ou, mais adiante, “Sempre achei que dois na cama é demais. Meu reino por uma catapulta”. Ou a abertura da segunda parte do mesmo romance, “A noite anterior, 1976”:

Nosso mundo é insano e corrupto, não importa o ângulo de visão, e não pode ser analisado ou compreendido, só experimentado, fragmentariamente, no varejo de nossas sensações e emoções. Os modelos sociológicos, o babalão individual, etc. não alteram a certeza nervosa, central, de que vivemos um apocalipse. Burguês, claro, mas que somos nós, nada gestamos de diferente. E aqui a lógica serve ao irracionalismo. O burguês é senhor de ‘algo mais’, de que nenhuma classe condenada dispôs. Aqueles finos casais de Hollywood, Luiz e Maria, ‘não Maria, hoje não quero’, dissemos a Norma Shearer, na guilhotina, no Metro Passeio, e Nicolau e Alexandra não hesitariam em mandar que lacaios acionassem o gatilho nuclear, se existisse. Hoje, existe, e lacaios uniformizados e cheios de penduricalhos que queiram substituir o burguês, meu semelhante, e não restará macaco neste vale de lágrimas.²⁵⁹

Não é comum tal nível de franqueza, agressiva no limite do insuportável. Mas é assim que o narrador opera, com impeto iconoclasta, em que pouco ou nada parece se salvar (os “negrinhos” que podem se revelar trombadinhas na praia, a mulher que seria catapultada de acordo com a vontade de Mann, personagens de vida nem um pouco plutarquiana gravitando em torno, como Wandinha, com algum prejuízo para o realismo, algum pendor para a deformação caricatural). Tirante a feição de excesso, a agressividade do estilo - ou, em outra

pop mais chã, pela vulgarização crescente e inexorável. Ver AUGUSTO, Sérgio. “Quem disse que gosto não se discute?”, p. 57.

²⁵⁸ Mesmo em *Filhas do segundo sexo*, em que a história e a política têm papel menor do que nos *Cabeças*, a construção das duas mulheres trai o olhar do homem de ideias, ou do moralista.

²⁵⁹ FRANCIS, Paulo. *Cabeça de papel*, respectivamente pp. 15, 28 e 31.

chave, uma busca de não aceitar as conveniências sociais, não-conformista como ele se apresenta - tem algo de respeito com o leitor, sem hipocrisia ou condescendência. Era, aliás, no que o Francis autor acreditava (o que está expresso em “Meu tom às vezes é sarcástico. Pode ser desagradável. Mas é, insisto, uma forma de respeito, ou, até, se quiserem, a irritação do amante rejeitado. Queria que os criticados fossem melhores...”).²⁶⁰

Em uma entrevista anterior, do mesmo ano, e na mesma linha, Francis respondeu:

Você pode me dizer, ‘mas você ataca muito Brasil’. Bom, é verdade, mas atacar o Brasil é uma forma de respeito ao Brasil. Quando você ataca uma sociedade, você está presumindo que haja um número de pessoas que veja as coisas como você vê e que tenha vontade ou capacidade para tentar mudá-las. Enquanto você fizer o que se faz em 90% da imprensa, que é agradar o leitor dizendo a ele ‘não, Caetano é o maior músico do mundo, a mulher brasileira é a mais bonita do mundo, o Brasil é o maior’, isto é uma forma vil de explorar o leitor. O crítico é sempre um humanista, nesse sentido. É ele quem diz ‘não é assim, o negócio tá errado.’²⁶¹

Não se está longe da frase do nigeriano Wole Soyinka, “Exercer a crítica da nação é uma forma de otimismo.” Em outra enunciação, seria de se indagar se Francis “grita” para se fazer ouvir - e isso valeria para o jornalista e o ficcionista. O personagem e narrador, certamente, endossaria tal postura, ele que se revela um justiceiro em *Cabeça de negro*, ao vingar a morte de Renata (é Wilson Martins quem perfila o Francis autor de *Filhas do segundo sexo* no rol dos “moralistas”). Entraria aí o “ânimo comentador” que Fischer atribui a Machado e Jorge Luis Borges, que seria o ânimo do moralista, do ajuizador? Fica outra pergunta sem resposta (no trecho em que se ventila essa hipótese, e que também contém em si uma pergunta, está a síntese “em suma, a verve do narrador ancestral, clássico, temperada pelo tino do ironista também clássico”).²⁶²

Não é tudo lamentável e desprezível, contudo: um dos temas de *Cabeça de papel* é a amizade, a força dos laços entre Mann e Hesse, em que os outros “ficam” de fora porque os amigos conversavam entre si, possuíam uma “gramática” própria e subterrânea, para iniciados. Outra hipótese, vantajosa, aliás, poderia ser inscrever *Cabeça de negro* e *Cabeça de papel* no rol das linhagens de memórias, o que o mesmo Fischer aventou em pelo menos dois textos e em sua tese de doutorado (é sugerido que Francis a poderia integrar com os romances). Segundo essa premissa, alguns dos melhores livros da ficção brasileira - como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, mas também *Dom casmurro*, de Machado de Assis, *São*

²⁶⁰ PIZA, Daniel (org.). *Waaal - O dicionário da corte de Paulo Francis*, p. 106. O trecho foi retirado de uma coluna de Francis publicada na *Folha de S. Paulo*, em outubro de 1983.

²⁶¹ PAIVA, Fernando e GANDRA, José Ruy. “Nosso humanista que se encerra”, p. 5.

²⁶² FISCHER, Luís Augusto. *Machado e Borges*, p. 30.

Bernardo, de Graciliano Ramos e *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa - se apresentam sob a forma de memórias, ou seja, o grande romance nacional seria memorialístico, com um sujeito que postula em primeira pessoa, como um depoimento. Essa forma narrativa, está claro, não seria originalmente romanesca.²⁶³ É curioso que essas “memórias ficcionais” vinguem, mais do que as verdadeiras memórias.

Se as hipotéticas leitoras do português nos confins da Europa não dispõem ainda de um romance integral sobre a sociedade brasileira do último meio século, pelo menos elementos para se pensar essa sociedade há ou se começa a ter - a tal discussão que não veio na época do lançamento de *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro* e que, mais de 25 anos depois de terminada a ditadura militar, recém começa a prosperar. Em junho de 2012, e sob a presidência de alguém que foi alvo de tortura, Dilma Rousseff, ainda persistem as dificuldades para a implantação de uma Comissão da Verdade, cujo objetivo é investigar as violações de direitos humanos perpetradas entre 1946 e 1988 (na prática, durante 1964 e 1985). O debate mal começou. E 2012 assinala o aparecimento do primeiro volume (de três) de uma biografia de Getúlio Vargas, o “homem que inventou o Brasil” nas palavras de Francis. Aos poucos, a passo de cágado, talvez, as lacunas são preenchidas.

Não causa espanto, portanto, que faltem os livros de história, as biografias, os painéis romanescos. É como se tudo estivesse por ser realizado. A esse propósito, aliás, lembra-se de uma entrevista com Jorge Amado, em que o escritor baiano apregoava a “facilidade” de se publicar no Brasil, porque, se o livro tivesse valor, teria espaço, ao contrário de outras literaturas, saturadas de boas ficções, em que muitas vezes o original, mesmo brilhante, poderia demorar a ter editora, pois não era nem lido (a literatura francesa é o exemplo óbvio: são conhecidas as dificuldades que dois escritores decisivos do século XX, Marcel Proust e Samuel Beckett, encontraram para obter lançamento). Se Francis estava certo em vociferar contra o “vácuo crítico” - de que foi vítima - , sua hesitação e desistência devem ser computadas como coadjuvantes negativos. Por que não publicou o fecho *Cabeça*? Por que não investiu em uma ficção como a de *Filhas do segundo sexo*? E a peça sobre os Farrapos? O romance sobre Getúlio Vargas? É como se ele se somasse a esse vácuo, amplificando-o. De todo modo, sua voz é audível e deve ser lembrada. E aí se chega a uma resposta, às perguntas feitas e às não feitas, a quase todas, enfim: Francis tinha o que dizer.

²⁶³ Ver FISCHER, Luís Augusto “O ventre e a linhagem das memórias” e “A linhagem das memórias e a ficção atual”, e FISCHER, Luís Augusto. *Inteligência com dor - Nelson Rodrigues ensaísta*, p. 304 e seguintes. Fischer traz à baila uma conversa que Antonio Candido teria tido com Oswald de Andrade, em que o crítico defendeu que uma literatura só está madura quando tem memórias em profusão. Se em volume de autobiografias somos deficientes, pelo menos em memórias inventadas somos proficientes.

REFERÊNCIAS

I – Livros de Paulo Francis

Opinião pessoal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Certezas da dúvida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. 2.ed., 1979.

Nixon X McGovern: As duas américas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1972.

Paulo Francis nu e cru (“Evelyn Waugh”). Rio de Janeiro: Codecri, 1976.

Cabeça de papel. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977; São Paulo: Círculo do Livro, s/d., São Paulo: Francis, 2002.

Uma coletânea de seus melhores textos já publicados (“Paulo Francis por ele mesmo” e “O bem amado romance policial”). São Paulo: Editora Três, 1978.

Cabeça de negro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979; São Paulo: Francis, 2002.

O afeto que se encerra: Memórias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

Filhas do segundo sexo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982; São Paulo: Círculo do Livro, s/d. São Paulo: Francis, 2004.

O Brasil no mundo: Uma análise política do autoritarismo desde as suas origens. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Trinta anos esta noite - 1964: O que vi e vivi. São Paulo: Companhia das Letras, 1994; São Paulo: Francis, 2004; São Paulo: Francis/Verbena [2009?].

Waaal - O dicionário da corte de Paulo Francis. Organização: Daniel Piza. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Carne viva. São Paulo: Francis, 2008.

II – Artigos de Paulo Francis

FRANCIS, Paulo. Truman Capote - Trabalho só quatro meses por ano, quatro horas por dia. No resto do tempo, eu vivo. In: **Status**. n° 23, junho de 1976.

FRANCIS, Paulo. Precisamos entrar no século XX. In: **Leia Livros**. n° 28, setembro de 1980.

FRANCIS, Paulo. Diário da corte. In: **Folha de S. Paulo**. Ilustrada, sábado 17 de janeiro de 1987, A-36.

FRANCIS, Paulo. Diário da corte. In: **Folha de S. Paulo**. Ilustrada, sábado 13 de fevereiro de 1987, A-38.

FRANCIS, Paulo. Molho francês. In: **Folha de S. Paulo**. Ilustrada, quinta-feira 13 de agosto de 1987, A-44.

FRANCIS, Paulo. Diário da corte. In: **Folha de S. Paulo**. Ilustrada, quinta-feira 3 de setembro de 1987, A-30.

FRANCIS, Paulo. Diário da corte. In: Ilustrada, **Folha de S. Paulo**. Ilustrada, quinta-feira 1º de outubro de 1987, A-50.

FRANCIS, Paulo. Diário da corte. In: **Folha de S. Paulo**. Ilustrada, quinta-feira 17 de dezembro de 1987, A-62.

FRANCIS, Paulo. Os melhores do ano. In: **Folha de S. Paulo**. Ilustrada, quinta-feira 31 de dezembro de 1987, A-38.

FRANCIS, Paulo. O ovo de Colombo de Thomas Wolfe. In: **Folha de S. Paulo**. Ilustrada, sábado 6 de fevereiro de 1988, D-4.

FRANCIS, Paulo. Mídia e público. In: **Folha de S. Paulo**. Ilustrada, quinta-feira 30 de junho de 1988, A-54.

FRANCIS, Paulo. Gente do meu tempo - O grande crítico: Otto Maria Carpeaux. In: **Folha de S. Paulo**. Revista d', domingo 12 de agosto de 1990.

FRANCIS, Paulo. Refrescando a memória. In: **Folha de S. Paulo**. Ilustrada, sábado 23 de janeiro de 1988, A-38.

FRANCIS, Paulo. Vaidade, tudo é vaidade. In: WOLFE, Tom. **Prefácio para A fogueira das vaidades**. 5.ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FRANCIS, Paulo. Diário da corte. In: **Zero Hora**. Segundo Caderno, quinta-feira 5 de maio de 1994, p. 16.

FRANCIS, Paulo. Diário da corte. In: **O Estado de S. Paulo**. Especial Domingo, domingo 2 de outubro de 1994, D-13.

FRANCIS, Paulo. Duas ou três coisas que eu sei de mim. In: JAGUAR e AUGUSTO, Sérgio (org.). Pasquim: **Antologia**. v. I (1969-1971). Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

III – Entrevistas e depoimentos

CARELLI, Wagner. Papo cabeça. In: **Folha de S. Paulo**. Revista d', domingo 16 de setembro de 1990.

DINES, Alberto. O afeto não se encerra. In: **Leia Livros**. n° 104, junho de 1987.

DINES, Alberto; ABRAMO, Cláudio; PRADO, Caio Graco; COSTA, Caio Túlio. Entrevista. In: **Leia Livros**. n° 16, setembro de 1979.

FRANCIS, Paulo. Porque escrevo ficção: Uma carta sobre as *Filhas do segundo sexo*. In: **Leia Livros**. n° 48, julho de 1982.

MORAES NETO, Geneton. O lobo hidrófobo ataca novamente. In: **Jornal do Brasil**. Ideias, 26 de dezembro de 1987.

PAIVA, Fernando; GANDRA, José Ruy. Nosso humanista que se encerra. In: **Folha de S. Paulo**. Mulher, domingo 31 de julho de 1983.

SUSSEKIND, Hélio. Sou um conservador esclarecido. In: **Jornal do Brasil**. Idéias, sábado 9 de abril de 1994, p. 6.

VENTURA, Zuenir. A culpa é minha, se não gostarem. In: **Veja**. n° 468, 24 de agosto de 1977, pp.120-121.

IV – Sobre Paulo Francis

AMOROSO LIMA, Alceu. **Memorando dos 90** - Entrevistas e depoimentos coligidos e apresentados por Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ARRIGUCCI JR., Davi. Jornal, realismo, alegoria - O romance brasileiro recente. In: **Outros achados e perdidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AUGUSTO, Sergio. Quem disse que gosto não se discute? In: **Lado B**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

AUGUSTO, Sergio. Um espécime raro em nossa imprensa. In: **O Estado de São Paulo**. quarta-feira 5 de fevereiro de 1997.

BISSÓN, Carlos Augusto. Polemistas e intelectuais carmudgeons - Karl Kraus e Paulo Francis. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina (org.). **Cultura midiática e tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

BERNARDES, Marcelo. Morre em NY o jornalista Paulo Francis. In: **O Estado de São Paulo**. Quarta-feira 5 de fevereiro de 1997, p. A-12.

BUENO, Eduardo. Reflexões de Paulo Francis por aí. In: **Zero Hora**. Segundo Caderno Fim de Semana, sexta-feira 31 de março de 1997.

CAMPOS, Roberto. Paulo Francis, o pugilista de ideias. In: **Zero Hora**. domingo, 9 de fevereiro de 1997.

CASTRO, Ruy. Por trás da carapaça havia ternura. In: **O Estado de São Paulo**. Quarta-feira 5 de fevereiro de 1997, p. A-12.

COSTA, Caio Túlio. O salmão e a sardinha. In: **Ombudsman/O relógio de Pascal**. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

DIAS, Mauro. Assumia posições políticas mesmo sem acreditar que dessem certo. In: **O Estado de São Paulo**. Quarta-feira 5 de fevereiro de 1997, p. A-13.

FERNANDES, Millôr. Dá-lhe, sweet prince! In: **Jornal do Brasil**. Caderno B, quarta-feira 5 de fevereiro de 1997, p. 1.

FISCHER, Luís Augusto. Francis na tela. In: **Zero Hora**. Segundo Caderno, terça-feira 1º de março de 2011.

FISCHER, Luís Augusto. Inteligência em ação e O legado de Paulo Francis. In: **Para fazer diferença**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

FISCHER, Luís Augusto. O velho Francis. In: **Zero Hora**. Segundo Caderno, terça-feira 30 de julho de 2002.

GABEIRA, Fernando. O romance na política - um balanço. In: **Leia Livros**. nº 20, dezembro de 1979.

GONÇALVES, Marcos Augusto (org.). **Pós-Tudo - 50 Anos de cultura na Ilustrada**. São Paulo: Publifolha, 2008.

GRÜNEWALD, José Lino. Radicalismo escondia generosidade. In: **Folha de São Paulo**. quarta-feira 5 de fevereiro de 1997, Caderno 1/Brasil, p. 10.

HAAG, Carlos. Escritor sentia crítica à sua ficção. In: **O Estado de São Paulo**. Quarta-feira 5 de fevereiro de 1997, p. A-13.

JORGE, Fernando. **Vida e obra do plagiário Paulo Francis**: o mergulho da ignorância no poço da estupidez. São Paulo: Geração Editorial, 1996.

KUCINSKI, Bernardo. O método Paulo Francis In: CHIAPPINI, Lígia, DIMAS, Antônio e ZILLY, Berthold (organizadores). **Brasil, país do passado?** São Paulo: Edusp/ Boitempo Editorial, 2000.

MACHADO, Janete Gaspar. **Os romances brasileiros nos anos 70**: fragmentação social e estética. Florianópolis: Editora da Ufsc, 1981.

MANSUR, Gilberto. Ipanema, jornais, bares - e uma geração perdida? In: **Isto É**. nº 37, 7 de setembro de 1977, pp. 52 e 54.

MARTINS, Wilson. A biblioteca ideal. In: **Pontos de vista**. v.11. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1995.

MARTINS, Wilson. Romance de intelectual e Situação do romance. In: **Pontos de vista**. v.10. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1995.

MERQUIOR, José Guilherme. Crítico à vista e Com a imaginação da liberdade. In: **As idéias e as formas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

- MOURA, George; FRANCIS, Paulo. **O soldado fanfarrão**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- NOGUEIRA, Paulo Eduardo. **Paulo Francis: Polemista profissional**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.
- NOLASCO, Sonia. Tempestade no horizonte. In: **Bravo!**, n° 113, janeiro de 2007.
- OLIVEIRA, Franklin de. Cabeça de negro. In: **IstoÉ**. n° 136, 1° de agosto de 1979.
- OLIVEIRA, Franklin de. O estouro da memorialística brasileira In: **Leia Livros**. n° 29, outubro de 1980.
- ONOFRE, José. As duas cabeças dos romances de Francis. In: **Oitenta 1**. Porto Alegre: L&PM, 1979.
- PIZA, Daniel. **Paulo Francis: Brasil na cabeça**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Prefeitura, 2004. (Coleção Perfis do Rio).
- PIZA, Daniel. Nada senão críticos. In: **Gazeta Mercantil**. Leitura de Fim de Semana, sexta-feira 11 de fevereiro de 2000.
- POMPEU, Renato. Opinião pessoal. In: **Veja**. n° 570, 8 de agosto de 1979.
- RESENDE, Otto Lara. Francis's fun fair. In: **Veja**. n° 468, 24 de agosto de 1977.
- SARMATZ, Leandro. Uma língua do balacobaco. In: **Zero Hora**. Segundo Caderno Especial Paulo Francis, quarta-feira 5 de fevereiro de 1997.
- SCLIAR, Moacyr. Virando a página In: **Zero Hora**. Revista ZH, domingo 9 de fevereiro de 1997.
- SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o novo romance brasileiro**. 2.ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- STERZI, Eduardo. A dialética da impiedade. In: **Jornal da Universidade**. [Ufrgs], março de 2000.
- STERZI, Eduardo. O coração derrotou a razão. In: **Zero Hora**. Segundo Caderno Especial Paulo Francis, quarta-feira 5 de fevereiro de 1997, p. 1.
- SUZUKI JR., Matinas. Jornalista desprovincianizou a linguagem da imprensa. In: **Folha de São Paulo**. quarta-feira 5 de fevereiro de 1997, Caderno 1/Brasil.
- TREVISAN, Cláudia. Morre aos 66 o jornalista Paulo Francis. In: **Folha de São Paulo**. quarta-feira 5 de fevereiro de 1997, Caderno 1/Brasil, p. 10.
- VENTURA, Zuenir. Francis feminista, quem diria? In: **Isto É**. n° 296, 25 de agosto de 1982.
- [VERAS, Eduardo et alii.] Para fazer diferença. In: **Zero Hora**. Cultura, sábado 19 de janeiro de 2006. (entrevista com Luís Augusto Fischer).

V – Geral

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2003.

ARANHA, Graça. **Canaã**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ARRIGUCCI JR., Davi. O baile das trevas e das águas. In: **Outros achados e perdidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ASCHER, Nelson. O grande romance brasileiro. In: **Folha de S. Paulo**. Ilustrada, segunda-feira 11 de outubro de 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. v.1: Fatos e mitos. 10a impressão, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d. v.2: A experiência vivida. 9a impressão, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 39.ed., São Paulo: Cultrix, 2001.

BRADBURY, Malcolm. **O mundo moderno: dez grandes escritores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba...** Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

CARPEAUX, Otto Maria. **Ensaio reunidos 1942-1978**. v.I. Rio de Janeiro: UniverCidade/Topbooks, 1999.

CARPEAUX, Otto Maria. **Tendências contemporâneas em literatura: um esboço**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

CARVALHO, Olavo de. Galo de bigodes. In: **O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras**. 5.ed., Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1996.

CASTRO, Ruy. **Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Ruy. **Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CASTRO, Ruy. **O poder de mau humor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CASTRO, Ruy. **Saudades do século 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASTRO, Ruy. **Ungáua!** São Paulo: Publifolha, 2008.

CESAR, Guilhermino. Moog aos Setenta. In: **Notícia do Rio Grande**. Literatura. Porto Alegre: IEL/Editora da Ufrgs, 1994.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, v.4, 1997.

DALCASTAGNÈ, Regina. **O espaço da dor**: o regime de 64 no romance brasileiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

FISCHER, Luís Augusto. A linhagem das memórias e a ficção atual. Vários autores. In: **Narrativas do Brasil**. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre-APPOA, 2005.

FISCHER, Luís Augusto. Apresentação. In: MOOG, Vianna. **Um rio imita o Reno**. IEL/Corag, 2005.

FISCHER, Luís Augusto. **Inteligência com dor**: Nelson Rodrigues ensaísta. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2009.

FISCHER, Luís Augusto. **Machado e Borges**: e outros ensaios sobre Machado de Assis. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

FISCHER, Luís Augusto. O ventre a linhagem das memórias. In: **Para fazer diferença**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

FONSECA, Rubem. **Contos reunidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HUXLEY, Aldous. **Contraponto**. 9. ed., Porto Alegre: Globo, 1978.

HUXLEY, Aldous. **Sem olhos em gaza**. 5. ed., Porto Alegre: Globo, 1980.

JACOBY, Russell. **Os últimos intelectuais**. São Paulo: Edusp, 1990.

JAGUAR; AUGUSTO, Sérgio (org.). **O Pasquim**: antologia. v. I (1969-1971). Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

KUNDERA, Milan. **A arte do romance**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

KUNDERA, Milan. **A cortina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KURLANSKY, Mark. **1968 - O ano que abalou o mundo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

LÉVY, Bernard-Henry. **Elogio dos intelectuais**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LINDOSO, Felipe. Livros demais no Brasil. In: ZAID, Gabriel. **Livros demais!** Sobre escrever e publicar. São Paulo: Summus, 2004.

LINDOSO, Felipe. **O Brasil pode ser um país de leitores?** Política para a cultura, política para o livro. São Paulo: Summus, 2004.

LODGE, David. **A arte da ficção**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. **História do Brasil**: uma introdução. São Paulo: Senac, 2008.

MAAS, Wilma Patricia. **O cânone mínimo**: O Bildungsroman na história da literatura. São Paulo: Unesp, 2000.

MACHADO, Janete Gaspar. **Constantes ficcionais em romances dos anos 70**. Florianópolis: UFSC, 1981.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. [Eça de Queirós: O primo Basílio] e Memórias póstumas de Brás Cubas. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 2006, 3v.

MANN, Thomas. **Ensaio**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MANN, Thomas. **A montanha mágica**. 2.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. 3.ed., Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2010, 7v.

MEDEIROS; Albuquerque, Paulo. **O mundo emocionante do romance policial**. 2. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2.ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides**. 3.ed., Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MOOG, Vianna. **Um rio imita o Reno**. Porto Alegre: IEL/Corag, 2005.

MORAES, Vinícius. **Poesia completa e prosa**. 4.ed., Rio de Janeiro: Aguilar, 2008.

MORAVIA, Alberto; ELKMANN, Alain. **Vida de Moravia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

REGO, Norma Pereira. **Pasquim: gargalhadas pelejas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Prefeitura, 1996. (Coleção Perfis do Rio.)

REUTER, Yves. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RÓNAI, Paulo. **Dicionário universal Nova Fronteira de Citações**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2000.

ROSENFELD, Anatol. **Thomas Mann**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

SABATO, Ernesto. **Heterodoxia**. Campinas: Papirus, 1993.

SABATO, Ernesto. **O escritor e seus fantasmas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SABATO, Ernesto. **Meus fantasmas: entrevistas com Carlos Catania**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Ática, 1994.

SAVATER, Fernando. Um inconformista perplexo. In: **Folha de S. Paulo**. Mais!, domingo 17 de dezembro de 2000.

SCHWARZ, Roberto. A estrutura de *Chanaan*. In: **A sereia e o desconfiado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

SILVA, Marleth. A literatura parou. In: **Veja**. n° 1260, 4 de novembro de 1992.

SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o novo romance brasileiro**. 2.ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

VARGAS LLOSA, Mario. É possível pensar o mundo moderno sem romance? In: MORETTI, Franco (org). **A cultura do romance: O romance/volume 1**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

VENTURA, Zuenir. **1968 - O ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

[VERAS, Eduardo et alii.] **Para fazer diferença**. Zero Hora, Cultura, sábado 19 de janeiro de 2008.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WOLFE, Tom. **A fogueira das vaidades**. 5.ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

ZAID, Gabriel. **Livros demais!:** Sobre escrever e publicar. São Paulo: Summus, 2004.

VI – Outros

BEIRÃO, Nirlando. Paulo Francis, o homem-bomba. In: **Revista Brasileiros**. n° 32, março de 2010. Disponível em <http://www.revistabrasileiros.com.br/edicoes/32/textos/899/>. Acesso em 15 de setembro de 2011.

B.M. Repressão e tortura, os temas de hoje. In: **IstoÉ**, n° 136, 1° de agosto de 1979.

HOINEFF, Nelson. **Caro Francis**, documentário (95min, Imovision, 2009).

PIZA, Daniel. Políticas cruzadas - Rodapé. In: **O Estado de S. Paulo**, Sinopse. Disponível em <http://www.danielpiza.com.br/interna.asp?texto=2308>. Acesso em 20 de abril de 2012.